

R E T I R O S

do Reverendíssimo Padre LUÍS BRISSON O.S.F.S.



Retiros 1881 - 1886

**4**

Palmeira das Missões - RS - maio 1990

ÍNDICE - RETIROS 1881 - 1886

1881

|    |                                                            |   |
|----|------------------------------------------------------------|---|
| 1. | Afastar o demônio através da oração e pelo jejum . . . . . | 1 |
| 2. | A oração . . . . .                                         | 3 |
| 3. | O jejum e a penitência . . . . .                           | 5 |
| 4. | O sacerdote e o religioso . . . . .                        | 9 |

1882

|     |                                                         |    |
|-----|---------------------------------------------------------|----|
| 1.  | O retiro e o Diretório . . . . .                        | 11 |
| 2.  | Como fazer bem o retiro? . . . . .                      | 12 |
| 3.  | Importa sermos religiosos . . . . .                     | 13 |
| 4.  | A obediência . . . . .                                  | 14 |
| 5.  | A pobreza . . . . .                                     | 16 |
| 6.  | O Santíssimo Sacramento do altar . . . . .              | 17 |
| 7.  | A castidade . . . . .                                   | 18 |
| 8.  | A meditação . . . . .                                   | 20 |
| 9.  | A tentação . . . . .                                    | 22 |
| 10. | A prestação de contas e a obediência absoluta . . . . . | 26 |

1883

|     |                                    |    |
|-----|------------------------------------|----|
| 1.  | O retiro do Tabor . . . . .        | 27 |
| 2.  | A prestação de contas . . . . .    | 29 |
| 3.  | A penitência . . . . .             | 31 |
| 4.  | A caridade . . . . .               | 34 |
| 5.  | O espírito dos Oblatos . . . . .   | 36 |
| 6.  | A pregação . . . . .               | 38 |
| 7.  | A confissão . . . . .              | 41 |
| 8.  | A obediência . . . . .             | 44 |
| 9.  | A obediência e a pobreza . . . . . | 47 |
| 10. | A castidade . . . . .              | 49 |

1884

|     |                                       |    |
|-----|---------------------------------------|----|
| 1.  | O retiro . . . . .                    | 52 |
| 2.  | A obra dos Oblatos . . . . .          | 54 |
| 4.  | O amor ao Diretório . . . . .         | 59 |
| 5.  | A obediência . . . . .                | 62 |
| 6.  | As qualidades da obediência . . . . . | 64 |
| 7.  | A obediência à graça . . . . .        | 67 |
| 8.  | A pobreza . . . . .                   | 69 |
| 10. | A pobreza e a castidade . . . . .     | 75 |

**1885**

|    |                                           |     |
|----|-------------------------------------------|-----|
| 1. | O retiro . . . . .                        | 78  |
| 2. | A obediência - A teoria . . . . .         | 82  |
| 3. | A obediência - A prática . . . . .        | 88  |
| 4. | A pobreza . . . . .                       | 95  |
| 5. | A castidade . . . . .                     | 99  |
| 6. | A fundação da Obra . . . . .              | 107 |
| 7. | A simplicidade e a pontualidade . . . . . | 116 |
| 8. | A caridade . . . . .                      | 122 |

**1886**

|     |                                                             |     |
|-----|-------------------------------------------------------------|-----|
| 1.  | O retiro . . . . .                                          | 128 |
| 2.  | A consciência (a fidelidade) . . . . .                      | 132 |
| 3.  | A mortificação . . . . .                                    | 138 |
| 4.  | A obediência . . . . .                                      | 143 |
| 5.  | A pobreza . . . . .                                         | 150 |
| 6.  | A castidade . . . . .                                       | 156 |
| 7.  | A Regra e o Diretório . . . . .                             | 162 |
| 8.  | O espírito dos Oblatos . . . . .                            | 167 |
| 9.  | Adaptar-se ao próximo . . . . .                             | 174 |
| 10. | Reimprimir o Evangelho: a oração e o trabalho . . . . .     | 180 |
| 11. | Reimprimir o Evangelho: a evangelização dos povos . . . . . | 189 |
| 12. | Reimprimir o Evangelho: o sacrifício . . . . .              | 197 |

## RETIRO GERAL de 1881

---

Este Retiro começou no dia 8 de setembro e foi pregado na, originalmente, capelinha que atualmente se encontra transformada em refeitório para as Irmãs Oblatas do "São Bernardo".

As anotações seguintes foram escritas pelos Padres Maréchaux e Foin.

### PRIMEIRA PALESTRA

#### AFASTAR O DEMÔNIO ATRAVÉS DA ORAÇÃO E PELO JEJUM

##### **O sentido do nosso Retiro. -**

Estamos de Retiro. Religiosos, sacerdotes, leigos fazem Retiro, cada qual do seu modo, conforme sua necessidade espiritual. De que maneira devemos nós fazer retiro?

Temos uma missão particular: a educação da juventude. Nosso Senhor é que vai ser o nosso Mestre e ele nos ensinará como fazer.

##### **Nosso Senhor e o endemoniado mudo. -**

Jesus desce do monte Tabor, onde se tinha transfigurado. O povo em volta dele está assombrado e maravilhado por motivo do esplendor que ainda reluzia nos seus traços. Um homem sai do meio do povo: "Tenho um filho possesso de um espírito mudo," disse-lhe. "Pedi a seus discípulos que afastassem esse espírito, mas não o conseguiram." E Nosso Senhor exclamou: "Ó geração incrédula!..." Depois ele afastou o espírito mudo e disse aos seus apóstolos que lhe perguntavam por que eles não tinham conseguido expulsá-lo: "Hoc autem genus non ejicitur nisi per orationem et jejunium." (Mt 17,21) Essa espécie de demônios não pode sair a não ser com oração e jejum. Os outros demônios bem podem ser lançados fora pelos meios comuns, mas estes só através da oração e do jejum.

Não é essa a nossa situação? Temos que afastar o mesmo demônio, pois os exegetas entendem por esse diabo o demônio da impureza e de toda a impiedade.

##### **O demônio que domina a juventude: a impureza e a impiedade. -**

A juventude, em nossos dias, não é possuída somente pela impureza, mas também pela impiedade. Consegue-se ainda superar a

impureza por uma boa direção espiritual, fazendo evitar as ocasiões, tomando certas precauções, sendo atento na vigilância e levando à frequência dos Sacramentos...

Mas a impiedade vem se acrescentar a isso e oferecer-nos uma resistência bem distinta. É o demônio que joga o jovem na água, a água da impiedade que apaga tudo nele; ou então, no fogo de todas as más paixões. É ele que o rola na lama e no lodo do vício; é ele que o faz enfurecer-se contra o céu. Eu, podia dizer Jesus, consigo afastá-lo, porque sou o homem do jejum e da oração. Nós só poderemos fazê-lo com os mesmos meios.

#### **Expulsá-lo pela oração. -**

Antes de mais nada, a oração. Recitemos devotamente o Santo Ofício, façamos bem a nossa meditação e vivamos atentamente na presença de Deus. O Senhor é insensível e árido na oração? Não se preocupe com isso. Quando se lhe solicita uma oração fervorosa, não se requer uma oração fervorosa devido aos sentimentos de afeto, mas uma oração que persiga o seu objetivo, que não desacorçoe, como faz aquele que quer conseguir algo e se empenha de todas as maneiras.

Deve-se rezar todo o dia. É muito difícil pensar continuamente em Deus, poderão dizer. Não é esse esforço mental que lhes é pedido e não está nisso a presença de Deus. "Deus é Amor: aquele que permanece no amor permanece em Deus." (1 Jo 4,16).

Devemos, portanto, permanecer no amor; e permanecemos no amor, não pensando num fato histórico, divino, mas ao oferecer nossa atividade a Deus, trabalhando, comendo e descansando para ele, sempre com a intenção de agradá-lo. Essa é a oração contínua que importa fazermos.

#### **E através do jejum. -**

É necessário o jejum: jejum de nosso conforto, jejum dos nossos gostos, jejum de nossa vontade. É preciso conformar-se pontualmente ao horário do retiro, custe o que custar. Procuremos algum meio para mortificar-nos, sendo ávidos de tudo o que Deus nos oferecer nesse sentido. Aceitemos as pequenas contrariedades e os pequenos incômodos.

Mantenhamo-nos bem perto do Coração de Nosso Senhor que tanto amou os homens. Queiramo-lo bem e rezemos muito a ele. Ele é que abençoará o nosso retiro.

## SEGUNDA PALESTRA

### A ORAÇÃO

#### **A necessidade da oração e a oração por nossos alunos -**

Voltemos ao que dizíamos ontem e retomemos a primeira parte de nossa palestra. "Per orationem" (Mt 17,21). Afasta-se o demônio pela oração. É preciso rezarmos pelos nossos alunos. É uma necessidade absoluta. Não somos incumbidos somente das inteligências dos alunos, mas somos encarregados de suas almas e só cumpriremos esse dever pela oração.

Quem rezará por nossos alunos? Não são mais os pais. Não é o Pároco da paróquia que eles deixaram. Somos nós, portanto. Se não fizermos isso, faltaremos a uma obrigação de consciência. Se um professor se apresentar perante Deus sem ter rezado por seus alunos, esperemos que ele não vá para o inferno, não tendo outras faltas graves, mas até quando durará o seu purgatório? Isso será determinado pela justiça de Deus. Prestemos atenção a isto. Deus quer que aqueles que receberam a incumbência de encarregar-se de outros rezem pelas pessoas que lhes são confiadas. Mais ainda, há graças que Deus reservou para a oração dos que têm o dever de rezar. De modo que ele não dá as graças, se os que teriam que pedi-las, de fato, não as imploram.

Portanto, se não rezamos por nossos alunos, privamo-los de graças que Deus fez depender das nossas orações, tornando-nos assim responsáveis talvez, de certa maneira, por sua condenação.

#### **A definição da oração. -**

A definição da oração que se encontra no catecismo não corresponde bem à minha idéia. Pensam que, para rezar, é preciso sair de si mesmo; que a oração é uma ocupação à parte, além da nossa natureza. Isso está errado. São Tomás define bem a oração: "Oratio est quaedam explicatio propriae voluntatis apud Deum, ut eam impleat." (Summa P. 3 Q. 21 art. 1 c.) (A oração é alguma manifestação da vontade própria diante de Deus, para que a atenda.)

#### **A oração, a meditação é uma exposição, uma explicação...**

Forma-se uma idéia errônea da oração ao imaginar que, para rezar, é preciso deixar tudo e fazer uma ação totalmente isolada de tudo aquilo que fazemos fora da oração. Nada disso. A oração é uma exposição, uma explicação: "Meu Deus, olhai este problema..." Daí, sem deixar de nossos afazeres, podemos rezar o dia todo. A oração contínua consiste,

segundo a explicação de São Vicente de Paulo, em não deixar passar o mínimo detalhe de nossa vida sem manter Deus a par disso. Tratando-se de uma pequena dificuldade, peçamos-lhe ajuda; sendo uma pequena contrariedade, saibamos oferecer-lha. Numa palavra, chamemos Deus para tudo o que fizermos ou em tudo o que nos acontece, expondo-lhe tudo, não lhe ocultando nada e não façamos nada sem ele.

Conforme essa definição da oração, a meditação, que é uma forma de oração, também deve ser uma comunicação. Não a reduzamos a um estudo, isso seria uma pena, sim, sem dúvida, algo muito errado. Devemos fazer a nossa meditação sobre a nossa aula. Exponhamos a Deus o que temos que fazer durante o dia, mencionemos este ou aquele aluno, digamos a Deus o que o estudante precisa: inteligência, boa vontade... Que a nossa jornada, preparada pela meditação, continue ligada à mesma e se desenrole como a sequência natural, a execução da meditação.

**É uma exposição da nossa vontade, do nosso desejo. -**

O Doutor angélico acrescenta em sua definição: *propriae voluntatis* (da vontade própria). Isso é muito importante. Quando pedimos que sejamos livrados de um ou outro defeito, é mesmo nossa vontade tornar-nos livres *propriae voluntatis*? Quando solicitamos graças para os nossos alunos, é mesmo a exposição *propriae voluntatis* (da nossa vontade)? É necessário, pois, que a oração parta do mais íntimo de uma vontade que quer conseguir, que quer se corrigir, que deseja o amor de Deus, que procura o bem dos alunos. Se essa vontade não dá vida à oração, não será que é um ato sem fundamento, um ato totalmente exterior?

Retomo a palavra "*Quaedam explicatio*" (alguma manifestação). A oração, portanto, é uma coisa flexível; não é um sistema, adapta-se às circunstâncias; pede, adora, suspira. É a voz da alma que sabe levantar ou abaixar o tom conforme a conveniência, é a comunicação livre e íntima do amigo, é a vida das pessoas consagradas a Deus, de uma forma ou outra. Não deixemos Deus nos céus, não o abandonemos no sacrário, mas levemo-lo por toda a parte conosco, conduzamo-lo a todos os pormenores de nossa existência.

**A condição da oração: a pureza, a fidelidade. -**

Falta abordar uma questão muito importante: o estado em que devemos estar para rezar, o estado de graça, a fidelidade. Consideremos a oração de Nosso Senhor. São Tomás ensina que, a partir de sua vontade consciente, determinada, Cristo só queria aquilo que correspondia à vontade de Deus. Assim toda a vontade determinada, mesmo a humana, de Cris-

to foi cumprida, porque ela estava de acordo com Deus. E, consequentemente, toda a oração de Cristo, expressão dessa vontade determinada, foi atendida. (Summa P. 3 Q. 21 art. 4 in c.). Em outras palavras: Jesus Cristo rezando dizia a seu Pai: "Vide teipsum in me." Vê, Pai, tu estás inteiramente em mim, observa-te em mim; e o Pai celeste atendia essa oração. (cf. Stº Agostinho em Sl 32, logo no início ou Summa P. 3 Q 21 art 2 in c.). Pois bem, assim é que deve ser a nossa oração pelos outros. Nossa alma deve ser o suficiente pura para que Deus nela se reconheça; é necessário que possamos dizer a Deus: "Meu Deus, julgo não ter nenhum pecado mortal que me pese na consciência, não me lembro tampouco de uma falta tão grave que possa desagradar seriamente o teu olhar. Meu Deus, considera-te em mim, onde moras..." Sendo o nosso coração bem puro e muito unido a Deus, então, não há necessidade de fazermos esforço para encontrar a Deus; "in ipso enim vivimus" (At 17,28), pois é nele que vivemos; ele está em torno de nós, à direita, à esquerda, ele está em nós.

#### **Não afastar-se de si para rezar. -**

Lembrem, portanto, que para rezar não há necessidade de fazer abnegação da própria pessoa; "Quaedam explicatio", é uma explicação, uma expansão da nossa vida que assume todas as formas, que se estende a todas as nossas ações, a todas as nossas atividades.

Comuniquemos, pois, a Deus, doce e suavemente, como fazia São Francisco de Sales, o que fazemos, queremos, desejamos, em todas as nossas ações. E também, que nossa oração seja contínua, que nossa vida seja unida a Deus. Assim a oração será fácil, sem esforço...

### **TERCEIRA PALESTRA**

#### **O JEJUM E A PENITÊNCIA**

Por jejum devemos entender toda a espécie de mortificação corporal e espiritual.

#### **Necessidade da Penitência -**

É necessário mortificar-se, fazer penitência. Cada um meça suas forças e também a obediência recebida. Claro, não é mais possível fazer penitências tão rigorosas como se praticavam antigamente, devido à fraqueza geral da constituição física e à diminuição das forças. O Santo Padre não quis aprovar a vida primitiva dos Beneditinos do mosteiro

Pierre- qui-vive, perto de Troyes, pois a julgava demasiado rigorosa. A penitência, no entanto, é necessária. Os muitos textos da Sagrada Escritura no-lo ensinam e Nosso Senhor resgatou o mundo pelo sofrimento. Os santos sofreram para ajudar Nosso Senhor a aplicar os frutos da Redenção: somente a mortificação obtém o dom dos milagres.

#### **Penitências corporais -**

Falaremos primeiro sobre as mortificações corporais. Há três tipos:

As penitências da Providência. Boas mortificações que não escolhemos nós, mas que Deus escolheu, como as doenças e os sofrimentos eventuais. Esses fazem parte dos desígnios da Providência. Acolhamos com cuidado minucioso essas mortificações, sem perder nenhuma, nem a mínima parte. São pérolas preciosas; é um excelente meio para alcançar merecimentos. Demos atenção a isso, por favor. São, por exemplo, os pequenos incômodos corporais. Tudo isso é um tesouro imenso para a alma que se encontra em estado de graça, ainda que não suportasse muito bem o desgaste; mais ainda, se ela o aceitar com amor. Nosso Senhor gostava muito de Lázaro. Ora, "Lazarus infirmabatur" (Jo 11,2) (Lázaro se achava doente). Visitando em Autun os restos do amigo de Nosso Senhor, a gente reconhece a figura de um homem baixo, pouco desenvolvido, sempre sofredor. E reparem como Jesus o amava.

Em segundo lugar, há as penitências voluntárias. Devemos aplicar-no-las. A Regra não nos impõe mortificações corporais, porque somos obrigados a trabalhar e essas mortificações que poderia prescrever não seriam convenientes a pessoas sujeitas a tarefas difíceis. Cabe a nós ver o que podemos fazer e o que a inspiração do Espírito Santo nos leva a realizar e o que a obediência nos permite. É preciso mortificar-se. A Escritura afirma isso em muitos lugares. "Semper mortificationem Jesus in corpore nostro circumferentes" (2 Cor 4,10) (Incessantemente e por toda a parte trazemos em nosso corpo a agonia de Jesus). São Francisco de Sales tinha uma saúde que inspirava cuidados e ele sempre sofria, mesmo que parecesse passar bem de saúde como ele confidenciou a um amigo; mesmo assim praticava grandes mortificações, dormia em cama dura. Nós, pelo menos, privemo-nos de toda essa quantidade de coisinhas que não são necessárias para a nossa saúde.

Ainda há as penitências do estado, as mortificações que provêm dos nossos cargos e dos nossos deveres. São muito preciosas, são as melhores. São como a peça mor. Nunca as mortificações da Providência ou as

voluntárias teriam tanto efeito quanto as que somos obrigados a fazer em virtude dos nossos compromissos, porque estas são como a estrutura do edifício. Uma vigilância bem feita quando estamos com sono, uma aula bem preparada quando estamos tomados de desgosto, só Deus sabe como pagar tais atos; só ele sabe quanto poder de santificação aí está contido, tanto para nossas almas, quanto para os alunos em favor dos quais nos vencemos assim.

### **Penitências espirituais -**

Falta tratar das mortificações interiores. Essas nos tornam semelhantes a Nosso Senhor. De fato, Jesus Cristo padeceu em seu corpo dores imensas e São Tomás afirma (Summa P. 3 Q. 46 art. 6 c.) que nunca ninguém tolerou tanto fisicamente quanto ele. Mas sofreu também no íntimo de sua alma. Sofreu em sua vontade. "Verumtamen, non mea voluntas, sed tua fiat" (Lc 22,4) (Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita). Sofreu o abandono do seu Pai: "Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?" (Mt 27,46; Mc 15,34) (Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?) As mortificações interiores fazem-nos participar de seu sofrimento. Há dois tipos dessas:

#### **1. A mortificação do juízo próprio. -**

Não pensemos que a submissão de nosso julgamento a uma vontade superior seja um ato insensato. Muito pelo contrário, é um ato da mais elevada sabedoria. Nosso Senhor prometeu que, se dois ou três estiverem de acordo sobre qualquer coisa que queiram pedir, ele estará no meio deles. Não importa quem, não importa o quê. "Dico vobis, quia si duo ex vobis consenserint super terram, de omni re quacumque petierint, fiet illis... sum in medio eorum." (Mt 18,19s)

Que palavra! Hein, Senhores! Precisa-se acreditar no Evangelho. Os Senhores se inclinam perante o "Hoc est corpus meum" (Mt 26,26) (Este é o meu corpo), perante o "Verbum caro factum est" (Jo 1,14) (O Verbo se fez carne). Mas todas as palavras de Nosso Senhor são verdade. Por favor, aceitemos todo o Evangelho. Olhem ao redor, tudo desmorona, não há mais entendimento entre os cristãos... Mas o seu parecer talvez seja o melhor? Não interessa; escutem e acreditem na palavra de Nosso Senhor. Os Senhores são em três ou quatro. Não há quatro maneiras de ver? É necessário, portanto, que três cedam e sacrifiquem o seu juízo? Sim, e Nosso Senhor está com eles.

A Boa Madre, em todas as circunstâncias, se desprendia do seu

juízo. A prova disso é que ela era consultada de todos os lados por bispos, por pessoas eminentes. Ora, ela se alegrava quando acontecia alguma coisa que contrariava o seu juízo.

## 2. A mortificação do caráter. -

Cada um tem o seu caráter e quando diversas pessoas vivem juntas, os caracteres se tocam e as pontas de contato são sempre sensíveis. Aí, no entanto, é preciso sacrificar-se. Isso terá como efeito uma harmonia admirável, como descreve São Francisco de Sales numa maravilhosa comparação.

A salada. - Reparem, diz ele, o sal, a pimenta, o azeite, o vinagre e a alface. Suas qualidades são muito diferentes. Tomem separadamente cada uma dessas substâncias: o sal é insuportável, a pimenta picante, o azeite insípido e gordo, o vinagre deve seu nome à acidez, e quem gostaria comer a alface só? No entanto, da união de todas essas substâncias, da fusão sobretudo de suas propriedades surge um todo agradável. É isso o que deverá produzir a fusão de nossos caracteres. Um tem um caráter um tanto rude, outro tem algo mais benigno, talvez por demais meloso. Deixemos isso se misturar e se compensar... Façamos sacrifícios, sobretudo durante o recreio, na conversação. Assim unir-nos-emos com a comunidade e com Deus, que é o centro dela.

### **Redentores com Nosso Senhor. -**

Rezemos com fervor a Nosso Senhor sofredor, para que nos dê a graça de compreendê-lo, de imitá-lo e de continuar sua obra.

Ele quis padecer mais do que qualquer pessoa pôde e puder sofrer e assim ele se tornou nosso Redentor. Que ele faça com que nós também, pequenos redentores, através da Cruz interior e exteriormente sentida e abraçada, façamos descer sobre nossos alunos as graças da Cruz de Jesus Cristo.

### **O verdadeiro sacerdote, o verdadeiro religioso reza e jejua. -**

Mais uma vez, hoc genus (esta espécie) só se afasta pela oração e pelo jejum, e se há a obrigação para todo o cristão de rezar e jejuar, tanto mais para todo o sacerdote todo o religioso, para nós. Sejamos santos sacerdotes. Chama-se "Ordem" o sacramento que torna uma pessoa sacerdote. O que vem a ser a Ordem? Deus é a Ordem imutável, essen-

cial... Mas o sacerdote deve participar dessa ordem, também ele deve ser, de alguma forma, a própria ordem. Não sejamos, portanto, sacerdotes de que fala o Profeta (Is 24,2), quando anuncia os tempos derradeiros: "Et erit sicut populus, sicut sacerdos" (O mesmo sucederá ao sacerdote e ao povo). O sacerdote será como o povo, isto é, sendo pecador como ele, será castigado igual a ele. E sem querer falar mal de nenhum Padre, não é mais ou menos assim? Onde encontrar no mundo o espírito de fé? Faz-se política, lêem-se jornais. Não é assim que, sem o mínimo constrangimento, agem muitos sacerdotes? Onde está, entre eles, esse espírito de fé que faz julgar com critérios sobrenaturais? Será que eles pensam mesmo em Nosso Senhor? Será que o amam de verdade?

#### QUARTA PALESTRA

##### O SACERDOTE E O RELIGIOSO

---

**O Salmo: Domini est terra** (De Jahweh é a terra).

Há um Salmo de que a Igreja se serve tanto para as ordenações quanto para as profissões religiosas. É o Salmo 23: Domini est terra.

##### **Viver com Deus -**

"Quis ascendet in montem Domini? Aut quis stabit in loco sancto ejus?" (v. 3) (Quem pode subir à montanha de Jahweh? Quem pode ficar de pé no seu lugar santo?) Quem sobe ao monte santo do Senhor é o sacerdote; quem permanece, por conseguinte, habita no lugar santo é o religioso. O sacerdote, de fato, após ter subido ao altar, volta, de certa forma, à vida comum, enquanto o religioso fica continuamente no ato de imolação.

##### **A obediência -**

"Innocens manibus" (v. 4) (Quem tem mãos inocentes). É preciso compreender bem em que consiste essa inocência. Ao consagrar, o sacerdote não age por poder próprio. Por si, pois, não é mais do que um homem. Mas ele atua pela força de Deus; num certo sentido, ele é alheio à consagração; de certa maneira não tem nada a ver com essa grande ação, por assim dizer. Também o religioso, de certo modo, age assim. Sem dúvida, ele atua por determinação de sua vontade, sem a qual seria apenas um robô, mas o seu ato não lhe pertence. Não tenhamos medo de que a obediência avance sobre nossa vontade. Quanto mais obediência houver e menos vontade própria, tanto mais o nosso ato será religioso, e o religioso

será de mãos inocentes. Procuremos que a obediência esteja presente o mais possível em nossos atos e, se pudesse ocupá-lo totalmente, então tudo pertenceria a Deus, como provindo diretamente da vontade divina, e o ato suscitará milagres.

#### **A caridade. -**

"Mundo corde" (v. 4) (Quem tem coração puro). A palavra "mundus" designa, antes de mais nada, a ordem. Trata-se da ordem dos afetos. Devemos amar, já que somos os filhos de Deus que é Amor. Mas é preciso que haja ordem em nosso coração e que amemos nas devidas proporções.

Ora, quem realiza isso melhor do que quem pratica fielmente o Diretório? Não é que o Diretório nos ocupa continuamente o coração, em sintonia com Deus, não admitindo que se desvie para algo alheio e, especialmente, uma coisa condenável?

#### **A recompensa. -**

"Hic accipiet benedictionem a Domino et misericordiam a Deo, salutaris suo" (v. 5) (Ele obterá de Jahweh a bênção e do seu Deus salvador, a justiça). Observemos o que Deus promete a esse religioso. Será repleto de bênçãos de Deus e será alvo de misericórdia. Sim, sem dúvida; eis por que os bons religiosos morrem numa tão profunda paz. Para eles não haverá purgatório ou este será de pouca duração. Terão expiado suas faltas pelos sacrifícios. Todos nós, pois, temos acumulado uma dívida que deve ser resgatada quer nesta vida quer no purgatório.

#### **A entrada gloriosa no Céu. -**

Ao morrer esse religioso, os Anjos o observam e exclamam: "Attollite, portae, principes vestras et elevamini, portae aeternales, et introibit rex gloriae" (v. 7 e 9) (Levantai, ó portas, os vossos frontões, elevai-vos, antigos portais, para que entre o rei da glória). Eles o vêem, trazendo as suas boas ações, todas relacionadas com a obediência; vêem-no, trazendo um coração com afetos maravilhosamente ordenados; julgam ser ele o Rei da glória. Eles se enganam, ou melhor, não se enganam: trata-se mesmo de um rei de glória, revestido da glória de Jesus Cristo.

Peçamos uma fé maior em nosso Código religioso. Essa fé nos salvará.

Bendito seja Deus.

**RETIRO GERAL DE 1882**

---

Destas palestras, iniciadas no dia 28 de agosto de 1882, o Reverendíssimo Padre Foin fez os apontamentos.

**PRIMEIRA PALESTRA****O RETIRO E O DIRETÓRIO****Não ter medo. -**

"Nolite timere, pusillus grex, quia complacuit Patri vestro dare vobis regnum" (Lc 12,32) (Não tenhais medo, pequeno rebanho, pois foi do agrado do vosso Pai dar-vos o Reino). A gente é tentada a ter medo, sobretudo em nossos tempos, quando quer realizar o bem; é a primeira sensação que impressiona o coração. Pode ser que esse sentimento surja em nós, no início deste retiro. Que nada! Temos:

1º - a palavra de Nosso Senhor, e

2º - outras certezas muito especiais. Portanto, "nolite timere" (não tenhais medo).

**Reinaremos sobre nós mesmos. -**

Sim, ser-nos-á entregue um reino completo, absoluto, de que nós mesmos seremos os donos. Reinaremos primeiramente sobre nós mesmos, sobre nossa vontade, sobre nossas paixões, tratando-se do reino de nosso interior que poderemos gerir bem pela prática do Diretório. É um meio seguro... Tendo um pouco de experiência na direção espiritual, a gente vê que até as almas verdadeiramente cristãs são apreensivas, vacilantes, perturbadas. Não sabem, se estão fazendo bem a vontade de Deus, se estão no caminho certo. Nós, pelo Diretório, que faz coincidir a nossa vontade com a de Deus, que troca a nossa vontade pela de Deus, estamos certos, temos a garantia de ser como Deus nos quer. Esse, pois, é o **primeiro reino** no qual encontramos a paz, o dom mais precioso.

**Segundo reino. -**

Reinaremos sobre as almas. Sim! Se a nossa vontade estiver dessa forma unida com a de Deus, poderemos exercer uma grande influência sobre as almas, ou melhor, será Nosso Senhor que agirá, pois estaremos estreitamente unidos com Ele.

Ao vendermos as nossas ações, as nossas preferências. Mas sob

quais condições empunharemos o cetro deste duplo reino? "Vendite quae possidetis et date eleemosynam" (Lc 12,33) (Vendei vossos bens e dai esmola).

1. Não dar, porque podem restituir o que os Senhores deram, mas vender, alienar o que possuem: suas ações, suas preferências, pondo à venda a sua vontade, seu julgamento, seu caráter. Importa alienar tudo isso: sua vontade, seu juízo pela obediência, seu caráter através da caridade. O que está vendido o está para sempre, e é a prática do Diretório que lhes faz vender tudo.

2. Date eleemosynam (dai esmola): dêem esmola ao próximo, oferecendo-lhe o amor de Deus, o espírito de fé, aquilo que lhe falta. O que Deus lhes der em troca do que tiverem vendido, dêem-no de esmola às almas.

**O sinal de um coração vendido a Deus é a prática do Diretório.**

Mas quais os indícios para reconhecermos que satisfizemos com essas condições?

Lemos no mesmo Evangelho: "Onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração" (Lc 12,34).

Quais são seus pensamentos habituais, fora do serviço que lhes foi indicado? Na manhã, no decorrer do dia, será que são para Deus, segundo a vontade dele, conforme as intenções do Diretório? Olhem, pois, por que sua vida, afinal de contas, tem uma finalidade, tem um princípio. Não devem perdê-lo, seguindo um caminho errado. Observem qual a sua situação, se sobrou ainda muito para vender de dentro dos Senhores. Nesse caso, vendam, desfaçam-se de tudo.

## **SEGUNDA PALESTRA**

### **COMO FAZER BEM O RETIRO?**

**Os retiros segundo São Francisco de Sales. -**

Em certas casas religiosas, durante os retiros, quase não há exercícios; em outras, realizam-se muitos. Para nós, conforme São Francisco de Sales, o retiro é um tempo em que nos colocamos à disposição de Deus, para que ele realize sua obra em nós. O retiro - entendendo-o bem - não é tão penoso como normalmente o pintam. Portanto:

**Exatidão, apesar das dificuldades e dos desgostos. -**

1. Antes de mais nada, fazer exatamente os breves exercícios

marcados, as leituras (não se trata aqui de levar a cabo estudos nos livros espirituais), porque a Vontade de Deus, a obediência o exigem. Muitas vezes, só se encontrará nojo, experimentar-se-á apatia. Geralmente as pessoas mais santas sentem menos consolações durante o retiro do que em época normal. Para estas, o retiro é muito sacrificante. Era um verdadeiro purgatório para Santo Inácio. Se isso lhes acontecer, será que, por causa disso, terão feito mal o seu retiro? Oh! não. Felizes das almas que compreendem isso! "Expectans expectavi Dominum, et intendit mihi" (Sl 39,2). Esperei ansiosamente por Iahweh; após o retiro, o Senhor se inclinou sobre minha alma.

**Reparar o passado. -**

2. Remediar as misérias do passado por uma boa e fervorosa confissão.

**Preparar o ano que vem. -**

3. Passar o dia, procurando realizar bem os exercícios do dia, como se devem fazer depois do retiro, porque, afinal, o retiro - sabemos - é o presságio do ano vindouro. Dar-nos conta daquilo que devemos vencer, largar; preparar bem o nosso ano com Deus.

**Anotar o que mais impressionou. -**

4. Escrever, tomar nota do que nos tiver tocado vivamente nas palestras ou em nossas leituras ou pelas inspirações que Deus nos der e pôr-nos à disposição de Deus, sendo diante dele como a argila perante o oleiro. É essa a maneira verdadeira de fazer retiro. Mas será que ele é meritório? É Deus que atuará.

### **TERCEIRA PALESTRA**

#### **IMPORTA SERMOS RELIGIOSOS**

1 - **Como Nosso Senhor deseja**, como nos pediu no dia do nosso chamado, conforme continua nos pedindo no fundo do nosso coração.

2 - **Como o nosso Santo Fundador nos pede**. Tomem o Diretório: será que os Senhores observam todos os pontos? Uma quarta parte? Uma décima parte? Não, os Senhores não o entendem. Pensa-se ter praticado bem um determinado ponto, mas, olhem, ao reler a gente se dá conta de que não o tinha entendido.

3 - **Segundo a nossa Boa Madre quer**, isto é, sejamos a imagem, a representação de Nosso Senhor; sejamos um outro Cristo, seguindo suas pega-

das.

**4 - Como quer nosso Santo Padre, o Papa,** que várias vezes me repetiu: "Diga a seus religiosos que sejam homens de sacrifício." Não se consegue nada sem sacrifício, "usque ad effusionem sanguinis" (até o derramamento do sangue). Quanto a nós, essa imolação do nosso sangue é feito através de mil pequenos sacrifícios de todos os instantes.

Recomendações aos Superiores e advertências.

Num Capítulo realizado na sala comunitária dos Padres, o nosso Padre disse, entre outras coisas:

Nos Capítulos - Os Superiores devem explicar as Constituições e o Diretório; tratar quase só disso.

As advertências: Devem tomar nota das faltas exteriores dos religiosos e admoestar publicamente. Esse é o dever dos Superiores e o meio para fazer os religiosos progredirem no caminho da virtude. Os religiosos aceitarão isso sem se melindrar e tirarão grande proveito.

O nosso Padre ainda acrescenta: "Deixemo-nos humilhar. Quando estivermos bem rebaixados, como atrairemos a graça, as almas, Deus e todo o Céu.

## QUARTA PALESTRA

### A OBEDIÊNCIA

A obediência é a nossa virtude característica. A obediência é a nossa virtude própria. Em outras Ordens, há mortificações corporais, austeridades. Nós, pela submissão do nosso espírito, da nossa vontade, do nosso juízo, do nosso parecer, de todo o nosso ser, precisamos alcançar - segundo os termos de São Pedro: animas nostras castificantes (purificastes as nossas almas) (cf. 1 P 1,22) - o que nós não conseguimos pelas austeridades que não estão em nossa Regra; nós não mortificamos tanto o corpo quanto a alma.

#### **A quem obedecer? -**

Precisamos obedecer a nossos Superiores, à Regra, às Constituições, ao Superior local, ao prefeito de disciplina... caso contrário não seríamos religiosos Oblatos, faltaríamos àquilo em que consiste essencialmente o Oblato, àquilo que o constitui; mais uma vez, toda a nossa

mortificação se encontra em nosso espírito de obediência.

#### **A segurança que provém da obediência -**

São Simeão, o estilita, afirma que a obediência é *securum periculum* (um perigo seguro). Temos algo perigoso ou difícil que fazer? Se o fizermos por obediência não temos nada a recear. Mesmo errando, não temos nada que temer de Deus, porque, conforme afirma o mesmo santo, a obediência "*est fidelis et sempiterna excusatio apud Deum*" (é fiel e uma justificação permanente diante de Deus). A obediência é infalível: estamos sempre certos de agir bem, ao obedecermos.

#### **O mérito da obediência -**

Será que custa obedecer? Sim, e a medida de sofrermos ao obedecer é a proporção do valor da nossa obediência, conforme as palavras de São Paulo, com referência a Nosso Senhor: "*Didicit ex iis quae passus est obedientiam*" (Hb 5,8). É pelo sofrimento que aprendeu a obediência. Se nos custar, teremos mais virtude; e se nos custar mais ainda, a virtude será também maior.

#### **São Bernardo -**

São Bernardo, ao voltar de uma longa viagem, ouve que seus noviços cometeram algumas faltas contra a obediência. Vai ao noviciado, sobe ao púlpito e, de braços cruzados sobre o peito, em silêncio, espera; finalmente, tira um crucifixo do peito, mostra-o aos noviços e se retira. Os noviços, desolados, o procuram, confessando-lhe sua falta, ao assegurar-lhe que vão fazer penitência. "Não se trata de penitência," disse o Santo. "Prometi levá-los ao céu na vida religiosa, mas para tanto é preciso obedecer como Nosso Senhor, até a cruz; mais ainda, até a morte na cruz; mais ainda, ficando unidos ao pensamento, às intenções de Nosso Senhor ao morrer."

#### **Obedecendo na direção espiritual -**

Incluam também a obediência na direção das almas, em suas instruções. Como? Na direção espiritual, os sacerdotes não devem servir-se primeiramente dos seus conhecimentos, de suas experiências, de seus estudos, não, mas da maneira de agir do nosso Santo Fundador.

Os santos sacerdotes, no mundo, lêem as obras de São Francisco de Sales, a Introdução à Vida Devota, que também nós devemos ler e estudar, e que deve ser a base de nossa direção espiritual... Mas nós devemos fazer mais do que esses santos sacerdotes que, em sua direção, se servem de tudo aquilo que leram e aprenderam. Devemos nos perguntar: "Nesta circunstância, o que teria feito o nosso Santo Fundador?" E de-

ve-se agir segundo o seu espírito, de todo o coração; assim produziremos mais frutos do que se seguissemos as nossas idéias. Porque não estaremos sozinhos (a sós, pois, não somos nada), mas juntos com Nosso Senhor, com nosso Santo Fundador, com toda a comunidade.

#### **Obediência na pregação -**

Da mesma forma quanto à nossa pregação: Obedecemos à linha que nos é traçada. Não realizemos nunca uma série de sermões, numa circunstância especial, sem submetê-los ao Superior. Mesmo que recomendasse dizer o que - ao nosso ver - parece menos apropriado, obedecemos. Assim obteremos mais resultados. Nossa doutrina seja a de São Francisco de Sales, quanto mais possível. Sintonzemos bem com seu espírito. Então, repito, não estaremos sozinhos e produziremos muitos frutos nas almas. Além disso, que a nossa pregação seja viva, ilustrada por imagens, interessante, aplicada concretamente aos ouvintes que temos diante de nós.

Terminando, recomendo-lhes que rezem pelo recrutamento da comunidade; peçamos também as luzes do Espírito Santo; precisaríamos ter um "Próprio", um conjunto de orações nossas para a Santa Missa e o Ofício; precisaríamos disso logo.

### **QUINTA PALESTRA**

#### **A POBREZA**

Sempre devemos praticar a pobreza absoluta.

#### **Pobreza nas casas -**

Quanto às moradias, tudo seja muito simples; nada de luxo e que sempre falte alguma coisa. Isso é muito importante e se aplica a tudo aquilo que vou lhes dizer. Sim, é preciso que sempre nos falte alguma coisa: é a parte de Deus. O dia em que não nos falta mais nada, o demônio penetra e destrói a Congregação.

#### **A Roupas -**

No que diz respeito à roupa, tenhamos o necessário, providenciemos de acordo com a exigência da saúde. Seja quente, se necessário. Sobretudo, que esteja muito asseada; o contrário é uma falta a ser acusada nas "culpas" por trajar roupa rasgada e manchada.

#### **O quarto -**

Concernente ao quarto, tenhamos igualmente o necessário. Mas, se faltar alguma coisa, se houver uma cadeira capenga, oh! sejamos felizes; se houver uma prateleira um pouco torta, sejamos felizes; é a parte de Deus.

#### **Os livros -**

Relativo aos livros, tenhamos os que são necessários para a aula; mas faltam alguns; não são indispensáveis? Afinal, os Senhores são pobres. Será que não falta nada a um pobre?

#### **A comida -**

Referente à comida, não esqueçam nunca a mortificação do refeitório, a qual diz respeito não a uma quantidade considerável, mas a um bocado, uma ninharia. Ponham sempre água no seu vinho. Mas são convidados a comer fora da casa - o que não lhes acontecerá facilmente - e lhes oferecem um vinho especial. Claro, não se tornem ridículos, misturando água... Mas mortifiquem-se um pouquinho mais de outra forma.

#### **A pobreza atrai a simpatia -**

Pratiquem-na, se quiserem ser estimados. Pois é, nenhuma Ordem religiosa foi tão apreciada quanto as Ordens mendicantes.

#### **Ela atrai Nosso Senhor -**

A casa de Nazaré era pobre. Só havia o estritamente necessário. Entrando nela, em Loreto, a gente se comove até as lágrimas. Se ela fosse rica, choraríamos? Não, sejam pobres, se quiserem que Nosso Senhor entre em sua casa como entrou outrora na moradia de Marta e Maria.

Se for pobre, diz São Bernardo, Deus lhe mandará tudo o que precisar para suas obras, para suas necessidades. Deus não lhe faltará se souber dar abrigo a Nosso Senhor pela pobreza em tudo o que faz. "Qui pascit Dominum, a Domino pascitur" (Quem acolhe Nosso Senhor, por ele é acolhido).

### **SEXTA PALESTRA**

#### **O SANTÍSSIMO SACRAMENTO DO ALTAR**

##### **Rezar bem a Missa -**

Oh! celebrem atentamente, pois, a Missa, com fé, amor, com piedade e recolhimento.

O Santíssimo Sacramento é o sol de nossas almas. O Nosso Santo Fundador afirma que Nosso Senhor no Santíssimo Sacramento é o sol de

nossa alma, de toda a nossa vida. Como todos os planetas giram em volta do sol, devem a sua luz e a sua vida ao sol, assim Nosso Senhor, no Santíssimo Sacramento, deve animar todas as nossas ações. É aí que temos que procurar nossas inspirações. Será que é muito difícil? Não. Realizem suas atividades juntamente com Nosso Senhor no Santíssimo Sacramento.

**Voltar seguidamente em espírito ao altar, ao sacrário -**

São Francisco de Sales acrescenta: "Diz-se que a águia vai pairar, diversos anos, sobre o lugar onde fez o seu ninho, como lembrando o amor, a alegria que experimentou ao criar seus filhotes. Assim, recomenda ele, em todos os instantes do nosso dia, devemos nós também, voltar aonde Nosso Senhor se sacrificou por nós e onde provamos a seu amor..." Na Santa Missa, pois, não recebemos todas as graças que nos são reservadas... As graças são infinitas. Vamos, portanto, pedir ajuda... Oh!, dizia-me um bom religioso, o Padre Retournat, se os sacerdotes soubessem amar o Santíssimo Sacramento, fariam milagres; mas, uma vez rezada a Missa, vão embora e não pensam mais em Nosso Senhor.

**SÉTIMA PALESTRA**

**A CASTIDADE**

**A castidade -**

A castidade nos proíbe o casamento. Preserva o corpo de todo o ato mau e a alma de todo o pensamento, de toda a imaginação maus.

**As tentações contra a castidade -**

Teremos tentações contra a castidade, e a tentação é o **obstáculo** e a **condição** do voto.

É o **obstáculo**, porque se a gente deixa a tentação entrar no coração e, pior ainda, se nela consente, peca-se contra o voto, resultando daí um duplo pecado: pecado contra o mandamento que prescreve a castidade e pecado contra a virtude de religião. E para os sacerdotes, diáconos, subdiáconos que dedicaram seu corpo a Deus, é um sacrilégio.

A tentação é a **condição**, porque se a vencemos e a superamos, cumprimos mais o voto, realizando-o em todo o sentido.

**Como resistir às tentações: - o que fazer para resistir?**

**1. Rezar -**

A oração é recomendada por todos os autores espirituais. Serão, então, necessárias longas orações? Não, mas orações breves: "Meu Deus, tende piedade de mim!" ou "Salva nos, perimus" (Salvai-nos, estamos perecendo). Era essa a oração dos Apóstolos. O barco era jogado pelas ondas e Nosso Senhor dormia (Mt 8,24.25; Lc 8,23.24). Queiram bem essas orações da Sagrada Escritura, inspiradas por Nosso Senhor e pronunciadas pelos Apóstolos; elas têm uma força toda especial. Ou ainda: "Jesus, Maria, José!" Essas três palavras pronunciadas no fundo do coração, não digo que superam a tentação, mas a afastam; é um fato experimentado.

## **2. Fugir da ocasião -**

Isso é evidente. Não vou falar disso. Nem devemos ter ocasiões de que fugir; e, na prática do ministério pastoral, todo o sacerdote, em qualquer circunstância em que se encontrar, não deve ter medo: Deus não permitirá que seja tentado além de suas forças.

## **3. Ser mortificado -**

É impossível, insisto, é impossível ser casto e ser gente sensual, frouxa e acomodada. É necessário ser mortificado em todo o seu ser: nos pés, nas mãos, nos olhos, nos ouvidos, no corpo e na alma, nas refeições, no sono... É isso a que o voto de castidade obriga em termos gerais.

### **A castidade do Oblato: castidade positiva -**

Que as pulsações do coração sejam para Deus. Para os Oblatos, o voto de castidade vai mais longe. São Francisco de Sales diz que é preciso que o nosso coração só respire para Deus. Abramos a Sagrada Escritura e veremos que Deus é um Deus ciumento. Ele está perto do nosso coração. Para quem será a primeira batida do coração? Será para ele? Não haverá alguma pulsação para a criatura? Oh! reparemos atentamente a quem se destina essa primeira batida do coração.

### **Nada de afetos naturais -**

Não amemos nenhuma criatura de forma apenas natural. É a oração que a Boa Madre Maria de Sales fez a Deus no dia da sua Profissão, enquanto estava sob o pano fúnebre. Pediu a Deus que não amasse ninguém por motivos naturais e que não fosse amada por razões naturais por ninguém. E Deus a atendeu; mas como ela era amada sobrenaturalmente!

Teremos tentações: nesse terreno, a tentação será mais sutil,

mas enganadora, envolver-se-á no pretexto da caridade, da devoção; abram o olho! Com certeza, serão mais inclinados para um do que para outro. Mas cuidem para não amar ninguém senão por Deus, porque Deus é ciumento e se ele não tiver a primeira pulsação do coração, repito, a inspiração e a expiração, isto é, tudo - porque entre uma e outra não cabe outra coisa qualquer - então, fará passar sobre essa alma o vento de sua cólera que secará tudo. E, a partir daí, quantas graças, quantos favores perdidos para essa alma. Ela se tornará estéril. Eis até onde se estende o nosso voto de castidade.

### **As vitórias da castidade -**

A imoralidade, hoje em dia, transborda por todos os lados: corrompem a infância e já se chegou a não dar mais ao termo "imoralidade" um sentido desprezível... Como reagir? Pela palavra? Não. Através da Confissão? Muito poucos se confessam; mas pela nossa virtude, por nossa castidade pessoal. E observem: José salva o povo de Israel à custa de uma vitória heróica de castidade; também Judite salva o seu país por sua castidade e é Maria Imaculada que nos dá o Verbo, o Salvador do mundo. E nós, como salvaremos o povo de Israel? Por nossa castidade. Um sacerdote que não é casto, de uma castidade conservada ou pelo menos recuperada, nunca conseguirá tornar puras e castas as almas que dirige.

## **OITAVA PALESTRA**

### **A MEDITAÇÃO**

#### **A meditação, sua necessidade e suas dificuldades -**

Toda a nossa vida, todas as nossas ações devem ser consagradas a pensar particularmente em Deus, rezando a ele de coração: é a meditação.

Como fazer meditação, ou então, a oração mental? Há vários métodos excelentes.

Na prática, poucos homens, poucas mulheres sabem meditar conforme esses métodos. Encontrei só um homem que fazia bem assim a sua meditação...

Portanto, o que vou lhes dizer os Senhores - após tirarem proveito pessoalmente - poderão aconselhá-lo às almas que dirigirem. Qual a

finalidade da meditação? Tornar-nos melhores, tornar-nos cada vez mais conformes à vontade de Deus.

A idéia que dela temos que formar é a preparação do dia. São Francisco de Sales diz que a meditação é um diálogo com Deus; Santa Joana de Chantal afirma que, na meditação, nós falamos com Deus sobre os assuntos que nos dizem respeito. Da mesma forma, a Madre Maria de Sales diz que é uma conversação na qual falamos com Deus sobre nossos interesses, ao passo que define a meditação contemplativa como "um diálogo no qual falamos a Deus sobre seus assuntos".

O que faz o comerciante? Cada manhã prepara o seu dia: vê, prevê os negócios que deverá atender, as mercadorias que deverá entregar, os transportes de mercadoria a pagar. Também nós, na meditação de cada manhã, ocupar-nos-emos do que tivermos que fazer durante o dia.

---

**Prever e preparar com Nosso Senhor. -**

O Senhor terá que dar aula? Peça a Deus a compreensão para dá-la bem, para ser exitoso junto com os caracteres mais difíceis. Falem sobre isso com ele, sobre as suas dificuldades...

Os Senhores têm que praticar o Diretório? Tomem um ponto determinado. Como estão observando esse particular? Peçam, pois, a Deus a graça de observá-lo fielmente, de todo o coração.

O Senhor tem tentações? Uma tentação prevista já está superada por três quartos. Quando, pois, vê-se o ladrão pela janela, a gente pode impedi-lo ou, pelo menos, esquivar-se.

E se, durante um ano, os Senhores fizerem assim a sua meditação, será que terão perdido tempo? Oh! não. Terão feito um grande avanço na observância do Diretório e isso será sua entrada para ingressar no Céu. Assim é que têm que fazer meditação, e convém aconselhar aos outros a fazê-la até que os Senhores estiverem suficientemente avançados no amor de Deus para deixar-se atrair pela graça e ficar na sua santa presença.

E mesmo quando a gente tiver chegado a esse ponto, será que não se tem mais necessidade de prever com Deus, de preparar com Deus a jornada?

**A meditação pode ser diferente em certos dias festivos. -**

Pois bem, na ocasião de certas festas, por exemplo no dia do

aniversário do seu Batismo, de sua Primeira Comunhão, ou na festa de alguns Santos aos quais os Senhores têm muita devoção, ao sentirem a atração da graça, de recordações piedosas, de devotas reflexões... oh! muito bem, deixem-se conduzir pela graça de Deus; meditem sobre as idéias que lhes vierem, sobre as verdades, os mistérios da festa, as virtudes do Santo, ou da Santa. Mas, fora disso, fiquem com os pés na terra e façam como acabei de dizer.

### **Os frutos da meditação, segundo São Bernardo -**

Eis, conforme São Bernardo, os frutos de uma meditação assim:

**1. Veniet Deus. Deus virá.** Fala-se sobre a vinda de Deus no paraíso terrestre (Gn 3,8) e também esta é a última palavra do Apocalipse (22,20): Veni, Domine Jesu! (Vem, Senhor Jesus.)

Não há palavras repetidas com maior freqüência na Sagrada Escritura. Sim, Jesus virá à sua alma, desde que lhe pedirem. E mesmo sem pedi-lo, virá atendendo um desejo manifestado no coração.

**2. Adest. Está presente.** Aí está. Aquele que é não somente o Pacífico, o Príncipe da Paz, como o chama Isaías (9,5), mas a Paz encarnada e personificada, conforme o profeta Miquéias (5,4): Et erit iste pax (E este será a paz). Esse é o segundo fruto da meditação. Não somente a presença, mas a moradia de Deus na alma, a permanência que dá paz.

**3. Respicit animam. Ele observa a alma.** Ele dirige a ela o mesmo olhar que lançou a São Pedro arrependido, a Lázaro que morrera, a Marta e Maria que confiavam nele, olhar que faz estremecer e ressuscitar a alma, sendo uma ligação de amor com Jesus.

**4. Illi loquitur. Ele lhe fala.** Ilumina-o com sua luz; fortifica-o com boas inspirações; mostra-lhe o que tem que fazer e como deve fazê-lo. Assim, durante o dia, diante daquilo que tiverem a fazer, dir-se-ão: "Será que Deus me inspirou isto durante a meditação? Ele me pediu de fazê-lo assim?"

## **NONA PALESTRA**

### **A TENTACÃO**

#### **Contar com a tentação -**

A tentação é o obstáculo que se opõe à nossa boa vontade, aos nossos bons propósitos. Virá após o retiro, particularmente forte para

os que melhor o fizeram. Já lhes falei sobre a tentação; volto a tratar do assunto.

São Bernardo - eu gosto de servir-me de sua doutrina que se aproxima em tantos pontos dos ensinamentos do nosso Santo Fundador - São Bernardo, pois, distingue:

1. as tentações gerais que ele chama de "aper in silvis", porco do mato, e "ignis comburens silvam", o fogo que queima a floresta; e
2. as tentações próprias dos religiosos as quais ele chama de "vulpes parvulas quae demoliuntur vineam", as pequenas raposas que acabam com a vinha.

**Aper in silvis:** a tentação da impureza.

O que vem a ser o "aper in silvis", o porco do mato? Observam o javali num bosque novo, onde os rebentos tenros apenas desabrocham dos troncos cortados: quanto estrago ele faz por todos os lados, arrancando ou pisoteando o que não arranca... Isso é o símbolo, a imagem das tentações da carne, quando a gente as deixa penetrar na alma. Ocasionalmente terribéis devastações por toda a parte e, sobrando alguns brotos, alguns pimpolhos, lembranças dos retiros, de virtudes do passado, tudo é pisado e em que triste estado fica! Essa tentação nos dará suas sugestões através dos ouvidos, pelos olhos, por todos os membros.

Meios preventivos e remédios -

O que se deve fazer? Como o santo varão Jô (Jô 31,1), o grande tentado de todas as maneiras, precisamos fazer um pacto com nossos olhos, com todos os nossos membros. Um pacto é como um liame, e é na meditação da manhã que devemos fazer esse pacto. Uma vez prevista a tentação, não nos surpreenderá mais. Saberão com que estarão lidando. Além disso, já lhes disse: Rezem "Jesus, Maria, José", à Virgem Imaculada. Uma tentação que teremos é a do homem solitário, tendo como únicas testemunhas as forças da alma e o Anjo da guarda. Invoquemos, pois, a ajuda do nosso Anjo e, na meditação e na oração, preparemo-nos, fortifiquemos as nossas energias espirituais para a hora do combate.

**"Ignis comburens silvam":** as tentações de impiedade.

Outra tentação: ignis comburens silvam, o fogo que devora toda a floresta, não deixando nem o mais tenro rebento brotado... nada. É a tentação da impiedade. Mas o quê? Um religioso tentado de impiedade?

Sim, e tomem cuidado!

Meios preventivos e remédios -

1. Não ler jornais.-

Essa é uma tentação generalizada hoje em dia. Portanto: não leiam nunca jornais. Pois é, sendo que temos Deus em nosso favor, para que serve a política? Sim, nos jornais, nas idéias aí divulgadas há uma grande tentação de impiedade, tentação de naturalizar tudo e o naturalismo foi condenado pela Igreja no último Concílio Vaticano (I - tr.). Apeguem-se somente ao Papa, àquilo que a Igreja católica, apostólica, romana crê e ensina.

2. Não prender-se a leigos. -

Não tenham nunca laços de intimidade com os leigos, por melhores que sejam. Um leigo sempre os fará descer ao seu nível, e uma vez quebrada a corrente, cairão. Entre cem religiosos que tinham contatos aproximados com leigos, noventa e nove caíram, faltaram ao cumprimento dos seus deveres. Por quê? É que os leigos não têm as mesmas idéias como nós; eles não vivem no mesmo ambiente e os farão descer até ao seu nível; convençam-se.

Isso quer dizer que não se deve fazer-lhes o bem? Oh! sim, mas cuidem para não deixar-se amarrar e prender a eles.

3. Não ter intimidade com os que não sejam reconhecidamente católicos. -

Não tenham relações familiares com aqueles que não sejam profundamente católicos. Conservemo-nos religiosos; sem isso, bem logo virão dúvidas contra a fé e a perda da própria fé. Nossa fé não será mais íntegra e, infelizmente, isso é o que se constata, hoje em dia, num número considerável de cristãos. Faremos assim por orgulho? Não, mas para conservar a integridade de nossa fé, para preservar-nos da tentação da impiedade. É menos sério um ato de imoralidade - porque há possibilidade de recuperação - do que um ato de impiedade. Um mau sacerdote que caiu pode voltar a ser bom e realizar um bem muito grande no futuro. Para a perda da integridade da fé, para a impiedade não há recuperação jamais.

Imitemos a Jó. Foi tentado pela carne e ele fez um pacto com seus olhos: "Pepigi foedus com oculis meis, ut ne cogitarem quidem de virgine" (Jó 31,1) (Eu fiz um pacto com meus olhos: para nem pensar numa virgem). E quando, sentado sobre a estrumeira, seus amigos lhe aconselham coisas ímpias, ele se ergue dizendo: "Eu sei." Não somente "creio",

mas: "Scio... quod Redemptor meus vivit et in novissimo die de terra surrecturus sum" (19,25) (Eu sei... que meu Defensor está vivo e que no fim ressurgirei da terra).

**"Vulpes parvulas":** as tentações peculiares do religioso: desejos, espírito crítico, murmurações, desânimo, as tentações que se destinam particularmente aos religiosos... Vulpes parvulas. O javali, dizia São Bernardo a seus religiosos, se encontra nas florestas que rodeiam Claraval, mas não passará por nossos muros. E a gente o correria, se o visse. Assim também com o fogo: poder-se-ia apagá-lo. Diferente é com as pequenas raposas que se enfiam, penetram por todos os lados e dão suas dentadas em tudo.

Pequena raposa -

1. Nas coisas da casa: Critica-se, deseja-se... "Parece-me que a casa poderia ser melhor... minha cela mais cômoda..."
2. Nas pessoas: "Fulano não compreende nada disso; eu seria mais jeitoso para aquele trabalho... Em que se intromete ele?... Não será ele que disse isso de mim?..."
3. Em si próprio: "Eu não estou sendo compreendido, não me encontro no meu lugar aqui... Não combino com as idéias dos que vivem comigo e, com certeza, eu faria um bem maior em outra parte..."
4. No Instituto: "Não cumpro bem com a Regra; não faço bem os exercícios. Esta casa, portanto, não foi feita para mim, não está organizada, não leva as coisas a sério.

O remédio - Como fazer para repelir essas raposinhas que logo acabam com a vinha do Senhor?

O que faria o criadinho ao ver uma raposa penetrar no galinheiro? Chamaria alguém mais forte, mais hábil, o irmão fulano, para ajudá-lo. E os Senhores, para afastar essas raposinhas, recorrem logo ao Superior, ao seu diretor, revelando sua tentação que, de imediato, se dissipará. Mais uma vez, contem as tentações; mas "Vae victis!"... (ai dos vencidos) e felizes dos que as superarem! Quanto mais tentações houver, tanto mais próximo se estará a Nosso Senhor e tanto mais frutos produzir-se-ão na Igreja de Deus.

## DÉCIMA PALESTRA

A PRESTAÇÃO DE CONTAS E A OBEDIÊNCIA ABSOLUTA**A prestação de contas, não obrigatória, mas muito útil. -**

Convém fazer a prestação de contas, mais ou menos, todos os meses. Não é obrigatória. Assim foi decidido por Roma, depois de consulta, devido a numerosos abusos que se enfiaram em Congregações femininas; é apenas facultativa.

Quanto a nós, ela nos valerá, como diz o nosso Santo Fundador, um belo lugar no Paraíso: "Ela enriquecerá o Paraíso de almas."

**A que deve referir-se? -**

A prestação de contas deve abordar principalmente as faltas contra a Regra, os pontos que mais negligenciamos. Digo "principalmente", porque a gente é livre para dizer a um sacerdote como está com as tentações. Por exemplo, depois de faltar num determinado assunto, foi por orgulho ou por negligência? Então poderá ser dado um conselho que o Senhor porá em prática.

Alegrar-se das relutâncias que aí se experimenta. Sim, mas apresenta-se esta objeção: "Acho difícil fazer a prestação de contas a alguém que é mais jovem do que eu." Tanto melhor. Se não tivesse repugnância, teria que comprá-la. Quanto mais disso sofrermos, tanto mais nos valerá. E digamos em cada ação: "Meu Deus, fazei com que eu acolha a dificuldade que nisso encontro!" O caminho para o Paraíso é pavimentado de contrariedades e de cruces. Pois bem, se os Senhores quiserem orientar-se pela razão, serão os mais inteligentes e mais decididos que alcançarão a vitória, como acontece no mundo; mas, então, não nos encontraremos mais em nosso ambiente sobrenatural, estaremos no nível natural.

**A obediência absoluta e sem apelação. -**

Uma palavra ainda sobre a obediência, não especulativa, mas prática. Nossa obediência seja absoluta e sem apelação, isto é, a menos que haja um motivo gravíssimo, não se deve fazer mudar a obediência que recebemos de um Superior, por um Superior mais elevado. Entendam bem isso. O ecônomo dá uma ordem ao vice-ecônomo, este deve obedecer sem recorrer ao Superior para fazer mudar a ordem recebida. O mesmo se dá com relação ao prefeito de disciplina e o vigilante, com o moderador dos es-

tudos e o professor. É preciso obedecer e não procurar desfazer-se da obediência dada através de um outro Superior. Essa é a obediência absoluta. Será que é possível? Sim, muito viável para todos. Não será difícil? Sim, e muito; pois trata-se de um ato verdadeiramente heróico. Mas no ambiente em que vivemos, com a graça que o Bom Deus nos deu durante o retiro e nos dará cada dia, podemos realizar isso. E sem isso não há religiosos, mas raciocinadores. E de raciocinadores não é possível formar Oblatos.

## **RETIRO GERAL DE 1883**

---

### **PRIMEIRA PALESTRA**

#### **O RETIRO DO TABOR**

##### **Pedro, Tiago e João, de retiro. -**

Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João e os conduziu ao alto de um monte. (Mt 17) Trata-se de nós: estamos de retiro. Jesus vai nos levar, separando-nos do mundo. Ele tomará todos nós. Primeiramente Pedro, aquele que orienta, que conduz, que alimenta as almas. Tiago, quem instrui, quem ensina as coisas do Céu e as coisas daqui na terra. É muito apropriado que consideremos São Tiago como nosso mestre e como nosso modelo em matéria de ensino. Ele instruiu tão bem em suas Cartas e de modo tão claro, tão forte, tão perfeito - quanto aos princípios que compõem concretamente a vida cristã, quanto à forma simples, no entanto atraente, cheia de comparações graciosas - que o primeiro cuidado de Lutero foi o de tomar sua pena e riscar as Cartas de São Tiago. Ele ensinava demasiadamente bem... Finalmente, Jesus levou consigo João, este que é muito jovem, que agora aprende no silêncio os segredos do amor divino e que só falará mais tarde, quando tiver ouvido e estudado por muito tempo. Esses são os jovens noviços que devem ficar bem recolhidos em Nosso Senhor para ouvir o que ele lhes disser ao coração e para depois ensinarem aos outros.

##### **A montanha: o lugar do retiro. -**

Jesus conduz Pedro, Tiago e João sobre a montanha, o alto monte, longe do barulho do mundo. Reza-se melhor nas altas montanhas. Eu estava fazendo retiro na Cartucha Mor e concluí esses dias por uma esca-

lada ao Grande Pico. Havia muita gente, uma caravana de todos os tipos de pessoas. - Havia quatro jovens americanos, protestantes certamente. - À medida que subíamos, os ruídos cessavam e o silêncio das altas montanhas impressionava os corações. Um som longínquo repicava fracamente: era o grande sino do mosteiro que tocava o "Anjo do Senhor". Quase não se ouvia. Todos se ajoelharam e todas as vozes responderam à oração. Na alta montanha do retiro, a oração será mais fácil. "Construamos três tendas," (Mt 17,4) disse São Pedro. Devemos realizar esta palavra e construir primeiramente uma tenda para Moisés e uma para Elias.

**Moisés: o horário do retiro. -**

Moisés é a lei, é o regulamento do retiro. Sejam fiéis a isso: é o mais importante do retiro. Se o regulamento é observado, o retiro será frutuoso. Ainda que sofram aridez e angústias, sejam privados de toda a luz e de toda a consolação, aborrecendo-se durante o retiro e desejando sair ou indo como um robô de um exercício para outro, tanto melhor, mil vezes melhor! Se observarem pontualmente o regulamento do retiro, este será excelente. Acredito mais na obra de Deus na alma, durante o retiro, do que no trabalho da alma em Deus. O regulamento acarreta uma graça própria, pois é a expressão da Vontade de Deus; e se a gente observar bem o regulamento, tudo o que a gente não tiver recebido durante o retiro, será alcançado mais tarde e em maior abundância. Santas pessoas que normalmente eram iluminadas por Deus com frequência, ficavam privadas de tudo durante o retiro. Eu poderia citar-lhes muitos exemplos de santos sacerdotes, de santos religiosos e religiosas.

**Irmã Maria Genoveva e a Senhorita Thériot. -**

A Irmã Maria Genoveva tinha a todo o momento comunicações sobrenaturais, nas quais eu acredito plenamente, porque eu tinha provas. Durante o retiro, ela rezava, raspava cenouras, recitava seus Pai-nossos e se esforçava seriamente por atender o horário, mas sem satisfação; ela não experimentava mais nada de Deus durante todo o retiro. Uma outra santa alma, muito original e grande benfeitora do mosteiro de Troyes, a Senhorita Thériot, de Auxerre, que, sem dúvida, recebia muitas graças, dizia em sua linguagem peculiar: "Durante o retiro, eu sou como nossas galinhas: cisco, esgaravato sem parar até encontrar um grãozinho ou uma minhoca..."

**Elias: as luzes do retiro. -**

Há outros que, durante o retiro, vão à tenda de Elias. Ele é o

profeta a quem Deus fala, que vê a Deus, que passa sua vida com ele, que deixa a terra, levado num carro de fogo. São as almas para as quais Deus fala durante o retiro, a quem ele se revela, quem ele conforta. É importante escutá-lo, se ele fala, e tirar muito proveito disso. Elias, no monte Horeb, ouve a voz de Deus: é um leve sopro, um sopro que passa. Convém anotar, então, as coisas boas que Deus nos diz para encontrá-las mais tarde, nos dias de angústia, de grande perturbação, de aridez.

**Jesus: a oração. -**

Mas, sobretudo, estejamos com Jesus pela oração. O primeiro dia de retiro é um dia pacificador: é necessário tranquilizar-nos a alma, diz São Francisco de Sales. Lembremo-nos disso para o nosso bem e para o bem das almas que dirigirmos. Fiquemos tranquilos na montanha, "in montem excelsum seorsum" (Mt 17,1) (num alto monte).

**SEGUNDA INSTRUÇÃO**

**A PRESTAÇÃO DE CONTAS**

**O retiro é um tempo de crise. -**

Já passamos o primeiro dia do retiro. Ficamos na montanha; passamos, com Moisés e com Elias, nosso dia juntos com Jesus. Não tivemos consolações talvez, mas Jesus estava e nós ficamos na sua tenda, pela oração. O Bem-aventurado Bento José Labre, que normalmente recebia tantas graças de Deus, afirmou que fazia retiro a muque.

Como empregar bem o tempo do retiro? Façamos o retiro como o faríamos, se estivéssemos no leito da morte, em agonia.

O retiro é um tempo de crise na vida. Há crises que salvam e há as que matam. O retiro não passará sem efeito para nós. Não estou exagerando: será para a nossa ruína ou para a salvação.

**Pensar na prestação de contas. -**

O Salvador se aproxima de nós e nos diz: "Redde rationem villi-cationis tuae" (Lc 16,2) (Presta contas de tua administração).

Já pensamos bem na renda? Oh! porque não cometemos faltas graves, não refletimos na prestação de contas. O juízo será rigoroso para nós, mais severo do que para os pecadores.

Deus pede do pecador uma só coisa: a penitência, um ato de con-

trição. A Igreja, às vezes, nos fala sobre a penitência; mas a Igreja, intérprete do Evangelho, nos coloca umas cem vezes por ano diante das contas a pagar, esses talentos que nos foram confiados: "Redde rationem villicationis tuae" (id.) (Presta contas de tua administração). Vejamos essa prestação:

#### **As promessas do Batismo e da Primeira Comunhão. -**

Há o compromisso de nossa inocência batismal: o que fizemos com ela? Sem dúvida, temos confessado e temos sido perdoados. Mas havia um contrato, e o que do nosso contrato? "Redde rationem villicationis tuae" (Presta contas de tua administração). E esse outro comprometimento de nossa Primeira Comunhão, essas promessas solenemente renovadas, o que sobrou delas?

#### **As graças das Ordenações. -**

E essas graças das Ordenações nas quais pensamos tão pouco? Era também um contrato. Após as promessas da Tonsura, as das Ordens Menores, as do Subdiaconato e do Diaconato. Se relêssemos o Pontifical - talvez não o tenhamos relido duas vezes - encontraríamos aí os compromissos que assumimos em cada uma dessas Ordenações... São obrigações que têm imensas conseqüências. Reparem o que os Padres da Igreja, São Crisóstomo, São Jerônimo dizem e pensam sobre isso em suas cartas; somos tentados a tomar isso por literatura ou por história. Só as promessas da Tonsura, a que elas já nos comprometem? "Dominus pars haereditatis meae e calicis mei" Sl 15,5) (Jahweh, minha parte na herança e minha taça). "O cordel mediu para mim um lugar delicioso, sim, é magnífica a minha herança" (Sl 15,6).

#### **As graças do Sacerdócio. -**

E as promessas do Sacerdócio? Olhem o que diz São Crisóstomo no seu Tratado sobre o Sacerdócio. Compreendam os Santos que se detiveram às portas do Sacerdócio, porque achavam seu fardo demasiadamente pesado. Subir todas as manhãs ao altar e oferecer a Deus a Carne e o Sangue de Jesus Cristo, dizendo a Deus: "Aceitai isso por meu pecado e pelo de todo o povo" Distribuir a Comunhão: não pensamos suficientemente nisso; dar Deus às almas! A Boa Madre Maria de Sales, um dia, me disse uma palavra que me abriu os olhos sobre a grandeza dessa ação. Eu não queria escutá-la. "Todas as manhãs," disse-me, "o Senhor me entrega Deus inteiramente, e o Senhor não quer que eu, por minha vez, lhe dê algo dele, uma parte de sua verdade?" Absolver os pecados. Que disposições de santidade e de pureza são necessárias para tanto?

### **As graças da vida religiosa e as graças pessoais. -**

E as graças da vocação e da vida religiosa? E essas outras graças mais íntimas que nós recebemos? Uma aldeia, uma cidade, uma província recebem tantas graças quantas nós recebemos? "Jacob dilexi, Esau autem odio habui" (Mt 1,2; Rm 9,13) (Amei Jacô e odiei Esaú). Não somos nós Jacôs? O que devemos devolver a Deus em troca do seu amor? "Redde rationem villicationis tuae!" (Lc 16,2) (Presta contas da tua administração).

Que esses pensamentos não nos desanimem. Humilhemo-nos frente a nossas misérias; mas levantemo-nos confiantes. Como pagar essa dívida imensa? Como preencher este espaço enorme que há entre o que deveríamos ter feito e o que de fato fizemos?

Sejamos bem humildes e modestos e rezemos a Jesus Cristo para que supra esse vazio tão grande com a sua infinita misericórdia. Digamos a ele: Se aceitei esta missão, se me comprometi, é porque Vós o quisestes, Vós é que vos comprometestes comigo e por mim; ajudai-me a cumprir o meu encargo.

## **TERCEIRA PALESTRA**

### **A PENITÊNCIA**

Vimos as proporções da dívida que temos que pagar à justiça divina. Como pagá-la? Pela penitência.

### **Necessidade de pregar a penitência. -**

A gente não gosta de falar sobre a penitência, nem pregar sobre ela; prefere-se tratar de outros assuntos. Os pregadores do "grande século" (17º - tr.), mesmo eles falam raramente sobre a penitência. Parece que eles querem deixar esse tema aos missionários do interior e não se atrevem, parece, pronunciar essa palavra nas cidades. A penitência, no entanto, é a própria base da vida cristã. "Si poenitentiam non egeritis, omnes similiter peribitis" (Lc 13,5) (Se não vos arrependerdes, perecereis todos do mesmo modo).

Qual é a penitência que os Oblatos de São Francisco de Sales devem fazer?

### **Fazer penitência com Nosso Senhor. -**

Abro o Evangelho: "Comunicantes Christi passionibus" (1 P 4,13) (Participantes dos sofrimentos de Cristo). Será que meditamos bem essas palavras? O que significam? O que é esse sofrimento que devemos imitar? Será que é o que a própria criatura se faz sofrer ou é antes o sofrimento que ela aceita de Deus?

### **Receber as cruzes em espírito de penitência. -**

Deus esmiuçou a cruz em nosso caminho. Nossa paixão será recolher cuidadosamente, em espírito de penitência, cada uma dessas cruzinhas.

Olhem Jesus Cristo, nosso modelo: será que ele, durante trinta e três anos, dilacerava sua carne, jejuava e sofria extraordinariamente? Durante quarenta dias jejuou, mas não procurava penitências extraordinárias. Aos olhos do mundo, São Francisco de Sales é sinônimo de doçura sem austeridade. Mas de doçura sem penitência? Não, ele recolhia, um por um, os cavacos da cruz. Façamos nós o mesmo.

### **As doenças. -**

Primeiramente os sofrimentos, as doenças, as enfermidades. Oh! quantos tesouros a juntar. Os tormentos do corpo e da alma, que bênção representam! Eu venerei, em Autun, a ossada de São Lázaro, o amigo do Salvador, esses ossos aos quais Deus outorgou a imortalidade, pois são tão inalterados, tão recentes como se datassem de há poucos anos. Os médicos constataram que eram os restos de um homem fraco, débil, doentio. "Erat autem quidam languens, Lazarus a Bethania" (Jo 11,1) (Havia um doente, Lázaro de Betânia); eis o amigo do Salvador: "Diligebat autem Jesus... Lazarum" (Jo 11,5) (Jesus amava... a Lázaro). Oh! os doentes são os amigos de Jesus e os sofrimentos são testemunhos de sua amizade.

Quantos tesouros a recolher! Não convém perdê-los. Ora, perdem-se, se não são encarados de maneira sobrenatural. São coisas sagradas e não as considerem com um olhar profano. É a arca do Senhor e não se pode tocá-la: "Nolite tangere arcam Dei!" (cf. Nm 4,19; 18,3) (Não toquem a arca de Deus.)

Caso contrário, morrerão ou antes: "alioquin morientur" (Nm 4,20) (pois morreriam). Isto é, não os Senhores, nem esses sofrimentos, mas os frutos preciosos que os Senhores poderiam utilizar seriam inaproveitáveis e quando, no momento da absolvição, o sacerdote, levantando a mão sobre o Senhor, disser: "Que todos os sofrimentos que tiver passado lhe sirvam para a remissão dos seus pecados, para o aumento da graça e

para a recompensa da vida eterna", o mérito dessas penas não ressurgiria. Os Senhores meteram a mão nesses sofrimentos; tudo morreu.

#### **As penitências extraordinárias. -**

"Mas eu tenho saúde, experimento uma vitalidade tão grande que me estimula o agulhão da carne." Se lhe parece necessário, peçam a seu diretor espiritual, a seu Mestre de Noviços a licença para aplicar-se penitências corporais, para dar-se essa açoitada que sujeitará a carne. "Adimpleo ea quae desunt passionum Christi in carne mea" (Cl 1,24) (Completo, na minha carne, o que falta das tribulações de Cristo).

#### **A observância fiel. -**

"Mas se eu não sofro nem espiritual nem corporalmente, então, não sou amigo do Salvador? Como fazer penitência? Imponham-se a obediência, a fiel observância da Regra, um dia, dois dias por semana. Essa é uma grande e frutuosa penitência - uma penitência obrigatória, por sinal. As enfermarias das Ordens religiosas apresentam, muitas vezes, um triste espetáculo. A justiça de Deus se intensifica, de certa maneira, nos últimos dias desses religiosos, fazendo-os expiar o que deixaram de reparar durante a sua vida: Sua misericórdia lhes deseja um lugar de escola no Céu e quer abreviar-lhes o Purgatório.

#### **A Madre Maria de Sales e a penitência. -**

Observem a penitência da Madre Maria de Sales! Ela jejuava? Não. Dormia no chão? Não. Usava o cilício? Não. O que ela fazia então? Primeiramente, sempre era doente... Além disso, que vida de obediência! Obediência de juízo a todos os que lhe davam ordens, aos mais indignos, àquele que lhes está falando... Durante sua última doença, quando sentia que estava prestes a morrer e não ia levantar-se mais, eu lhe dizia: "Madre, diga-me o que poderia confortá-la." Ela me respondeu: "Nossas Irmãs aí já se encarregam disso." O que significava essa palavra? Uma resposta de mulher, não é?... Quanta caridade para com o próximo: nunca uma repreensão contra ninguém, nem mesmo contra uma religiosa qualquer de sua comunidade...

Façamos como ela: juntemos todas as lasquinhas da cruz esparradas em nosso caminho. Joguemo-las na água amarga da fonte de Mara (Ex 15,23ss) para adoçar-nos os últimos dias e assegurar o porvir.

#### **São Francisco de Sales. -**

No leito da morte afirmou: "Pouco fiz, mas se tivesse que recommear, não faria mesmo nada..." O que significa isso? Que ele teria se esforçado para morrer cada vez mais para si mesmo, para a sua vontade

própria, para deixar Deus agir mais e para aceitar tudo das mãos dele: é essa a melhor e a mais perfeita penitência.

## QUARTA PALESTRA

### A CARIDADE

#### **A virtude característica do Oblato. .**

Uma virtude especial, peculiar, cuja prática se impõe com maior ênfase para o Oblato é a caridade.

É o mandamento do Salvador, seu preceito novo: "Mandatum novum do vobis, ut diligatis invicem" (Jo 13,34) (Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros). Na Lei antiga, Deus tinha lançado, sem dúvida, as linhas gerais; mas esse é o mandamento verdadeiramente novo.

Nossa Senhora? "Ego mater pulchrae dilectionis" (Eclo 24,24) (Sou a mãe do puro amor). Esta caridade é a mais bela entre todas as virtudes e Nossa Senhora quis ser a mãe dela.

E São Francisco de Sales? Ele quis fundar uma grande Ordem, sem votos, onde a caridade seria o único vínculo. Não é isso um pouco o que encontramos na Visitação? Com a obediência, pois, o que é que cumpre as Constituições senão a caridade?

A caridade obedece a uma ordem; qual é essa escala para o Oblato de São Francisco de Sales?

#### **Nossos parentes. -**

Primeiramente os nossos parentes. Será que eu vou contradizer os Santos e os mestres da vida religiosa? São Jerônimo diz: "Licet in limine pater jaceat: per calcatum perge patrem?" (Vale dizer que o pai se deite no vão da porta: passe por cima dele?) Não, eu direi: Queiram bem os seus parentes e manifestem-lhes este amor pela oração, a oração no altar. Peçamos a Deus que abençoe nossos parentes; intercedamos por eles e estes logo perceberão os efeitos da graça. Temos que tomar a peito a saúde e a felicidade de nossos parentes. Na época mesma de São Francisco de Sales e de Santa Joana de Chantal, vemos os parentes se aproximarem da Visitação à procura da luz e das graças de Deus.

#### **Nossos irmãos. -**

Em segundo lugar, são nossos irmãos na vocação e a medida da caridade que devemos cultivar para com eles é a medida do amor fraterno. Perante Deus somos irmãos; queiramo-nos como irmãos.

Será que tenho que repreendê-los? Não, graças a Deus; agradeço-o pelo que vejo e pelo que ouço. Mas... não poderíamos acertar melhor ainda? Sobretudo aqueles que têm alguma autoridade, por exemplo, na forma de mandar ou de chamar à atenção? Como eu gosto de São Francisco de Sales ao dar uma ordem a seu criado: "Chico, se não lhe for demasiado incômodo trazer-me o breviário..." Adotemos essas formas de caridade. É difícil..., é preciso controlar sempre bem o coração.

#### **As almas que nos são confiadas. -**

Depois seguem as pessoas a quem Deus confiou algo das nossas graças, essas almas nas quais percebemos o chamado do Divino Mestre, onde Deus nos revela uma vocação à nossa vida. Dediquemo-nos a essas e abramos-lhes o nosso coração. Sem dúvida, precisa-se prudência e reserva; devemos ter dez ou cem vezes mais cuidado para evitar o perigo do que para favorecer a graça. É o fogo que o querubim toma no altar, não pelas mãos, menos ainda pelo coração, mas pelo tenaz de ouro do altar dos holocaustos. (Is 6,6). Observando essas restrições, dediquemos a essas almas todo o nosso cuidado e o nosso afeto; promovamos as vocações e serão numerosas. Isso me foi prometido, foi me garantido: o número será imenso.

#### **Todas as almas. -**

Finalmente vêm todas as pessoas que estão unidas a nós pela mesma fé e que devem estar ainda mais ligadas a nós pelos laços da caridade, pois são nossos irmãos e nossas irmãs. Maria vem encontrar Jesus com Tiago e Judas, os primos do Salvador (Ver Fillion - A Santa Bíblia comentada, T. 7 p. 92). Comunicou-se a Jesus: "Sua mãe e seus irmãos estão lá fora, procurando falar-lhe." "Quem fizer a vontade do meu Pai que está no Céu," responde Jesus, "esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe" (cf. Mt 12, 46-50).

Queiramos bem, portanto, todos os que são assim nossos irmãos e nossas irmãs; evitemos tudo o que, em nossas palavras, em nossas ações, possa ferir a caridade.

Que nos desprezem em vez de estimar-nos; não importa. Mas que se possa dizer sobre nós, pelo menos, que praticamos a caridade!

## QUINTA PALESTRA

### O ESPÍRITO DOS OBLATOS

"Spiritus est, qui vivificat"(Jo 6,63) (O espírito é que vivifica). É o espírito de uma sociedade que constitui sua vida e sua obra. Devemos viver a nossa vida própria. As flores, os frutos são bons e bonitos, se permanecem ligados à árvore. Se eles se desprendem, mesmo sendo só um pouco, morrem e se tornam inúteis. - Qual é, então, o nosso espírito?

#### **O papel das Ordens Religiosas. -**

Pelas Ordens religiosas é que Deus atendeu às necessidades do mundo.

#### **Os Padres do deserto. -**

Nos primeiros séculos, o inimigo era o paganismo e aquela seita dos Gnósticos que transpiravam o sensualismo. Deus não mandava - como fez mais tarde - verdadeiros exércitos para combatê-los. Não era necessário, pois esses edifícios caducos ruíam sozinhos. Os monges mortificados, os religiosos dedicados a austeridades severas constituíam os protestos vivos de Deus contra esse sensualismo: são Simeão Estilita, os primeiros Padres do deserto, os monges de Esceta, na delta do Baixo-Egito, de Tebaída, no Alto-Egito.

#### **São Basílio e São Bento. -**

Depois, o mundo se tornou cristão. Atualmente, dizia Santo Agostinho, não há mais ninguém que blasfeme Jesus pela boca, mas quantos o blasfemam por suas obras! Este mundo cristão um dia amanheceu ariano, herético. Então, os religiosos se uniram, organizando-se para a luta; assim fez São Pacômio e mais tarde São Basílio e, finalmente, São Bento.

#### **São Domingos e São Francisco. -**

Mais tarde, no século XII (sic!- tr.), vieram os maniqueístas. Deus suscitou duas grandes Ordens religiosas: São Domingos, a sabedoria, e São Francisco, a pobreza. O Papa viu que seriam esses dois homens a sustentar os dois pilares principais da Basílica de Latrão e lhes concedeu o que pedem.

#### **Santo Inácio de Loyola. -**

Posteriormente, quando a Igreja reina e ordena, podendo-se cantar com razão: "Christus regnat, Christus imperat", vem Lutero para des-

coroá-lo. Os príncipes se fazem chefes da Igreja. Destroem, queimam, pilham. Certo príncipe da Alemanha, cuja família ainda reina, enfeitou suas roupas e as de sua tropa com tiras douradas e prateadas das vestes sacerdotais; ainda hoje se chama isso de "brandeburgos" (galões). Contra esses ladrões e revoltados, era necessário um exército. Santo Inácio se levanta - era soldado - e faz de sua companhia uma tropa de soldados que avança com seu grito de guerra: "Ad maiorem Dei gloriam" (Para a maior glória de Deus). Estava certo: era o momento e a hora de combate.

#### **As necessidades atuais. -**

Mas atualmente será preciso lutar? Contra quem? Voltamos ao tempo do Evangelho. Não há mais ruínas a reconstruir, nem muros a defender. O sopro da Revolução arrasou tudo. É necessário construir. O próprio Salvador precisa vir e realizar a sua obra. É isso que nos diz a Madre Maria de Sales. O espírito do Oblato é agir unido unicamente com Jesus Cristo, é reimprimir o Evangelho nas almas...

#### **A criança. -**

Precisa-se tomar a criança, separá-la do mundo, colocá-la frente ao Salvador, ensinar-lhe a amá-lo e a imitá-lo; Jesus de Nazaré deve viver na criança.

#### **A família. -**

A família de Nazaré deve ser o modelo. A maior parte dos Senhores conhece talvez a casinha que se encontra em Loreto agora; é para lá que se deve ir e conduzir a família. Oh! não desvirtuem a minha idéia! Não forcem nada, insinuem isso nos corações, sem falar disso. Atuem sobre o chefe de família, a mãe de família para que, pouco a pouco, sem forçar nada, com prudência, considerando até certa altura as exigências da posição, se possa voltar à modéstia na roupa, à frugalidade na comida, a essa vida operosa e santa de Nazaré. Naturalmente, não devemos viver como selvagens e pregar a vida do estado selvagem, mas também não devemos ligar demais para o mundo. Este é o inimigo do Salvador.

#### **A política. -**

Nisso Jesus seja o nosso modelo. A política dos cristãos seja aquela que me apontou um dia o Núncio, o atual Cardeal Czakki: "Colocar Deus no seu lugar!"

#### **Os jornais. -**

Que um Pároco, em sua paróquia, que um Vigário leia o jornal, está bem; é bom que esteja a par dos acontecimentos. Na minha última viagem à Bélgica, há dois anos, fiquei numa pequena paróquia, perto de

Liège. O bom Pároco, que era uma santo, disse-me: "Veja como Deus é bom. Estou paralisado, levam-me à igreja e, quando estou no altar, ainda tenho força suficiente para rezar a Missa; depois me trazem de volta. Tenho um bom Vigário, e eu passo o dia rezando a Deus; depois, acrescentou sorrindo, e leio também um pouco o meu jornalzinho." Vejam quanta delicadeza e como era pouco o tempo que deixava para seu jornalzinho.

Mas um religioso, o que ele tem a ver com a política e o jornal? Não leiamos nenhum. Temos o nosso Diretório e a nossa Regra: esses são a nossa política e o nosso jornal. Deixemos os mortos sepultarem os seus mortos.

#### **A Madre Maria de Sales e os livros. -**

A Boa Madre Maria de Sales: - muitas vezes falo sobre ela, durante quarenta anos tinha contato com ela - muitas vezes eu lhe dizia: "Tudo o que a Senhora me diz me aborrece, me faz perder tempo e me impede de trabalhar. Um sacerdote precisa ocupar-se com seus livros e eu não abro mais um livro!" E ela me respondeu: "Ah! chegará o dia em que o Senhor encontrará tudo no livro." Depois eu vi que tudo estava no livro, isto é, no Diretório.

Temos uma pérola nas mãos, um diamante. Se queremos trabalhar o diamante, acrescentar-lhe alguma coisa, analisá-lo, o que sobra? Carvão, um pó preto e inútil. Não misturemos nada com Jesus.

### **SEXTA PALESTRA**

#### **A PREGAÇÃO**

"Spiritus est, qui vivificat" (Jo 6,63) (O espírito é que vivifica). É o espírito que dá a vida; continuemos a palestra desta manhã e vejamos qual deve ser nosso espírito na pregação. Devemos pregar como Jesus pregava.

#### **Não se prega o bastante para os ouvintes. -**

Atualmente não se sabe mais pregar. O último Concílio (Vaticano I) - sei isto de fonte segura, do Cardeal Mermillod - queria dedicar-se a este assunto tão importante da pregação, dar normas e indicar um caminho diferente do que se está seguindo. Não se ensina mais a palavra de Deus conforme a necessidade das almas. Pregam como se pregava nos séculos XVII e XVIII, sendo que a formação e a maneira de viver não são mais

as mesmas. São Crisóstomo diz em seu "Tratado sobre o Sacerdócio": "Vi o sacerdote estender as mãos e deixar cair no chão o Corpo do Salvador; vi um sacerdote no púlpito abrir a boca e deixar cair no chão o Verbo divino que não podia chegar até as almas." A palavra de Deus não atinge as almas. São sábias dissertações, teses bem elaboradas, mas quem as entende, quem as escuta? Se os Senhores pregassem diante de Leão XIII e sua corte, eu estaria de acordo; o Papa conservou o costume antigo de assistir a um sermão todas as quartas-feiras. Se os Senhores pregassem ante um auditório de teólogos, perfeito... Mas onde estão os teólogos na assistência dos Senhores?

**Pregar como Jesus Cristo. -**

O Oblato de São Francisco de Sales deve pregar como Nosso Senhor Jesus Cristo.

**Breve exposição doutrinária. -**

A exposição doutrinária, os raciocínios sejam breves e claros. Dirijam-se aos seus ouvintes, coloquem-se à altura deles, sejam práticos no que lhes disserem.

Vejam o Salvador. A exposição doutrinária breve - com exceção do sermão após a Última Ceia dirigido aos Apóstolos; os discípulos não estavam; e o Salvador explica a doutrina, apresentando-a por meio de comparações, de parábolas, ao alcance dos seus ouvintes.

Reparem o sermão da montanha (Mt). Ele se dirige a cada um dos seus ouvintes, colocando-se à altura de cada um.

**Interessar os seus ouvintes. -**

No caso de falar a pescadores: "O Reino dos Céus é semelhante a uma rede jogada ao mar" (Mt 13,47). - Encontra-se ele em Cafarnaum, um posto alfandegário e uma cidade de comércio? "O Reino dos Céus é semelhante a um negociante", e ele fala sobre o banco (Mt 13,45). - Dirige-se ele aos lavradores da Galiléia? O Reino dos Céus se parece a um campo...; trata do sementeiro (Mc 4,3-20), aborda o joio (Mt 13,24-30). - Quando ele fala a jovens: "Um homem tinha dois filhos"; o mais jovem vem pedir-lhe a sua parte da herança... (Lc 15, 11-32). - Ao encontrar-se diante de moças, fala-lhes sobre o casamento: "O Reino dos Céus será semelhante a dez virgens" (Mt 25,1-13).

Eis como se deve pregar. Levar em conta o auditório e dirigir-se a ele com simplicidade; não servindo-se de frases muito bem formuladas, muito estudadas, mas sem pés nem cabeça; seria profanar o Verbo

de Deus. Conservem para a palavra da Verdade sua roupagem virginal.

**Tudo está no Evangelho. -**

Os Senhores conhecem a parábola daquela Academia da Índia, onde os sábios liam e comentavam os livros notáveis. Um dia o Evangelho lhes caiu nas mãos. O presidente tomou o livro e o leu. Ao findar a leitura, em vez de dar um comentário, ficou calado. "Mas não vai dizer nada? E o comentário?" O sábio tomou um vaso e o encheu de água de maneira que não cabia mais uma gota, nem uma folha sem que transbordasse e disse: "Eis o livro que acabamos de ler; não se pode acrescentar nada, tão completo ele é, tão repleto está."

**Praticar antes de pregar. -**

Preguem, portanto, o Evangelho. E anunciem-no como o Salvador fazia, praticando-o antes, exercendo as virtudes que querem ensinar: "Coepit Jesus facere et docere" (At 1,1) (Jesus fez e ensinou desde o princípio). Os Senhores pregam a penitência, façam penitência. Durante trinta anos, Nosso Senhor praticava todas as virtudes antes de ensiná-las aos outros.

No dia da Apresentação de Nossa Senhora, saí da Visitação e entrei na capela das Irmãs da Providência. Iam fazer a renovação dos votos e seu fundador, Padre Boigegrain, estava fazendo-lhes a pregação. Ele era bem idoso. Falava-lhes com muita simplicidade e num tom familiar ao dizer: "Com quem vão renovar os seus votos? Com Maria, com Jesus. Importa fazerem como fazia Maria no dia da Apresentação e como fazia Jesus no dia da Purificação. As disposições de Maria eram as mesmas como as de Jesus; pois ele as tinha ensinado antes para ela." E o pregador começou a comentar as disposições que Maria e Jesus tiveram num dia parecido como aquele, com palavras tão simples, mas tão profundamente tocantes que me comovi. No fim da pregação, ele percebeu que havia uma pessoa estranha e, informado que era eu, pediu que eu me aproximasse. "Vou perguntar-lhe alguma coisa, Padre; prometa-me de dizer a verdade. O Senhor vê que sou muito velho. Antigamente eu escrevia meus sermões, mas agora não consigo nem escrever nem ler. Acredita o Senhor que eu, em consciência, ainda tenha condições para pregar às nossas Irmãs?" Respondi-lhe que ainda era tão capaz a ponto de fazer-me chorar. Vejam a humildade e a simplicidade deste bom ancião que era tão eloquente ao fazer Jesus e Maria falarem!

## SÉTIMA PALESTRA

### A CONFISSÃO

Observemos hoje Jesus no confessionário.

#### **Cativar as almas. -**

Nos colóquios que Jesus teve com algumas pessoas, ele manifesta muita dedicação, passa a fazer íntimas confidências.

Aquelas almas que ele mais apreciava ele as penetra, dizendo-lhes o mais apropriado: coloca o dedo na ferida e oferece o remédio.

#### **Jesus e Nicodemos. -**

Jesus e o Doutor da Lei; Nicodemos chegou de noite, "propter metum judaeorum" (por medo dos judeus), e Jesus lhe fala sobre as grandes coisas do renascimento da alma. Aquele era juiz em Israel e Jesus lhe fala sobre o julgamento de Deus: o Filho não julga ninguém. - "Pois Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele. Quem nele crê não é condenado; quem não crê, já está condenado..." (Jo 3,17.18).

#### **Jesus e Pedro. -**

"Pedro, tu me amas?..." "Amas-me mais do que estes?... (Jo 21,15s). "Dar-te-ei as chaves do Reino dos Céus" (Mt 16,19).

#### **A Samaritana. -**

Jesus e a Samaritana; era uma mulher de má reputação, de raça desprezada e, além disso, uma mulher sem instrução que não conhecia o reto caminho. Jesus lhe fala com respeito; ele se aproxima por onde pode ter acesso à alma dela. Pede-lhe de beber: "Da mihi bibere!" (Dá-me de beber) (Jo 4,7). Em seguida lhe diz: "Se conhecesses o dom de Deus e quem é que te diz: Dá-me de beber, tu és que lhe pedirias e ele te daria água viva" (Jo 4,10), "água que jorra para a vida eterna" (Jo 4,14). Ele provoca a curiosidade dela e, depois de suscitar-lhe a atenção, gradualmente a instrui sobre os mistérios mais elevados e a converte.

#### **A cananéia. -**

Jesus e a Cananéia; era uma mulher de certa idade, dizem-nos os Padres da Igreja; vinha acompanhada de uma cadela e perseguia a Jesus com seus gritos. "Senhor, não estais ouvindo os gritos desta mulher?", lhe perguntaram os Apóstolos. Finalmente o Salvador a escuta, volta-se e, tomando-a justamente pelo próprio afeto que ela tinha por sua cadeli-

nha, diz: "Não fica bem tirar o pão dos filhos e atirá-lo aos cachorri-nhos" (Mt 15,26). Essa mulher era inteligente: "Sim, Senhor," respondeu, "mas os cãozinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos" (Mt 15,28). O Salvador captou essa alma através do fio que lhe tinha alcançado; fez-lhe realizar esse ato sublime de fé o qual ele próprio elogiou.

**Atenção aos dons do Salvador destinados para as pessoas. -**

O confessor, pois precisa ter muito respeito para com as almas, um grande desprendimento de si e muita atenção para cativá-las pelo lado que elas nos apresentam. Não devem apagar a mecha fumegante, não devem quebrar o caniço rachado (cf. Mt 12,20). Preparemos o que temos que dizer no confessional; isso não é tempo perdido.

**Santo Afonso. -**

O próprio santo Afonso de Liguori nos diz que segurava seu crucifixo nas mãos, no confessional e, contemplando as chagas do Salvador, escutava o que estas lhe sugeriam para cada alma.

É preciso usar os meios humanos, sem dúvida, mas sobretudo é necessário apegar-se aos meios sobrenaturais, à oração pelas almas.

**O jovem do Evangelho. -**

Um jovem chega até o Salvador: "Bom Mestre, que preciso fazer para herdar a vida eterna?" (Mc 10,17). Tu conheces os mandamentos: Honra teu pai e tua mãe; não cometas crimes, não prejudiques o teu próximo. "Mestre, tudo isso tenho guardado desde a juventude." Uma só coisa te falta: vai, vende o que tens, dá aos pobres, depois vem e segue-me. "Mas o jovem não teve coragem e se retirou." (Mc 10,21ss; Mt 19,16ss; Lc 18,18ss). Os Senhores acreditam que Nosso Senhor o deixou por isso e não rezou longa e ardentemente por esse jovem? Duvidar disso seria duvidar do coração de Jesus e do seu amor para com as almas.

**Conquistar as almas: São Filipe Néri. -**

Ele viu um dia um senhor muito destacado ajoelhar-se a seus pés. Era um grande pecador e o Santo, não achando as disposições dele suficientes, mandou-o embora, tranquilamente, sem absolvê-lo e sem recomendar que voltasse. Após algum tempo, esse homem encontra de novo o Santo: "Mas o Senhor não me disse que voltasse?" O Santo não respondeu nada. Poucos dias depois, esse homem aparece espontaneamente para confessar-se: "Por que o Senhor não me disse nada?" "Eu não tinha a sua alma, agora a tenho." Ele tinha rezado, ganhando essa alma por suas orações. Não abandonemos as almas dos nossos penitentes; cativemo-las, ga-

nhemo-las.

**As almas das crianças. -**

O que os Senhores devem fazer para todas as almas, façam-no sobretudo para as crianças; elas mais precisam disso. As almas mais idosas já têm o seu jeito; a criança é uma flor que se abre; o mínimo raio solar demasiadamente quente, o menor sopro de vento por demais veemente, o frio vão murchá-la. Se souberem cuidar dessas almas infantis, se souberem querê-las bem, não com uma amabilidade feminina, mas desenvolvendo nelas as virtudes, ao arrancar os vícios, que linda obra os Senhores não terão realizado?

E mais tarde, essas crianças guardarão a grata lembrança dos cuidados dos Senhores e terão entendido que os Senhores as queriam bem; perceberão claramente que esse bem-querer não provinha de sensualidade, mas de verdadeira caridade. Não liguem para as travessuras delas, fechem os olhos para o que não é pecado.

**Dom de Ségur. -**

Um dia escutei Dom de Ségur durante o sermão de Quaresma para as religiosas do segundo Mosteiro da Visitação de Paris; falava-lhes sobre os cuidados a dispensar às almas das crianças que elas educam e ele comentava estas palavras do Evangelho: "Considerate lilia agri quomodo crescunt" (Mt 6,28) (Aprendeis dos lírios do campo, como crescem). Considerem os lírios, as almas das crianças, como crescem e se desenvolvem; observam-nas; esta é a única página do Evangelho em que encontramos o emprego desta palavra; observem, ponham aí toda a sua atenção, todo o seu cuidado...

Também os Senhores : "Considerate lilia agri quomodo crescunt." (Aprendeis dos lírios do campo, como crescem). Apliquem toda a sua diligência, toda a sua atenção para observar como crescem as almas das crianças sob seus cuidados. Procurem captar o sopro divino, quando passar nessa alma. Aproximem-se dessa alma do lado mais acessível. Favoreçam a ação da graça nela: esta é toda a obra de educação, está nisso a primeira e a última palavra de toda a arte da direção espiritual.

## OITAVA PALESTRA

A OBEDIÊNCIA

Para que nosso espírito seja vivo e fecundo, deve ser um espírito verdadeiramente religioso.

**O que constitui o religioso é a obediência. -**

O religioso é um ser diferente de qualquer outro. Ele só vive para e por sua comunidade. Fora disso não tem razão de ser. O que constitui o religioso é sobretudo e antes de mais nada a obediência.

Os Beneditinos, os Cartuxos, ao professar, só fazemo voto explícito de obediência, incluindo-se os outros dois.

São Francisco de Sales exige a obediência nos Tratados sobre a vida religiosa. Os Padres Jesuítas sobretudo, que fazem profissão especial de obediência, relataram páginas maravilhosas sobre a obediência, sobre os graus e a perfeição da obediência. São Francisco de Sales é mais radical; não admite graus, ele quer uma obediência perfeita logo de saída: ou tudo ou nada. É preciso, desde logo, atingir o cume.

**A Madre Maria de Sales: "ser decididos". -**

A Madre Maria de Sales dizia: "Os religiosos devem ser pessoas decididas, determinadas a ir até as últimas conseqüências da obediência, sem olhar para trás." Obediência completa: obediência da ação, da vontade, do juízo. Obediência do juízo, que significa isso? Considero uma coisa branca, meu Superior me diz que é preta; para obedecer será que deva contrariar o meu bom senso e acreditar que seja preta? Não, claro que não; mas devo agir fielmente como se fosse preta e como se meu parecer estivesse enganado.

**Obediência sem discussão. -**

Obedecer sem discutir, sem "mas" nem "se"... O Anjo se manifesta a Maria e a José, é meia-noite: "Levantem-se e fujam para o Egito!" Eles obedecem sem fazer objeções: nada de "mas" nem de "se"... O Anjo volta a aparecer: "Voltem!", e eles retornam.

Seu Superior lhes dá uma ordem: obedeçam sem discutir. Essa ordem lhes é impossível ou muito difícil de executá-la; receberam uma obediência contrária: digam-no simples e humildemente e obedeçam.

**A força da obediência. -**

Os Padres da Igreja, repito, dizem coisas maravilhosas sobre a

obediência. Eusébio de Cesaréia relata o que aconteceu em Esparta. Os jovens que eram destinados aos cargos públicos e ao estudo das leis faziam juramento de nunca discutir a lei nem tentar compreendê-la, mas de observá-la à risca; e eis, continua esse Padre, como esse povo, que era apenas um povo, se tornou tão poderoso. Reparem como deve ser a força da obediência religiosa e qual será o seu poder.

Mais uma vez, é preciso obedecer por completo, tanto à Regra quanto à palavra do Superior. Não quero fazer-lhes um sermão sobre a obediência, volto em seguida à mesma idéia, porque tudo está nisso. Querem ou não querem ser religiosos? Se quiserem ser religiosos, obedeçam sem reservas. Não se preocupem com a pessoa de quem lhes dá ordens, nem do seu Superior; isso não tem muita importância.

#### **Deus é zeloso quanto à obediência. -**

Deus tem protegido com cuidado ciumento o segredo da confissão e a história eclesiástica nos faz ver que jamais esse sigilo foi violado. Em 1793, foram numerosas as ocasiões para constatar a realidade desta providência de Deus. Eu pessoalmente conheci dois sacerdotes infelizes ajuramentados (de fidelidade à república, na época da constituição civil, na França - tr.) que foram reduzidos ao estado laical e que, diversas vezes, deram prova disso. Há uma outra coisa que Deus protege com um cuidado todo zeloso: é a obediência. A confissão e a obediência são duas meninas dos olhos de Deus: aí não agüenta nem um cisquinho de poeira. Leiam os anais dos Cistercienses, dos Beneditinos, as histórias dos religiosos do Oriente, de São Basílio; nunca encontrarão que a obediência religiosa - de que tipo e a que Superior fosse - tenha causado o mínimo mal físico ou moral.

#### **O Padre do deserto e a estátua. -**

Um jovem veio um dia a um mosteiro oriental do Alto-Egito. O Abade lhe disse: "Viu uma estátua na entrada do mosteiro?" - "Sim, Padre, eu a vi." - "É uma estátua que representa um imperador romano morto há muito tempo e foi deixada lá por soldados. Esse imperador era um perseguidor. Você deve ir lá todas as manhãs para reclamar-lhe crimes perpetrados; deverá dizer-lhe que a lembrança dele é detestável." O jovem obedeceu. - "Que disse a estátua?" - "Nada." - "Vá, pegue barro e jogue-o na cara dela..." - "O que disse a estátua?" - "Nada." - "Vá agora com uma corda, passe-a ao redor do pescoço dela e derrube-a no lodo..." - "Que disse a estátua?" - "Nada." - "Muito bem, você compreendeu o que

é a obediência? A estátua é você; seu Superior será o lodo, a corda. Obedeça sem dizer uma palavra. Será que você é capaz de fazer isso?" - "Sim, Padre, com a graça de Deus." - "Pois bem, então fique."

**Nunca considerar a pessoa que ordena. -**

Portanto, que o Superior seja o barro ou a soga, não dêem atenção a isso. Não exijam do Superior nem inteligência, nem virtude, nem juízo... Mas onde está, então, a garantia? Nosso Senhor nos mete num oceano ilimitado, sem costa, sob um céu sem estrelas; que será de nós? Aonde olhar para encontrar o porto? Vão, vão sempre, é isso ser religioso. Sejam homens decididos.

Mas isso é horroroso, isso é cruel... Sim, um religioso não é mais homem. E quando o Papa nos disse - a Padre Deshairs e a mim - : "Precisam de religiosos para suas missões e para suas obras, necessitam de homens de sacrifício usque ad effusionem sanguinis" (até o derramamento do sangue), os Senhores compreendem onde está o sacrifício, em que consiste o derramamento do sangue? Vou dizê-lo para os Senhores: na renúncia à nossa vontade. Primeiro e antes de mais nada, devemos dispor-nos usque ad effusionem propriae voluntatis (ao esvaziamento da vontade própria). Assim é que seremos verdadeiramente religiosos. Em que consiste o religioso? Na castidade? Mas todos os sacerdotes devem observar a castidade. Na pobreza? Mas aqui, em Troyes, numa cidade de 60 mil habitantes, há 30 a 40 mil pessoas que são mais pobres e sofrem mais da pobreza do que nós. A obediência, esta é a característica do religioso.

Não viemos aqui para sermos prefeito de disciplina, professor de literatura, monitor ou reitor; podíamos escolher essa carreira e éramos livres; mas não é essa a escolha que fizemos. Viemos para ser obedientes. Que nos coloquem aqui ou acolá, que nos mandem fazer isso ou aquilo, não tem importância. "Mas a minha obra vai se acabar..." O que interessa sua obra, uma vez que a obediência é observada? Que sua obra leve a breca!... Deus certamente saberá suscitar-lá, se o Senhor for verdadeiramente obediente.

---

---

---

## NONA PALESTRA

A OBEDIÊNCIA E A POBREZA**As recompensas da obediência. -**

Esta manhã só lhes esbocei o lado difícil da obediência: o sacrifício; esta noite quero mostrar-lhes as recompensas da obediência. Todos os mestres da vida religiosa deixaram-nos as mais belas considerações sobre as vantagens que ela proporciona. Os anais monásticos estão repletos de fatos milagrosos, de lendas graciosas que ilustram que Deus recompensa já aqui a obediência generosa e completa.

**As lendas monásticas. -**

Uma delas, por exemplo, é daquele religioso de São Bento que ficou surpreso pelo sinal, no fim da refeição; após ter cuidadosamente juntado na mão as migalhas da mesa, conforme as prescrições da Regra, não teve tempo, antes do sinal da oração de graças, para depositá-las sobre a beirada do seu prato. Segue seus irmãos à capela, guardando sempre as migalhas na mão. Em seguida, vai acusar-se de sua falta contra a Regra. Abre a mão: as migalhas se tinham transformado em preciosas pérolas que foram engastadas nos ornamentos da igreja.

Há a lenda do amarelo-ouro dos vitrais que todos os pintores de vidraças da Idade Média tinham procurado em vão. No século XVI, um monje vidraceiro, curvado sobre seu crisol, procurava descobrir esse segredo. O sino bate, o religioso sai. A cruz de prata que usava cai no cadinho, mas ele não pára a fim de retirá-la. Quando volta, já estava fundida, mas tinha colorido a mistura, e o amarelo-ouro estava descoberto.

Há ainda o caso daquele monge que desenhava uma vinheta de manuscrito: faltavam alguns riscos para terminar, mas o sino o chama, ele deixa tudo. Quando volta e retoma o pincel, a miniatura está terminada, mas ficou tão bonita que muitos queriam reproduzi-la.

**Ela dá paz. -**

É muito provável que esses milagres não se repetem para nós, mas teremos o que é melhor, o que o nosso Santo Fundador nos deseja e o que São Paulo prometeu aos Filipenses: a paz. "Et pax Dei, quae exsuperat omnem sensum, custodiat corda vestra et intelligentias vestras in Christo Jesus" (Fl 4,7) (A paz de Deus, que excede toda a compreensão, guardará os vossos corações e pensamentos, em Cristo Jesus). A paz de Deus que guarda o coração e a mente e cujo gozo excede toda a compreen-

são, essa paz de Deus guarda as idéias que iriam extraviar-se. Mandam-lhe fazer algo que fere o seu juízo próprio; a onda encrespada vem quebrar-se contra a rocha da obediência, deixe, a paz de Deus virá, tranquilizará e iluminará tudo.

**A pobreza: em que consiste. -**

Passemos agora ao segundo voto do religioso, a pobreza.

Pelo voto de pobreza, o religioso é como morto. É morto para o mundo e para os bens do mundo; não pode nem receber, nem dar, não tem propriedade.

A Igreja é muito rigorosa nesse particular das Constituições das Ordens religiosas, mesmo que seja necessário admitir, devido às leis civis, alguns atos exteriores de propriedade. Em nossas primeiras Constituições, tínhamos redigido, com o máximo cuidado, esta questão da pobreza religiosa. Devolveram-nos as Constituições acompanhadas de um capítulo escrito em latim a ser inserido no texto e que abordava todos os detalhes do voto de pobreza, mais rigorosamente do que nós tínhamos feito. O que nos apresentaram é o que a Igreja atualmente impõe a todas as Congregações que fazem voto de pobreza.

**A prática da pobreza. -**

Como praticar a pobreza? Primeiramente, abstendo-nos cuidadosamente de todo o ato de propriedade. Pecaríamos gravemente, se violássemos o nosso voto.

E, depois, sejamos pobres:

**Na comida. -**

Não temos mortificações extraordinárias a praticar. Nossa comida deve ser sadia e abundante.

Quando os Beneditinos do mosteiro Pierre-que-vire - eu soube deste detalhe por parte de um deles - apresentaram sua primeira Regra a Pio IX, este exclamou: "Mas essa Regra é feita para anjos e não para homens!" E ele mesmo suavizava os rigores excessivos impostos a esses homens que deviam dedicar-se à pregação. Tomem o alimento que lhes derem. Sejam fiéis à mortificação da Regra. Sempre coloquem um pouco de água no vinho. "Já tem água," poderão me dizer, mas não tenham medo de acrescentar mais um pouco. Se estiverem num banquete de gala e lhes servirem vinho de qualidade, misturar vinho seria ofender o anfitrião. Então não

misturem, mas mortifiquem-se um pouco de outra maneira.

#### **Na roupa. -**

A roupa seja asseada, mas não requintada. Haja simplicidade em todo o nosso exterior. O Rei Filipe de Espanha recebeu um dia em audiência um jovem religioso, vestido elegantemente, calçando sapatinhos baixos. Ele veio queixar-se diante do rei, porque um grande proprietário caçava nos matos do mosteiro, cortava as uvas e estragava as colheitas. "Sim, é muito malvado esse senhor, disse o rei, com certeza roubou também os curtumes dos Senhores e levou o couro. Perdão-lhe tudo, menos isto: não ter-lhe deixado o couro para terminar os calçados!" O religioso compreendeu a lição e foi embora envergonhado.

#### **Nos móveis. -**

Nos móveis da cela: haja uma cama, uma ou duas cadeiras, uma mesinha, uma estantezinha para pôr alguns livros, um crucifixo, algumas estampas piedosas, e isso seja tudo. O Padre Latour me disse que, na visita que acaba de fazer na Cartuxa Mor, o que mais o impressionou foi a pobreza dos móveis dos religiosos em suas celas.

#### **Em nossas construções e nossas casas. -**

Nas construções das casas: sejam todas constuídas a modo capuchinho. Tenhamos vergonha de morar em edifícios pomposos: nada de luxo. As salas de visita, o locutório, a tesouraria sejam um pouco mais decorados. De resto, basta continuarmos o que fizemos até agora, nesse sentido. Há algumas semanas, mostrei o "Pequeno Colégio" ao pai do Senhor Bellaing. Passando por um corredor, abri a porta de uma cela. O Senhor de Bellaing ajoelhou-se e me disse todo emocionado: "Esta é mesmo a cela de um religioso."

Peçamos o espírito de pobreza a Nosso Senhor Jesus Cristo. Tomemos a Sagrada Família como o nosso exemplo e seremos verdadeiros religiosos.

### **DÉCIMA PALESTRA**

#### **A CASTIDADE**

##### **Os limites do voto de castidade. -**

O voto de castidade é o nosso terceiro voto. Os limites estritos desse voto são os da castidade e da continência de todo o cristão. É

um duplo compromisso: Compromisso de estado, pois renunciámos ao casamento; compromisso de consciência, pois a gente se obriga a rejeitar todo o prazer proibido. E esse compromisso se agrega à obrigação já existente a partir do sexto e do nono mandamentos de Deus.

Não há Ordens religiosas sem o voto de castidade; nenhuma comunidade pode ser fundada sem esse voto.

**Os meios preventivos: antigamente e hoje. -**

Os antigos mestres da vida espiritual, as antigas Ordens religiosas recomendavam vivamente os meios rigorosos e preservativos. Esses meios, interpretando-os ao pé da letra, poderiam hoje representar um perigo. Antigamente eram bons, mas os tempos e os costumes mudaram. As precauções com que se rodeava a santa virtude da castidade parecem um pouco castelos fortificados da Idade Média, com todo o seu aparato de fossos que, de resto, nem sempre serviam para alguma coisa; pontes levadiças, correntes de ferro, seteiras, tudo isso servia mais a uma defesa imaginária do que real. O mesmo vale um pouco, em nossos dias, quanto às rigorosas precauções dos antigos. Compreendam-me bem. Naqueles tempos eram necessárias. Para conservar a santa virtude, a gente se separava do mundo, rompia com ele. Mas essa não é nossa maneira de agir. Regras rigorosas, traçadas anteriormente de modo inflexível, as precauções preventivas muito severas seriam - não é exagero - prejudiciais hoje em dia, devido ao contato quotidiano que os sacerdotes e religiosos têm com o mundo. São Tomás, de resto, ensina-nos que a graça de Deus não nos é dada neste momento para ocasiões futuras, quando dela precisarmos; a graça nunca é dada inutilmente.

**A primeira proteção: a humildade. -**

A grande precaução e a primeira defesa é a humildade. Esta obtém tudo de Deus; o orgulho tudo perde. De que nos orgulharíamos? De nossa santidade? Sabemos como estamos quanto a isso. De nossas capacidades, de nossa inteligência? Muitas vezes ouvi a Boa Madre dizer a Irmã Maria de Sales de Bellaing: "A Senhora tem recursos, Irmã; o diabo dispõe de tantos mais do que a Senhora." Deus não diminuiu a inteligência nem os recursos dele. Onde estás, Lúcifer, bela estrela que te levantas de manhã? Onde estás com tua bela inteligência, com tua autoridade suprema?

**Segunda proteção: fugir das ocasiões. -**

É preciso também evitar as ocasiões do pecado, mesmo as ocasiões remotas: não nos expor ao perigo, mas - mais uma vez - sem afeta-

ção. Pertencia à educação eclesiástica de tempos passados assumir uma atitude aterradora, olhar severamente, quando a gente se encontrava diante de senhoras. Isso é ridículo. E se as pessoas com quem se encontrarem forem maliciosas, isso poderia ocasionar insinuações bem negativas. Graças a Deus, hoje em dia quase não se faz mais assim. O nosso Santo Fundador quer que procedamos com muita simplicidade.

**Terceira proteção: o Diretório. -**

Depois, com o nosso Diretório, o que temos que temer? Não é a cada hora do dia que pensamos na morte? E o que há de mais eficaz contra uma tentação do que o pensamento na morte? "Cogitatio mortis refrigerit sicut cinis" (O pensamento na morte abafa o fogo como a cinza). O que temos que temer, munidos da reta intenção? Nós vamos onde os deveres do ministério sacerdotal, onde a obediência nos chamam. Não levamos o Salvador conosco? Acompanhados por ele, por que temermos?

**Modo de agir nas tentações e na dúvida: abertura diante do confessor. -**

Quanto às tentações presentes, referente a essas circunstâncias de que a gente duvida, na inquietação, será que se vai consultar os Teólogos e as Teologias, discutir e pesar a gravidade da falta provável? Não, vão logo confessar-se, não esperem oito, quinze dias... "Mas o meu confessor está ocupado; mas ele não me compreenderá...; ele será muito severo..." Não importa; é a única saída, a abertura simples e confiante, e Deus dará a solução. Quantas almas perderam graças de escol e até se perderam, porque não queriam abrir-se!

E se o seu confessor não compreender bem, tanto melhor! Tanto mais abundante será a graça, e Deus lhe dará diretamente o que o confessor deixou de lhe proporcionar.

De resto, por que tanta cogitação sobre a pessoa do nosso confessor? Será que temos fé? Quando vamos comungar, será que duvidamos da graça do Sacramento? Nossa fé é viva. E quando vamos confessar, deveríamos duvidar mais sobre a graça do Sacramento? Tanto num caso como nou- tro, não é Jesus Cristo que nos confere essa graça?...

Não tem muita importância quem é a pessoa que serve de interme- diária e quais são os meios que ela sugere.

---

## PRIMEIRA PALESTRA

### O RETIRO

#### **Necessidade do retiro. -**

Todos necessitamos do retiro. Precisamos dele como religiosos, como sacerdotes ou clérigos, como trabalhadores.

#### **1. Como religiosos. -**

A vida religiosa se caracteriza pela vida sobrenatural, e na união com Deus. O religioso não deve prender-se às coisas da terra, mas deve santificar, sobrenaturalizar tudo o que é terrestre. Escutem São Paulo: "Nostra autem conversatio in coelis est" (Fl 3,20) (Somos cidadãos do céu). 'Conversatio', nossa convivência, isto é, nossos hábitos, nossa maneira de viver, nossa vida inteira. Temos que elevar-nos acima dos pensamentos, dos afetos, das aspirações terrenas. Ora, até o próprio ar que respiramos está viciado. Satanás está metido aí. Em nossas leituras, em nosso relacionamento com o mundo, em tudo o que enxergamos e ouvimos, encontramos o mal, descobrimos o diabo.

Os Hebreus, longe do Egito, reunidos ao pé do Sinai, ouviram a voz de Deus e receberam a Lei. É o que nós, religiosos, devemos fazer nestes dias de retiro, neste ambiente sobrenatural no qual escutamos a voz e as ordens de Deus.

#### **2. Como sacerdotes ou clérigos. -**

Jesus foi sacerdote e vítima ao mesmo tempo, "sacerdos et victima", e se nós somos verdadeiramente sacerdotes, temos que ser vítimas também. O sacerdote não atinge as almas e não as salva senão através da cruz, como Jesus não as salvou a não ser pelo sacrifício e o sofrimento. O sacerdote deve ser vítima de forma toda especial. Quando ele oferece o sacrifício no altar, deve ofertar-se como vítima de uma maneira peculiar, por razões singulares: não basta para ele ter a parte da imolação que todos os cristãos têm com e para os quais ele oferece o sacrifício. Nós devemos fazer, como diz o nosso Santo Fundador, isto é, oferecer-nos com Jesus Cristo, assim como ele, ou seja, tanto quanto ele, com tanto

abandono e tanta generosidade quanto ele se ofereceu. São sob essa condição, nossas obras serão sacerdotais e fecundas.

Pois bem, o sacrifício está bem presente durante o retiro. Ele é penoso. Estamos fora do nosso ritmo de vida, afastados de nossas ocupações e de nosso esquema costumeiro. Enfrentemos com coragem esse incômodo.

### **3. Como trabalhadores. -**

"Vinde vós, sozinhos, a um lugar deserto," diz-nos o Salvador, "e descansai um pouco" (Mc 6,31). Já faz um ano que suportamos o peso do dia e o calor do sol, "portavimus pondus diei et aestus" (Mt 20,12), independente das nossas tarefas no meio das crianças e dos jovens. Primeiramente viemos buscar o descanso. É o denário que merecemos por nossa luta e labuta: "Acceperunt singulos denarios" (Mt 20,9). O que é esse denário e o que se deve entender por ele? Os Santos Padres deram muitas interpretações diversas. Atenhamo-nos à de São Tomás, no seu comentário sobre Mateus. O denário é uma moeda redonda, não é uma peça de ouro ou de prata trabalhada, nem um lingote cunhado; o denário, diz ele, é completo, não lhe falta nada. O patrão o entregou a todos os seus trabalhadores, aos da sétima hora como aos da décima primeira. Cada um recebeu o seu denário, "acceperunt singulos denarios"; a cada um o seu denário pessoal, o denário que tinha merecido; cada um recebeu não o mesmo denário, o mesmo valor, mas cada um recebeu sua recompensa conforme seus méritos. Cada um de nós receberá também o seu denário durante este retiro: será completo, conforme tivermos merecido; será a nossa recompensa.

---

### **Com coragem apesar dos problemas. -**

Comecem o retiro com coragem. Não terão nenhum conforto talvez, e seu denário lhes parecerá o peso de chumbo do Profeta, talentum plumbi (Zc 5,7.8). Quase todas as santas almas que conheci de mais perto não tinham consolações nos retiros. Isso não quer dizer que, se os Senhores não têm consolações, devem considerar-se grandes santos... Deus pode afastar-se de uma alma durante o retiro por duas razões: seja porque a alma é infiel, está de má vontade e fora do seu caminho (isso não se aplica a ninguém dos Senhores), seja porque Deus quer experimentá-los. Então, sustentem corajosamente essa provação.

### **Rezar à Madre Maria de Sales. -**

Rezemos, durante o retiro, a nossos santos Protetores, para que nos ajudem, sobretudo à Madre Maria de Sales. Não vou procurar longe o assunto de minhas palestras. O meu coração ficou repleto com o que ela

me disse; no próprio coração é que procurarei minhas palavras e meu ensinamento. Depois de ser, durante trinta e cinco anos, testemunho de uma vida totalmente consagrada a Deus e às almas, sem consideração para si mesma, sem auto-satisfação, posso seguir tranquilamente essa alma e escutá-la com confiança. Fixemos o olhar nela, fitemos o Salvador, e, então, como afirma o nosso santo Fundador, seremos semelhantes a águias que pregam os olhos no sol; elas têm força nas garras e nas asas; arrebatam e levam tudo para o céu.

## SEGUNDA PALESTRA

### A OBRA DOS OBLATOS

#### **O retiro - O relógio de São Francisco de Sales. -**

Nosso bem-aventurado Fundador diz que, para funcionar bem, precisa-se dar corda a um relógio todas as semanas e ele deve ser limpo por completo todos os anos. Cada semana é necessário levantar os pesos e uma vez por ano o relógio deve ser entregue a um profissional caprichoso para desmontá-lo peça por peça, limpar cada engrenagem, os pínos, o escape, o balanceiro, facilitando assim o andamento geral do mecanismo, ao aplicar umas gotinhas de óleo lubrificante. Só assim o relógio terá um funcionamento normal. Se o relojoeiro não for cuidadoso, não executando bem o serviço de limpeza, o mecanismo estará logo enguiçado. O relógio, afirma o nosso santo Fundador, é a nossa alma. Levantamos os pesos pela confissão semanal; realizamos a limpeza total da máquina pelo retiro.

No primeiro dia do retiro, importa suscitar o silêncio na alma, afastar as preocupações, tranquilizar o espírito. Mas, a partir do segundo dia, convém examinar as engrenagens e limpá-las, prevenindo-se contra o que poderia estragar o mecanismo. Para tanto basta seguirmos, passo a passo, o Diretório, ver, uma por uma, nossas obrigações particulares, os deveres sacerdotais... Estamos em família, e estou bem à vontade diante dos Senhores. Bem posso contar-lhes o que me aconteceu. Eu queria preparar este retiro com todo o cuidado. Diversos dias passei consultando São Tomás, a Bíblia, o nosso santo Fundador, que sei eu? Eu vinha amontoando livros... além disso, é esse um tipo de estudo que eu gosto de fazer. Mas não pude aprontar nada. Ontem passei o dia todo numa situação insuportável, um desgosto, uma incapacidade física, que me im-

pedia de dedicar-me à preparação de qualquer coisa.

**Padre Chaveton e a Boa Madre. -**

Eu estava na Visitação de Paris. O confessor, o Padre Chaveton, me disse: "A Madre Maria de Sales me pregou uma peça." E contou-me esta história que a Boa Madre depois confirmou. Uma Irmã queria fazer uma confissão geral. Já tinha feito diversas. O Padre consente, ainda que julgasse essa confissão de pouca utilidade, devido aos escrúpulos da freira. Estabeleceu-se o dia para começar; devia haver várias sessões. A Irmã avisa a Boa Madre que não lhe responde muita coisa, mesmo que essa história a contrariasse bastante. Mas a Boa Madre diz ao Bom Deus na meditação: "Eis esta Irmã que sempre quer fazer confissões gerais e eis o Padre que consente nisso, perturbando essa consciência e a das outras Irmãs que vão querer imitá-la. Tomai-os pela goela os dois e impedi-os de realizar essa confissão geral..." No dia em que a Irmã devia começar, ficou atacada de um problema de garganta que a impediu de ir confessar-se, e o Padre Chaveton, por sua vez, teve que ficar vários dias em casa, por motivo da mesma doença... Parece-me que coisa idêntica está me acontecendo e que o Bom Deus e a Boa Madre de Sales me seguram pela garganta para impedir-me de dizer o que queria dizer e obrigar-me a dizer-lhes outras coisas que serão mais de acordo com os desígnios de Deus.

Isso não é um exemplo a imitar para nossos pregadores de retiros.

Compreendam bem o que eu disse ontem. Precisamos do espírito próprio; é imperativo que tenhamos um feitio distinto entre os ornamentos arquitetônicos da Jerusalém celeste.

**A Boa Madre, inspirada por Deus. -**

Quando me lembro da Boa Madre Maria de Sales a trabalhar dia e noite, durante cinquenta anos de sua vida para fundar uma coisa, quando a vejo preparar, com tanta dificuldade, todos os elementos daquilo que era sua obra, envolvendo toda a sua vida e quando eu lhe perguntava então: "Qual será, pois, essa obra, como se apresentará exteriormente, de que maneira se realizará?", ela respondia: "Não sei nada disso. Deus escolheu ao Senhor para saber isso. O Senhor fará o que ele disser...." Esta é uma maneira de agir humana? Não é uma prova da inspiração totalmente divina da Boa Madre?

**A Obra dos Oblatos - Reproduzir Nosso Senhor sobre a terra. -**

Qual é o espírito dessa obra, em que consiste? O que a distingue de outras obras? Não viemos fazer de novo o que já existia na história nem ressuscitar as Ordens religiosas de outrora. Não é nossa tarefa reproduzir os Dominicanos, os Franciscanos, nem tampouco os sacerdotes de Santo Inácio de Loyola. Não somos os sacerdotes do Sagrado Coração. Sem dúvida, a devoção ao Sagrado Coração é uma grande devoção deste século; é ela que tem operado todo o bem deste século. Inspirou tantas Congregações e Associações sacerdotais: os sacerdotes dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, os sacerdotes de Picpus, a festa do Sagrado Coração. Em Roma, na oportunidade de minhas viagens, quase não via nenhum altar onde não estivesse exposta uma imagem do Sagrado Coração, a tal ponto essa devoção é universal. A Madre Maria de Sales amava muito o Sagrado Coração; mas a devoção ao Sagrado coração não era propriamente a sua obra.

Qual era, então, essa obra?

O culto de toda a pessoa do Salvador e não somente do seu Sagrado Coração. A pessoa do Salvador é atacada hoje em dia, negando-se a existência desta pessoa divina. Não é a isso que tendem praticamente os esforços dos Maçons? Há sessenta anos, atacavam o Sagrado Coração, caçoavam Margarida de Alacoque; hoje a gente não zomba mais do Sagrado Coração, mas se ataca diretamente o próprio Salvador, querendo destruí-lo. O que faremos nós, portanto, nós que Deus envia à frente dessa nova necessidade da Igreja? Empenhar-nos-emos por fazer o Salvador viver de novo, por reproduzi-lo, por acompanhá-lo e agir com ele, fazendo-o viver em nós e por nós, em todas as nossas ações. "Ver-se-á o Salvador andar pelo mundo ainda," diz a Madre Maria de Sales. O que há de mais indiferente do que a ação de andar?... É isso o que é necessário que o Salvador faça para nós. É o culto de amor e de ação. A obra da Madre Maria de Sales é o inverso dos ataques feitos diretamente contra a pessoa do Salvador. E quem previa que era contra isso que se dirigiriam as investidas do inimigo, quando Deus o revelava à Boa Madre há sessenta anos?

**A influência da vida da Boa Madre. -**

A isso é que tendiam os escritos dela e todas as palavras. É essa a quinta-essência de toda a sua doutrina. De toda a parte ela era consultada; estava em contato com uma quantidade de personalidades emi-

nentes. Infelizmente, era obedecida por demais: queimaram boa parte de suas cartas. Diversos bispos a consultavam. O cardeal Morlot, arcebispo de Paris, os arcebispos de Paris, os bispos de Troyes: Dom des Hons, Dom Debelley, Dom Coeur..., esse pobre bispo que tinha que lutar contra sua primeira educação e contra uma grande parte do seu clero. Ele escreveu à Boa Madre: "Só à porta da Visitação encontro a paz e a calma." A mim mesmo ele escreveu: "A Visitação é a aristocracia do Céu. Lá são tratadas as coisas mais divinas e celestiais..."

Disponho de muitas outros testemunho; até testemunho muito eloquentes de Papas, mas não vou citá-los. Como a causa da beatificação da Madre Maria de Sales está pendente, importa ser prudente ao elogiar para não dar a impressão de antecipar o julgamento de uma causa que deve ser julgada canonicamente.

#### **O exame de consciência do retiro. -**

Os Senhores precisam dar continuidade a seu exame, procurar descobrir suas faltas, suas infidelidades, mas não se limitar a isso, procurar também a causa, a origem dessas faltas: o amor próprio, o seu temperamento... é mais fácil lutar, prevenir, quando se sabe donde surge o mal.

#### **O Diretório: meio para executar a nossa obra. -**

Vimos de passagem a obra que nos toca cumprir. Quais os meios a empregar? Temos um só, o Diretório, esse livrinho que parece tão insignificante e que é tão pouco compreendido.

Perguntaram à Boa Madre Maria de Sales: "Por que não encontramos em nossos confessores e nossos Superiores o que encontramos junto à Senhora, junto à Superiora?" "Nossos confessores," respondeu ela, "por mais santos e sábios que sejam, não praticam o Diretório. Leram-no, talvez o apreciem muito, mas não o põem em prática..."

Mas o Diretório é demasiadamente minucioso e estreito, é bom para senhoras!... Sim, é bom para mulheres, e para homens também. O Diretório era praticado por São Francisco de Sales que o observava toda a sua vida e, graças a esse Diretório, chegou a um elevado grau de união com Deus e de santidade.

Compreendam bem o que o Diretório deve ser para nós. Deve envolver e atingir toda a nossa vida, nossos dias e nossos minutos, todas as nossas atividades.

#### **Para nós, substituí as austeridades. -**

As Ordens penitentes, os Carmelitas têm grandes austeridades;

sacrificam o corpo, mas não têm - como se expressam - uma faixa na testa como as Visitandinas, isto é, têm maior liberdade de pensar e de agir. Os Trapistas, de vida austera, têm uma liberdade bem maior do que a que nos permite o Diretório, que, sim, absorve tudo... Leva-nos a fazer atos de caridade perfeita. Assumir a idéia do Diretório o que significa isso? É levar Jesus Cristo consigo, assumir os pensamentos e o amor dele, fazê-lo agir em nosso lugar, é morrer em nós mesmos, nunca comprazer-nos em nós mesmos, a exemplo do Salvador: "Christus non sibi placuit" (Rm 15,3) (Cristo não procurou sua própria satisfação). Consiste em fazer um ato de amor, um ato de caridade perfeita, é realizar todas essas ações, passar toda a vida num ato de caridade perfeita.

#### **É a santidade. -**

É isso o Diretório. É a santidade maior, é a santificação mais eficaz da alma que morre à natureza, vivendo só para Deus, no amor perfeito a ele. É a lei de Deus, é o Evangelho, é toda a religião e a santidade. Pratiquemos bem o Diretório. "Os que forem fiéis ao Caminho, dizia a Madre Maria de Sales, ocuparão moradas inesperadas no Coração de Deus." Leio no Apocalipse (2,17) que a alma fiel vem estender a mão após o combate para receber uma pedrinha branca, "calculus candidum", na qual está escrito um novo nome, o nome do que Deus é para ela, isto é, sua recompensa, seu estado definitivo. Em que consistirá, para a alma fiel ao Diretório, essa pedrinha branca com esse "nomen novum scriptum, quod nemo scit, nisi qui accipit? (novo nome que ninguém conhece, exceto aquele que a recebe)..."

Será que é muito difícil ser santo com o Diretório? Não! Observemo-lo de toda a boa vontade.

#### **O pároco de Ars e o seu Diretório. -**

O Pároco de Ars, que era, pois, um homem tão santo, será que era dotado de um espírito e de um caráter extraordinários? No seminário era considerado uma pessoa muito limitada. Vemos que ele tinha um caráter um tanto indeciso: ele abandona o serviço militar, deixa a sua paróquia... Mas o Pároco de Ars tinha, sim, seu diretório em que tinha se agarrado de todo o coração, era a presença de Deus e a união com ele contínuas... Será que nós temos a fé, temos nós o amor a Deus como o Pároco de Ars? Procuremos nós também apegar-nos ao nosso Diretório. Esta fé que teremos em nosso Diretório nos tornará a alma capaz das coisas maiores.

#### **O ímã e os resultados obtidos pelo Diretório. -**

Os Senhores sabem o que é um ímã - é um exemplo que a Boa Madre nunca aproveitou, pois não sabia nada de Física, mas que corresponde bem às suas idéias. Tomem um ímã com a capacidade de cem kilos. Ao sustentar esse peso limite, acrescentam, pouco a pouco, limalha, acrescentem sempre um tantinho mais... Procedendo suavemente, a gente conseguirá, sem que se desprenda, dobrar o peso, triplicá-lo, torná-lo cinco ou seis vezes maior. Por quê? Agiu-se, pois, suavemente, pouco a pouco, em pequenas porções. A vontade dos Senhores, indubitavelmente, não é forte; empreguem-na toda à medida do possível, depois aumentem, acrescentem pouco a pouco, gradualmente, e chegarão a resultados consideráveis. Avancem com suavidade, mas vão sempre generosamente.

#### QUARTA PALESTRA

##### O AMOR AO DIRETÓRIO

##### **O retiro - tempo de crise. -**

Animem-se em meio às dificuldades e aos sofrimentos do retiro. Este se realiza muitas vezes acompanhado de padecimentos: é a caminhada dos Israelitas no deserto antes de chegar à Terra Prometida. O retiro é um tempo de crise, e quem diz crise diz sofrimento, esforço.

Já lhes falei sobre a fé que deveriam ter no Diretório; é o Evangelho, é a religião e a santificação, é um ato, é uma série de atos e toda uma vida de caridade perfeita, de amor a Deus. A fé não é suficiente; é preciso o amor.

Há duas espécies de amor: o afetivo e o efetivo.

##### **O amor afetivo e efetivo do Diretório. -**

Se Deus lhes der o amor afetivo, se ele semear algumas flores no início de sua vida religiosa, recolham-nas agradecidos. Não se deve descuidar nem desprezar nada. Mais tarde, porém, virão os problemas e as dificuldades. É essa a porção, nossa cruz, nossa vocação. Então o amor ao Diretório quase só será efetivo, isto é, presente em nossa vontade, sem experimentarmos gosto, atração ou conforto. Apliquem-se ao Diretório, a essa renúncia de todos os instantes. "Christus non sibi placuit" (Rm 15,3) (Cristo não procurou sua própria satisfação). Nossa vida também é assim. Não descuidemos nada, por mais insignificante que nos pare-

ça ser.

**As renúncias diárias. -**

Na hora da meditação, poderíamos tomar uma posição mais cômoda, fiquemos de joelhos. No refeitório, se algo não nos agrada, tomemos cuidado para não agir segundo o nosso gosto ou manifestá-lo. Essas são as pequenas renúncias que provam o nosso amor ao Diretório e que levam a tornar-nos verdadeiros religiosos.

**Modéstia exterior: São Francisco de Sales. -**

Esse amor ao Diretório se manifestará em nossa atitude exterior, no nosso modo de andar, na maneira de agir. Os Senhores conhecem a história do bispo de Belley, que tinha furado a divisória e observava como São Francisco de Sales se comportava. Ainda que estivesse sozinho, Francisco mantinha a mesma postura, cuidava-se como se milhares de pessoas tivessem fixado os olhos nele.

**Deixemos Deus agir em nós. -**

Conservemos cuidadosamente, meus caros Amigos, a nossa pequenez: nada de modos humanos. Não lemos jornais, não fazemos política. Deixamos os mortos sepultarem seus mortos, e os cegos conduzirem os cegos. Deixemos Deus agir em nós e por nós. Assim realizaremos muito mais do que atuando humanamente...

Não devemos esquecer os Santos durante o nosso retiro. Hoje é a festa de São Bernardo, padroeiro do Colégio, e também um pouco da Congregação.

**São Bernardo. -**

Ele é desta região. Passou a maior parte de sua vida perto daqui, em Claraval, que naquele tempo pertencia à diocese de Troyes. Mas ele é nosso, particularmente pelo espírito. Nenhum santo foi tão parecido com São Francisco de Sales. É o mesmo espírito, o mesmo coração, o mesmo culto a Nosso Senhor e à Nossa Senhora, a mesma linguagem... o mesmo estilo. Não falava a mesma língua, mas a diferença é pouca, mínima.

O Sumo Pontífice (Pio IX), declarando tanto São Bernardo quanto São Francisco de Sales Doutores da Igreja, com pouco intervalo, parece ter querido pô-los no mesmo nível e apresentar um testemunho a mais da semelhança dos dois.

Leiam São Bernardo. Ele tem páginas deliciosas. Num colóquio com os noviços: "O que vieram procurar no claro vale (Claraval), o que

vieram ver? Um canião agitado pelo vento? (Ele era extremamente fraco e magro.) Oh! não. Afinal, sim, para isso vieram ver Bernardo, não por causa dele, sem dúvida, mas porque Bernardo recebeu para vocês, da Virgem Maria, muitas coisas e porque deve esmigalhar-lhes o pão celeste, para vocês, pobres passarinhos da floresta..."

#### **Santa Joana de Chantal. -**

Esta tarde cantaram-se as Vésperas da Santa Joana de Chantal. As Constituições que nos remeteram de Roma, há algumas semanas e que a Propaganda mandou imprimir, dizem que temos que conformar-nos aos ensinamentos de São Francisco de Sales e aos de Santa Joana de Chantal. Fiquei muito feliz com esse acréscimo. Santa Joana de Chantal também nos foi dada como mestra e doutora.

Santa Joana de Chantal quer bem aos Senhores. Ela suplicava a São Francisco de Sales, durante os últimos anos de sua vida, que fundasse uma Congregação de sacerdotes. "Podia-se começar aqui," disse ela - estava em Paris - "Seria uma coisa muito útil para a Igreja." São Francisco de Sales respondeu: "Todo mundo me diz: 'Por que se ocupa com moças? Por que não funda uma associação sacerdotal?' Eu confio à Senhora, Madre: os homens do lado de cá das montanhas são demasiadamente raciocinadores. Se eu pudesse dispor só da vontade deles, sem o seu eterno raciocinar, eu experimentaria o empreendimento..."

#### **A bênção de São Francisco de Sales ao falecer e a profecia de um Padre Jesuíta. -**

No leito da morte, o sacerdote que assistia Francisco de Sales lhe pergunta: "O Senhor quer abençoar a sua Congregação?" - "Qual?", perguntou o santo. "O Instituto das Irmãs da Visitação de Maria." Após um momento de silêncio, disse: "Qui coepit opus ipse perficiet, perficiet, perficiet..." (Quem começou a obra, ele mesmo completará, completará, completará...) Crescerá, aumentará, e se desenvolverá... Após essa tríplice bênção, o santo se concentrou em oração... O que foi que ele viu? O que pediu a Deus? Quem sabe, perguntou um Padre Jesuíta, o Padre Caussin, alguns anos mais tarde, no prefácio de um livro muito interessante sobre São Francisco de Sales. Quem sabe, se, em virtude dessa tríplice bênção, não veremos três Ordens diferentes surgirem desse ramo abençoado: a Ordem da Visitação, depois essa Ordem intermediária de religiosas que, vivendo no mundo e levando aquela vida mais exterior que o santo pretendia originalmente, e - enfim - uma Congregação de sacerdo-

tes inspirados no espírito do santo bispo de Genebra.

#### **A aparição de Santa Joana de Chantal. -**

Não quero apresentar-me como vidente..., mas posso afirmar que, no momento em que estava para começar a fundação dos Oblatos, a Boa Mãre me perguntou, se eu não achava que uma viagem a Annecy, ao túmulo de São Francisco de Sales, ia me ajudar e animar. Cheguei na igreja da Visitação. Estava em obras, tudo estava cheio de andaimes e de cascalho; nem pude chegar perto do túmulo do Santo. Bastante aborrecido com esse contratempo, ajoelhei no meio da estuca e poeira para realizar minha romaria da maneira melhor possível. Vi, então, diante de mim Santa Joana de Chantal que avançava, estendendo-me os braços, tendo no rosto uma expressão de alegria indizível... Na volta, relatei a minha viagem à Boa Mãre sem mencionar esse fato. "Isso é tudo o que aconteceu?", ela perguntou. "Não houve mais nada?" - "O que a Senhora quer que me tenha acontecido ainda?", eu lhe respondi e mudei de assunto. Ela voltou à carga nos dias seguintes. Acabei reconhecendo o que me tinha acontecido. "Mas, Boa Mãre, acrescentei, era mesmo verdade isso? Não poderia ser imaginação?" - "Responda o Senhor mesmo, se era imaginação!... O Senhor pode afirmar isso?..."

### **QUINTA PALESTRA**

#### **A OBEDIÊNCIA**

A obediência: toda a vida religiosa se baseia nela. Por isso quero falar-lhes, ainda esta noite, sobre a obediência.

**"Os Oblatos de São Francisco de Sales," assim rezam as Constituições, "obedecerão ao Santo Padre, o Papa, ao Superior Geral, aos Superiores provinciais e locais."**

Toda a vida religiosa se alicerça na obediência. Toda a Bíblia insiste na obediência.

#### **Adão e Abraão. -**

Adão é expulso do Paraíso terrestre porque desobedeceu. A Redenção, que veio reparar a queda, resume-se num grande ato de obediência. Abraão obedece a Deus, imolando o seu filho Isaac, obediência heroica, contra a natureza, contra todos os sentimentos, contra toda a razão; a recompensa desse ato é o surgimento do povo de Deus.

E reparem quanta delicadeza, quanta generosidade Deus exige na obediência!

**Moisés e Saul. -**

Moisés hesitou um momento ao bater na rocha: "Perambularás durante quarenta anos no deserto e morrerás à porta da Terra Prometida" (cf. Nm 20,8-12; 27, 12-14; Dt 32, 49-52). Saul (não era um religioso) esperava o profeta para oferecer um sacrifício ao Senhor. O tempo urgia, o inimigo estava para começar o ataque e o Profeta não vinha. Saul começa o sacrifício; Samuel chega: "Porque desobedeceste, Deus se retirou de ti e de tua raça e eis que irá transferir para um outro tua coroa e teu reino" (1 Rs 13,5-14; 15, 1-26).

**Os Recabitas. -**

Os Recabitas praticavam uma obediência excessiva (Jr 35). Quando um deles cometera alguma falta contra a obediência, era expulso da vida comunitária, vivendo separado, atrás de uma cerca, até expiar sua falta.

Isso é Bíblia. E todo o Evangelho se reduz a um ato de obediência...

**A Madre Paulina Serafina. -**

Quando assumi como capelão na Visitação, tinha vinte e três anos; perguntei à Madre Paula Serafina, Superiora naquela época: "Quais as virtudes que convém recomendar às suas religiosas?" - "Oh! na Visitação, não temos virtudes... No entanto, se tivéssemos uma, seria a obediência. Pregue-nos a obediência, porque tudo se resume nela, todas as virtudes que Deus nos pede se encontram ali..."

**Tudo, atualmente, vai de encontro à obediência. -**

É duro, penoso, O espírito moderno, os jornais, a educação, tudo contraria a obediência. Desfaçam a sua vontade; farão um milagre e Deus fará milagres, se for necessário, para recompensar o heroísmo da obediência dos Senhores.

**São Froberto e a mãe. -**

Perto daqui, em Montier-la-Celle, havia um jovem noviço chamado Froberto. Era obediente à toda a prova, era de uma obediência que não raciocinava, que avançava de olhos fechados. "Por favor, busque-me a molária," diz-lhe o Mestre de Noviços. - A molária era um pequeno compasso munido de uma roseta; mas molária também se chamava a mãe para moer trigo. - Froberto sai; encontra a mãe e, convencido que era isso que lhe foi pedido, carrega-a no ombro, por mais pesada que fosse, sem raciocinar,

sem medir suas forças e a leva à cela do Mestre de Noviços assombrado...Imaginem os Senhores fazendo nestes dias uma coisa destas para o Padre Rollin!...

#### **São Mauro. -**

Ainda existe a história de São Mauro. Ele também noviço ainda, sai correndo para São Bento: "O Irmão Plácido caiu no açude, está se afogando!" - "Vá tirá-lo," lhe manda São Bento. E Mauro a caminhar sobre a água, num ato de obediência heróica, retira seu coirmão (Leitura do Breviário do dia 10 de janeiro).

#### **A Boa Madre e a moeda de cinco francos. -**

A Boa Madre Maria de Sales também queria uma obediência absoluta. Um pobretão chegou um dia no locutório. Ela manda uma das suas noviças, a atual Madre Maria de Sales de Bellaing, falar com ele. O pobre homem estava indo para Nancy e não tinha um tostão. Ele explica a situação à noviça que fica impressionada. Ela tinha trazido uma fortuna, entrando no mosteiro. Ela procura a Boa Madre: "Se a Senhora me permitisse, Boa Madre, daria uma esmola a esse homem." - "O que quer dar para ele? O que tem ainda à disposição? Não é tão pobre quanto ele?... Se o Bom Deus quer mandar-lhe alguma coisa para dar de esmola àquele pobre, vá ver, suba à sala de visita em cima." A religiosa sobe e encontra, no meio da peça, uma moeda de cinco francos que leva ao pobre.

Obedeçam os Senhores também, meus caros Amigos; sejam obedientes independente do seu juízo; se for preciso, sejam heróicos.

### **SEXTA PALESTRA**

#### **AS QUALIDADES DA OBEDIÊNCIA**

##### **Os sofrimentos do retiro. -**

O retiro não deve cansá-los. "Sustinete Dominum" (Aguardem o Senhor).

No cemitério de Gênes, li este epitáfio: "Só levo o que dei e sofri."

Continuemos a falar sobre a obediência. A Boa Madre tinha muita devoção por estas palavras do salmista: "Vias tuas demonstra mihi et semitas tuas edoce me" (Sl 24,4) (Mostra-me teus caminhos, ensina-me tuas veredas). Repetia-as freqüentemente.

Nossas Constituições rezam que devemos **obedecer ao nosso Santo**

**Padre, o Papa, ao Superior Geral e aos Superiores provinciais e locais do piedoso Instituto".**

#### **Obediência ao Papa. -**

Ao nosso Santo Padre, o Papa. Devemos ser os servos e os filhos submissos do Papa e da Igreja, não somente em assuntos obrigatórios e na fé, mas também nas questões de que sabemos que a Igreja ou o Sumo Pontífice, o Papa, as deseja. A Boa Madre Maria de Sales tinha uma profunda veneração pela Igreja e pelo Sumo Pontífice. Ela foi uma das forças motrizes da volta da França para a liturgia romana; esse é um fato que constará na história. Ela teve uma influência decisiva na diocese de Troyes e esta diocese foi a primeira da França que voltou para a liturgia romana.

Sejamos fiéis na reza devota da oração "pro Papa" (pelo Papa). Rezemos freqüentemente ao Anjo da guarda do Sumo Pontífice para que o proteja e inspire, lembrando-nos do que Leão XIII nos pediu, a saber, sermos homens de sacrifício "usque ad effusionem sanguinis" (até o derramamento do sangue).

#### **Obediência ao Superior Geral. -**

A obediência ao Sumo Pontífice não nos será difícil; o mesmo vale quanto à obediência ao Superior Geral. Não é problemático obedecer-lhe. Ele não sujeita o nosso juízo a provas muito drásticas e, se há uma reclamação que se pode fazer-lhe, discretamente - evidente - mas de forma muito significativa e bem clara, é a de tomar demasiadamente precauções na maneira de dar ordens.

#### **Obediência aos Superiores Locais. -**

A obediência aos Superiores provinciais, quando houver, também custará pouco; estarão longe. Mas quanto aos Superiores locais, a situação é bem diferente. Viver lado a lado continuamente, ter um Superior que não agrada, que não se destaca, um Superior que não vale um tostão e obedecer-lhe continua e completamente, submetendo-lhe o juízo especialmente, isso que é difícil. Ora, meus caros Amigos, eu declaro que é humanamente impossível. De minha parte, eu não o conseguiria nunca: silenciar o meu juízo diante da opinião de um outro, nunca! Oh! para isso é preciso uma ajuda especial de Deus. A não ser tratando-se de um bonachão, muito ingênuo, para não dizer bem estúpido..., é um milagre. Mas é imprescindível que esse milagre aconteça. Sim, é necessário submeter não somente a vontade - isso é evidente, e ninguém recusa sua vontade - mas

é preciso também submeter o juízo, cortar rente, não raciocinar, oferecer tudo isso ao Bom Deus e ir reto, de cabeça inclinada, de olhos fechados: isto é o que me é mandado, isto é o que executo, porque me é mandado. Nem discutam, na tentativa de combinar a ordem recebida com o juízo pessoal. Mais vale irem de olhos fechados, e correrão menos risco. Obediência cega, obediência drástica e sem considerações. Estão dispostos a fazer tudo isso?

#### **A Irmã Marta Elisabete e a imagem de São José. -**

Havia na Visitação uma Irmã muito inteligente, a Irmã Marta Elisabete. Acabaram de trazer uma imagem de São José, e a comunidade a admirava: "Oh! como é bonito! Oh! como é devoto!... Que expressão no rosto!..." Apareceu a Irmã Marta Elisabete que não pôde conter sua primeira impressão: "Mas, Madre, foram procurar o maior malandro da cidade de Troyes para fazer a sua imagem!" A observação era tão acertada quanto maldosa. Mas a Superiora quis dar uma lição à religiosa tão agarrada ao seu juízo próprio: "Muito bem, Irmã, já que este São José não lhe agrada, a Senhora irá fazer um outro mais bonito para nós. Vá buscar terra perto do poço e a Senhora fará uma outra imagem... A pobre Irmã obedece como pode e, depois de terminar, apresenta a imagem: "Vá colocar isso agora no nicho da escada e, como deve dar um bom exemplo à comunidade, quando ela tiver que passar por lá, a Senhora vá sempre à frente e se ponha de joelhos diante do seu São José, enquanto a comunidade passar." A Irmã obedece e a penitência durou bastante tempo. Dom de Hons um dia foi testemunha e perguntou o que significava isso. Mandou-se chamar a Irmã Marta Elisabete que contou humildemente sua história. "Madre," diz Dom de Hons, "já não me admiro mais de que a Senhora está formando santas!"

#### **Pronta obediência. -**

A Regra pede largar, ao primeiro sinal da campainha, uma letra semi-acabada. Essa é a medida da prontidão que se nos solicita.

#### **Obediência cordial. -**

Enfrentar de bom ânimo qualquer obediência. Não pedir a um Superior o que um outro recusou sem informar sobre a recusa. Dedicar-se de bom grado à execução minuciosa das mínimas prescrições da Regra.

## SÉTIMA PALESTRA

### A OBEDIÊNCIA À GRAÇA

#### **A Irmã Maria Genoveva e Dom de Ségur. -**

Suportemos com muita coragem todas as dificuldades do retiro. Sempre digo a mesma coisa, mas sei por experiência que é assim que Deus nos conduz pelos retiros.

A Irmã Maria Genoveva estava sempre desolada durante seus retiros: ficava vazia, mesmo sendo muito santa; eu tinha tanta confiança nela quanto na Boa Madre. Ela me fez algumas profecias que se realizaram todas, e, a exemplo dos antigos profetas, suas predições eram duplas. A primeira se realizava após alguns dias e servia de garantia para aquela que devia se realizar mais tarde. Todas as Irmãs a estimavam muito. Dom de Ségur tinha grande confiança nela; ele veio visitá-la, porque estava convencido de que, na presença dela, conseguiria muito. - "Pois bem, Irmã," disse-lhe um dia, "o Bom Deus lhe dá grandes graças; o que é que ele está lhe dando agora? Diga-me alguma coisa sobre ele." - "Sim, Senhor Bispo, o Bom Deus me concede às vezes umas graças, mas agora ele me está dando absolutamente nada, e eu não sei nada. Além disso, sou uma ignorante que nem sabe ler..." Isso foi tudo o que Dom de Ségur conseguiu da Irmã Maria Genoveva.

#### **As últimas promessas da Boa Madres aos Oblatos. -**

Estou-lhes falando sobre tudo um pouco. É que estou ainda sob o impacto de uma profunda emoção. Há nove anos, pois, exatamente neste dia e nesta hora, administrei os Sacramentos dos enfermos à Boa Madre Maria de Sales. Escutem as palavras que ela me disse naquele momento: "O Senhor ficará sozinho para carregar o peso; esteja certo de que o ajudarei, que não o deixarei, que rezarei pelo Senhor. Aconteça o que acontecer, quando tudo parecer perdido, não se desanime. Esteja certo de que é a vontade de Deus que os Oblatos existam, que sejam fundados. Ele se servirá deles para suscitar grandes conseqüências em todo o mundo. Será como se o Salvador estivesse vivendo na terra; ver-se-á a atuação dele, a gente o verá agindo."

O tempo que lhe sobrou de vida, isto é, durante quase dois meses, ela passou só vivendo para os Oblatos, sofria para eles, pensava só neles. E o que ela me dizia naquele momento me consolou muito. Suas palavras se realizaram e haverão de realizar-se ainda, tenho certeza dis-

so. Rezemos, portanto, a essa Boa Madre, para que nos faça compreender a obediência que ela praticava com tanta fidelidade.

#### **A obediência da Boa Madre no Noviciado. -**

A obediência, a precisão de obedecer era a sua vida. A Mestra de noviças testemunhou sobre ela: "Percebia-se a obediência dela que ia além da ordem dada." Nunca, sob pretexto algum, ela quis se afastar da Regra, das Constituições, de todas as obediências que lhe foram dadas. Para ela, conforme suas próprias palavras, a obediência era Deus que vinha visitá-la.

#### **A Graça e a Eucaristia. -**

"Se se soubesse," afirmava ela, "o que acontece quando Deus manda uma graça, quando o Verbo age com o Pai para conceder uma graça, que grande e divina operação! A Eucaristia é grande! É algo mais divino ainda que essa ação do Verbo com o Pai. Oh! se se compreendesse isso, a gente se abismaria ao vê-lo. Aceitar a graça é como comungar. Na Comunhão Deus se dá a nós... O Verbo se entrega a nós ao recebermos uma graça; é uma espécie de união que se estabelece entre ele e nós..." Lanço essa citação com todas as reservas da minha parte, pois não quero ser chamado herético. Essas coisas são difíceis de compreender, sobretudo para os mais jovens; mas Deus nos dá a compreensão.

#### **A delicadeza da Boa Madre na obediência. -**

Essa estima da Boa Madre Maria de Sales perante a obediência tornava-a admiravelmente sensível. Pode-se dizer que ela tinha uma verdadeira devoção perante a obediência; a mínima insubordinação de juízo lhe pesava no coração a tal ponto que pedia para confessar imediatamente, porque - dizia ela - "eu não poderia ficar neste estado em relação ao Bom Deus".

#### **São Bernardo e os discípulos. -**

Hoje de manhã li uma passagem de São Bernardo que me impressionou profundamente. Ele gostava muito de sair para pregar e rezar a Santa Missa em São Denis, perto de Paris. Lá ia às escolas e falava às crianças, que gostavam muito dele. Num dia que ele tinha convertido diversas pessoas à vida religiosa, disse-lhes que o seguissem até Paris para buscar outros religiosos. Os discípulos o seguiram, estranhando que ele, depois de sair de Paris, voltava ali para procurar adeptos. Entraram na cidade, percorreram algumas ruas e, de repente, viram três sacerdotes que vinham ao seu encontro. São Bernardo se dirige a eles, dizendo: "Eu sou Padre Bernardo; Deus é que me mandou procurá-los!" Esses sacerdotes

o seguiram imediatamente e contaram que, durante a Missa, lhes tinha surgido a idéia de serem religiosos e que, tendo-se comunicado mutuamente, reconheceram nisso uma ordem de Deus e se encaminharam para encontrar Bernardo.

Tenhamos nós essa fidelidade delicada perante as ordens, diante das íntimas sugestões de Deus.

**Dom Lachat. -**

Um santo bispo, Dom Lachat, de Bâle, há algum tempo, pediu-me conselho sobre um caso delicado. Tratava-se de um chamado à vida religiosa. - "O Senhor tem experiência nessas questões," dizia-me, "o que pensa que se deve fazer?" - "Talvez fosse necessário esperar e deixar tempo ao tempo," respondi eu. - "Ah!," respondeu ele, "mas se Deus se manifestou a essa alma, quem sou eu para postergar as ordens de Deus?..."

Essa resposta me impressionou muito e compreendi melhor a delicadeza da fidelidade à graça.

**A primeira Missa assistida por Teresa de Chappuis. -**

Quem nos dará essa delicadeza na fidelidade? Onde a Boa Madre aprendera esse segredo? Tinha quatro anos, e era no período da Revolução. Devia-se rezar uma Missa durante a noite, às escondidas, na casa do pai. A menina notou os preparativos e perguntava; nunca tinha ouvido falar sobre Missa e pediu, com tanta insistência, para participar que consentiram, contando com a discrição dela. Deus revelou-se à menina, ela compreendeu tudo, aprendeu tudo o que ela soube depois sobre Deus Pai, sobre Nosso Senhor Jesus Cristo, sobre a Santa Missa, sobre os mistérios da religião. Mais tarde não aprendeu mais nada de ninguém sobre esses assuntos. Peçamos nós também a Deus que ele mesmo nos instrua.

## OITAVA PALESTRA

### A POBREZA

**Sua finalidade: tornar-nos parecidos com Nosso Senhor. -**

A pobreza não tem só como finalidade afastar-nos das distrações, do apego aos bens da terra; seu escopo principal é de unir-nos com Deus; devemos conformar-nos a Nosso Senhor Jesus Cristo; Deus e Nosso Senhor se comunicam aos que não estão apegados a nada.

**A pobreza no Antigo Testamento. -**

A pobreza como Nosso Senhor a praticava não é instituição evangélica; era praticada na terra antes de Jesus Cristo. Os profetas eram pobres. Saul, à procura das jumentas do seu pai, disse: "Não tenho pão, não tenho um dinheiro que possa oferecer ao homem de Deus" (cf. 1 Sm 9,7). Samuel, pois, recebia esmolas. E Elias... - "Qual a aparência do homem que disse essas coisas?", perguntou o rei de Israel. - "Ele está vestido de pele de animais, usa barba comprida, toda a sua figura exala a pobreza." - "É ele, que seja morto!..." Daniel e os jovens hebreus viviam na pobreza mais estrita na corte de Nabucadonosor (Dn 1,5-12). Os recabitas moravam em barracas e sua alimentação era das mais austeras (Jr 35). Os filhos dos profetas se alimentavam de pratos rústicos. Um dia, quando o encarregado da cozinha não tinha nada para pôr na panela, colheu uma espécie de pepino que encontrou na roça. Na hora da refeição, os convivas, ao comê-lo, acharam-no tão amargo que pensaram que estavam sendo envenenados: "Mors in olla!" (A morte está na panela.) Mas Eliseu correu aos seus gritos e tirou a amargura da comida, acrescentando um pouco de farinha (4 Rs 4,40). Era, portanto, o espírito de pobreza que formava os profetas. A recompensa dessa pobreza era o dom dos milagres.

#### **São João Batista. -**

São João Batista praticava a pobreza no deserto. Usava roupa de pêlos de camelo e só comia gafanhotos e mel silvestre.

#### **Nosso Senhor. -**

Nosso Senhor Jesus Cristo foi o mais pobre entre os filhos dos homens. Nascido num estábulo, se criou na casa de Nazaré; os anjos transportaram essa casa a Loreto para que pudéssemos avaliar a pobreza de Nosso Senhor. Durante sua vida pública, ele podia dizer: "As raposas têm tocas; as aves do céu têm ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça" (Mt 8,20; Lc 9,58). Quando parava em Cafarnaum, era numa casa emprestada.

#### **Os Santos. -**

Os santos seguiram esse exemplo. São Paulo fabricava esteiras para ganhar a sua vida. Santo Agostinho praticava a pobreza na vida comunitária.

#### **São Francisco de Sales. -**

O nosso Santo Fundador praticava a pobreza. A Santa Joana de Chantal, que lhe trouxe uma batina nova, ele disse: "Mas a Senhora está-me tratando como se eu fosse rico, não sei o que fazer com duas bati-

nas, usando uma só cada dois anos. Quando os pobres vinham pedir-lhe que rezasse a Missa na intenção deles, recebia com alegria o que lhe davam e colocava respeitosamente as nozes e castanhas deles nas dobras do seu sobrepeliz, porque era o óbulo dos pobres.

#### **As Ordens religiosas. -**

Todas as Ordens religiosas têm praticado a pobreza. Os Franciscanos, com seus hábitos toscos remendados, têm sido os apóstolos da pobreza.

#### **O monge e o remendo de pano. -**

Um monge, narra Rodriguez, que tinha rasgado sua roupa, costurou nela um lindo pedaço de pano novo. Ele se agradou admirando a obra de arte que tinha feito. À noite notou um macaco horrível de feio que lambia a peça de pano, como se fosse muito gostosa e saborosa para ele.

#### **O Príncipe de Hohenlohe. -**

O príncipe de Hohenlohe, o taumaturgo de nosso século, vivia de maneira muito pobre no meio das riquezas e é a esse espírito de pobreza, certamente, que ele deve o dom dos milagres, dessas curas admiráveis que o fizeram tão popular. Ele e a Boa Madre se apreciavam e se entendiam muito bem.

#### **A Boa Madre. -**

Ela gostava muito da pobreza. Praticava-a, às vezes, muito austeramente, em Metz, aonde foi enviada como religiosa bem jovem e onde ficou doente em consequência das privações. Mas ela tinha ali consolações muito grandes e visitas admiráveis do Bom Deus.

#### **A recompensa da pobreza: o amor. -**

A recompensa da pobreza era antigamente o dom de milagres; atualmente é a união com Deus, o amor.

#### **São Francisco de Assis. -**

O grande santo, Francisco de Assis, amava muitíssimo a bela virtude da pobreza. Ele a escolheu como a sua senhora e a exaltava cantando: "Santa e gloriosa esposa de minha alma, eu te saúdo. Vejo-te com o Salvador sobre o madeiro da cruz, só tu não o abandonaste naquela hora em que todo mundo o abandonou..." Ele cantou assim no monte Alverne, e um Serafim crucificado desceu do Céu e imprimiu-lhe na carne os estigmas da Paixão.

#### **Santa Teresa. -**

Santa Teresa disse a suas filhas: "Deus nos amará à medida que ficarmos pobres. Tenhamos prazer em usar o nosso hábito grosseiro; quei-

ramos bem as nossas celas onde sô temos palha para dormir; amemos nosso refeitório onde sô temos a mortificação como prato preferido; estimemos o nosso crucifixo em que Jesus está pregado." O grande luxo dos religiosos é a pobreza.

#### **Nos móveis - A Cartuxa de Bosserville. -**

Vão visitar os Cartuxos. Estive diversas vezes na Cartuxa de Bosserville. Cada cela é grande, é verdade, quase do tamanho de uma residência paroquial; há várias repartições, uma peça para trabalhos, um refeitório, nas proporções como a metade desta capela, um oratório... Tudo isso é zelado com cuidado e asseio, mas tudo manifesta vivamente a maior pobreza; um colchão cheio de pontas, dois cobertores, algumas tábuas: eis a cama; um mocho para sentar-se. Num canto, um genuflexório com uma cadeira para confessar, uma mesinha de trabalho...

#### **O Príncipe espanhol. -**

Encontrei lá um príncipe espanhol, primo da rainha da Espanha. "Ele é preguiçoso," disse-me o Prior, "é necessário humilhá-lo. Não quer acostumar-se a falar latim. Fale-lhe em latim e diga-lhe algo mortificante." - "Mas a mortificação será para mim, porque quase não tenho o costume de falar latim." Perguntei-lhe, então, em latim o que fazia o seu pai. - "Ministro da Fazenda," respondeu-me. O Prior começou a repreendê-lo: "Sua cela está muito suja; a gente fica envergonhado ao visitá-la." Ele se pôs de joelhos e beijou humildemente a orla do hábito do Prior. Sua vassoura estava pendurada abaixo do crucifixo, miserável vassourinha meio gasta. Diante desses dois objetos o assistente tinha lhe ordenado fazer a meditação sobre a pobreza. No dia seguinte, o Prior levou-me na cela dele novamente. O pobre príncipe suava para valer para aplainar com couro de foca uma ripa velha de pinheiro carunchoso. "Está perdendo tempo. Por que está fazendo isso?", perguntou o Prior. O assistente lhe tinha mandado fazer uma cruz disso para colocá-lo em cima da parede do seu jardim.

No dia seguinte, na Missa do Mestre de Noviços, reencontrei o meu príncipe; ele tinha boa aparência com seu hábito de Cartuxo. Vi o Prior que o repreendia mais uma vez. Após a Missa, prostrou-se ao comprimento no coro. "O que, então, fez este pobre príncipe agora?", perguntei ao Prior. - "Olhe, certamente umas dez vezes lhe mostrei a maneira de apresentar as galhetas, e ele não quer fazê-lo como convém..."

#### **Os três irmãos. -**

No mesmo mosteiro havia três irmãos. Vieram avisar, um dia, o

Prior que três jovens estavam à porta, pedindo falar com ele. - "Mandem-nos embora," disse o Prior. Sem desanimar-se, eles insistem. "Dêem a cada um um pedaço de pão," disse o Prior. Eles não desacorçoam. - "Não estamos pedindo esmola," disseram, " pedimos para ser religiosos." Finalmente a gente os deixou entrar. - "Quem são vocês?" - "Somos irmãos." - "Vocês são preguiçosos! Por que não ficaram com seu pai para ajudá-lo?" Os três irmãos se jogam de joelhos e suplicam ao Prior que fique com eles. - "Mas o que querem fazer aqui?" - "Dê-nos os serviços mais difíceis e mais repugnantes." - "Serão atendidos a gosto." De fato, o mais velho recebeu serviço na lavanderia; o segundo fazia queijo. Encontrei o terceiro, carregando estrume. "O que faz normalmente?", perguntei-lhe. "Oh! nem sempre carrego esterco; tenho uma tarefa bem mais importante, eu..." Não quero dizer o resto... Olhem, esses são verdadeiros religiosos, isso é o verdadeiro espírito de pobreza.

#### **As Celas. -**

Procuremos, portanto, situar esse espírito de pobreza em nossa vida. Nossas celas sejam pobres: uma pobre cama, uma mesinha, uma cadeira rústica, alguns livros de que cuidamos ao máximo, já que não nos pertencem.

#### **A Roupas. -**

A nossa roupa tenha algo que não nos serve muito bem, que nos incomoda um pouco, conquanto ninguém o perceba. Nada nos deve diferenciar exteriormente. Devemos praticar a mortificação sem ter a consolação das Ordens religiosas nas quais ela é observada publicamente. É um prazer que nos é recusado. Existe, pois, a satisfação da austeridade e da pobreza. Os jovens Capuchinhos de Annecy têm como suprema recompensa - depois de comportar-se bem - comer, nas sextas-feiras, o prato dos Padres - e que refeição! - ou andar a pé descalso nos domingos do inverno.

#### **O asseio e a ordem. -**

O asseio se combina muito bem com a pobreza. Padre Lacordaire - eu acho - disse: "Nosso Senhor amava os pobres, mas não os imundos."

Santa Joana de Chantal disse: "A cela vazia atrai o Salvador; se ela estiver atulhada de coisas, não há lugar para ele."

#### **A Boa Madre. -**

A Boa Madre Maria de Sales praticava ao máximo o espírito de pobreza. Na hora de sua chegada na Visitação de Troyes, deu uma bela lição para as Irmãs que se tinham esforçado em encerrar o parque para prestar-lhe homenagem.

No seu leito de morte, ela estava sem desejo, sem preocupação, toda obediente nas mãos das que a cuidavam, não recusando nada e não pedindo nada. Notou-se, após sua morte, que a pele de suas costas estava tão machucada que ficou presa no lençol de sua cama; nunca tinha se queixado disso.

#### **A Procissão de Vorbourg. -**

Começara muito cedo a praticar a pobreza. Tinha dezesseis ou dezoito anos. Tinham-lhe comprado, como também para suas irmãs, um vestido bonito de fustão vermelho. Era o dia da romaria à Nossa Senhora de Vorbourg, e Teresa Chappuis, radiante com seu vestido novo, ia fazer parte da procissão. Uma jovem vizinha pobre a observava com ávidos olhares. A roupa da Teresa era tão bonita! "Tenho certeza que a minha roupa serve bem para ti," disse Teresa para sua amiga. "Temos tempo, quer experimentá-la? Como tu ficarias bonita com a minha roupa!" Leva a moça ao seu quarto, faz com que esta vista o vestido de fustão, enquanto ela põe sua roupa comum. "Mas vem chegando a procissão! Vamos ligeiro; não temos mais tempo." E ela arrasta a sua amiga, tão satisfeita por seu ato de renúncia quanto a outra pelo vestido de fustão vermelho. Tentam repreendê-la por motivo do seu traje mais que modesto. - "Oh! mas estou tão bem e tão à vontade com esta roupa, e minha amiga está tão contente!..."

#### **As Colherinhas. -**

Deus a favorecia com grandes luzes em matéria de pobreza, e ela era rigorosa quanto à fidelidade delicada que exigia dela. Quando estava em Paris, um médico lhe receitou um remédio corrosivo que não se podia tomar por meio de uma colher de metal. A Irmã Ecônoma pediu para uma senhora amiga do mosteiro que procurasse uma colher de osso para a Boa Mãe. A senhora, que era muito rica, julgou por bem comprar uma meia dúzia de colherinhas de marfim trabalhadas com capricho e delicadamente cinzeladas. Realizada a sua aquisição, ela as levou toda orgulhosa para a Boa Mãe. A Mãe Maria de Sales tinha um gosto perfeito; lançou um olhar de complacência sobre as colherinhas e não pôde deixar de admirá-las um pouco. Mas, à noite, no dia seguinte e o dia depois, o Salvador não se manifestou mais; nada durante a Comunhão. E a pobre Mãe, desolada, perguntava-se a causa de um tamanho abandono. No fim de três dias, o Salvador voltou. - "Por que me deixastes, Senhor?" - "Vai olhar tuas colherinhas!..." Nunca mais se viram as lindas colherinhas de marfim, e não se ouvia mais falar nelas.

## DÉCIMA PALESTRA

### A POBREZA E A CASTIDADE

#### **Nossos Padres na margem do Rio Orange e a Pobreza.**

Ontem lhes falei sobre a pobreza e disse que nós quase não podemos praticá-la como os outros religiosos. Mas na comunidade há membros que a praticam de forma heróica, ou seja, os nossos Padres do Cabo. Padre Bécoulet me escreveu um diário com muitos pormenores. Quanto à alimentação, nada de vinho a não ser para a Missa, mas água salobra; nem sempre farinha de trigo e quando existe, sempre misturado com farelo. É um banquete, quando conseguem matar e preparar uma espécie de lebre, parecida com rato ou porquinho da Índia, cuja carne é muito forte. De vez em quando matam uma perdiz, mas são magras e secas; eu disse para as Irmãs não assá-las, mas cozinhá-las no arroz. Experimentaram, mas o prato todo ficou com um gosto bem ruim. No entanto, a gente o comeu animadamente igual, dizendo: "Nosso Padre disse que é bom assim mesmo!" Muitas vezes pernoitam na sua carruagem ou numa barraca; durante a noite e de madrugada, passam frio, não tendo roupa suficiente, e a que têm virou farrapos. Sem dúvida, não há por que orgulhar-se, pois lá vivem só hontotes; mesmo assim é preciso vestir-se!

O trabalho deles é muito pesado. "Cozinho tijolos" escreve Padre Bécoulet, "e os transporto bem longe para utilizá-los. É um serviço pesado, e às vezes paro esgotado, dizendo: "Meu Deus, fazei que meus pecados não sejam tão pesados quanto meus tijolos!"

Nosso Santo Fundador nos recomenda pensar nas austeridades dos Padres do deserto. Venerado Padre, peço licença para não pensar mais nos Padres do deserto, mas em nossos Padres do Cabo, tão edificantes, tão corajosos. O Superior do Seminário Maior, o Padre Liniers, disse-me há algumas semanas: "Oh! os Senhores têm uma Missão, uma bênção para sua Congregação!..."

Uma palavra sobre o voto de castidade.

#### **A castidade: mortificação dos prazeres do espírito. -**

Pelo voto de castidade, comprometemo-nos a não contrair matrimônio. Mas, para um verdadeiro religioso, isso deve ir mais longe. Obrigamo-nos a privar-nos de todas as satisfações puramente sensuais, ainda

que fossem permitidas às pessoas do mundo. Mortificações dos olhos: nada de coisas raras, curiosas em nossa cela. Evitemos as satisfações puramente literárias, os círculos literários a título de distração. Atualmente quase não existem mais, mas, quando era jovem, vi alguns. Na época de Dom de Hons, esses letrados eram convidados para assistir aos nossos exames; chegavam com suas bengalas de castão dourado; eles nos interessavam muitíssimo. Tinham seguido Virgílio passo a passo e o próprio Homero na Itália e na Grécia; conheciam todas as sinuosidades das margens cantadas por esses poetas. São prazeres proibidos para nós.

#### **Os prazeres do corpo. -**

Se esses deleites do espírito nos são proibidos, com tanto mais razão devemos interditar-nos os prazeres corporais.

#### **A Tentação: recorrer a Deus. -**

O que fazer durante a tentação? Invocar Jesus, Maria e José. Exclamar a Deus: "Deus, in adiutorium meum intende." (Deus, vem em meu auxílio.) E daí, ficar tranquilo. Será que é necessário, diante da ocasião do pecado, tomar uma atitude afetada, revirar os olhos?... Não, em nossas leituras, em nossos estudos, quando formos obrigados a enfrentar o mal, façamos como os médicos numa época de peste ou de cólera: reze-mos, não envolvamos o coração e purifiquemo-nos imediatamente pela oração.

#### **Modéstia nos olhares e na postura. -**

Sejamos modestos nos olhares; vejamos sem olhar, como dizia o nosso Santo Fundador. Nosso olhar seja simples e reflita a paz e a tranquilidade de nossa alma. Evitemos sobretudo ser ridículos; evitemos tudo o que pode chamar a atenção, quando estamos na presença de mulheres; evitemos aquelas precauções exageradas dos autores antigos. São Francisco de Sales, Santa Joana de Chantal não querem que seus filhos sejam ridículos. A castidade como a humildade e a mortificação não devem ser ostentadas, mostradas para fora. Quando a gente banca o virtuoso, Deus se retira como diante do orgulho e da presunção; e, sem a ajuda divina, a gente cai bem fundo.

Domine, salva nos, perimus (Mt 8,25) (Senhor, salva-nos, estamos perecendo). São Pedro não confiava na vela, no seu remo, no seu conhecimento das baixias em que podia encalhar, mas chamava Nosso Senhor para socorrê-lo. É só dele, de fato, que vêm a ajuda e a força.

#### **Todo o ano, de retiro. -**

Nosso retiro terminou; é o momento de recolher os frutos. Con-

tinuaremos este retiro no silêncio de nossa alma, durante todo o ano. Nos momentos de angústia, lembremo-nos dos nossos propósitos: isso nos fortalecerá. Uns vão renovar os votos, outros preparar-se-ão para fazê-los em breve. Rezemos ao Bom Deus que venha ajudar a todos nós.

**Recolhimento. -**

O sopro de Deus passou sobre nós durante o retiro. Deixemo-lo passar também durante o ano; escutemo-lo. Pratiquemos o recolhimento interior, ou seja, a vida interior com Nosso Senhor.

**A reta intenção. -**

O grande meio para conservar-se recolhidos é sermos fiéis ao Diretório, particularmente ao artigo da reta intenção, ou seja, tomar, antes de cada ação, a mão do Salvador, para que ele faça conosco o que temos que fazer...

**PRIMEIRA PALESTRA****O RETIRO**

Para realizar bem um retiro importante como este, duas coisas são necessárias: reparar as faltas do passado e preparar o futuro.

**Reparar as infidelidades. -**

Importa reparar as faltas do ano passado. O que há, pois, para reparar? Nossas faltas contra a Regra, a observância, nossas infidelidades à graça da vocação, todas essas falhas que, teologicamente falando, não parecem tão grandes, mas que para nós são de importância essencial.

**Os Apóstolos consertando suas redes. -**

Quando Nosso Senhor foi ver os seus Apóstolos na Galiléia, nas margens do lago de Tiberíades, encontrou-os consertando as redes: "Reficientes retia sua" (Mt 4,21). Também nós temos redes para consertar e, enquanto estivermos consertando-as, Nosso Senhor virá nos visitar. Nossas redes são nossa Regra, nossa observância é o Diretório, o capricho em nossas obrigações. Por meio de suas redes é que os Apóstolos se sustentavam; e, sem a nossa rede, como nos alimentaríamos? Sendo que não somos religiosos só para nós, mas também para outros, se a nossa rede estiver em mau estado, se as malhas estiverem rotas ou frouxas, a rede não corresponderá mais à sua finalidade, e falharemos em nosso empreendimento. O primeiro encontro de Nosso Senhor com os Apóstolos deu-se, quando eles estavam consertando as redes; consertemos as nossas; revise-mo-las para que não falte nenhuma malha, nenhum cordãozinho, para que a rede seja totalmente inteira e não deixe escapar nada. Enquanto isso Jesus virá ao nosso encontro. Quanto assunto temos para nosso retiro! Quantas malhas frouxas, corridas, furadas! Somos pescadores, pescadores de homens, todos, mesmo que não estejamos todos envolvidos da mesma forma nesse ministério. Todos colaboramos nisso. Todo mundo a bordo tem sua incumbência, e ainda que nem todos tenham o comando ou segurem o timão, todos os que trabalham contribuem para a rota certa da embarcação. Fiquemos de olho na malha que nos foi entregue, com a qual seremos pescadores de homens; sem isso trabalharemos à toa, seremos como os Apóstolos

sem a presença do Salvador: "per totam noctem laborantes nihil coepimus" (Lc 5,5) (trabalhamos a noite inteira sem nada apanhar).

#### **Reparar os pecados. -**

Pois é essa a grande ocupação do retiro: reparar as faltas quanto à vida religiosa e as faltas também da vida cristã. Não temos sido isentos de pecados neste ano. Precisa-se tomar a lâmpada de que fala o profeta Jeremias, a lâmpada que se acende no santuário, que ilumina de verdade e por completo; é necessário perscrutar seriamente a alma, não de uma maneira vaga e geral; "scrutabor Jesusalem in lucernis" (Sf 1,12) (esquadrinharei Jerusalém com lanternas). Precisamos nos dar conta das nossas tendências, das ocasiões das nossas faltas e da natureza delas.

#### **Reparar as faltas referentes aos deveres para com as almas. -**

Reparemos também no que diz respeito a nossas obrigações eclesiásticas e sacerdotais. Quando São Lourenço encontrou seu pai na fê e no amor a Deus, o Papa São Sixto, que estava partindo para o martírio, o que lhe disse? - "Que é isso, pai? Estais indo sozinho, subindo ao altar sem vosso ministro, sem vosso diácono? Será que tínheis o costume de oferecer sem mim o Corpo e o Sangue do Salvador?" - "Meu filho," responde o santo mártir, "eu não estou indo sozinho; o sacrifício está apenas começando, durará três dias. Haverá o sacrifício da manhã e o da tarde. Um combate mais glorioso ainda o está esperando." E nós, queridos Amigos, como o diácono e mais ainda do que ele, recebemos a missão de alcançar às almas o Corpo e o Sangue do Senhor. Temos estado sempre preparados para o sacrifício? Temos pesado sempre nas mãos a importância do Sangue do Salvador? Temos tido sempre o devido respeito para com o Sangue do Salvador? A incumbência celeste não impressiona? Não pensamos nisso e cometemos muitas infidelidades. Uma quantidade de futilidades nos envolveram. Durante o retiro, precisamos dar-nos conta dos motivos, das ocasiões, dessas negligências que nos levam a tantas falhas no exercício do nosso santo ministério.

#### **Preparar o futuro. -**

Temos que preparar-nos para o ano que vem. Depois de meditarmos sobre as tendências de nossa alma, após pensar em nossas infidelidades, depois de deplorar e acusar as nossas faltas no Santo tribunal, é necessário que nos preparemos para as lutas e os combates vindouros a fim de resistir energicamente.

### **Os Gladiadores no Coliseu. -**

Em Roma pode-se ver, perto das arenas do Coliseu, banheiras de pedra, colocadas em meio a subestruturas frias e úmidas. Enchiam essas banheiras com água gelada e submergiam-se os gladiadores antes da luta para sobreexcitá-los e aumentar-lhes a força e o vigor. Naturalmente aquela imersão não lhes era muito agradável e se precisava de coragem para passar de uma temperatura elevada ao frio e à umidade da banheira. Façamos o mesmo. Como preparar-nos? Precisamos de três coisas: saber, querer, poder.

### **Saber. -**

É necessário saber; é mister sabermos todas as nossas obrigações, todas as intenções de Deus para conosco; durante o retiro é que aprendemos isso. Mas nossas obrigações já as conhecemos. O Diretório, as palestras que nos são feitas, nossas meditações pessoais no-las revelam. Nós as conhecemos bem, estamos perfeita e completamente a par. Não! Não estão a par! Releiam o Diretório atentamente e na presença de Deus; vejam se não há uma quantidade de coisas que os Senhores relaxam. E no exercício do santo ministério, será que dispomos daquela verdadeira luz que brilha em nós mesmos e que nos faz conhecer a alma que se dirige a nós, revelando-nos suas faltas, suas necessidades e a atitude a tomar para com ela? Quem pode nos dar isso a não ser o próprio Deus? E Deus só o dá aos bons e santos religiosos. Temos uma luz como a de que fala o profeta Isaías, uma luzinha imperceptível que não tem a força de afastar a densidade das trevas, "in caliginoso loco" ("P 1,19) (em lugar escuro). Só será suficiente para fazer-nos andar e para guiar-nos no caminho de Deus. Somos como aqueles de quem fala a Sagrada Escritura: *terrena sapientes*" (Fl 3,19) (pensando no que está sobre a terra) e pretendemos conhecer as coisas de Deus! Chamo sua atenção particularmente a esse ponto. Somos devedores à Igreja de Deus da aplicação do Sangue de Jesus Cristo, de sua dispensação nas almas pela graça. E onde ficaremos sabendo dos meios para fazer isso a não ser no retiro? Quando estarão suficientemente a sós com Deus para compreender essas coisas e receber a luz de Deus senão durante o retiro? Os sacerdotes e aqueles dentre os Senhores que estão destinados a receber as Ordens peçam a Deus a luz e a graça para saber e compreender.

### **Querer. -**

Saber não é tudo; é preciso querer. Importa aproveitar o retiro

para fortalecer a vontade através de boas e generosas resoluções. Viram claramente, perscrutaram, com a luz nas mãos, cada dobra do seu coração; queiram agora realizar tudo o que, conforme viram, lhes resta a realizar; queiram-no por bons e generosos propósitos, não indefinidos e vagos. Não se assemelhem com aquele homem, de quem fala São Jacó, que bate com sua bengala as águas do mar sem se perguntar, se isso adianta alguma coisa. Para emendar-se no caminho da vida, é preciso querê-lo durante o retiro: devem fixar e marcar os pontos aos quais pretendem dirigir a reforma. Se sua vontade não está firme e decidida durante o retiro, nunca hão de conseguir. Se não arrancam de passo firme, no caminho deste ano, não chegarão a nada a não ser a juntar poeira nos seus sapatos. É preciso querer, é imprescindível exercitar-se no querer. Esse exercício da vontade certamente é bonito, é o que há de mais pessoal. A graça de Deus nos vem de fora, a inteligência não nos é inerente, Deus é que no-la dá, mas a vontade é propriamente nossa. Exercemo-la, portanto, generosamente. Jesus se encontra na Horta das Oliveiras. O que faz? Qual é o seu trabalho, o esforço que o esgota? É o querer. Ele repete: "Pai, se é possível" (Mt 26,39). Coloquemos essa vontade aos pés do Salvador, com as lágrimas do Getsêmani e façamos uma boa paragem no Horto das Oliveiras durante o retiro. Nossos joelhos deixem aí uma marca profunda na rocha. Nada, nenhuma dificuldade consiga abalar-nos. Exercitemo-nos na aceitação da vontade de Deus.

#### **Poder. -**

É preciso, pois, querer. Necessário também é poder. Mas como se faz para poder bem? É este, meus Amigos, o meio infalível: os Senhores têm o regulamento do retiro, com seus diversos exercícios, o Diretório, a direção que terei que indicar-lhes: haec est via (este é o caminho); façam isso. É um ato; e o resultado de um ato é dar o poder de realizar outros atos. Façam bem o retiro e o ano será bom. Cumpram com esse esquema e farão grandes progressos.

#### **São Sebastião e a criança. -**

Enquanto Sebastião ia ao suplício, uma criança começou a gritar-lhe: "Coragem, mártir de Cristo, tua vontade pertence a Deus e a tua coroa está no Céu!" E o Santo avançou fortalecido por essa palavra e pela graça de Deus; ia oferecer-se às flechas que transpassaram o seu corpo; ia dar o seu sangue e devolver sua alma a Deus. Certamente não foi naquele momento que Deus aceitou o seu sacrifício; o seu combate supremo

devia haver mais tarde. Mas, desde já, Sebastião deu todo o seu ser a Deus. Façam como São Sebastião, avancem com coragem.

Os passos que dermos conduzem a Deus, levam para a glória e a coroa, encaminham para o Céu. O retiro é agora. Sejam corajosos, façamos todos os passos, sigamos todas as voltas do caminho, chegaremos ao destino; tenhamos confiança, se nossa vontade pertence a Deus como a de São Sebastião. Deus nos dará a sua ajuda no dia em que nos tocar sofrer; teremos, então, coragem suprema. Teremos sido fiéis a Deus ao longo do caminho e ele também nos será fiel.

Portanto, meus queridos Amigos, eu os convido a realizar com muita fidelidade e bem pontualmente todos os exercícios do retiro. Esses exercícios não serão por demais difíceis. Distanciaremos as palestras de todos os dias, marcando-as para as 9 e as 18 horas, dando-lhes a oportunidade de ir a Foicy, meditando e rezando, mas sem falar, sozinhos, levando o Bom Deus consigo como os fiéis levavam o Bom Deus nos tempos das perseguições. Serão fiéis também ao Ofício comum. Não quero que essa liberdade venha em prejuízo dos exercícios gerais. Talvez se possa rezar as Vésperas à uma e meia; as pequenas horas, durante a manhã e as Matutinas à noite. Os exercícios gerais a gente sempre os tem que fazer em comum.

O Salvador estará com os Senhores. Do alto do Céu, a nossa santa protetora vigiará sobre o nosso retiro. É o dia da festa de nossa santa mãe, ela nos alcançará grandes graças. Os Senhores sabem quanto ela desejava a realização da nossa obra e quanta insistência fazia junto ao nosso Santo Fundador. Por sinal, falar-lhes-ei sobre isso à noite. Contemos com a poderosa proteção dela.

## SEGUNDA PALESTRA

### A OBEDIÊNCIA - A TEORIA

**A importância do retiro: reação contra o enfraquecimento generalizado. -**

O retiro deste ano é muito importante. Mais do que nunca estamos frente a um futuro incerto: nada em nossa volta parece estável e seguro. Uma mesma corrente arrasta povos e indivíduos num mesmo espírito inconstante. Um abatimento enorme se formou nas almas; não é mais como antigamente. Não só a manifestação exterior da fé parou, mas também a

prática pessoal de cada um. Atualmente, considerando o conjunto dos religiosos, não encontraremos cristãos tão completos como havia há um ou dois séculos. Será que, como afirma o Apóstolo, a graça de Deus se reduziu? Não, mas a determinação da vontade diminuiu.

**A obediência, condição essencial de toda a criatura. -**

Esta noite falaremos sobre um assunto sério: o voto de obediência. A obediência é a condição essencial de todas as criaturas. Não preciso fazer-lhes um discurso filosófico sobre isso. Mas por que existe a matéria? E por que muda ou altera sua forma? Ela faz isso conforme as ordens recebidas do Criador. Toda a matéria obedece. A ciência não é outra coisa senão o conhecimento da obediência da matéria. A matéria obedece cegamente, não se pode esquivar da obediência. Essa obediência para ela é tão conseqüente, tão completa que, quando ela parece fazer uma exceção, é porque obedece a uma lei mais elevada que desconhecemos. Tudo obedece na natureza: o sol, as estrelas...

**O Rio Amazonas. -**

O rio Amazonas, de que tanto se fala atualmente, obedece, e obedece com precisão matemática. O rio Amazonas tem 30 milhas de largura; se tivesse cheias e recuos, a região seria totalmente inabitável; o calor do sol alteraria os sedimentos de matérias animais e vegetais deixadas pelas águas e seria impossível para qualquer ser vivo habitar nesses lugares. Mas o rio obedece, fica no seu leito, sempre no mesmo nível. Os afluentes da direita despejam suas águas durante seis meses do ano, e, durante esse tempo, os da esquerda ficam secos ou só trazem uma quantia reduzida e insignificante de água. A seca de uns é compensada pela abundância de água dos outros.

Reparem, meus Amigos, tudo obedece. Se uma criatura se subtraísse à obediência, colocar-se-ia fora da lei inerente a ela mesma. Os animais obedecem: o instinto de conservação e de bem-estar físico é-lhes a lei.

A obediência é o grande ponto de convergência. Imaginamos, ao subtrair-nos à obediência, que realizamos um ato livre, um ato superior, uma obra individual, algo grandioso; pensamos que tiramos algum proveito; é um engano. Entre nós a desobediência é a violação de uma lei rigorosa, não só de aperfeiçoamento, mas de existência. Quanto mais a obediência é deficiente, tanto mais perto se encontra o término do nosso ser; quanto mais perfeita a obediência, tanto mais a finalidade do nosso

ser está próxima de sua segura realização. Isso é de uma lógica férrea.

**A obediência: o ato mais sublime do homem. -**

O ato mais bonito, mais sublime do homem é o da obediência. A terra segue inevitavelmente o curso que lhe foi transmitido; o animal obedece ordenadamente ao instinto nesta ou naquela função que cumpre. O homem é livre, ele se conforma livremente à lei, pondo-se assim no nível mais elevado dos seres; nisso consiste a sua glória. Compreendam bem esse princípio. Ele os ajudará e lhes fará bem. Parece-nos que seja mais agradável seguir a vontade própria. Não julguemos assim, é um engano fatal... Obedecer, disso é que se trata. Importa obedecer. Com a obediência termina tudo bem. A ciência perfeita é a ciência completa da lei. O que não obedece vai fatalmente ao encontro de sua ruína, do seu aniquilamento físico sempre, e moral quase sempre.

**O sofrimento é que ensina a obediência. -**

Como se aprende a obediência? Os Senhores, seres racionais, o que farão para aprender a obediência? A qual mestre dirigir-se-ão? À porta de qual filosofia vão bater? Escutemos São Paulo: "ex iis quae passus est didicit oboedientiam" (Hb 5,8) (aprendeu a obediência por meio dos sofrimentos que teve). Assim é que Nosso Senhor aprendeu a obediência: através do sofrimento adquiriu essa ciência. Esta é a única escola e não há outra. Escutem a sabedoria popular: A gente não se enriquece a não ser à custa de si mesmo; aprende-se só à custa de si mesmo. Esse é o axioma: é necessário padecer para aprender a obedecer. Cristo era Deus; tinha conhecimento pleno e total de tudo; ele quis aprender a obedecer através dos seus sofrimentos... O que não é sofrimento, portanto, não é obediência; nunca há virtude de obediência sem sofrimento, e não se pode conhecer a obediência, não se pode captar o seu sentido sem sofrer. Eis por que o nosso Santo Fundador, na reta intenção, nos faz aceitar como provindo das mãos de Deus tudo o que for dificultoso na obediência; a cruz é sempre ligada ao ato de obediência. O sofrimento, pois, e a cruz é que determinam o merecimento. Todas as vezes que a obediência não faz sofrer, não se trata de uma verdadeira obediência. Essa é a doutrina de São Tomás. A obediência que é praticada sem dificuldade, sem sofrimento, é uma obediência enfraquecida, imperfeita. A própria obediência do voto não está completa, se não vem marcada com o sinal da cruz do Salvador Jesus; não é a obediência real, a obediência que Cristo aprendeu e praticou, a obediência que se cumpre sempre no sofrimento quer do corpo quer da vontade quer da inteligência, pela renúncia ao juízo próprio. A

obediência completa, aquela que é realmente virtude não existe a não ser nessas condições. Não é possível sermos virtuosos senão através da prova da cruz: "Ex iis quae passus est didicit oboedientiam" (Hb 5,8) (aprendeu a obediência por meio dos sofrimentos que teve).

**Obedecer apesar do gosto pessoal, das preferências e do juízo próprio. -**

Portanto, tem que se fazer o propósito de aceitar a obediência, ainda que e sobretudo quando não agrada a nosso gosto, nem à nossa maneira de pensar, nem tampouco à nossa vontade. "Meus caríssimos filhos," dizia São Bernardo, "meus caros filhinhos, cuidem muito para não obedecer, porque isso lhes agrada. Não teriam mais mérito do que a planta e o sol: eles, pois, obedecem à lei da natureza apenas. Não é isso o que o homem, sobretudo o religioso, deve fazer. Ele tem que pôr-se a cruz sobre o coração e senti-la sempre ali. Quando lhes dou uma obediência, é preciso fazerem como a esposa do Cântico dos Cânticos, isto é, colocá-la como "um selo nos seus braços, como um cunho no coração". Compenetrem-se bem dessa verdade fundamental e acreditem segundo São Bernardo, conforme São Francisco de Sales, de acordo com o Doutor Angélico, que a obediência sempre acarreta a cruz e o sofrimento.

**O Objeto da Obediência. -**

Como se pratica a obediência? Qual é o seu objeto? O objeto da obediência é a Regra, o Diretório, as ordens dos que, sem serem nossos superiores, receberam algum cargo, alguma incumbência. A obediência se estende até lá. Essas obediências, sem dúvida, não obrigam todas com a mesma força, nem todas as obediências impõem uma obrigação grave; mas, para praticar a virtude de obediência como a entendem São Bernardo e São Francisco de Sales, é necessário chegar a isso. "Por favor," diz ainda São Bernardo, "prestem bem atenção: de quem é que o Salvador recebeu a sua cruz? Será do Sumo Pontífice, Caifás? Do governador da Judéia, Pôncio Pilatos? Quem lhe impôs esse fardo? Um desprezível soldado, um homem de nada pôs-lhe nas costas esse peso imenso. E Jesus recusou? Será que ele disse: "Esta cruz vem de você, não a quero? Eu devo obedecer e submeter as minhas idéias aos príncipes do meu povo, a Caifás e não a você; o povo romano é que deverá carregar-me as costas com este peso?" Não, ele não fez isso. E os Senhores obedeçam ao menor dentre seus irmãos, aceitem e não recusem.

Compreendam bem isso, tomem um firme propósito, a decisão inabalável de aceitar sempre a cruz sangrenta do Salvador, independente da

mão que a impuser. E se ela nos vier daqui de baixo, teremos uma semelhança mais íntima com ele. Evidente, não é um pecado dos maiores não obedecer pontualmente a alguém que é mais ou menos par a nós. Normalmente isso não é pecado grave; precisa-se, no entanto, prestar atenção. Subtraindo-se a uma obediência grave, pode-se chegar às vezes a alguma falta grave, segundo o parecer dos teólogos. A obediência obriga-nos sempre e para sempre; é necessário estar atento a todos os detalhes.

Bem sei que a obediência é difícil e penosa, que ela exige a morte do indivíduo. Nada me custa tanto quanto a obediência; nem a pobreza, nem a castidade, nem a dedicação, nem a morte, nem o martírio - Deus dando a graça - não são tão difíceis. Não, nada se parece com a obediência. É uma obra árdua, é uma cruz que está sempre aí para esmagar-nos, para nos aniquilar. São Tomás nos diz: é a morte do martírio e o martírio da cruz. Reflitamos bem nisso. Não me detenho nos pormenores da obediência; o assunto é obvio. Obedeçam ao Superior Geral; obedeam aos que dirigem os estudos, a todos os que podem e devem dar ordens. Mais uma vez, se a falta de obediência nem sempre constitui uma falta grave, também é verdade que sempre implica numa falta, pois se origina do orgulho ou de qualquer outro vício contrário a alguma virtude teológica ou moral.

#### **Os Guardas da Obediência. -**

Quais os vigias da obediência? Depois de aprender a obedecer, depois de estar bem informado sobre a prática desta virtude, o que protegerá essa prática, sua existência e sua presença permanente em nós? Há três meios para conservar a obediência: a discrição, a humildade, a caridade.

#### **A Discrição. -**

A discrição verdadeira e religiosa. Os Senhores devem viver em comunidade. Esta é regida por um conjunto de regras, de observâncias às quais devem fidelidade e respeito. Mas se o Senhor for falar indiscretamente sobre seu parecer, sobre esta ou aquela medida, o Senhor será considerado obediente? Não. O Senhor julgou, se manifestou; primeiramente a graça de Deus lhe faltará; depois esse pecado cometido lhe escurecerá a inteligência; o Senhor não compreenderá mais. Eis a causa da maior parte das faltas contra a obediência, da diminuição da obediência nas comunidades. Será que isso lhe diz respeito? O Senhor está encarregado de jul-

gar e de criticar? Qual a sua tarefa? Sua aula, seus trabalhos manuais... Mas, Padre, está nos rebaixando... Não, estou os enaltecendo, elevando-os à altura dos anjos, à altura de Deus e os Senhores é que se rebaixam. Esta indiscrição tende a fazer julgamentos sobre um ou outro, conforme os pareceres individuais, mas desde que não foram incumbidos de julgar, isso só pode prejudicar tanto os Senhores quanto quem é alvo de suas suspeitas ou críticas. Falta-se muito à discrição. É uma ferida profunda que se inflige no corpo da comunidade. Terminem, acabem com esse hábito.

Portanto, discrição no desempenho do seu serviço, discrição para manter o sigilo das cartas que os Senhores recebem, discrição com as pessoas com as quais estão em contato. Faltando à discrição, os Senhores faltam para com a comunidade, destroem a obra de Deus. A comunidade é algo valioso, é um conjunto de vontades e ações; Deus lhe deu uma finalidade; é um edifício que se deve erguer até o céu e os Senhores lhe tiraram as pedras, abalam os fundamentos, atrasam o seu acabamento, a sua perfeição. Oh! a indiscrição! Eu os conjuro: sejam discretos! Não o sendo por natureza, não o sendo por educação, sejam discretos por compromisso da vida religiosa! Peçam a Deus essa virtude. No dia em que a desejarem interiormente, possuirão essa virtude. Deus conserva essa graça para concedê-la aos Senhores; pelo menos é necessário que os Senhores a ela aspirem.

#### **A Humildade. -**

A humildade é a segunda sentinela da obediência. O Senhor está cheio de si; quem lhe dá ordens não lhe chega aos calcanhares. O Senhor só aceita o que entende e aprecia, desprezando todo o resto. Como obedecer dessa maneira, pois a obediência é a suprema virtude, a virtude mais difícil e maior do que o martírio, para a qual, portanto, se precisa uma graça mais vigorosa do que para o martírio. Será que Deus escolhe o soberbo para dar-lhe a sua graça?

#### **A Caridade. -**

Finalmente, a caridade é a terceira guardiã da obediência. O Senhor não gosta do seu irmão; não tem para com ele a ternura de Jesus Cristo. Aquele tem suas fraquezas, mas o Senhor não têm as próprias? Estão atrás das costas e não as enxerga; não percebe no seu irmão o raio divino do Batismo; não vê o nome dele escrito no Céu, esse nome que significa uma das perfeições divinas, o amor que Deus tem para com ele. E o Senhor quer que Deus lhe dê a graça da obediência, a graça merecida pela

cruz? Essa graça, como diz São Bernardo, que custou ao Salvador todo o sangue do Coração.

Protejam atentamente, portanto, através da humildade, da discricção, da caridade aquela santa virtude da obediência, para que esta conserve a sua alma até o dia em que, comparecendo diante de Deus, ela se unir com ele na felicidade, no descanso, na luz. Porque, como diz São Bernardo, quem tiver adquirido a semelhança divina, ao entrar no Céu, terá a clara visão; Deus estenderá a alma dele, como foi estendido o velo de Gedeão (Jz 6,36ss), sobre a imensidade de seu ser divino, porque ele não terá visto outra coisa nele senão a vontade divina.

### **TERCEIRA PALESTRA**

#### **A OBEDIÊNCIA - A PRÁTICA**

##### **O retiro: segurança do futuro. -**

Façamos bem o nosso retiro. Cada um venha com toda a sua boa vontade e todo o seu zelo de que é capaz. O retiro, diz São Bernardo, é a garantia do tempo, é ele que lhes fornecará, no momento certo, nas circunstâncias próprias, o que lhes será de grande necessidade para a sua santificação pessoal e para a obra a que Deus os destinou. Ontem já, a graça de Deus se fez presente entre os Senhores; Deus já se mostrou e se fez sentir. Atenção a Jesus que passa e não volta mais; não o deixem passar diante dos Senhores sem dizer-lhe o que os discípulos de Emaús disseram: "Mane nobiscum, Domine, quoniam advesperascit et inclinata est jam dies" (Permanece conosco, pois cai a tarde e o dia já declina) (cf. Lc 24,29). Sem ti, tudo é trevas e não enxergaríamos mais nada! Empenhem todo o seu espírito, disponham-se de todo o coração para realizar bem o seu retiro.

##### **A Obediência na Visitação - A Madre Paula Serafina. -**

Ontem à noite, conversávamos sobre um assunto de primeira importância: a obediência. Disse-lhes diversas coisas sobre a obediência. Mesmo assim desejo continuar o mesmo tema esta manhã; para um religioso, pois, é a coisa primordial. Lembro-me de que, depois de encarregado da Visitação como capelão muito jovem, visitei a Madre Paula Serafina, a Superiora que dirigia a casa, enquanto a Boa Madre Maria de Sales estava

em Paris; era uma senhora muito ajuizada e muito distinta, seja como religiosa seja também frente ao mundo que deixou. "Para ter uma idéia certa sobre o nosso espírito," ela me disse, "é preciso considerar-nos ocupadas com uma só coisa: a obediência." Era uma afirmação totalmente verdadeira e que resumiu, sem dúvida, todo o espírito da Visitação.

Ontem lhes falei sobre a obediência em geral, apresentando-lhes a teoria da obediência e princípios teológicos. Hoje quero mostrar-lhes a aplicação desses princípios.

### **O mundo visível: imagem do invisível. -**

Ontem mostrei-lhes a obediência na ordem física, material e - todo mundo o diz diariamente e o Espírito Santo o afirmou - o mundo exterior, material é, de certa maneira, a expressão, a caligrafia do mundo sobrenatural. As leis do mundo físico são, de alguma forma, apenas a tradução, a reprodução das leis da ordem metafísica e sobrenatural. Pintam-se anjos em quadros e até se esculpem: o mundo material é a semelhança, o quadro, a escultura do mundo sobrenatural. Portanto, se a obediência é tão absolutamente necessária na ordem material, não o é menos no mundo sobrenatural. E observem toda a vida, analisem-na, submetam-na ao exame mais detalhado, tirem a quinta-essência; o que é o resultado? Uma palavra predominante do começo até o fim: a obediência.

### **A Obediência: a lei do Paraíso terrestre. -**

Era a lei do Paraíso terrestre, do Éden, a saber, a obediência, unicamente a obediência, como diz São Bernardo, "obedientia pura et nuda" (obediência pura e simples). Comam isto ou aquilo; que significa isso? Qual é o motivo dessa proibição? Há uma causa física ou moral? Não se podem comer todas as frutas? Deus manda, deve-se-lhe obediência. A que se deve atribuir o transtorno universal da natureza, a perturbação da obra magnífica de Deus? A uma só desobediência.

### **Moisés. -**

Continuem os Senhores, tomem o livro do Gênesis e leiam; reparem Moisés na montanha sagrada; recebe as tábuas da Lei; ele é fiel e estimável aos olhos de Deus. Mas, olhem, no deserto comete uma pequena desobediência, um esboço de desobediência. Deus lhe manda bater com seu bastão na rocha e ele fará brotar água; Moisés bate duas vezes. Ele não foi obediente? No entanto, Deus lhe diz: "Porque duvidaste, teus pés não pisarão o solo da terra prometida. Contemplá-la-ás, mas nela não entra-

rás." (Cf. Dt 32,15s)

**O povo no deserto. -**

O povo de Deus chega no meio do deserto, está rodeado de inimigos. Deus o torna às vezes vencedor e às vezes vencido, conforme a obediência ou desobediência dele. Deus dá um rei ao seu povo e ordena a esse rei destruir Amalec. Saul poupa o rei dos amalecitas, guarda uma parte dos bens que devia destruir e assim é rejeitado por Deus (cf. 1 Sm 15,19). O que fizera? Não era nada, por assim dizer, mas Deus dá tanta importância à obediência que, a partir daquele dia, Saul é rejeitado, mandado de volta para casa e sua descendência e deposto do trono para sempre.

**Jeremias. -**

Quem é este homem de que fala o profeta Jeremias? Que fizera? "Quia non fuisti obediens ori Domini, ejeci te" (Porque não obedeceste à boca do Senhor, eu te rejeitei). Não é porque não obedeceste aos meus mandamentos, às minhas ordens, mas "ori Domini", à boca, ao rosto, à expressão do rosto, ao ar do rosto de Deus, à sua fisionomia, àquilo que Deus te expressava pelos traços do seu semblante, por isso é que te afasto da minha frente.

**Ananias e Safira. -**

Pedro não castigou com a morte Ananias e Safira por causa de uma leve desobediência?

Se continuássemos, toda a história da Igreja nos mostraria essa importância da obediência. Portanto, o princípio da obediência, o espírito da obediência está alicerçado profundamente na Sagrada Escritura. "Nós estamos constituídos, fundados em Deus, diz o Apóstolo, através da obediência", pela renúncia à nossa vontade própria, ao nosso juízo pessoal, à nossa inteligência particular, submetendo-os à vontade de Deus: tudo depende disso.

**A Chave Bíblica. -**

Recém estava olhando a Chave Bíblica; uma das palavras mais repetidas na Sagrada Escritura é o vocábulo "obedientia - obediência", tudo depende disso, repito. Deus não quer outra coisa a não ser a submissão, a obediência.

Pois bem, qual a prática da obediência para nós, de acordo com

São Francisco de Sales e Santa Joana de Chantal?

**Santa Joana de Chantal. -**

Santa Joana de Chantal (cuja festa celebramos ontem), nossa bondosa e santa Mãe, que temos que invocar, amar e cujos escritos devemos estudar, certamente é a melhor intérprete da doutrina de São Francisco de Sales sobre a obediência. Vemos, através de suas cartas, que importância atribuía aos mínimos detalhes. Tudo o que dizia respeito à obediência era para ela de suma importância; era para ela o diamante cujas partículas tenuíssimas são tão preciosas quanto a pedra inteira; era para ela a laminazinha de ouro adquirida com sua vida. Ela queria penetrar até o fundo na idéia do seu bem-aventurado Padre, para realizá-la por completo. "Padre," escreveu para ele, "não compreendi perfeitamente a sua idéia; digne-se explicá-la melhor para mim, para que eu possa tornar-me totalmente obediente."

**A Visão em Annecy. -**

Um dia, na época de começar a fundação dos Oblatos, a Boa Madre me mandou a Annecy para animar-me e receber ali as graças destinadas para a fundação. Ao chegar na igreja de Annecy, fiquei desagradavelmente impressionado, porque a igreja estava em reforma; andiames se encontravam em toda a parte do piso até a altura dos arcos; tudo estava cheio de estuque, não consegui achar um lugarzinho para ajoelhar-me. Minha primeira sensação, pois, foi de muito desgosto. De repente, digo-o aqui para que todos o saibam, a Santa Joana de Chantal me apareceu e seu rosto, seu gesto, sua maneira de acolher-me mostraram como estava interessada na pronta realização do almejo mais caro ao seu coração. Caí de joelhos e fiquei assim durante algum tempo.

**Os primeiros Oblatos. -**

A Santa Joana de Chantal testemunhou-me assim que ela desejava os Oblatos, como os queria bem e os protegia. De fato, é a realização do seu desejo mais ardente. Testemunhava essa aspiração em diversas cartas ao nosso Santo Fundador. "É preciso," escrevia ela, "que haja sacerdotes que vivam a nossa vida, que vivam o nosso espírito; mas precisaria," ela acrescentava, "que esses sacerdotes não tivessem só o livro das Constituições e do Diretório, mas deveriam estar perto do Senhor para se impregnar totalmente do seu espírito, do espírito de obediência e de dependência." Nesse sentido ela lhe escreveu diversas cartas sucessivas. São Francisco de Sales compreendeu tão bem a necessidade a qual Santa Joana de Chantal lhe indicava, que lhe prometeu ocupar-se disso. A morte

o surpreendeu e impediu a realização dos seus projetos. Mais tarde, isto é, alguns anos depois de sua morte, um sacerdote de Rodez, o Padre Bonal, veio visitar Santa Joana de Chantal em Annecy e lhe falou do projeto de fundar os Oblatos. O empreendimento iniciou e durou algum tempo, até a Revolução talvez. Diferentes causas impediram o pleno desenvolvimento. No entanto, o nosso Santo Fundador queria os Oblatos. No leito da morte, pronunciou algumas palavras que pareciam anunciar a existência deles. Padre Caussin, Jesuíta, um dos seus amigos, profetizava a partir daquele tempo: "Chegará o dia em que um enxame de Padres absorverá o espírito de obediência de São Francisco de Sales; a obra crescerá e durará até o fim dos séculos." Nossa primeira fundadora, portanto, é nossa Santa Madre. Peça-mos-lhe o dom da obediência.

A prática especial que a Visitação faz da obediência deve ser para nós uma regra. Digo mais - eu o afirmo para que todos o saibam bem - a idéia da Boa Madre vai mais longe ainda. Diversas vezes ela me repetia isso: "O Senhor precisa compenetrar-se bem do espírito da Visitação, para que os Oblatos possam conservar fielmente o espírito da obediência e de dependência que existe em nossos diversos mosteiros. É necessário que nossos mosteiros encontrem no espírito dos Oblatos, na maneira de viver deles, a confirmação de suas observâncias e até, talvez, o meio de aprender o que não sabem ou de relembrar o que esqueceram." Eis a nossa missão, não para fora, não de jurisdição, - não se trata de uma autoridade que nos é dada sobre os mosteiros da Visitação - mas é uma missão da qual somos encarregados. Assim como um missionário que passa por uma paróquia não tem autoridade sobre a paróquia, mas Deus o enviou, delegou-o para ocasionar graça e luz. Como comunicar uma luz, uma graça tão perfeita? Como proporcionaremos o verdadeiro sentido da obediência, se nós mesmos não formos perfeitamente obedientes? É uma coisa absolutamente impossível, como é inviável fazer sapatos para quem não tem couro, como é impraticável para um pobre dar um milhão, não dispondo de um tostão.

Não sejamos, como diz o Apóstolo, a trombeta que chama ao combate, mas que se guarda no estojo no meio da luta. Compreendamos bem isto: para nós é uma obrigação fundamental conformar-nos à obediência, porque devemos esclarecê-la aos mosteiros da Visitação.

**O mal universal é a desobediência. -**

Tudo está compreendido nisso. E não somente os mosteiros da Vi-

sitação devem aprender de nós a obediência, mas toda a Igreja de Deus deve aprendê-la. Vimos que isso era o espírito do Antigo Testamento, é o espírito do catolicismo, é o espírito de Deus. É o sopro de Deus que deve regenerar não somente a Visitação, mas todas as almas. Qual flagelo reina atualmente, qual é o mal? É o "non serviam" (não servirei). Ontem me encontrei com um sacerdote que veio do Brasil. Ele me disse: "O grande mal de nossos povos é que se recusam a obedecer a Deus, exterior e até interiormente, ao rejeitarem a graça de Deus. Quer-se escutar só a si mesmo. Esse é o mal por toda a parte. Ora, a maneira de conseguir alguma coisa hoje em dia, alcançando algum êxito, é opor-se quanto mais possível à tendência universal, encaminhando o mundo para a obediência. Devemos escalar de novo este declive em que os povos resvalam para baixo. É essa montanha santa na qual encontraremos Jesus Cristo; é o Tabor onde o veremos com Elias e Moisés. O conhecimento, o zelo, o apostolado, todas essas palavras badaladas atualmente não adiantariam nada, não teriam nenhum efeito. A força se encontra onde Deus a colocou. A vida do homem se concentra no coração, e quando o coração deixa de bater, quando o pêndulo pára, a morte está aí. Em nossos tempos, estamos rodeados mais do que nunca por tribulações; o mal está no coração e o afunda nas ondas da morte de que fala o profeta. O remédio é o amor, é a obediência, a obediência mais completa, a absoluta. Essa obediência nos unirá com o poder divino, comunicar-nos-á essa força. Compreendamos bem isso.

#### **A Visitação de Troyes. -**

Como eu via praticar a obediência durante todo o tempo em que a Boa Madre estava na Visitação? Para dizer a verdade, eu acho que este fervor se devia de modo especial à virtude das Irmãs, mas provinha também, em grande parte, da santidade da Boa Madre. É uma coisa incrível. Ora, durante trinta anos, não vi a mínima falta contra a obediência exterior. Olhem, isso é um fato que mencionarei na biografia da Boa Madre e que Roma aprovará. E a consequência? Aquela pequena comunidade era um agrupamento de santas, e, se a gente busca relíquias, basta ir ao cemitério, inclinar-se sobre os túmulos delas, retirar um pouco dos restos e venerá-los como relíquias, como relíquias dos grandes santos. Durante trinta anos não percebi uma só falta contra a obediência. Isso sim é heróico!

#### **A Obediência: idéia mestra e princípio dos Oblatos. -**

Se queremos ser Oblatos, precisamos ser obedientes, porque, enfim, qual idéia presidiu a nossa fundação bem antes de existirmos? Era o

plano de reunir uma quantidade de sacerdotes para fazer deles o que Santa Joana de Chantal desejava, a saber, homens inspirados por um sopro do seu bem-aventurado Pai, homens semelhantes a São Francisco de Sales, a esse santo que era a imagem mais perfeita do Salvador na terra... Importa que se diga referente aos Oblatos: é assim mesmo que o Salvador atuava; é o Salvador que vem passando, é o Salvador que está falando; é o Salvador que manda o que devo fazer. "Magister adest et vocat te" (O Senhor está aqui e te chama) (Jo 11,28). Isso não é palavreado, é o fundamento de nossa Congregação. É a concepção, a essência, a realidade dela. Tudo se encontra na obediência, a obediência ao Salvador. Os outros meios virão depois; serão os apoios, os arcobotantes, os sustentáculos; mas a obediência é o edifício; ali, na obediência, é que reconhecemos e recebemos Nosso Senhor. Posso resumir tudo numa palavra: obedeçam! Pois bem, e como praticar essa obediência? Qual o melhor meio para pô-la em prática?

#### **Ser decididos. -**

Quanto à obediência, a Boa Madre Maria de Sales dizia que era imprescindível ser gente decidida. Somos religiosos. As pessoas determinadas não olham para mais nada; não consideram perigo, não pensam na morte; perseguem sua finalidade destemida e resolutamente. Devemos ser inabaláveis. Sou religioso: daí não saio; já me resolvi; sustento a promessa que fiz ao Bom Deus. Optei por Deus, ele absorve todo o meu interesse; só quero isso e nada mais.

A determinação é uma coisa prática. Obediência perpétua, portanto, prestada com simplicidade, obediência sobrenatural, obediência pronta e executada sem perder tempo.

#### **Os Apóstolos no mar da Galiléia. -**

Os apóstolos estavam no lago de Tiberíades: Simão Pedro, Tomé e Natanael, os filhos de Zebedeu, e dois outros discípulos. Simão Pedro lhes diz: "Vou pescar." Eles lhe respondem: "Vamos nós também contigo." Saíram e embarcaram, mas naquela noite não apanharam nada. Depois do amanhecer, Jesus apareceu na margem do lago: "Jovens, tendes algo para comer?" Responderam: "Não." Ele lhes diz: "Lançai a rede à direita do barco e achareis." Lançaram, então, e não tinham força suficiente para puxá-la devido à quantidade de peixes." (Jo 21). Reparem o resultado da obediência. Independente da obediência dada, sejam resolutos a cumprir a ordem intimada. Permeieçamos perto de Jesus. Isso não são palavras va-

zias; não estou expondo uma teoria; é a doutrina verídica, a coisa principal. Não há nada a suprimir ou a modificar. É esse o seu dogma, a sua teologia. Não é necessário procurar em outra parte. Peçam a Santa Joana de Chantal, à Boa Madre, a todas as santas almas que acabei de mencionar, a essas perfeitamente obedientes, para que os Senhores compreendam a obediência como elas a entendiam. Assim os Senhores terão a alegria e a paz do Salvador Jesus!

#### QUARTA PALESTRA

##### A POBREZA

##### **A lição da Pobreza, pela boca do Salvador. -**

Falaremos, esta noite, sobre o segundo voto da vida religiosa: a pobreza. É muito significativo que Nosso Senhor se reservou a si mesmo o privilégio de falar sobre a pobreza e os pobres. Poucas palavras foram ditas sobre os pobres e a pobreza antes dos quatro Evangelhos. Para pronunciar essas admiráveis palavras eram necessários os adoráveis lábios do Salvador. Só Zaqueu, no próprio Evangelho, disse esta palavra: "Ecce dimidium bonorum meorum, Domine, do pauperibus" (Lc 19,8) (A metade dos meus bens dou aos pobres). A quem disse essas palavras? A Nosso Senhor, dirigindo-se a ele, inspirado pelo mesmo. Pode-se afirmar, portanto, que, mesmo no Evangelho, a palavra 'pobreza' só foi pronunciada pelos lábios divinos. Será que isso aconteceu por acaso, gratuitamente? Os Senhores podem admitir isso? No Evangelho, somente Nosso Senhor fala sobre os pobres e a pobreza, porque é a palavra reservada unicamente a ele. Há nisso, portanto, uma coisa especial. Também um grande Santo, Francisco de Assis, tendo devotado o seu coração ao Salvador Jesus, sem reservas, sem limites, tendo-lhe dedicado inteiramente o seu ser e querendo dar testemunho visível disso ao mundo inteiro, o que escolheu? A pobreza. "Tu és minha amiga," canta ele. "Procurro em vão a esposa mais amada do Salvador Jesus, que seja a sua privilegiada entre todas. É a ti que ele amou acima de todas, que amou com predileção, porque antes dele tu não eras amada. Procurro e só encontro a ti, ô santa, augusta, divina pobreza!"

##### **A Pobreza no Antigo Testamento. -**

Pobres, sem dúvida, foram louvados no Antigo Testamento. Nisso a Antiga Aliança se destaca de todas as histórias, de todas as literatu-

ras dos tempos pagãos. Lemos no Antigo Testamento a história de uma mulher pobre, Rute. Ela deixa o seu país, vindo com sua sogra para a terra de Judas para cumprir a vontade de Deus. Não é rica; vai respigar para cozer um pão sob as cinzas e reparti-lo com sua sogra. Vai, pois, recolher as espigas no campo de Booz. Os Senhores sabem o que a Escritura diz sobre as virtudes de Rute.

Um outro pobre é Tobias. É um trabalhador que ficou cego. Sua esposa ganha, dia a dia, tostão por tostão, com o que sustentar a família. Aonde vai durante o dia? Trabalhar com um tecelão. Isso, sim, é pobreza. E a Escritura a elogia como um testemunho de virtude entre essas pessoas.

#### **A Pobreza no Evangelho. -**

Mas se a pobreza é louvada, ela não é a preferida, mormente nos tempos antigos. A Sagrada Escritura reconhece que a pobreza pode combinar-se com a grandeza de espírito, com a generosidade. A Escritura exalta o pobre, mas não a pobreza. Só Nosso Senhor faz isso. E quando, daí por diante, os homens quiseram amar mais a Nosso Senhor e aproximar-se do seu Coração, encontraram a pobreza. Jesus a enriqueceu com suas promessas: "Beati pauperes" (Mt 5,3) (Bem-aventurados os pobres). Não diz: "Bem-aventurados os pobres, porque **possuirão** a terra, mas "quoniam ipsorum est regnum coelorum" (Mt 5,3) (porque deles é o Reino dos Céus). Eles têm o Reino dos Céus nas mãos, no coração. Ora, quem fez esses grandes santos, fundadores das Ordens religiosas, escolherem a pobreza é Nosso Senhor que a exaltou, a amou e a praticou.

#### **Nossa Pobreza e a do Salvador. -**

Praticaremos nós a pobreza como a praticava São Francisco de Assis, vestindo o traje da pobreza, caminhando descalços, de roupa grosseira e da cor da pobreza, jejuando e castigando-nos a carne? Não, a nossa Regra convida a parecer-se com Jesus Cristo. Se queremos a pobreza como a amou o Salvador Jesus, nós a amaremos suficientemente. Ó divino Mestre, como tu! O que queremos é a ti somente. Onde moras tu? Venham e vejam. (Jo 1, 38s). Nós vamos contigo a Cafarnaum como os Apóstolos de que falou esta manhã o Santo Evangelho. O que encontramos?

#### **A Cela. -**

Uma morada asseada, conveniente; é a cela do Salvador. Seus discípulos passam lá dois dias com ele. O Salvador não fica só, não os deixa a sós. Prefiro morar com o Salvador na cela das margens do lago de Genezaré a estar na cela desses humildes religiosos nas quais se mediram

parcimoniosamente a luz e o ar por amor ao Salvador Jesus! É bonito e bom, mas antes me determino pela própria cela do Salvador; escolho de preferência fazer o que ele mesmo fez. A cela dele não era desprovida do necessário. Salvador Jesus, se eu quisesse comparar a tua cela com a de São Francisco de Sales, eu diria: é a mesma coisa!... Assim é que ele morava. Venham e vejam!

#### **O Alimento. -**

Nosso alimento será de uma vida frugal, mas não sobrecarregada de mortificações. Temos que fazer à mesa o que fazia o Salvador. À mesa de Nosso Senhor, muitas coisas faltavam; seus recursos não eram muitos; era fruto do trabalho de São José, de Nossa Senhora e do próprio Jesus. O pão que lá se comia era comprado à custa do suor de um Deus. Ó pão, como tu és precioso e como santificas quem te come! É assim também o pão que nós comemos.

#### **A Roupas. -**

Será que nossa roupa tem algo fora do comum? Não. É como a do Salvador. Cada um de nós terá esse asseio cuidadoso, esse esmero incomparável que Nossa Senhora tinha com a roupa do seu Filho. Cada um terá o cuidado que o próprio Salvador tinha com sua roupa.

#### **São Paulo. -**

O Apóstolo São Paulo suplicava aos Coríntios para que se mostrassem verdadeiros cristãos pela modéstia, pela maneira de ser de Jesus Cristo, para que aparecessem semelhantes ao Salvador, "per modestiam Christi" (2 Cor 10,1). A Boa Madre Maria de Sales disse, falando sobre os Oblatos, que se veria o Salvador andar pelo mundo. É a ele que se veria saudar os homens, conversar com eles, "per modestiam Christi"; essa é a maneira de apresentar-nos, é a nossa roupa. Quanta força, quanta graça suscita o vestir-se como Jesus Cristo!

#### **A Religiosa e o Véu. -**

Isto me lembra um fato que me aconteceu anteontem. Encontrei-me com duas religiosas, uma Superiora Geral de sua Congregação, a outra sua Assistente. Esta me disse: "Veja de que depende uma vocação. Eu estava decidida a entrar no mundo; esperava um magnífico casamento e fazer parte de uma família abastecida. Ocorreu que algumas Irmãs desta Congregação vêm cuidar do meu pai que estava enfermo da doença que o levou à morte. Uma dessas religiosas, obrigada a ficar, pousou em casa. Ela tira o véu à minha frente e o dobra com tanto respeito nos seus movimentos e atitude que fiquei profundamente impressionada. Se, na vida religiosa,

se chega a isso, estendendo a santidade até lá, dizia eu aos meus botões, é isso o que quero. E tudo o que meu coração sonhava foi posto de lado e esquecido. Desde então tomei a decisão de tornar-me religiosa, porque tinha visto uma religiosa dobrar o seu véu com respeito!

Vestindo-nos de manhã, beijemos com reverência o nosso traje religioso, nossa batina, como a túnica de Jesus Cristo, como esse vestuário inconsútil tecido pela Virgem Maria, para obtermos a graça de ser inteiramente revestidos do Salvador Jesus, do alto da cabeça até os pés.

A parte que chamarei não a mais poética, mas a mais harmoniosa na vida religiosa, a que exige mais vivamente a participação do coração e da imaginação é a pobreza. Reparem os Anais das Ordens religiosas antigas: quantas coisas deliciosas, quantos relatos admiráveis sobre a pobreza! Percebe-se que aí é que o coração de Deus deposita a maior felicidade. Só lhes citarei um fato que aconteceu, não muito longe daqui, com São Bernardo.

#### **O monge de Claraval. -**

Um religioso, diz o cronista, não queria morrer e seus irmãos aguardavam seu último suspiro. O religioso levanta a cabeça do travesseiro e diz: "Irmãos, não é agora que vou morrer." - "Mas pedimos-lhe," disseram-lhe os outros monges, "aceite agora a vontade de Deus, não a contrarie." - "Oh! não estou contrariando-a, mas o momento da morte ainda não chegou; só será daqui a dois dias. Mesmo assim, preparem-me para o velório. Tragam a água para lavar-me os pés e as mãos. Procurem a roupa velha, gasta, o hábito, o escapulário com que vestem um religioso defunto. Desejo ardentemente que me vistam assim para melhor preparar-me à morte." Foram falar com São Bernardo que concordou com o desejo do moribundo. Lavam-no, colocam-lhe a roupa mortuária. Logo ele entra numa contemplação profunda. Ao meio dia no dia seguinte, ele diz aos religiosos em seu redor: "Façam silêncio, eis São João, Apóstolo bem-amado, que vem falar comigo; ele está sentado aí no banquinho onde recém o enfermeiro estava sentado." E conversava baixinho com São João. Depois de anoitecer, ele disse: "Façam novamente silêncio: está aí sentada a Virgem Nossa Senhora; ela vem inspirar-me esperança." E toda a noite ele falava com Nossa Senhora. No outro dia, de manhã, ele lhes disse: "Meus irmãos, coloquem-se todos de joelhos: está aí o próprio Salvador que também vem conversar comigo." O colóquio se prolonga e, quando termina, o religioso

fecha os olhos e sua alma se eleva até Deus.

Qual o sentido dessas aparições? E também, qual a idéia do autor que relata esses fatos? Esse religioso amava profundamente a pobreza. Para garantir-se os favores do Salvador na hora da morte quis, neste momento derradeiro, estar vestido de pobre.

Quando um religioso vai para o Céu, os anjos cantam: "Attollite, portae, principes vestras, et elevamini, portae aeternales, et introibit rex gloriae" (Sl 23,7) (Levantai, ó portas, os vossos frontões, elevai-vos, antigos portais, para que entre o rei da glória). É o rei da glória que entra. A glória do religioso é ser pobre. Seu reino é o nada, é isso mesmo o que o Salvador amou.

A idéia mestra, o âmago da mentalidade das Ordens religiosas é a pobreza. O recurso para conhecer mais intimamente o Salvador é a pobreza. Portanto, meus Amigos, não descuidemos desse meio. Fizemos o voto de pobreza; sejamos realmente pobres; não perçamos um tesouro tão precioso. Porque se ama o Salvador, quando a gente se veste como ele, mora e se alimenta como ele, quando o imitamos nos seus modos e formas de proceder, nas suas palavras e nos seus costumes. Quanto mais parecidos forem com o Salvador, tanto mais o amarão, e ele os amará.

Não me estendo mais sobre a prática da pobreza. Releiam o que diz a Regra no capítulo sobre a pobreza. As prescrições são claras; releiam-nas. E façam todas as coisas para assemelhar-se àquele para quem os Senhores fazem todas as coisas, e que lhes dará a graça de conhecê-lo a amá-lo agora e para sempre.

## QUINTA PALESTRA

### A CASTIDADE

#### **O Retiro: Diálogo Íntimo com Deus. -**

Continuaremos o retiro como o começamos; faremos de maneira que seja penetrado pelo Espírito do alto que nos fala à alma na solidão como se dirigia antigamente aos Apóstolos no recolhimento do Cenáculo.

Estejamos bem a sós com ele: "Loquere, Domine, quia audit servus tuus" (1 Sm 3,9s) (Fala, Senhor, que o teu serve ouve). Eu gostaria que este retiro fosse um colóquio íntimo com Deus. "Mas, Padre," os Senhores me dirão, "o Bom Deus não se dirige a mim, e o pior é

que eu também não consigo falar com ele." De duas coisas, uma: ou as comunicações com Deus lhes são fáceis, estando o Céu aberto: é a escada de Jacó onde os anjos sobem e descem; ou os Senhores não vêem nada: é o profeta Jeremias no poço cheio do lodo e da lama de suas misérias e de suas infidelidades. Ora, Jeremias ganhou méritos, então, não só para si, mas também para o povo de Israel. Jeremias tinha sido jogado na sarjeta pelos Juízes que o desprezavam e odiavam, e Deus lhe revelou grandes mistérios que ele deveria revelar aos povos e às gerações. A palavra do profeta Jeremias não morrerá, ressoará até às extremidades da terra e do tempo.

#### **Daniel na cova dos leões. -**

Há ainda Daniel na cova dos leões, entre as trevas e o terror. Vejam bem. Será que Daniel foi deixado só? Um menino, um filho de profeta aparece, transportado por um anjo; traz alimentos. "Vir Dei, Daniel!" Que palavras são essas? Homem de Deus, amigo de Deus. É o homem em quem, por assim dizer, só Deus pensava. Reflitam sobre isso.

#### **A aridez no retiro. -**

Quer que a luz brilhe, quer que os Senhores se sintam em densas trevas, quer que seu coração esteja aberto à confiança, ao amor, quer que esteja abatido, esmagado como sob um fardo de chumbo, Deus está com os Senhores. Algo muito notável de que sei por experiência é o seguinte: as almas mais privilegiadas por Deus não experimentavam nada durante o retiro. Vi pessoas santas, que recebiam de Deus todas as espécies de graças em tempos normais, cuja vontade era solicitada constantemente a realizar atos de generosidade, e que tinham grande desejo de mortificar-se. No momento do retiro, nada mais disso. Mencionar-lhes-ei, entre outros, a Irmã Maria Genoveva, que estava em contato contínuo com Deus. No tempo de retiro, parecia que se punha uma cortina e ela não via mais nada. Sofria como uma agonia, todo o tempo dos retiros. Aproveitem bem essas provações, se Deus as mandar para os Senhores. Hoje não estarão mais a sós. Esta noite serei obrigado a ocupar-me das obras... Se os que as dirigem se ausentassem, seria uma grande pena, porque é a presença deles que mantém o movimento e a vida nas Obras. Esta noite, portanto, ficarão com Deus, continuando o seu retiro.

#### **O Recolhimento. -**

Recolham-se, sejam silenciosos. Quando e como Deus fala durante o retiro? No barulho e na agitação? Deus não falou a Jonas no mar e na tempestade. Não falou a Abraão no meio dos fogos do céu e no incêncio de

Sodoma. A voz de Deus é um sopro leve que mal e mal se ouve, como o sopro que sai do peito do homem. O profeta Elias ouviu esse sopro, porque tinha feito o silêncio interior: "Et spiritus grandis et fortis subvertens montes e conterens petras" (um grande e impetuoso furacão fendia as montanhas e quebrava os rochedos). É um vento violento, não é o Senhor: "Non in spiritu Dominus" (Deus não está no furacão). "Et post spiritum commotio" (depois do furacão houve um terremoto), olhem o movimento e a agitação; não é o Senhor: "non in commotione Dominus!" (mas Deus não estava no terremoto). "Et post commotionem ignis" (e depois do terremoto, um fogo). Reparem o fogo; não é o Senhor: "non in igne Dominus!" (Deus não estava no fogo). "Et post ignem sibilus aurea tenuis" (e depois do fogo, o murmúrio de uma brisa suave). Eis um sopro leve como o sopro de um peito humano: é manifestação de Deus!... O profeta se inclina, adora e aguarda. (cf. 1 Rs 19,12).

#### **A Castidade. -**

Esta manhã quero dizer-lhes umas palavras sobre o terceiro voto da vida religiosa: o voto de castidade. Não pretendo entrar em detalhes da prática dessa virtude, pois os Senhores têm na Regra todos os pontos que devem fazer parte de suas obrigações e de suas meditações. De resto, o voto em si só se destina a conduzir a alma a uma certa situação, a um determinado estado de íntima união com o Salvador, situação e estado esses que o nosso Santo Fundador queria ver-nos alcançar e conservar. Os votos levam à imitação de Nosso Senhor Jesus Cristo. Através dos nossos três votos, especialmente pelo voto de castidade, formamos uma união espiritual com Deus.

A castidade: voto do sacerdote e do religioso. O voto de castidade é um voto tanto sacerdotal quanto religioso. Por que o sacerdote faz o voto de castidade? Porque deve estar em contato íntimo com Deus. Vejam: o profeta que melhor compreendeu a Deus, a quem Deus se revelou mais intimamente, é o profeta que não se casou, é Elias. Ele vê Deus no monte Horeb, no monte Carmelo; não somente vê a Deus, mas este lhe mostra todas as coisas, os desígnios mais profundos de sua providência. Mostra-lhe no céu aquela nuvenzinha parecida com um pé humano, com uma pegada na areia: é o início da graça; a nuvem vai erguer-se e cobrir o céu. É a Virgem Maria cujo culto começa ali e se espalha depois sobre toda a terra que será aromatizada com o perfume de sua santidade e de sua virgindade.

### **São João Batista. -**

São João Batista reconhece o Salvador Jesus, indica-o dizendo: "Ecce Agnus Dei!" (Jo 1,29) (Eis o Cordeiro de Deus). Também ele era virgem; tinha a coroa da castidade: só entre os santos, entre todos os homens, era digno de mostrar quem é o Messias, quem é o Cordeiro de Deus.

Quem é, dentre os Apóstolos, aquele que conheceu melhor a Jesus, quem o revela, quem o toma pela mão, por assim dizer, fazendo-o descer sobre a terra e mostrando-o a nós como verdadeiro homem e Deus? É o Apóstolo casto, o Apóstolo virgem: "Quod audivimus, quod vidimus de Verbo Dei, hoc annuntiamos vobis" (cf. 1 Jo 1,3) (O que ouvimos e vimos do Verbo de Deus vo-lo anunciamos). O que vi, o que toquei com as mãos, eis o que lhes anuncio.

Eis o sacerdócio. Para ver Deus, para conhecer Deus, é necessário ter a alma casta e pura, é preciso tocar Deus com o coração, com as mãos. Deus só se comunica assim. Portanto, a castidade é condição absoluta do Sacerdócio.

Com tanto mais razão, a castidade é uma virtude religiosa, a virtude religiosa por excelência, a virtude do coração que ama a Deus e se consagra a ele. É o meio físico para conhecer a Deus e para chegar a amar a Deus e a amar o próximo por Deus.

### **O Amor Humano. -**

Vejam o que vem a ser o amor humano. Procurem defini-lo. Empregarão muitas palavras para dizer algo muito simples, muito sensível, muito palpável, pois é o amor, são as paixões que conduzem atualmente os indivíduos e as coisas. Pode-se acreditar que todos os nossos homens políticos sejam, por princípio e por convicção, homens de república ou de monarquia? Não é a paixão que reina neles? Por que a gente é Maçon? Para satisfazer sua ambição e suas conveniências: isso explica tudo.

Deus é amor; tudo o que aproxima de Deus é amor de Deus. Todo o amor fora de Deus e de sua lei é só paixão e corrupção; e aí do homem que se deixa arrastar pelo sopro das paixões humanas, que atíça o fogo do inferno; é um ponto fraco inicialmente, mas que depois provoca um fogo, um incêndio que cobrirá a terra de ruínas e de sangue. Meus amigos, o que vem a ser, portanto, o amor? O amor humano? Reduz-se tudo aos sentidos; ao prazer - estou falando do amor humano fora do amor de Deus tudo é prazer dos sentidos. Um ser se apega a um outro ser; e quase sempre, quando não seguem uma orientação religiosa, o único resultado é

obstaculizar o dever. É uma espécie de onda, de instinto que passa, algo grosseiro, para não empregar um outro termo. E de tudo isso o que é que sobra? Nada: o que se chamava de amor desaparece logo. Se fica alguma coisa, é só na imaginação; era uma fumaça, um vapor, uma bolha de sabão que logo desapareceu. Isso é o amor humano, motivo e causa de todos os males nesta terra e o que mais se opõe ao Reino de Deus.

É necessário que o amor puro reaja; é preciso que o sacerdote, que o religioso seja casto e puro. Essa é a condição essencial para a existência de um e de outro. O sacerdote, quando faltar aos seus deveres, quando perde a castidade, não é mais sacerdote; o religioso não é mais religioso. Puseram nos ombros um peso insuportável; não há mais vida, é a morte. Estou ouvindo bem: tu estás falando! Parece, como diz o Apocalipse, que estejas vivendo, mas estás morto! Morto, desce no túmulo.

#### **A Amor Divino. -**

Mas, de outro lado, olhem o amor de Deus, amor verdadeiro, amor que Deus nos colocou no coração por ele, por aqueles com os quais ele quer que vivamos, os que devemos amar verdadeira, justa e equitativamente. Essa disposição não vem da natureza, mas tem o seu fundamento na graça de Deus; é uma parte fecunda do amor divino. Todas as vezes que amamos realmente, que nossa afeição merece ser considerada caridade, o nosso coração se dirige a Deus como o seu centro.

#### **São Francisco de Sales e o voto de castidade. -**

É esse o sentido profundo que o nosso Santo Fundador dá ao voto de castidade. Leiam, nas páginas que ele escreveu, o que diz sobre o voto de castidade. Ela é o amor, é a ordem no amor; o coração é feito para amar. É a flor do campo de nosso coração, "campionum lilium". O Salvador pode perambular neste campo, pode ficar e deleitar-se ali; nele tudo é verdadeiro, tudo é puro. Nada impede a sua passagem; não há barreiras que detêm, "prospiciens per cancellos" (Ct 2,9) (espiando pelas grades); seu olhar se estende e ele vai, caminha, reina, nada o pára. Nosso Santo Fundador diz que o voto de castidade é uma obrigação de amor. Vejam como são diferentes o amor humano e o amor divino. Se tiverem o amor de Deus no coração, não por sensação ou emoção, mas profunda e sinceramente, os Senhores dominam suas paixões, reinam sobre si mesmos. Se deixaram o bom caminho, se o amor próprio, as paixões e as suas inclinações os dominam, o amor de Deus se retira e desaparece do seu coração. É como acontece com os dois pratos de uma balança: se um se levanta um pouco, o segundo

baixa outro tanto. Carregando-se um, o outro sobe. A escala obedece perfeitamente. Se amarem muito a Deus, grande será a sua castidade; não sendo castos, apenas terão amor para com ele.

"Aprontem-se para o Esposo celestial." A isso se reduz toda a Regra que nosso Santo Fundador nos dá para a observância da castidade. Ele não nos dá normas materiais; não menciona que devemos defender-nos contra os maus pensamentos, contra as más ações, coisas contrárias à lei de Deus. Não é desse modo que ele procede e que aborda o seu tema. Ele encara o voto como um ato, como uma consequência de atos de amor a Deus. E para observar a castidade, ele quer que a alma procure e ame a Deus de todo o coração.

#### **A Madre Maria de Sales. -**

Estudando a vida da Madre Maria de Sales, encontro, em todos os documentos que tenho à disposição (cartas, depoimentos), bem como entre minhas lembranças, o testemunho constante dessa casta fidelidade a Deus. Na infância, sua alma se dirigia ao Salvador. Uma só coisa, desde então, é capaz de entristecê-la, a saber, perceber que tinha faltado ao amor de Deus, que tinha fraquejado em relação a algo que Deus lhe tinha pedido.

Toda a sua vida só era um ato contínuo de amor a Deus. Nesse sentido, a castidade tinha formado o seu coração inteiriço.

No dia de sua profissão, ela tinha muitas coisas para solicitar ao Salvador, mas pediu uma só: que o Salvador não permitisse nunca que alguém se apegasse a ela de maneira natural, tanto temia admitir em seu coração um amor diferente daquele que tinha assumido como compromisso por voto. Uma petição dessas manifesta uma santidade incomum. Precisava-se ter uma alma pura para não encontrar outra coisa a pedir sob o pano fúnebre!

#### **A Tentação. -**

A esse respeito, a santa castidade nos fará evitar, com atenção especial, os pensamentos, os olhares, os atos perigosos. Sejamos vigilantes. Não deixemos, sob pretexto algum, o mal, a perturbação ou a inquietude aproximarem-se de nós. Sejamos muito reservados e modestos. Fechemos ao pecado a porta dos ouvidos e dos olhos, sobretudo do nosso coração. Invoquemos Jesus, Maria e José; pronunciemos esses nomes sagrados com os lábios, digamo-los especialmente no coração. A tentação amadurece o homem, diz a Sabedoria; só é totalmente puro após ter passado pelo fogo. É um incenso de perfume delicioso que sobe ao Senhor. Sim, não nos enganemos, a luta tem o seu lado bom, sua faceta necessária. Os anjos

observam o combate com nossa coroa nas mãos, e a mais bonita é para quem lutou com maior bravura e amor contra o inimigo. Consideradas assim, as tentações não são temíveis. Prestam serviço aos que devem trabalhar na obra de Nosso Senhor. Ensinam-lhes em que consistem o combate e o sofrimento. Instruem-lhes o quanto se deve ser compassivo para com os que sofrem essas provações. Portanto, a tentação não enfraquece a virtude. O sofrimento, a provação não é resultado de corrupção, mas se combinam perfeitamente com a integridade da alma e a conservam humilde.

#### **São Paulo. -**

São Paulo não experimentava em si os aguilhões da carne (cf. 2 Cor 12,7; Rm 7,14ss) e, por causa disso, não foi elevado ao terceiro Céu (cf. " 2 Cor 12,2)? Não sabe, afirma ele, se foi arrebatado em seu corpo ou fora do corpo. Ó grande São Paulo, eu o afirmo, foi em vosso corpo. Se não tivestes sido tentado em vosso corpo, este teria ficado na terra, sem dúvida, mas ele tinha experimentado a tentação e para recompensá-lo é que ele foi arrebatado até diante de Deus. Vossos olhos, vossos ouvidos admiraram o que ninguém tinha percebido até então; o vosso corpo que esteve lá, porque lutastes em vosso corpo. Grande Santo, certamente o vosso corpo é que foi transportado ao Céu!

Portanto, meus Amigos, estão vendo que as tentações não nos afastam de Deus; pelo contrário, aproximam-nos dele. Proporcionam ao espírito nova atração por Quem ama aos Senhores; e cada tentação lhes dá a ocasião de testemunhar-lhe seu amor e sua fé.

O melhor remédio na tentação é a oração, a invocação de Jesus e de Maria; lembremo-nos do que nos dizia a Madre Maria de Sales: Deus é fiel à alma constante.

#### **A Castidade do Oblato. -**

O Oblato de São Francisco de Sales deve possuir uma castidade especial. Seríamos nós Oblatos, se nos comportássemos simplesmente como bons cristãos, irrepreensíveis em nossos costumes, ou até, como certos religiosos, devotados a uma vida muito mortificada? Não é essa a nossa vocação; a nossa tem uma característica particular. É uma vocação de amor para com Nosso Senhor, de amor de intimidade que nos une de tal maneira que nunca nos deveríamos separar dele. Ele está sempre presente, sempre estamos juntos, trabalhamos juntos, proseamos juntos, tudo fazemos juntos; o que a Regra nos ordena, nossas relações com o próximo, nossas tarefas, nosso ministério, tudo isso é feito para ele e com ele.

Assim é a nossa vida, é essa a nossa característica. Nosso voto de castidade implica nisso. Mas, poderão dizer-me, não percebo nada com relação a Nosso Senhor, não me sinto atraído a ele. Não experimento sentimento ou afeto sensível algum por ele. Mas também não é isso o que o Salvador nos pede. Será que São Pedro não amava Nosso Senhor? No entanto, na Última Ceia, não se inclinou como São João sobre o peito do Salvador. Amava-o com sua fé, com sua dedicação. Quando os Apóstolos estavam no barco, logo que Pedro reconheceu o Salvador, não se pode conter mais; seu amor é tão forte que se precipita e caminha sobre as ondas. São João, porém, fica no barco. Pedro esquece que há água, água mais profunda que dez vezes sua estatura; não tem medo de afundar. O amor acontece na alma; muitas vezes, não há nenhuma manifestação exterior. O amor não é só uma sensação, um movimento do coração; é também um ato de vontade.

A castidade, para nós, é isso, a meta que temos que alcançar.

Como se conserva a castidade? Vivendo perto de Deus: "Quod vidimus et manus nostrae contrectaverunt de Verbo vitae" (cf. 1 Jo 1,1) (O que vimos e nossas mãos apalparam da Palavra da vida). Isso é o que é amor. "Haec est vita quam vivimus" (Essa é a vida que vivemos). Todos esses textos se referem ao Salvador Jesus; mostram-nos a íntima união, a proximidade, as núpcias espirituais que deve unir-nos a alma à do Salvador Jesus. O que constitui o laço tão íntimo do matrimônio? É a união de dois corações que não são mais que um só, que não são mais do que um único ser. Eu gostaria muito de fazer-lhes compreender isso, repetir-lhes o que ouvi mil vezes da boca da Madre Maria de Sales e de que eu era testemunho durante tanto tempo. Ela não dizia nada, não fazia nada sem o Salvador. Para ela, ele sempre estava presente. Consultava-o em toda a parte, não empreendia nada sem ele. Isso é o voto de castidade. Esse é o voto que mais nos une a Nosso Senhor.

Jesus, recebido no Sacramento do seu amor, Jesus, visitado na moradia do seu sacrário, venha em nossas almas e nos faça compreender essas coisas. Não estaremos a sós ao trabalhar e ao sofrer; não, Salvador Jesus, vós estais conosco, e somos encorajados com vossa presença. Nesta terra, que é um lugar de passagem, nesta terra, onde tudo muda e se modifica, onde estamos em constante movimento com todas as coisas que nos rodeiam, que se alteram, fazei com que nós não mudemos, que a vossa vinda em nós acuda a tudo, fixai a vossa morada em nós para sempre. "Ma-

ne nobiscum, Domine" (Lc 24,29) (Ficai conosco, Senhor). Ó querida castidade do Salvador Jesus, permaneça-nos na carne e no coração! Salvador das almas, toda a nossa esperança está em vós, não podemos existir sem vós, não podemos viver longe de vós!

Dai-me a graça, Salvador Jesus, de seguir as pegadas de de vossa Santa Mãe, pisar as de nossa Madre Maria de Sales, nossa mestra na sabedoria divina e nossa protetora no Céu.

## **SEXTA PALESTRA**

### **A FUNDAÇÃO DA OBRA**

#### **Abandono à Vontade de Deus, durante o Retiro. -**

Continuemos com todo o empenho o nosso retiro e atendamos ao sopro do Espírito de Deus: "Spiritus nolite extinguere" (1 Ts 5,19) (Não extingais o Espírito). Cuidem para não cessar em si o sopro do espírito de Deus durante o retiro. Como ele fala? Manifesta-se por uma voz interior muito potente, fácil de ouvir e de compreender. Ou também fala com um toque da graça que urge a nossa vontade, que a inspira a decidir o que Deus quer de nós; ou também ele fala por meio da frieza e aridez, diferentes das de outros períodos do ano. Experimentam na oração, em seus contatos com Deus algo mais difícil e mais penoso que nos tempos normais, será que é mesmo assim o espírito de Deus que está falando? Oh! sim. É o que disse o profeta: Vosso furacão soprou sobre o deserto e o deserto não floresceu; mas depois de que o sopro do furacão passou, o deserto se cobriu de verde e de frutas abundantes. Pois bem, respeitemos essa maneira de agir de Deus, respeitemos a sua maneira de ser para conosco. Veneremos profundamente a atuação divina, o que Deus permite, o que ele quer de nós. Façamos todo o empenho para conservar e comunicar o Bom Deus. Compreendi muito bem isso em Roma; também Padre Deshairs pôde fazer a mesma constatação.

#### **A Audiência com Leão XIII. -**

Enquanto eu falava com o nosso Santo Padre, o Papa Leão XIII, sobre os desígnios de Nosso Senhor, sobre as graças especiais que o Bom Deus concedeu à Boa Madre Maria de Sales, a fisionomia do Santo Padre apresentou, de repente, um aspecto de tanto recolhimento que parecia que todo o seu ser se concentrou na atenção que nos prestava. E daí, à fren-

ta de Deus, frente ao Espírito Santo que parecia cumulá-lo de força divina, de vigor, de vontade e luz, referente às palavras que o Papa ia pronunciar, ele nos deu a nossa missão. Compreendi, naquele momento, melhor do que nunca, o que era a submissão total do homem a Deus, essa espécie de aniquilamento de toda a vontade, de todo o juízo, de toda a ação pessoal ante a suprema e infalível autoridade de Deus. Olhem, meus Amigos, o exemplo que o Papa nos deu, é isso o que devemos fazer cada dia de nossa vida, e sobretudo durante a palestra que lhes vou fazer esta manhã.

Nestes dias, percorremos os deveres essenciais da vida religiosa, expressos nos três votos da vida religiosa: a obediência, a pobreza e a castidade. Todo o religioso deve praticar esses três votos, No entanto, farei notar aos Senhores que nessa prática há algo particular para cada Ordem religiosa. Tentei, com a graça de Deus, fazer-lhes compreender em que consistem para nós os votos da vida religiosa, como o Oblato de São Francisco de Sales deve praticá-los, ou melhor, qual é o espírito que preside ao cumprimento dos nossos votos. Detive-me longamente no sentido que devemos dar a nossos votos; hoje quero ir mais longe. Desejo dizer-lhes de novo o que já lhes afirmei muitas vezes, mas não na presença de todos. A graça do retiro dará uma força especial a essas palavras que disse e que já entenderam talvez; os Senhores as meditarão.

**Cada Ordem Religiosa tem sua Finalidade peculiar. -**

Cada Ordem religiosa tem um intuito próprio. Umas acentuam a pobreza, outras o zelo pelas almas, outras ainda a mortificação austera, outras - finalmente - se dedicam a um ministério todo especial, por exemplo, o atendimento de doentes, e assim por diante. Qual é então, a nossa finalidade? Pois nós temos uma própria nossa. Se não a tivéssemos, não haveria razão de existirmos; seríamos apenas um grupo de pessoas que fazem exatamente o que realizam os outros, portanto, sem motivo especial de existir nem possibilidade de êxito. Melhor seria reunir as forças em vez de dissipá-las e aderir a outros para garantir melhores resultados.

Voltemos à nossa origem, à nossa criação: a lição histórica tem uma vantagem muito grande sobre as outras, pois determina melhor a finalidade e os meios para alcançá-la.

**A Boa Madre. -**

Por que será que Deus escolheu uma mulher? Qual é o início da

história de nossa fundação? Essa vem de longe. É preciso ir a um pequeno povoado na Suíça para descobrir a primeira pista, a inspiração primordial. Deixo de lado os anos da infância da Boa Madre; ela não entendia ainda nitidamente o que Deus lhe pedia, não tinha revelações claras. Como Deus chegou a escolher uma mulher para essa fundação? E por que não escolheu um homem? Ah! não sei! Aí está a primeira resposta a dar. A dúvida podia persistir, enquanto o assunto não estava definitivamente claro. Mas agora posso dizer o que Nosso Senhor afirmava aos Judeus: "Mesmo que não acrediteis em mim, crede pelo menos nas obras que faço." Podeis duvidar, disse Nosso Senhor, negar a verdade; vossa má vontade, sem dúvida, o fará, mas, afinal de contas, minhas obras vos obrigam a acreditar: "Propter opera ipsa credite" (Crede, ao menos, por causa destas obras) (Jo 14,11). Eu quero dizer-lhes a mesma coisa: Não reparem a pessoa, observam o que essa pessoa fez.

#### **A Noviça de Friburgo. -**

Pois bem, num dia, no Noviciado de Friburgo, a Irmã Maria de Sales Chappuis recebe grandes luzes de Deus. Já entrevê a fundação dos Oblatos. Deus a fez ver que essa fundação era um dos frutos da atividade das três Pessoas da Santíssima Trindade, particularmente do Pai com o Verbo. Eram coisas bem elevadas. Ela comunica tudo a sua Superiora, conforme prescreve a Regra. A Superiora, senhora muito notável e santa, não se fiando na sua apreciação pessoal, recorre ao Bispo, Dom Yéni, formado em Roma, fonte da doutrina. O santo e sábio Bispo reuniu ao redor de si um grupo considerável de sacerdotes dos mais distintos, todos ex-alunos do Colégio Germânico, em Roma. Esses sacerdotes passavam a maior parte do seu tempo, não jogando cartas, mas estudando palestras sólidas, questões de Teologia e de Direito Canônico, completando sempre seus conhecimentos adquiridos num estabelecimento tão bom. A Madre de Friburgo, portanto, recorreu à autoridade e sabedoria desse Bispo que conhecia e apreciava também o valor da religiosa submetida a seu exame. De acordo com o parecer do mesmo, a Superiora comunica à Madre Maria de Sales: "Precisa escrever e me apresentar tudo o que o Bom Deus lhe manifestar."

#### **O Caderno de Friburgo. -**

A Irmã, por obediência, se pôs a escrever. Um primeiro escrito, que tenho em mãos, presta contas à Madre sobre as operações divinas, sobre a parte que cabe à Irmã e referente às consequências resultantes. Esse primeiro caderno nos dá uma visão completa da obra a ser realizada. Deus revela a essa alma que, na sua caridade, ele tem uma visão particu-

lar da salvação do mundo e que muitíssimos auxílios e favores espirituais ainda se encontram preparados e destinados para o mundo, por sua caridade divina. Ela percebe isso claramente e o diz mais claramente ainda. O Bispo, a cujo exame a Madre submete tudo, estuda a fundo essa questão.

#### **Dom Lachat e os Bispos da Suíça. -**

Esses Bispos da Suíça são, em geral, homens muito notáveis; mas são admiráveis sobretudo pelos vínculos estreitos que têm conservado com Roma. Sujeitos continuamente às intrigas de um governo não católico, eles se ligam mais proximamente a Roma; e o Bispo que se ocupa atualmente da canonização da Boa Madre, Dom Lachat, é o amigo íntimo, familiar - se assim me posso expressar - de Dom Pecci, o atual Leão XIII. Na residência dele é que passava suas férias quando estava em Roma. Dom Lachat é um prelado edificante. Há dois anos havia, em sua diocese, uma jovem que dizia receber comunicações particulares do Bom Deus. Dom Lachat mandou que o bispado fosse informado. Numa hora de me encontrar com ele, disse-me: "Olhe, Padre, o Senhor queira ver de que se trata e dizer-me o que devo pensar sobre estas revelações. Qual é a sua opinião?" - "Senhor Bispo, não sei, é uma coisa muito delicada..." - "Quero que me diga o que pensa." - "Senhor Bispo, o tempo é o grande mestre..." Então ele me disse: "O tempo..., mas não me compete a mim fixar o tempo para o Bom Deus. Se ele quer que eu aja em consequência daquilo que me foi dito, não cabe a mim fazer esperar a vontade de Deus!"

Cito-lhes esse fato para que vejam com que profundo respeito esses Bispos tratam dessas questões. Eis um homem, não só sábio, mas um confessor da fé, um amigo íntimo do Sumo Pontífice, um homem profundamente esclarecido. Ele não se atreve a não responder ao Bom Deus, mas quer replicar-lhe logo, se Deus o exige.

Nesse ambiente, pois, surgiu a Madre Maria de Sales. Reparem como se julgava sua obra, suas primeiras comunicações com Deus. Esse caderno, que contém sua prestação de contas, narra, aborda as comunicações que ela recebe das Pessoas divinas e, particularmente, daquilo que Deus quer dar ainda à terra. Esse fascículo diz: "Olhe que sou chamada a ser apóstola e a contribuir para a obra que Deus estabelecerá para comunicar suas graças e para estender a distribuição da caridade divina. O Salvador aplicará méritos ainda não aproveitados. O tesouro de sua caridade será espalhado sobre a terra e entregue, na sua plenitude, ao mundo." É

isso o que Deus disse a essa noviça de Friburgo. É o que aceitaram a Superiora e o Bispo. Não se disse para ela: "Irmãzinha, está muito bem; já chega, limite-se à oração comum." Não se lhe diz: "Mude de rumo e de tom."

Ela continua, pois. O santo Bispo vinha visitá-la de vez em quando e disse à Superiora: "Oh! deixe que ela diga e faça o que quiser." E às vezes: "É uma santa que as senhoras têm aí; o Bom Deus se serve e se servirá dela. Deixe-a fazer; ajude-a." Meus caros Amigos, eu acredito que são comunicações bem comprovadas. Nisso não há nada arriscado, contrário à doutrina da Igreja. Essas revelações são amparadas por doutores que estão em contato direto com a Santa Sé.

No entanto, a Boa Madre não quer se ocupar de imediato com essa obra nos seus aspectos externos e empregar "o efeito dos efeitos". Tem que se entender esses termos. "Os efeitos" é o que acontece em Deus e era comunicado à Boa Madre. São as relações entre as três Pessoas divinas: esse é o efeito primeiro. O efeito segundo, resultado do primeiro, é a comunicação que Deus faz do primeiro, em favor dos fiéis chamados a aproveitar dessas coisas.

#### **Em Troyes. -**

A Boa Madre veio para Troyes. Minha intenção não é contar-lhes a vida dela... Ao chegar, ela compreendeu que era ali o lugar destinado por Deus para a realização de sua obra, que ele pusera a pedra fundamental e que lá deviam se manifestar os efeitos da Santíssima Trindade. "É aqui," diz ela ao chegar, "o lugar do meu repouso para sempre." Essa sensação ela experimentou muito fortemente. Já tinha, em suas comunicações com Deus, algo mais determinado, mais claro.

#### **O Padre Teodoro. -**

Deus não a dirigiu ao capelão da Visitação, mas a um santo homem, o Padre Teodoro, confessor dos Sagrados Corações de Jesus e Maria de Picpus, que havia de tornar-se confessor da Visitação. Ela tinha pedido ao Bom Deus que a fizesse entender a quem deveria confiar doravante tudo o que revelaria para ela, agora que não tinha mais a sua Superiora nem o seu Bispo. E eis que o Bom Deus disse à Boa Madre que se dirigisse ao confessor que ia lhe mandar e que ela o reconheceria desde a chegada dele, por um sinal que desconheço. Padre Teodoro vem visitá-la. Ninguém diz à Boa Madre quem ele era. Ela chega ao parlatório e ao primeiro som da voz dele, ela exclama: - "Oh! é o Senhor o confessor que o Bom Deus

nos manda!" - "Mas, Madre, eu não posso ser o seu confessor." - "O Senhor é que será o nosso confessor; é isso o que o Bom Deus me disse..." Padre Teodoro não era um homem erudito. Seus estudos teológicos não foram muito longos. Obrigado a partir durante a campanha de 1814, teve tanto medo de uma batalha, em que se viu metido, que se foi esconder e cuidou de dar os tiros na terra para não ferir ninguém. Os Senhores vêem que ele tinha a sua maneira particular de fazer guerra! Padre Teodoro não era um teólogo profundo, mas era um santo, um grande santo. O que Deus comunicava a Padre Teodoro era suficiente para a Boa Madre.

**Padre Chevalier. -**

Teólogos, de resto, não faltavam à Boa Madre. Ela tinha contato com os professores do Seminário, especialmente com um que era muito distinto, Padre Chevalier, professor de Moral. Era um homem um pouco seco, original, que, por natureza, não tinha disposição a falar muito com mulheres e com religiosas. O caminho pessoal dele era ocupar-se de coisas bem mais sérias e graves... Ele conhecia a Boa Madre e, apesar de suas atitudes e sua disposição, a estimava e a compreendia. Padre Chevalier era um grande teólogo. Mais tarde, falei-lhe sobre a Boa Madre, nos primeiros tempos em que eu estava em contato com ela: "Olhe essa Superiora que tem visões e que me fala sobre as coisas que Deus lhe diz. O que devo pensar disso? Será que tenho que escutá-la?" Ele me respondeu: "Oh! escute-a. E, depois, continue escutando... Não perca nenhuma de suas considerações. Vou dizer-lhe até que ponto tenho confiança nela. Se eu não tivesse tido fé, a Boa Madre ma teria dado."

Ora, repito, Padre Chevalier era um homem acentuadamente matemático, de linguagem franca e sincera e não gostava de perscrutar assuntos superfinos. Tinha muitas outras grandes preocupações.

Não somente Padre Chevalier, mas outros professores vinham visitar a Boa Madre. Um jovem professor de Teologia Dogmática, depois de encontrar-se com ela, só ficou cinco minutos no parlatório e não quis voltar nunca mais, na convicção de que a Boa Madre lia a sua alma e enxergava os pecados dele. Nunca mais queria submeter-se a esse suplício. Era um grande pregador e um homem altamente distinto.

**Anúncio da Obra em Paris - A profecia de Saint-Ouen - O Senhor Legentil. -**

Eu fui destinado para a Visitação, enquanto a Boa Madre estava em Paris. Em 1842, um ano mais tarde, fui visitá-la em Paris. Ela me

disse: "O Senhor foi escolhido pelo Bom Deus para me ajudar muito na obra que me falta realizar. E quando ela tiver começado, quando estiver prestes a se desenvolver, haverá um sinal. Deus dará, seja em Paris seja na vizinhança de Paris, uma casa. Aquele que der da parte de Deus insistirá muito e estará mais interessado em dar do que se estará em receber. Estará de luto pesado e usará uma fita preta em sinal disso." Ela repetiu essa profecia para várias religiosas: para a Irmã Maria Donat especialmente. Em 1879, o Senhor Legentil veio oferecer-nos sua casa em Saint-Ouen. Acabou de perder a sua mãe e, no dia em que eu cheguei, ele estava saindo da Missa que tinha mandado celebrar por ela. Eu fiquei muito impressionado. Esta prova tardia que me foi dada pareceu-me um testemunho bem mais claro do que um fato que aconteceu só uns dias depois da profecia.

#### **As instâncias da Boa Madre, em Troyes. -**

A Boa Madre volta para Troyes e lá ela me fala de uma maneira mais explícita: "Eu comecei," disse ela, "mas a minha missão está cumprida. Agora, já não tenho mais nada a dizer a ninguém, nem nada a iniciar. A obra realizar-se-á em breve." Não entro nos pormenores das provas que me foram dadas de formas bem variadas, mas tão impressionantes. Conteí-as ao nosso Santo Padre, o Papa. Logo lhes contarei o que ele pensou disso.

A Madre Maria de Sales, durante o resto de sua vida, não pôde passar um só dia sem vir prestar-me contas de tudo o que tinha recebido de Deus. Ele mostrou-lhe a ação nele mesmo e os efeitos dessa ação para os homens. "O que recebo," dizia ela, "não é para mim, mas para os Senhores. Esses efeitos serão os efeitos dos Senhores. Isso é para os Senhores." Ela me repetia isso muitas vezes. "Não estarão muitos anos comigo. Cabe aos Senhores aplicar, passar adiante, espalhar os efeitos daquilo que estou-lhes falando."

Posso dizer que vacilei muito tempo antes de acreditar o que ela me dizia. "Deus lho fará entender durante a Santa Missa," ela me afirmava. Eu tinha a iluminação durante a Santa Missa; e quando, depois da Missa, ela me perguntava: "Não percebeu nada?", "Eu não sei," respondia eu, "isso não me é claro ainda", ela não afrouxava, certa como estava das promessas de Deus. Ela vinha de volta ao parlatório, após suas comunicações, com o rosto totalmente transfigurado, com a auréola dos santos e como revestida da glória de Deus. "Oh, essas coisas," dizia ela sempre, "são para os Senhores; os Senhores farão isso e o aplicarão. Oh!

se soubessem quantas graças se encontram reservadas no Salvador; quanto vigor e bênçãos há no ato divino, íntimo da Santíssima Trindade. E o que fará para fora de si para fazer-se conhecer na terra, para o bem dos homens.

#### **Suas Comunicações. -**

Se tivesse escrito tudo o que ela me disse, livros inteiros não teriam sido suficientes. Não escrevi. Não tenho razão talvez, mas é irreparável. Devo afirmar agora, em consciência, para reparar minha falta, que Deus quis por ela confiar-nos uma missão. Repito, as coisas que ela me dizia eram das mais elevadas, a doutrina mais pura, a expressão mais exata do que acontece no Bom Deus. Tudo isso, comunicado pela Madre Maria de Sales, deve encontrar seu efeito hoje.

Essa situação se definiu no fim da vida da Boa Madre, quando veio o tempo em que Deus mostrou claramente o que deviam ser os Oblatos inicialmente e depois. Tudo o que ela disse, desde então, tudo o que ela fez converge para lá. E Deus lhe dá numerosas provas de sua vontade. Todas essas coisas terão lugar em sua vida. Sua obra era tudo, para ela; vivia só para essa obra. A comunidade não lhe era um peso; pelo contrário, era-lhe uma ajuda. Deus concedeu às Irmãs serem um só coração, uma só vontade na perfeita observância.

#### **A Irmã Genoveva. -**

Muitas Irmãs, particularmente a Irmã Maria Genoveva, ajudaram-na muito quanto às obras externas. "Boa Madre," vinha lhe dizer a Irmã Maria Genoveva, "é preciso dizer isso ou aquilo." Ou então: "Boa Madre, não há nada a dizer; não se ocupe com isso; escreva assim..." A Boa Madre fazia o que a Irmã lhe dizia, deixando para ela as coisas externas, enquanto ela mesma seguia as inspirações do Bom Deus. Assim era a sua vida. Em cada circunstância em que ela recebia uma coisa especial de Deus, afirmava que não tinha outra coisa a fazer senão receber esta luz para comunicá-la e pô-la à disposição dos Oblatos de São Francisco de Sales. Tudo deve ser aplicado por eles, aproveitado por eles e ter sucesso pelo empenho deles. "Os méritos da Redenção," dizia ela também, "são infinitos; os méritos do Salvador ainda não empregados formam os tesouros secretos da caridade divina. Há nisso uma quantidade de graças que Deus dará, porque o mundo precisa delas no fim dos tempos. Essas graças são operadas em Deus. Cabe aos Senhores acolher a inspiração divina e aplicá-las aos homens.

Eu não queria cansá-los por mais tempo; são, no entanto, coisas muito bonitas e bem importantes; e, digo-lhes outra vez, eu não sei quantas vezes ela as repetia para mim.

#### **As Palavras do Papa Leão XII. -**

Há três anos, contei essas coisas a nosso Santo Padre, o Papa. Então, o Santo Padre, em meditação profunda, num recolhimento que parecia fazê-lo esquecer tudo, depois de um silêncio de alguns instantes, durante os quais todo o seu ser parecia estar reduzido a nada, ou, pelo menos, tinha se voltado a esse único ponto, lançado profundamente em Deus, nosso Santo Padre o Papa disse: "Tudo o que fizerdes em vossas obras, é a vontade de Deus que o façais; e todos aqueles que trabalharam convosco fizeram pessoalmente o que Deus quis deles. O que fazeis agora, Deus o quer. E Deus não somente o quer de vós, mas de todos os que trabalham convosco. O que vos falta ainda? A aprovação da Santa Igreja Católica, Apostólica, Romana? Eu, o Papa, vo-la dou e até eu vos envio. Ide para a França. Ireis ainda além. Difundi vossas obras; eu as quero muito."

"Sejam homens de sacrifício. Requerem-se religiosos usque ad effusionem sanguinis (até o derramamento do sangue). E então o Papa estará convosco. Eu mesmo estarei trabalhando convosco!

Precisava-se ver o Papa erguer-se cada vez mais, era realmente o Bom Deus que falava.

O Papa retomou: "Entendam bem, sejam homens de sacrifício, homens generosos. O Papa está convosco; o Papa trabalha convosco!"

#### **A Fé em nossa Missão. -**

A missão da Boa Madre Maria de Sales é verdadeira? Vale alguma coisa?... Tomem a História Eclesiástica, leiam-na de cabo a rabo; será que muitos fundadores de Ordens ouviram palavras parecidas do Papa?

Nosso papel, pois, está definido.

"Como se explica," perguntou-me o Santo Padre, "que não queriais fazer o que a Boa Madre vos dizia, a vós, um sacerdote?" - "Santo Padre, se meus Superiores, se meu confessor me tivesse dito a mínima parte disso, eu a teria feito imediatamente. Mas isso vinha de uma mulher... Eu duvidava." Então, o Santo Padre se pôs de pé e disse-me, com suprema majestade, as palavras que já lhes citei.

Eu acho que não é mais possível que ainda persista a dúvida. Declaro diante de Deus, ainda que eu fosse culpável de todos os crimes

do mundo, estaria menos constrangido ao comparecer perante Deus, no juízo final, do que se chegasse a não utilizar o que a Madre Maria de Sales me disse. Bem posso apresentar os defeitos da minha vida ante Deus, mas a falta de fé nessas coisas, essa não poderia. Não se trata de uma impressão passageira; isso domina toda a minha vida. Tinha tempo, durante cinquenta anos, para observar essas coisas friamente e a distância suficiente para julgar acertadamente.

A conclusão que os Senhores podem tirar de tudo isso é de continuar a ter fé na Boa Madre Maria de Sales. Faz-lhes bem. A disposição espiritual dos Senhores neste momento, sua fé, seu desejo sincero e profundo de serem verdadeiros religiosos, justificam que se dirijam a ela tamquam ad matrem (como a uma mãe). Ela nos ajudará.

#### **Os Retiros na Visitação de Troyes. -**

Vamos a ela; ela disse como se devia começar; ela dirá como se deve continuar e concluir.

### **SÉTIMA PALESTRA**

#### **A SIMPLICIDADE E A PONTUALIDADE**

Amnhã é o último dia do retiro. Recomendo-lhes com insistência, para esta noite e também para todo o dia de amanhã, que fiquem bem recolhidos a fim de que o Espírito Santo os encontre sempre dispostos, sempre silenciosos, de ouvidos fechados para as coisas de fora, para que ele possa comunicar-se e revelar-se aos Senhores. Lembro os retiros que eu vinha acompanhando por muito tempo, na Visitação. Havia alguma coisa especial, a saber, todas as Irmãs - com exceção de uma ou duas - para quem ia acontecer algo extraordinário durante o ano, vinham dizer-me isso, tanto tratando-se de graças a receber de Deus quanto de provas a sofrer. Umas vinham avisar-me: "Eu vou morrer neste ano." Outras diziam-me: "Este ano devo cuidar muito; o Bom Deus me fez compreender que terei provas." Elas nunca se enganavam. Outras recebiam luzes abundantes, graças para a sua família; isso ocorria com muita simplicidade, singela e seriamente, como diz São Francisco de Sales.

#### **As comunicações divinas durante o retiro. -**

Os retiros, portanto, têm algo que é diferente do resto do ano: ocasionam-nos comunicações de Deus especiais e mais íntimas. Eu ficava

admirado, nos primeiros anos, da importância que se dava aos retiros na Visitação. Mas, afinal, pensava eu, o ano todo elas estão de retiro! Não há diferença, a não ser por serem exercícios religiosos menos numerosos no retiro para deixar mais tempo às Irmãs ocupar-se livremente com o Bom Deus. Mas logo descobri que era um tempo muito importante de comunicações com Deus.

Daremos, portanto, um grande valor ao retiro. E neste ano, devo dizê-lo, uma coisa destas acontece em nossa comunidade. O Espírito de Deus se fez sentir de forma toda especial; não me tinha dado conta tão claramente. Está havendo não só a atenção para com Deus, mas existe algo mais: o respeito para com Deus, a atenção à sua presença, à sua santa vontade e algo que muito aproxima os Senhores de Deus. Onde vem isso? Provém, certamente, de uma graça toda especial, de uma proteção que se estende sobre os Senhores e que eu atribuo à boa e venerável Madre Maria de Sales. Do alto do céu, ela vê esta reunião no gozo de sua alma. E os Senhores saibam aproveitar bem estes últimos momentos do retiro.

#### **Foicy, lugar de bênçãos. -**

Amanhã, depois do almoço, a gente vai a Foicy, cada um por si. Não se deverá falar ao longo do caminho. Lá, cada um continuará o retiro com as instruções do nosso Santo Fundador e, muito particularmente, com as da Boa Madre Maria de Sales. Os anjos do céu já descenderam muitas vezes a essa terra de Foicy para proporcionar graças às almas que lá se santificaram durante muito tempo, desde São Parres até aos últimos religiosos. Convém dirigirmo-nos a eles. Sempre se herda algo dos pais e se ganha dos amigos, dizia a Boa Madre. Podemos mesmo ganhar alguma coisa de tantas santas almas, favorecidas do Céu durante tantos séculos. Isso faz desse lugar um verdadeiro centro de romarias... Admitiremos lá, amanhã, os nossos noviços e um certo número de Padres professores. Depois de amanhã, voltaremos para lá a fim de cantarmos a Missa na intenção da Senhora Troussel, por todos os nossos benfeitores e pelos antigos moradores do convento de Foicy.

#### **O molde do Oblato. -**

Esta noite, eu gostaria de dar-lhes uma clara noção do que devemos fazer em consequência da fundação da Boa Madre Maria de Sales. Esta manhã, eu disse-lhes que ela via nossa fundação no Bom Deus, ou seja, que era o meio para aplicar os méritos superabundantes do Salvador ainda não aproveitados. O que ela dizia sobre isso era tão especial, tão íntimo que é imprescindível poder encontrar o senso disso entre os Oblatos.

A maioria das pessoas que conheceram os Oblatos dizem: "Os Oblatos são todos parecidos. Têm as mesmas idéias, as mesmas maneiras de ver as coisas." Percebe-se que um Oblato se assemelha realmente a um outro Oblato. Para nós seria um ótimo sinal. Dizem isso das Visitandinas de Roma, de Nápoles, em Antoura na Síria e na França, porque são formadas no mesmo molde, não só exterior, mas também interiormente. O exterior da Visitandina é só a manifestação de sua alma.

Exteriormente, devemos parecer-nos uns aos outros, ou melhor, devemos assemelhar-nos ao nosso Santo Fundador e a Jesus Cristo. Essa semelhança produzirá necessariamente uma grande conformidade entre nós. A condição essencial dessa similitude é a simplicidade. O que há de mais simples que o nosso Santo Fundador, que a Boa Madre Maria de Sales?... A simplicidade é a perfeição. Deus é o ser mais simples, porque é o mais perfeito. Quanto mais perfeito se for, tanto mais submisso à observância e mais simples a gente será.

#### **Simplicidade e uniformidade na roupa. -**

Sejamos simples na roupa, sem pretensão alguma, sem afetação. Uma grande simplicidade é, de resto, um sinal de grande distinção. Para que essa simplicidade seja mais completa, decidimos em conselho que, no futuro, todos os Padres de nossas casas receberão daqui a roupa que enviaremos a cada um. Isso ocasionará pequenas mortificações; seremos como soldados de regimento; nem sempre se assentará perfeitamente, sem dúvida... Mas encontraremos nisso uma grande vantagem. Cada manhã, oferecemos nosso pequeno sacrifício ao Bom Deus ao vestirmos a batina. Estarão bem vestidos, no entanto, e de forma conveniente, mas de maneira uniforme; nisso já seremos parecidos uns aos outros. O hábito não faz o monge, mas o ajuda a santificar-se. Benzem-se as batinas. Desejo que se conserve esse costume e que façamos o sinal da cruz cada vez que vestirmos a batina.

#### **A simplicidade nas refeições. -**

Além da singileza na roupa, observaremos também a simplicidade na alimentação. A nutrição não é da alçada dos Senhores, evidente, mas quando se vêem obrigados a comer na presença de outras pessoas, sejam muito simples em sua maneira de agir. Não esqueçam que a mortificação é necessária. Se precisarem dizer sua opinião sobre o que lhes é oferecido, por boa educação ou por caridade, não procurem parecer entendidos ou peritos em comidas ou bebidas como gente mundana. A vida é curta demais para desperdiçá-la em futilidades. A nossa atitude, nossa maneira de ser

sejam convenientes. Recomendo insistentemente que se observem as regras da cortesia e civilidade. Evitem o relaxamento ou certas maneiras de agir que a gente, por demais, se permite à mesa. Não façam isso, identificando-se com essa classe de pessoas. Teremos manuais de boas maneiras escritos especialmente para clérigos; informar-nos-emos pontualmente a eles e assim agiremos todos da mesma forma. Além disso, cogito dar-lhes este ano um Costumeyiro, um regulamento sobre todos esses pormenores. Hoje estou traçando as linhas gerais.

Como a melhor água é a que não sabe a nada, não tendo gosto algum, não sendo azeda nem salobra, assim deve ser a nossa vida; esta também deve passar despercebida, não chamando atenção para nada.

#### **As privações dos nossos missionários no Cabo. -**

Quanto à simplicidade na alimentação de que acabei de falar-lhes, estamos obrigados a preparar-nos para aquilo que podemos ter que sofrer um dia. Faço questão de prestar homenagem aos nossos Padres do Cabo. Durante vários anos vêm sofrendo não só os rigores do clima, mas fome mesmo, não tendo sempre os alimentos suficientes em sua extrema pobreza. Sua vida, muitas vezes, é uma existência de aventuras, sem refeições regulares. E em que consiste normalmente o cardápio dessas refeições é sopa de farinha e farelo. Reparem as cartas que nos escrevem; isso tem algo de Deus e da Boa Madre Maria de Sales. Assim se realiza a simplicidade na comida. Eles passam as provações de penúria mais completa e bendizem a Deus por isso. Portanto, meus Amigos, porque somos irmãos, lembremo-nos deles. O Diretório quer que, quando estivermos no refeitório e comermos algo que não agrada, pensemos nos anacoretas. Permito-lhes pensar em nossos missionários e rezar por eles. Isso nos une mais ainda em nossa maneira de ser e de sentir.

#### **A simplicidade de Nosso Senhor e a da Boa Madre. -**

Nossa simplicidade deve ter uma característica toda particular. Será que se trata de algo baixo, vulgar ou desprezível? Não, caros Amigos, essa simplicidade que nos cabe é o sinal dos eleitos do rebanho de escol, o distintivo para entrar na casa do Salvador, para estarmos mais intimamente unidos a ele. Observem a simplicidade do Salvador: ele não apaga a mecha fumegante, não quebra o caniço, nem eleva sua voz no tumulto. Afeiçoem-se profundamente à simplicidade; é a melhor característica, o sinal mais seguro dos Oblatos. Quem é mais simples do que a Boa Madre Maria de Sales? É verdade que ela não estava sem recursos. Mas era simples nas palavras, nos seus pareceres, em suas apreciações e no trato

com cada um. Todo mundo percebia isso.

#### **A Boa Madre e o inglês. -**

Estávamos viajando a Reims. Uma família inglesa, isto é, pai, mãe, avô e duas ou três filhas, seis pessoas pelo menos, lotam a carruagem. O inglês olha para a Boa Madre, cumprimenta-a e lhe oferece algo: uma fruta; impressionado pelas suas maneiras, simples com toda a sua distinção, ele me disse baixinho: "Esta senhora é uma pessoa importante, não é? Uma grande personalidade..." Essa simplicidade é que precisamos. Dá um cunho muito notável de distinção. Não incomoda ninguém, mas nos adapta sempre às circunstâncias.

#### **A pontualidade na observância da Regra e do Diretório. -**

A segunda característica do Oblato é a pontualidade, a exatidão completa naquilo que temos que fazer. Sejam totalmente religiosos em nossos exercícios individuais, nas intenções indicadas pelo Diretório, na fidelidade à Regra. Sejam constantes em todas essas práticas, acostumemo-nos e dediquemo-nos a elas. A tal hora, em dado momento, devemos fazer tal coisa: façamo-la naquele instante, a não ser que o Superior nos dispense disso ou nos permita fazê-la em outro momento. Quanto ao Diretório, sejamos exatos, na hora, no minuto, para imitarmos Deus com relação ao desenrolar da sua obra da criação. Vejamos como ele é exato e como tudo anda com precisão na sua obra. Mas, se divergimos um pouco, se alteramos algo, é uma falta, não de boa vontade, evidente, mas de atenção perfeita e de regularidade completa. Isto se nota e escandaliza. Onde estão atualmente as pessoas que foram educadas com essa preocupação de fazer as coisas com perfeição? Faz-se tudo mais ou menos.

#### **Não há mais nada de exato e de completo no mundo. -**

No mundo, meus caros Amigos, onde estão as obras-primas de arquitetura, de literatura? Há obras de ciência, mas não existem mais obras-mestras; fazem-se descobertas, mas muitas vezes devido à casualidade. Recompensa-se a dedicação, mas obras-primas que apresentam o belo e o perfeito não existem mais; não há mais acabamento. Traçam maquetas, mas a última cinzelada não se dá. Sejam exatos, obedeçam de tal maneira, da forma indicada no programa, no horário; tudo seja realizado com pontualidade. Daí surge um conjunto, uma harmonia apreciada pelos anjos; e Deus, que gosta da harmonia, se fará presente entre os Senhores. Isso é uma coisa grandiosa.

Suponham um homem que não seja pontual. É uma máquina cujas en-

grenagens não estão bem ajustadas; olhem o que vai acontecer. É incômodo, sem dúvida, sermos caprichosos, mas para a máquina funcionar é preciso que tudo esteja no seu devido lugar. Todos os Oblatos sejam reconhecidos por essa característica; sejam reconhecidos claramente como pertencentes à família do nosso Santo Fundador. Cada um se examine a esse respeito e se tomem bons e firmes propósitos. Quem era mais pontual do que a Boa Madre? Ela sempre estava na hora, no momento preciso, fiel à reta intenção e ao pensamento na morte.

#### **Querer ser pontuais. -**

Será que isso é uma questão de inteligência? Não, mas da vontade. Importa querer ser exato. Apeguemo-nos à pontualidade, ainda que não tenhamos queda para essa virtude. Adaptemos nossos atos à exatidão. Com força de vontade? Oh! não só, mas com amor. Tudo em nossa vida religiosa se beneficiará disso; e mais tarde, quando formos obrigados a partir para longe, o Bom Deus nos sustentará e o costume da pontualidade adquirido nos será também uma ajuda valiosa.

#### **Nossa missão no Brasil. -**

Vamos falar sobre nossos missionários. Recomendo encarecidamente às suas orações os nossos missionários futuros e presentes do Brasil. Deus nos faça entender, se devemos parar no caminho ou prosseguir essa obra. Dom Gossin pensava que os Oblatos de São Francisco de Sales eram necessários para as missões desse país. A situação dos costumes, as sociedades secretas, a falta do trabalho, a deficiência de instrução tornam o exercício do santo ministério extremamente difícil. São necessárias pessoas de vida interior. É absolutamente preciso que sejam amparadas por Deus, para opor-se à despreocupação e à negligência; suas obras precisam ser algo firme e estável que permanece. Se o Bom Deus quiser que realizemos essas missões, que nos prepare para essa obra. Os que não precisarem ir rezarão pelos outros. Os que forem lembrar-se-ão que a simplicidade e a exatidão farão lá muito mais do que todo o resto, ou melhor, farão o que todo o resto não conseguiu fazer ainda.

Peçamos à Boa Madre Maria de Sales o senso dessas coisas; não é nada, ou melhor, parece não ser nada, no entanto, é muito importante.

#### **O edifício espiritual da Congregação. -**

Na volta às aulas, no "São Bernardo" ou em qualquer outro lugar, tudo se realize simples e pontualmente. O trabalho simples e caprichado de cada um forme um conjunto completo, onde nada destoa. Num edi-

fício, quantas pedras, quanto material, quanto trabalho pessoal! Mas, quando o edifício estiver construído totalmente, não se vê mais do que uma obra coesa, uniforme, onde tudo está em harmonia. Temos, diz São Paulo, um edifício a construir. Essa construção deve ser alta e perfeita. Deve alcançar até o céu. É preciso erguê-lo pedra por pedra, camada sobre camada, com paciência, pouco a pouco; esse edifício construído assim é que acolherá a Deus e o próximo; e será tanto mais bonito, tanto mais completo e sólido, quanto mais constante e uniforme tiver sido a maneira de levantá-lo.

Deus, por intercessão da Boa Madre de Sales, nos conceda uma grande simplicidade, uma grande exatidão, porque essas duas coisas aproximam do Bom Deus, que é o Ser simples, o Ser perfeito!

## OITAVA PALESTRA

### A CARIDADE

#### **Os retiros na Visitação de Troyes. -**

Estamos no último dia de retiro... Procuremos consolidar o que Deus nos concedeu nestes dias. Ontem lhes falei sobre os retiros na Visitação de Troyes, sobre as graças que Deus dava, sobre as inspirações que Deus concedia às religiosas durante o retiro. Hoje acrescento que, cada ano, o efeito desses retiros era admirável, sendo cada um deles uma verdadeira e perfeita renovação para cada religiosa, qua a fazia avançar de modo muito notável nos caminhos da perfeição. Isso era geral, de maneira que se podia constatar realmente, por fatos muito evidentes, o progresso de cada uma, como resultado do retiro. Não era coisa passageira, mas duradoura. Era uma camada de tijolos a mais na construção do edifício, era mais um passo no caminho da alma para Deus. É preciso fazermos com que isso aconteça conosco. O retiro é algo sumamente importante; é o meio de juntar, de reunir os diversos tipos de material do ano anterior, as dificuldades, os sacrifícios, as experiências que se puderam fazer aqui e acolá, referente a uma ou outra coisa; são as pedras do edifício. Recolhamo-las durante o retiro. A graça de Nosso Senhor acrescentará o cimento. Peçamos ao Espírito divino que compreendamos essas coisas e disponhamo-nos a cumpri-las fielmente.

#### **Foicy. -**

Hoje, depois do meio-dia, iremos, cada um por conta, a Foicy,

para a cerimônia da admissão dos Noviços e dos Padres professores. Cada um irá sozinho e, depois de chegar, ficará em recolhimento espiritual. Como lhes disse ontem à noite, peçamos ao Bom Deus, o qual tantas vezes mandou seus anjos visitarem esse lugar, que os envie ainda e que nos proporcionem as graças de Deus. Era essa a prática constante do nosso Santo Fundador, aonde ele fosse, colocar-se sob a proteção dos santos anjos desse lugar. Façamos o mesmo sempre, saudemos os anjos da guarda, mantendo um colóquio com eles.

Ontem, eu lhes disse umas palavras sobre a simplicidade e a pontualidade que devem ser como o nosso ornamento exterior, que devem ser o sinal, a aparência exterior dos Oblatos; é uma condição essencial que surge do nosso próprio espírito. Um adorno, uma aparência exterior, condição essencial também do nosso espírito, da nossa vida comum, é a Caridade.

#### **A ordem da caridade. -**

Graças a Deus, eu acho que nisso não cometemos faltas; não vejo que haja algo a reclamar a respeito. Entretanto, a Sagrada Escritura nos ensina que há, na caridade, um grande número de graus e que, no exercício da caridade, é necessário sempre "ascendere in altum" (subir). Essa caridade deve compreender não somente os que nos rodeiam, aqueles que nos serão confiados, mas deve ser mais ampla e mais elevada. Deve dirigir-se primeiramente a Deus, princípio e fim de todo o amor e de toda a caridade. "Ordinavit in me caritatem" (Ct 2,4) (Dirigiu a mim o seu amor). Há uma ordem na caridade: devemos querer bem Nossa Senhora, os anjos, os santos: são dignos do nosso amor. Precisamos dar-lhes o testemunho do nosso respeito e bem-querer. Devemos amar o nosso próximo, o pai e a mãe, os irmãos, os amigos, cada um dos nossos próximos e sobretudo os que estão ligados a nós espiritualmente com relação a Deus. Tenhamos, alimentemos e conservemos sempre essa caridade, esse amor afetivo e efetivo pelo próximo. E entre os nossos semelhantes, com o pai e a mãe, nossos parentes mais achegados, devemos reservar um primeiro lugar em nossa afeição - logo depois de Deus e os santos - para os irmãos que estão unidos a nós espiritualmente pela vida religiosa e que têm direito às primícias do nosso amor e do nosso coração. Depois, é preciso que essa caridade se estenda a todos aqueles que nos são confiados de uma forma ou outra: penitentes, filhos espirituais, alunos. Todos os que têm

contatos conosco, relações de atividades ou outras devem ocupar o seu lugar na escala de nossa caridade.

#### **A Caridade para com Deus. -**

Sobre o amor para com Deus não temos nada a dizer: o Diretório é suficientemente claro. Este é exatamente a união real da alma com o Bom Deus. Estabelece, pois, um intercâmbio contínuo com ele. "Venite et videte" (Jo 1,39) (Vinde e vede). Pelo Diretório estamos nas mãos dele. Santo Agostinho abriu sua Regra com estas palavras: "Antes de mais nada, Deus seja amado acima de tudo."

#### **A Caridade para com nossos irmãos. -**

São Francisco de Sales queria, originalmente, fundar uma Congregação sem votos, não tendo outro liame que o vínculo da caridade. "O amor é forte como a morte" (Ct 8,6). O santo Doutor pensava que com esta ligação podia suprir todos os outros laços da vida religiosa e tinha razão. Devemos, portanto, querer bem os nossos irmãos.

#### **O Amor sensível. -**

Será que se trata de um amor de sentimento, de simpatia, de afeição? Sim, essas três coisas devem fazer parte da nossa caridade. Devemos amar realmente nossos irmãos com sentimento. Não tenho outra observação a fazer a respeito a não ser a de Santo Agostinho: "Se dissessem 'Procurem a caridade no além-mar, além dos Alpes', poderiam opor-se, pois não é preciso ir além do próprio coração." Deixem o seu coração inclinar-se para o objeto do seu afeto, como a flor se dirige para o sol. Esquentem o coração com o amor de Deus e então amarão devidamente os seus irmãos. Amá-los-ão com amor sensível; não lhes serão estranhos; são da mesma família: queiram-nos, portanto, tamquam fratres (como irmãos); defendam-se mutuamente e protejam-se uns aos outros. A gente discute às vezes um pouco entre si, mas isso não é nunca uma coisa séria nem prolongada e isso, no fundo, não impede que a caridade seja bem viva. E sempre a gente se defende reciprocamente, toma-se partido um do outro, cada um assume a causa dos outros.

#### **O Amor de simpatia. -**

Eu mencionava a simpatia. A simpatia que se experimenta por alguém faz com que a gente se conforme ao humor, à maneira de ver dele. Façam isso o mais possível. Se ele for colérico, o Senhor seja amável e reconciliador. Mas ele procura briga, como ficar, então, amável e benigno? Há certos pontos, naturalmente, com relação aos quais é impossível não chocar-se, mas na pessoa de seu irmão não há esses pontos; existem

muitos outros. Ele o contradiz, ele está errado em algum ponto, mas em quantos outros aspectos ele é amável?... Ele não é piedoso, fervoroso, generoso, fiel a seu dever? Não tem mil boas qualidades? Olhem essas qualidades, esses pontos nos quais ele se revela amável. Isso é o que São Francisco de Sales nos recomenda. Podem, portanto, e devem ter simpatia para com seus irmãos. Não há ninguém que não tenha algo que lembra Deus de forma especial, que não apresente certas qualidades boas que são dons de Deus. Encarem o seu próximo assim. Quando houver uma coisa que não está certa, não se contrariem, não pisem naquilo que machuca.

Assim é que deve ser a sua caridade; deve ser atenciosa e delicada. Cuidem para não jogar-se grosseiramente contra quem lhes fizer algum mal violento. Isso lhes serviria para quê?

O amor materno seja modelo da caridade dos Senhores. Escutem a mãe ao falar sobre seus filhos. Ela desejaria que não tivessem nem vícios nem defeitos. Quando não pode escondê-los, se esforça por fazer com que sejam esquecidos, procurando ou inventando as boas qualidades de cada um. Este é generoso, aquele tem um bom coração ou é muito entendido...; ela encontra em todos qualidades que sejam o motivo para amá-los.

Isso é o que nós devemos fazer. Olhem com que respeito, amor e cuidado temos que querer bem os nossos irmãos.

Amemos, portanto, nossos irmãos com simpatia, referindo essa simpatia à parte de sua pessoa que é melhor e que vem de Deus.

#### **Amor de afeição. -**

Precisamos amar nossos irmãos também com amor de afeição. Não basta amá-los em geral, com amor de estima e ficar nisso, mas com amor de afeição que faz com que a gente se esqueça de si próprio em favor do seu irmão, com que se seja condescendente para com ele e que a gente se sacrifique para salvar os irmãos. É preciso que o nosso amor inclua isso. Meditemos sobre isso. Tomemos um ou outro dos nossos irmãos; ocupemo-nos com ele durante a meditação. Peçamos ao Bom Deus que estejamos bem com esse irmão. "Eu sou um com vocês, diz Nosso Senhor, e vocês também sejam um entre si, como eu o sou com meu Pai" (cf. Jo 17,21). Isso é o exemplo, assim é o modelo: meditem sobre isso. Essa meditação vale tanto quanto a que podem fazer sobre os maiores e mais elevados mistérios; será muito agradável ao Bom Deus e os conduzirá mais eficaz e mais perfeitamente à prática da vida religiosa.

Possam os Senhores encontrar esse amor no Coração de Nosso Senhor, na Santa Missa, na Santa Comunhão; então, a paz e a verdade abra-

çar-se-ão no interior dos Senhores; seu coração será intimamente unido ao Coração de Jesus e, por ele, com o Pai e o Filho; os Senhores formarão uma unidade com as três Pessoas divinas.

A caridade não correrá à frente para aguardar a nossa passagem. Não é preciso preveni-la; e como a sabedoria - de que fala Salomão - a verdadeira sabedoria - que faz com que amemos os nossos irmãos - que caminha à frente para guiar-nos; nós devemos segui-la a passo lento, mas seguro. Esforcemo-nos, portanto, para adquirir essa virtude; meditemos sobre os meios para conseguir e possuí-la. Rezemos especialmente ao Bom Deus, na meditação, que nos ajude a amar os nossos irmãos. Quando, pela graça de Deus, tivermos avançado algo em matéria de caridade, sejamos-lhe agradecidos. Quando, pelo contrário, nos encontrarmos em dificuldade, na ocasião de pecar, na tentação, superemos isso através da oração, pela vigilância sobre nós mesmos; façamos penitência depois de nossas quedas.

#### **São Bernardo e seus Religiosos. -**

São Bernardo recomendava a seus religiosos a prática de pedirem de joelhos desculpa daqueles para com os quais tinham sido pouco caridosos e de pedir perdão aos anjos da guarda de seus irmãos. Morreu um dia um religioso que não tinha sido muito exemplar, que não tinha nem inteligência nem juízo que se destacavam; antes de sua morte, uma luz celestial clareava sua cela. Perguntaram-lhe a causa desses favores celestes. Respondeu que não via outra razão a não ser o cuidado que sempre tivera de pedir perdão e de reconhecer-se culpável diante dos anjos da guarda, cada vez que ele acreditava ter faltado à caridade.

#### **Fazer atos explícitos de caridade. -**

Esse afeto para com seus irmãos todos os Senhores o têm, não há dúvida. Muitas circunstâncias se deram que testemunham a caridade dos Senhores. Mostrem-na, não só evitando as faltas que a ferem, mas também realizando atos explícitos. Ajudem-se mutuamente na comunidade e essa caridade seja manifestada exteriormente, de boa vontade, de bom grado. Ajudem cada um de nossos irmãos em suas dificuldades exteriores. Ao vermos algum dos nossos irmãos desanimado, desalentado, irritado, por que não empenhar-nos por colocá-lo no caminho certo com umas boas palavras, uma palavra de encorajamento, uma explicaçõzinha? E também, e com tanto mais razão, quando um Superior ou um igual tiver dito a um dos nossos irmãos uma palavra capaz de ferir-lhe o amor próprio, o coração ou as sensibilidades, é preciso ter o cuidado de ajudar essa pobre alma

perturbada e encorajá-la; um ato de caridade, uma palavra dá força e ânimo.

#### **São Sinforiano e sua mãe. -**

Anteontem festejamos São Sinforiano. Ainda jovem se encaminha ao martírio. É duro e penoso o martírio! O jovem precisa de um encorajamento nesse momento difícil; uma voz conhecida vem lhe infundir esse estímulo: é a mãe dele. Do alto do portão da cidade lhe grita: "Fili, aspice in coelum" (Filho, olhe o Céu).

#### **A Boa Madre Maria de Sales. -**

Na vida da Boa Madre Maria de Sales, encontro duas coisas muito notáveis: primeiramente sua união perfeita com Deus, mas também sua fidelidade incomparável à prática da caridade. Durante todo o tempo da vida da Madre Maria de Sales, nunca a ouvi dizer a mínima palavra, fazer a mínima observação contrária à caridade. Como Superiora ela devia emitir o seu parecer e falar com o capelão; nunca a ouvi dizer uma palavra que pudesse atingir a reputação das Irmãs. Eu ouvi dizer, sim, quando era necessário: "Tal Irmã errou...", mas nunca havia recriminação, julgamentos, censuras contra a própria pessoa. Ela indicava a falta quando era de sua obrigação e o fazia de maneira muito moderada e prudente; nunca ia além da própria falta. Procuro lembrar-me, mas não tenho recordação de ela agir de outra forma; no entanto, parece que poderia ter muitos motivos para isso. Assim foi toda a sua vida, é um dos segredos de sua santidade. Querendo ser santos nós também, enveredemos por esse caminho; somos os filhos da Boa Madre. "Vejam como se amam," diziam os pagãos falando dos primeiros cristãos.

#### **O Voto de Caridade. -**

Eu não veria grande inconveniência, se todos os que se sentirem chamados pela graça fizessem o voto de caridade para obrigar-se a uma maior atenção e coragem quanto a esse ponto essencial de nossas obrigações e para praticarmos mais ampla e completamente a caridade. Padre Rollin é famoso nesse sentido. Às vezes ele me diz sobre um ou outro noviço: "Aquele falta por completo à caridade, não vai ficar." - "Mas, afinal, Padre Rollin, ele não tem outras qualidades?..." - "Não ficará." E Padre Rollin tem razão. Não estou falando de faltas ocasionais; não se deve exagerar. Mas afirmo que o noviço que falta habitualmente à caridade tem grande problema para conservar a vocação. É, portanto, uma das condições principais para a existência da comunidade dos Oblatos. Roguemos com fervor ao Bom Deus pelo dom dessa santa e indispensável virtude

da caridade.

## RETIRO GERAL de 1886 (agosto - Foicy)

---

### PRIMEIRA PALESTRA

#### O RETIRO

Meus Amigos, este retiro tem uma característica especial: é quase como o primeiro capítulo geral do Instituto. Chama à atenção o facto de que, na ocasião dos primeiros capítulos gerais que se realizaram nas diferentes Ordens religiosas, os cronistas fizeram observações importantes: encontravam aí indícios referentes ao futuro da Ordem.

São Francisco de Assis reúne o seu primeiro capítulo geral, não numa casa, nem numa igreja, mas numa das grandes planícies da Úmbria, na Itália. Seus primeiros religiosos eram tão numerosos, era uma reunião tão empolgante e imponente que não havia um edifício suficientemente grande para contê-los. Os historiadores do Santo examinam de muito perto este primeiro capítulo. Relatam uma série de fatos ocorridos nessa reunião solene e tiram daí conclusões muito importantes. Procuram ali algo como a semente, o germe da Ordem e fazem suas previsões sobre o futuro.

Quando o Senhor de la Salle realizou o primeiro capítulo do seu Instituto, convocou algumas pessoas que ele pretendia entusiasmar por seu projeto de fundação; e esse retiro chegou a ser o início do que mais tarde seria o Instituto dos Irmãos.

Eu gostaria que este primeiro retiro solene - digo solene, porque somos mais numerosos do que no ano passado e porque o realizamos em Foicy... Muitas recordações pairam sobre este lugar, os anjos de Deus desceram aqui tantas vezes, mártires aqui viviam e derramaram o seu sangue, os primeiros apóstolos da província o santificaram! Ora, o Bom Deus não permite nunca essas coisas sem haver um desígnio especial. Em muitas bênçãos da Igreja, particularmente na bênção do Escapulário e na das Ordens religiosas, expressa-se este desejo: Deus lhe conceda o lugar onde fazer o bem. Constituat tibi locum bene agendi. É, pois, uma bênção particular ligada ao lugar. Acarreta graça. Se não fosse assim, para que as romarias? Por que se iria a Salette, a Jerusalém? Por que ir rezar nos lugares santos, no Calvário, no lugar do nascimento de Nosso Senhor, se

esses lugares fossem como os outros, se fossem uma simples recordação, se não houvesse associadas a eles graças especiais? Sim, graças muito particulares estão ligadas a este solo que os santos pisaram, graças semeadas, por assim dizer, na poeira da estrada, para produzir, um dia, uma abundante colheita. Eu lhes garanto que o passado depositou aqui germes de santificação; e essas sementes, o Bom Deus, a Boa Madre Maria de Sales as aumentarão e as farão frutificar em graças abundantes.

É preciso, portanto, meus Amigos, aproveitar bem essas poucas horas diante de Deus. O retiro nos seja útil a nós mesmos, às almas que têm direito a nossa dedicação, útil às obras que dirigimos e à Igreja inteira. Não é sem um desígnio especial que Deus suscitou o nosso Instituto nestes últimos tempos. Precisamos do retiro para descansar das fadigas: *Venite in desertum locum, et requiescite pusillum* (Mc 6,31) (Vinde vós, sozinhos, a um lugar deserto e descansai um pouco). Descansemos perante Deus, diante de nossa consciência, na calma, no silêncio que reina ao redor de nós, *in desertum locum*. Precisamos repousar. Como? Onde o encontraremos, Senhor? *Magister, ubi habitas* (Jo 1,38) (Mestre, onde moras)? *Venite et videte* (Jo 1,39) (Vinde e vede). Iremos como os três Apóstolos privilegiados, hóspedes dele. Faremos como esses Santos que são nossos padroeiros e modelos. Observaremos o silêncio muito fiel e bem religiosamente. Não digam nada a ninguém, só falem com o Bom Deus, até o recreio da noite, para poder aproveitar cada instante. - É muito tempo, Padre, poderão dizer. - Não, não é. Já que fazem retiro em seu benefício, terão do que se ocupar com seus exames de consciência, com o empenho de se auto-avaliar, de indagar as graças recebidas e, de outro lado, suas numerosas infidelidades. Há muito sobre o que meditar nessas questões. Preparem isso desde já, comecem por aí. Reparem como estão em relação a Deus; ponham seus documentos em dia: isso já será uma ocupação importante. Examinem, depois, os seus deveres religiosos, sua fidelidade à observância: sem dúvida, faltar à observância não é um grande pecado no sentido teológico. Mas para os Senhores é uma falta contra os votos, contra a sua vida, contra a finalidade de sua existência. Se são infiéis, estão separados do conjunto da Igreja, são uma roda inútil e prejudicial, porque não gira.

O retiro - dêem-se conta disto - não se faz só para os Senhores, mas para todas as coisas e pessoas de que estão encarregados. Du-

rante o retiro, quando a ocupação consigo mesmo estiver feita - de fato, isso não implica em muito tempo, pois nós, Oblatos, fazemos questão de não saber muita coisa sobre nós mesmos - procuramos ser fiéis a Deus, abandonando-nos a ele. É isso o ensinamento da Boa Madre, é essa a nossa grande sabedoria. A obediência nos pede isso ou aquilo; executemo-lo, ficando tranquilos, sem nos fazer problemas, sem inquietação. Durante este retiro, pois, rezemos a Deus, reparemos a nós mesmos, batamo-nos no peito e peçamos perdão a Deus, e pronto! A partir daí, façamos o nosso retiro visando as nossas obras, em prol de tudo o que realizamos, de tudo o que amamos, dos nossos alunos se somos professores, em favor das almas que dirigimos, das tarefas que temos a desempenhar. - Isso é um método esquisito, Padre, de fazer o retiro assim. Só há distrações. - Não, não é uma distração preparar o serviço que se tem que fazer, apresentar e recomendar ao Bom Deus as almas das quais a gente está encarregado e prevenir-se.

Nossos Padres do Cabo vão a Springbock para fazer compras de farinha, de arroz, de feijão. Também nós vamos procurar, durante o retiro, nossas provisões para viver e para fazer todo mundo viver.

Temos horas, dias para passar assim, e que serão sumamente frutuosos para os Senhores. Acreditem na experiência dos que assim fizeram o seu retiro. Depois de terem rezado e elevado sua alma a Deus, voltaram para suas atividades, fortalecidos, empolgados pelo impulso e pela inspiração de Deus. Ele ajuda a atuar, quando a gente lhe pede isso. Quando São Francisco de Sales estava envolvido na obra da Visitação, quando era missionário no Chablais, o que fazia? Realizava cada dia o seu retiro, dirigindo-se a Deus. Indicava a Deus uma alma ou outra que conseguia dele.

Os Senhores têm, portanto, com o que preencher o retiro, a saber, seus afazeres, as pessoas com quem estão em contato: quantas coisas!... Por que fazem retiro? Para isto: para que seja útil a tudo o que fazem, às ocupações de cada dia. Recém referi-me à minha impressão referente a este retiro, ou seja, que era como um capítulo geral. Pois bem, devo declarar-lhes, perante Deus, o seguinte: espero conseqüências sumamente importantes destes primórdios. Por quê? Afirmo ante Deus que somos encarregados de uma missão estrondosa, não digo com atividades surpreendentes, maravilhosas, novas, não, mas afirmo que somos incumbidos de uma

missão imensa, de uma obra de santificação das almas. Quantas vezes vou dizer-lhes algo sobre isso no decorrer do retiro, quantas vezes a Boa Madre me repetia: "É preciso reimprimir o Evangelho". Não é necessário fazer um novo Evangelho, não é para mudar um jota do Evangelho, não, mas tem que se reimprimi-lo tal qual é, não em papel, mas nos corações. O Santo Evangelho não está mais aí. Tomem qualquer cristão, leiam esse livro que se chama o cristão e vejam, se encontram o mínimo traço do Evangelho na maior parte de sua vida! Acharão idéias esquisitas, extravagantes, mas o Evangelho, nunca! A Boa Madre me dizia e repetia isso milhares de vezes.

Como cumprir essa missão, se a graça de Deus não atua em nós e não sopra sobre nós? O resultado não se pode esperar de nós. Onde poderemos encontrar ajuda, a luz, o meio de agir? No retiro. O Bom Deus está presente. Na verdade, diz ele, todas as vezes que dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles (Mt 18,20). E eis uma palavra talvez ainda mais forte: Quando dois ou três dentre vós concordarem sobre qualquer coisa 'de quacumque re', eu estarei no meio deles (Mt 18,19). Quando dois ou três dentre vós concordarem para fazer qualquer coisa, para lavrar um pedacinho de terra, na verdade, estarei no meio deles. Onde estamos reunidos para realizar juntos a mesma obra? Não é primeiramente no retiro? Concluam, pois, daí a extrema necessidade de fazermos o retiro com todo o empenho.

O que acabo de dizer, meus Amigos, já o sabem muito bem: é uma coisa muito simples. As grandes coisas são assim. Reparem Nosso Senhor: o que ele é? O último dos homens quanto à sua existência, sua posição social, seus contatos com o mundo referente aos bens e à condição... Ele fala: está nisso a sua força - lá se manifesta o sopro de Deus, ele submete o mundo, governa-o e o rege.

Dêem, portanto, suma importância ao retiro. Aproximem-se de Nosso Senhor como os Apóstolos vinham a ele. Na campanha romana, uma tradição antiga relata que existe um lugar onde, todas as vezes que São Pedro passava, ele derramava lágrimas. E quando seus discípulos lhe perguntavam: 'Por que chora?' ele lhes respondia: 'Este lugar é parecido com o sítio onde o Salvador nos reuniu para fazer-nos descansar na presença dele.' Desejo muito que Foicy seja para os Senhores esse lugar onde se sentirão tocados pelo Bom Deus, onde ele entrará e se comunicará

com os Senhores. É bem possível que ainda não estejam muito acostumados, que não dominem ainda a arte de manter um colóquio com o Mestre. Comecem neste retiro. Passem-no, ocupando-se com seus afazeres, com o que têm que fazer, com suas obras, com as almas que Deus lhe confiou. Isso se estenda a tudo. Nossos Irmãos compreenderão bem isso. Farão o seu retiro com a madeira, com o ferro, com o serviço de manutenção. Eles dirão: 'Deus, ajudai-me a realizar o que não faço bem, isso ou aquilo que não consigo fazer direito. Será que isso é uma distração? Não, ao trabalhar, a disposição de sua alma faz com que este ou aquele trabalho material feito por obediência à vontade de Deus se torne um ato de caridade perfeita, merecedora do Céu e de aumento de glória. O catecismo, a Teologia afirmam isso. É tão bom envolver Deus em tudo. É isso o que a Boa Madre fazia, é isso que eu constatava cem, mil vezes nela. Isso faça, decididamente, parte de nossos propósitos. Lembremos a palavra que ela disse no leito da morte, isto é: que nos protege de lá do Céu. "Deixo-lhes o meu dom," acrescentou e: "Isso é para os Senhores." Este dom, ela o deixou para quem o quer receber, e os que quiserem aproveitá-lo, tirarão proveito disso.

## SEGUNDA PALESTRA

### A CONSCIÊNCIA (A FIDELIDADE)

Meus Amigos, façamos nosso retiro com muita seriedade, integral e conscienciosamente. A consciência, meu Deus, é algo que tende a desaparecer por toda a parte. A consciência fala tão baixinho entre os cristãos, hoje em dia, que, na verdade, a gente se pergunta, se ela ainda se manifesta. Fala às vezes, infelizmente, - sejamos francos - fala bem baixinho a muitos religiosos e religiosas; às vezes comunica-se tão baixo que a gente não distingue o que quer dizer. Meus Amigos, não quero agredi-los, mas desejo prevenir sobretudo os jovens que se incorporam conosco que a nossa consciência de Oblatos - é meio engraçado dizer isso - não é a consciência de todo mundo. Será que somos escrupulosos? Não, mas nossa consciência é delicada, deve ser sumamente delicada. Os que não têm consciência delicada certamente não são chamados ao nosso estilo de vida. Podem ser bons sacerdotes, bons missionários, mas nunca serão bons Oblatos. E quando tento descobrir a situação dos Senhores diante do Bom Deus, não me preocupo de sua consciência quanto ao cumprimento dos man-

damentos de Deus e da Igreja - pelo menos, gosto de pensar assim - mas sinto dolorosamente as mínimas faltas de consciência referentes às obrigações da vida religiosa. Prestem, pois, muita atenção a isso. A gente pode encontrar desculpas, eu sei. Vêem-se coisas tão extravagantes neste mundo!... Fazem-se, às vezes, observações ou perguntas que manifestam uma ignorância absoluta do senso moral e religioso entre os cristãos. E todos sofremos mais ou menos a influência daquilo. A falta de consciência no estado religioso é um mal muito grande. A Boa Madre nos diz que nós somos fundados para reimprimir o Evangelho. Precisam-se caracteres para imprimir. Sem isso se terá litografia ou autografia, mas isso não sai nítido, não é completo; nem a forma, nem os lineamentos, nem as letras são completas, nem perfeitas. Sim, precisam-se caracteres para imprimir: ora, os Senhores devem ser os caracteres com os quais Deus imprimirá o Evangelho. Com que poderiam imprimi-lo, sem isso? Com seus conhecimentos?... Bem sabem o que se dizia no tempo de São Francisco de Sales: "Se quiserem instruir os heréticos, dizia um pregador, mandem-nos a mim; mas se se trata de convertê-los, enviem-nos ao Senhor de Genebra." Os Senhores devem encontrar em si, e unicamente em si, o necessário para reimprimir o Evangelho: *Tamquam forma facti gregis ex animo* (como modelo do rebanho de bom coração), disse São Pedro (1 Pd 5,3). Notem bem "*ex animo*" (de bom coração): é necessário que os Senhores sejam a forma, o molde, o caráter, por completo, não só pelas suas maneiras de falar ou de agir, mas inteira e totalmente. E, por conseguinte, precisam de uma consciência delicada, generosa, não somente no que se refere à lei de Deus, mas também no tocante à observância religiosa e outrossim relativo à recepção de tudo o que Deus nos dá para nosso apostolado.

Vamos dizer uma palavrinha sobre a consciência nestes três aspectos: acerca da lei de Deus, quanto às obrigações religiosas e atinente às graças que recebemos para os outros.

#### **Demos muita atenção à lei de Deus.**

Ela passa incompreendida por toda a parte, e nós também somos influenciados. Há um decaimento, um torpor, uma inércia universal de vontade, da qual não nos escapamos. O pecado não nos inspira tanto horror e rejeição quanto devia causar-nos. Sem dúvida, não corre por nossa alma como uma gota de água sobre um oleado, mas a impressão que ocasiona não nos atinge apenas superficialmente. Por que os Santos choravam suas faltas leves? Por que São Luís de Gonzaga tinha tanto arrependimento dos

seus pecados? Os Santos tinham uma luz sobrenatural, uma graça abundante que lhes mostrava a suprema injustiça da ofensa feita a Deus, mesmo nos assuntos mais leves. Prestemos muita atenção a isso, tenhamos o máximo cuidado, sejamos vigilantes, evitemos prontamente toda a espécie de maus pensamentos, de más inclinações, de más ações, tudo o que possa ser contra a lei de Deus, com relação ao próximo, à consciência, aos bons costumes. Estejam alerta relativo a tudo o que é pecado, a tudo o que é contra algum mandamento de Deus. Tudo isso nos esteja escrito profundamente no coração e não somente com tinta, como afirma São Paulo. Neque per atramentum, sed per Spiritum Sanctum (cf. 2 Cor 3,3) (não com tinta, mas com o Espírito Santo), em caracteres de fogo, ardentes, evidentes para nós mesmos e manifestos para os outros.

Como conseguir essa graça de uma boa consciência no tocante aos mandamentos de Deus e da Igreja? Pela fidelidade; é imprescindível evitar as mínimas faltas; e quando um erro nos surpreendeu - pois é difícil evitá-los por completo - devemos manifestar o nosso arrependimento a Deus, fazer um ato de contrição firme e decidido. Isso é fundamental; sem isso, nada feito; o que construirmos será erguido na areia movediça e dará em nada.

Peçam a Deus, portanto, uma consciência delicada. Repito: não há perigo de tornar-se escrupulosos. É difícil surgir um escrupuloso nestes tempos. É até um prazer encontrar um, pois há tantos outros que não o são de forma alguma!

Examinem a sua consciência, dêem-se conta do que a lei de Deus lhes solicita; se virem que sua inclinação pessoal os atrai para algo que lhe for contrário, que essa lei lhes seja um marco não ultrapassável; parem determinadamente diante dele. É necessário que se sintam obrigados a ficar aí, sem poder seguir a inclinação que os levaria além. Quanto à consciência, temos todos a reconhecer as nossas faltas. Se há um vazio em nossa alma, se uma pedra falta entre as camadas de nosso edifício espiritual, é isto: ajamos com toda a convicção de nossa fé.

#### **A consciência com relação às nossas obrigações religiosas.**

Padre Rollin me contou o que está acontecendo no Noviciado. Há pequenas desobediências, não em coisas consideráveis.

As obediências dadas são consideradas como algo que não se precisa levar em consideração, sem maior problema. O silêncio, a obediência, é verdade, não são sancionados sob pena de pecado, mas faltar a isso é algo pior do que um pecado, é uma falta. A gente se recupera de um pecado pelo arrependimento, mas nem sempre a gente se restabelece de uma falta. Deus não dá sempre de novo o que é necessário para reconstruir o edifício que deixamos ruir. Fizeram desaparecer as pedras do santuário; jogaram fora, esbanjaram à toa o que Deus mandara reunir. Será que fará um novo milagre para reconstruir o edifício? Deus, naturalmente, não tem obrigação de perdoar o pecado; de fato, ele o perdoa, mas não dá de novo a graça negligenciada. A vida religiosa é uma graça especial, particular. Ele deu-a: se não a aproveitarem, será que ele a concederá novamente? Não, Deus lhes dará outras graças, mas não a que rejeitaram. Essa é a razão por que nossa consciência deveria ficar preocupada seriamente com nossas infidelidades. Deus é mais severo neste ponto do que em matéria da lei explícita. Não é absolutamente necessário para a sua salvação serem religiosos, ainda que, se faltarem à sua vocação, estariam numa situação muito perigosa, per ignem et aquam: passarão pelo fogo das tribulações e, talvez, por muito tempo pelo fogo do Purgatório, se não passarem para o outro fogo que não tem fim. Dêem a máxima atenção a isso. Não há o que mais aborrece a Deus do que não dar importância a uma graça especial. O Bom Deus perdoa a fraqueza, mas não a ingratidão e o desprezo. Não estou exagerando. Estou aquém da verdade. Os fatos confirmam continuamente essa afirmação. Se tantas almas se arrastam na vida religiosa e perdem as forças na beira do pecado, do escândalo, não se deve culpar a Deus. Ele deu mais do que o necessário; deu o suficiente para se tornarem santos. Prestem atenção. Nunca terão uma consciência tão delicada a ponto de superar a delicadeza de Deus para com a alma dos Senhores. O Bom Deus perdoa a fraqueza humana, sabe da nossa miséria, não nos castiga de acordo com nossas faltas. Mas o que não perdoa é não considerarmos a sua graça, é fazermos muitas coisas contrárias aos deveres e às obrigações religiosas.

Mais uma vez: nós somos encarregados de reimprimir o Evangelho e são os Senhores mesmos que devem ser os caracteres. O Bom Deus será a tinta, será a prensa se quiserem, mas só imprimirá os Senhores nas almas; a impressão se parecerá aos Senhores.

**Agora vamos falar sobre as graças que Deus lhes dá em prol dos**

**outros.**

Quando São Paulo estava a caminho de Damasco, o que o tornou um Apóstolo? Esta palavra: "Domine, quid vis me facere?" (At 9,6) (Senhor, que queres que eu faça?) Reparem São Paulo em sua totalidade, todo o seu apostolado, suas conversações, seus escritos: tudo está compreendido nisso. Será que ficou muito tempo prostrado antes de levantar? Não, Deus vê que ele é fiel, isso basta. Deus também lhes dará as graças logo que constatar que forem fiéis.

A Irmã Genoveva, sendo encarregada de simples serviços caseiros, passa à frente da porta do bispado. Vê uma carruagem que anda, uma parelha de cavalos muito vistosa que entra no pátio. Sua primeira reação é de olhar. O Bom Deus lhe inspira que não olhe. "Não olhei," respondeu ela. Entra na catedral, e o Bom Deus, então, lhe diz: "Já que não quisesse olhar, ver-me-ás a mim." E o Bom Deus era fiel à sua promessa! Ela sempre via o Bom Deus; via-o em sua vontade, em seu coração, em tudo o que ela tinha que fazer. Durante o retiro, os Senhores terão graças; aproveitem-nas para si e para os outros. Olhem, é uma coisa certa que lhes estou dizendo; a vida ou a morte dependem disso.

A Boa Madre Maria de Sales aderiu tão bem a essa doutrina da fidelidade a Deus que tenho mais de cinquenta bilhetinhos reafirmando o propósito de ser fiel a este ou àquele pequeno sacrifício, não olhando uma coisa, mortificando-se em tal encontro... Ela os anotava e os passava para mim, pela grade. Se, por ventura, achasse ter faltado a uma dessas promessas, queria confessar-se imediatamente. - "Não, Boa Madre, eu lhe dizia, recuso-lhe os Sacramentos hoje." Ela insistia: - "Confesse-me, isso me une com Deus." E eu a confessava.

A fidelidade é uma pérola preciosa; garante o olhar do amor de Deus, é a atenção que ele tem para com os Senhores. Não ligando para essa graça, os Senhores não a aproveitam; acontece, então, o que diz Santo Agostinho: *Timeo Jesum transeuntem, nec amplius revertentem* (tenho medo de que Jesus passe adiante sem voltar). É pouca coisa, não é? Essa graça? É algo enorme, é a coisa principal, absolutamente tudo. O religioso que não é fiel não vale muita coisa. O Oblato que não é fiel, não vale mesmo nada. Ser fiel supõe boa vontade, energia da qual a gente só é capaz com uma graça particular que Deus sempre nos dá. "Basta querer," dizia a Boa Madre, "e pronto."

Portanto, meus Amigos, a consciência, a consciência dos manda-

mentos de Deus e da Igreja, das obrigações religiosas, das graças que recebemos para os outros, para que sejamos verdadeiramente a reimpresão de Nosso Senhor Jesus Cristo, a reimpresão dessa vida que deve renovar o mundo. Mais uma vez: Jesus deve ser o início e o fim, deve ser o A e o Z. "Instaurare omnia in Christo," disse São Paulo (Ef 1,10): importa restaurar todas as coisas com e em Jesus Cristo. É exatamente a doutrina da Boa Madre. É coisa boa ter devoção. É preciso ser devoto, e não o somos bastante. A Boa Madre tinha muitas devoções e lhes falarei sobre isso. Mas as devoções são como o condimento que tempera, que enriquece o gosto, mas não é a essência. Sejam fiéis e unidos a Jesus Cristo, sejam um com ele: isso é a nossa doutrina, eis a doutrina que deve salvar o mundo.

Padre Cláudio, o Mestre de noviços de Nossa Senhora dos Eremitas, escrevia-me dizendo: "Esta doutrina da Madre Maria de Sales bem aplicada é a restauração do mundo. E, se o mundo seguir esse caminho, não somente se salvará, mas se santificará e se aperfeiçoará. É preciso que Jesus seja aproveitado, não somente o seu Sagrado Coração, mas toda a sua Pessoa. Temos que transformar-nos em Jesus para transformar tudo nele.

Um pedreiro que mistura a argamassa, o cimento como o Irmão Pedro, faz uma obra sólida, trabalha com a colher ou a maceta; mas o ourives e o joalheiro não trabalham com macetadas, procedem com cuidado, com arte e prudência, aplicando toda a capacidade de sua inteligência. Hoje em dia, não são só trabalhos grosseiros que precisam ser realizados, mas moedas, objetos preciosos, jóias e diamantes que resgatarão o mundo. O mundo está perdido, é necessário recuperá-lo por um preço muito elevado. Precisa-se muito dinheiro; ouro é o que mais vale; necessita-se ouro, então. Dispostemos desse ouro por nossa consciência, por nossa vida religiosa, por nossa pontualidade e nossa fidelidade. Não nos aconteça o que ocorreu com aquele bispo de que fala o Apocalipse e sobre o qual Deus disse: "Estava satisfeito contigo; tu te esforçaste contra os nicolaítas; mas tenho uma coisa contra ti: abandonaste o teu primeiro amor. Não me deste ouro; eu te teria dado ouro puro, ouro de crisol, ouro de primeira. Lembra-te donde caíste e faz penitência!... Do contrário, virei e removerei teu candelabro de sua posição, movebo candelabrum." (cf. Ap 2,2-6)

Roguemos à Boa Madre Maria de Sales, que era um exemplo tão perfeito de fidelidade, que dê algo disso para os seus filhos e retrace, no coração deles, algo daquilo que estava tão exclusivamente presente no coração dela.

### TERCEIRA PALESTRA

#### A MORTIFICAÇÃO

Notei um gesto de alguns dos Senhores que deu a entender algo de surpresa. O termo que usei merece uma explicação mais detalhada. Eu disse que o que era suficiente para os outros religiosos, não bastava para os Oblatos e que o Bom Deus pedia dos Oblatos algo muito mais perfeito. Certamente, esta palavra requer uma explicação. Não pretendia afirmar absolutamente que os Oblatos são e serão melhores do que os outros religiosos. Por enquanto são os recém-chegados. E este último, modesto lugar devemos guardar sempre; ele é bom e certamente o que mais agrada ao Salvador. O que eu disse significa que um Oblato, não observando imponentes jejuns nem pobreza rigorosa, mas possuindo uma Regra branda e simples, tendo uma maneira de vestir-se, de dormir, de comer como todo mundo, não pode ser um verdadeiro religioso, se não tiver algo próprio a realizar. Ora, esse algo especial a cultivar é a consciência que ele deve ter mais abrangente e mais delicada que os outros. Deve evitar as mínimas faltas, as mínimas falhas na correspondência à graça de Deus. Só isso precisam fazer; não observando-o, não serão de valor algum. Somos, portanto, - repito - obrigados a uma maior fidelidade que os outros. - "Mas, Padre, seremos missionários no Cabo, vamos morrer de fome na costa da África..." - "Sim, lá também será para os Senhores um grande conforto e um importante apoio essa fidelidade em todos os momentos, para serem verdadeiros Oblatos de São Francisco de Sales. Devem, portanto, cultivar uma consciência delicada, generosa: em meio às fadigas do apostolado, isso os aliviará na costa da África; e em qualquer outro lugar, isso os rodeará de maior respeito e confiança.

Começo.

São Paulo diz que, em todas as coisas, em nossas palavras, em nossas obras, devemos revestir-nos da mortificação de Jesus Cristo. Nos autem semper mortificationem Christi circumferentes (2 Cor 4,10) (trazemos sempre os traços da morte de Cristo). Se isso vale para todo o cris-

tão, com mais razão ainda se aplicará a um Oblato de São Francisco de Sales. É para ele, como já vimos, uma obrigação mais estrita. A nossa aparência deve ser totalmente religiosa, importa que apresentemos, em toda a parte, a característica, o cunho de um verdadeiro religioso. É necessário que, ao ver-nos, a gente nos distinga de outros sacerdotes, de outros religiosos. Porque, enfim, um Cartuxo levanta-se de noite, um Trapista jejua todos os dias; nós não fazemos isso. Essa mortificação exterior, esse controle dos sentidos, essa vigilância sobre nós mesmos pode ser para nós o verdadeiro distintivo, a expressão da vida religiosa. Demos a máxima importância a isso. Essa mortificação, Deus a quer, pois, na reta intenção do Diretório, se afirma que devemos aceitar os sofrimentos, as contrariedades, as humilhações encontradas em nossas ações, com paz e serenidade espiritual, como meio para alcançar méritos abundantes. São Francisco de Sales parece não admitir que os Oblatos, que seus filhos possam realizar alguma coisa sem mortificação.

Reparem a ele mesmo. Dom Camus, bispo de Belley, que queria inspirar-se nos exemplos de São Francisco de Sales, teve a indiscrição de fazer um buraquinho na divisória que separava a sua peça do quarto do Santo Fundador. Ele viu que Francisco se comportava sozinho com o mesmo respeito como em público, com algo tão correto, tão perfeito como se estivesse diante de todos. Essa mortificação, São Francisco de Sales a praticava até o final de sua vida. Eu via a Boa Madre Maria de Sales fazer a mesma coisa. Ela que era uma filha desejosa de imitar o seu bem-amado Pai. Chamo sua atenção a isso. Nada é tão edificante quanto essa fidelidade à mortificação exterior, essa reserva na maneira de ser e de agir; isso impressiona o mundo e as moças das nossas Obras. Desejo que os noviços sigam o exemplo do Padre Rollin. Reparem que ele não cruza as pernas, que senta reto na cadeira, numa atitude correta, normal. Façam o mesmo. Tomem isso a peito. Os Senhores não se imaginam os frutos que esse incômodo, essa mortificação, essa atitude penosa e cansativa ocasiona. São Francisco de Sales, após a sua morte, apresentou um testemunho eloquente do esforço que se tinha imposto e do grande empenho que tinha feito. Uma parte do seu fígado tinha se endurecido devido, como disseram os médicos, aos esforços que fizera e à mortificação contínua. Assim ele se tornou o pai de uma família que cobre a terra na Itália e isso continuará nos outros países, e, através dos Oblatos também, os seus ensinamentos se espalharão muito longe.

Estando de joelhos, pois, o Senhor não cruze os pés; enquanto sentado, conserve-se reto; quando descansando, não cruze as pernas, não se incline para lado nenhum, mas conserve-se erguido. Isso cai na vista e dá tanta dignidade ao homem! Os fiéis não enxergam o coração; só percebem a atitude; esta é uma pregação eloquente para eles. É a história de São Francisco de Assis que foi pregar com o Irmão Leão. Leva-o pelas ruas de Assis que percorrem sem dizer uma palavra. Na volta: - "Mas, meu Pai, não íamos pregar?" - "Pregamos, Irmão Leão; nossa atitude, nossa aparência pobre e modesta foi a melhor pregação."

Nossa atitude exterior, pois, seja simples como a do nosso Santo Fundador. Nada em nossas palavras, em nossa linguagem, em todas as nossas maneiras chame a atenção. É preciso, disse o nosso Santo Fundador, que tudo seja como a água, que só é boa quando não tem sabor de nada. Procedamos com muita simplicidade, naturalidade e franqueza, sem sermos artificiais nem rebuscados. Essa mortificação em toda a nossa atitude, em nossa maneira de ser, apliquemo-la sobretudo em nossas palavras; isso lhes recomendo de forma explícita. Nossa fala seja simples, digna, correta; não seja nem enfática nem exibida, não tenha a aparência de algo afetado. Falemos simples, natural e corretamente como fica bem entre pessoas devidamente sinceras que sabem respeitar-se. Com essa moedinha é que formaremos um capital, o nosso talento (cf. Mt 25,15) e adquiriremos a santidade necessária para converter os outros. Mostrem em sua atitude, em seu modo de ser, em sua linguagem, em toda a parte e sempre, algo que não seja artificial, estranho, esquisito, mas simples, quod decet (Ef 5,3) (como convém), diz o Apóstolo São Paulo. Os autores antigos que falaram sobre Nosso Senhor, assim o apresentaram. São Paulo acha a atitude do Salvador tão bonita que não dá outros motivos aos Coríntios, quando os conjura com toda a insistência de que é capaz: per modestiam Christi (2 Cor 10,1) (pela compostura de Cristo). Eu vos exorto, ele lhes diz, pela maneira de ser - pois é isso o que significa 'modestiam' - pela maneira de vestir-se, de falar e de comportar-se de Jesus Cristo. Vão inspirar-se em Nazaré: encontrarão uma casinha muito simples, pobre, mas divina: é o início do céu, é o que mais se parece a Deus, pois é como Deus quis ser no mundo.

Nossa grande devoção deve ser a de imitar completa e inteiramente Nosso Senhor Jesus Cristo; isso é a nossa finalidade. A Boa Madre

Maria de Sales dizia que este era o seu caminho: trazer o Salvador de volta sobre a terra. Ele veio não só salvar, mas também dar o modelo de vida. Reparem como ele é modesto, como tudo está bem ordenado em sua modéstia; é isso o que lhe agrada, é isso o que deseja de nós; essa é a nossa grande devoção. É muito bom prender-se ao Sagrado Coração de Nosso Senhor, ao seu santo amor, sem dúvida, e devemos fazê-lo. Mas nós somos e seremos por muito tempo crianças bem pequeninhas: nós observamos a Nosso Senhor; ainda não podemos penetrar nos segredos de seu Coração e do seu amor; admiramos todos esses mistérios e esforçamo-nos para fazer como o Salvador, comportando-nos como ele, falando como ele, caminhando como ele, pois a Boa Madre disse que se veria de novo o Salvador caminhar pelo mundo. Caminhar, como? O que quer dizer isso? Significa que nós agiremos, fazendo presente, com tanta perfeição, a atitude e a maneira de ser do Salvador, que será como se ele ainda andasse sobre a terra. É isso o molde, meus Amigos, eis o verdadeiro molde dos Oblatos; eis o que nos afeiçoa mesmo, eis a forma original; fora disso, já seria outra coisa.

Insisto, porque não se trata de uma mortificação pequena que São Paulo solicita: *Semper mortificationem Christi in corpore nostro circumferentes* (2 Cor 4,10) (Trazemos sempre os traços da morte de Cristo em nosso corpo). Quando carregamos um peso, não o levamos sempre; roupa também mudamos. Não devemos nunca, porém, mudar nem depor a mortificação: *circumferentes* (trazemos em volta). Levemo-la por toda a parte: nos pés, quando os sapatos não servem bem; na roupa, quando não é bem conforme o nosso desejo; em nossos olhares, pela modéstia; nos ouvidos, conservando-os puros, muito distantes das coisas desonestas, grosseiras, não dando ouvido a nada que seja mau; nas conversações, só tratando de coisas simples e boas; na comida, fazendo corajosamente as mortificações que aí se apresentam. O Bom Deus tem sua parte nisso, especialmente nisso.

Continuo, voltando à carga, esta manhã. Considero essas coisas tão essenciais e capitais para nós e para os outros que é imprescindível meditá-las durante o retiro, compenetrando-se delas, e tomar propósitos enérgicos a respeito.

Somente mais uma palavra. Essa maneira de agir tem uma enorme vantagem: forma o juízo, a compreensão. Parece que o religioso que avança nesse caminho seja um ser completo, sem que haja algo exagerado ou

destoante; nele tudo está ordenado, conforme os parâmetros do bem, do belo e do bom. Atribui-se aos Trapistas muitas coisas, excentricidades, originalidades, um caráter extravagante; o Mestre de noviços não censurará isso. No recreio, se houver um que é mais extrovertido que os outros, lhe dará uma lição no jejum, na obediência tão grande entre eles. Outras Ordens de pregadores têm liberdades que nós não nos permitimos. E daí? Nem todos os Trapistas fariam um bom papel no mundo; alguns seriam uns originais, pessoas muito singulares, no entanto, edificantes, sem dúvida, mas à força de uma justificação um tanto rebuscada. Outros religiosos, dedicados a obras de zelo pastoral, realizam grandes empreendimentos; mas em seus contatos com as pessoas, com o próximo, percebe-se algo que lembra demasiadamente o homem, uma maneira de ver e agir por demais pessoal.

Com a mortificação que nós devemos praticar, o homem todo é posto no molde, é modelado conforme essa forma segundo o modelo divino. Não há mais nada de exagerado, de engraçado, de esquisito; tudo se dirige a Deus. Apeguemo-nos, caros Amigos, a essa mortificação; ela é muito importante. Os que têm força e coragem para isso podem imitar tudo o que o nosso Santo Fundador fazia. Muito bem, mas se precisa uma força física enorme para tanto, para carregar o peso de todos os momentos, essa prensa que nos constrange a vida em sua totalidade. Ingressemos nesse caminho, é o melhor; entremos nele sem acanhamento, sem forçar, mas livre, simples e despretensiosamente; a graça de Deus nos acompanhará. Evitemos a familiaridade, a liberdade nos movimentos, nos gestos, na maneira de agir, nas expressões, dizendo com demasiada liberdade o que pensamos, quando não convém. Usemos o nosso traje santo com respeito. Somos gente pequena e faremos pequenas coisas; não sabemos fazer coisas grandes, somente coisinhas de nada; por meio dessas ninharias, podemos chegar muito perto de Nosso Senhor, bem perto do seu Coração, muito próximo à sua vontade, como afirma o Apocalipse, pois sua vontade e a nossa serão uma só.

Eu estava viajando a Reims, com a Boa Madre; viajávamos com uma família de ingleses composta de quatro pessoas, uma menina, o marido, a esposa e a avó. Eram protestantes. O inglês era um homem muito cavalheiro. Ofereceu algo para a Boa Madre, uma fruta. Ela recusou tão graciosamente, tendo em toda a sua atitude algo tão digno, tão respeitável que o inglês, inclinando-se para mim, disse: "Mas é uma pessoa importante esta

Senhora, não é? Uma grande personagem?" - "Sim," eu lhe respondi, "é a Superiora de uma comunidade religiosa." - "Oh!," acrescentou ele, "muito venerável, muito venerável!" Olhem a impressão que causou a atitude admirável que ela assumia em tudo e em todas as circunstâncias.

Ela tinha oitenta anos; um dia entrei no mosteiro e, subindo a escada com ela, disse-lhe: "Boa Madre, a Senhora não usa o corrimão." - "Posso abster-me disso," respondeu.

Ela tinha um segredo, um grande segredo, a saber, o de unir-se com Deus em cada momento. Seja também o nosso segredo. Mortifiquemo-nos. Quando se sofre algo, quando falta alguma coisa, a gente não se sente só, mas se apóia em Nosso Senhor, forma-se o suave costume da meditação e da contemplação. Entrem nesse caminho e lhes será a senda da santidade. Sê-lo-á para todos os fiéis; para eles como para nós será o grande meio de santificação.

Um dia, a Santa Joana de Chantal perguntou a São Francisco de Sales: "O que Deus aprecia mais de tudo quanto o Senhor faz?" - "O que Deus prefere," respondeu São Francisco de Sales, "é o que não me permite."

Acolhamos essa palavra de nosso Santo Fundador, é o segredo dos segredos. O Bom Deus lhes dará a graça de compreender esse segredo, porque é necessário para a obra à qual são chamados.

#### QUARTA PALESTRA

##### A OBEDIÊNCIA

Continuemos o nosso retiro, observando fielmente o silêncio e pontualmente o Horário. Os exercícios do retiro santificam por si próprios; a pontualidade esmerada confere a graça. Os exercícios do retiro foram comparados por Doutores da Igreja com os sacramentais que produzem um efeito parecido com o dos Sacramentos: perdoam os pecados e aumentam-nos a graça. O retiro entendido assim é bem feito, seja que transcorra na suavidade, luz e satisfação interior da consciência, seja que se passe em meio à amargura, à angústia e à perturbação espiritual. Sempre vi as almas muito agraciadas por Deus fazerem assim o seu retiro. Não quero dizer que as almas de má vontade não sejam abençoadas durante o retiro. Mas... não há pessoas de má vontade aqui. Entre nós aqui, só

existe a procura de louvor, o desejo de amar a Deus, como diz São Paulo. Independente, portanto, de suas disposições interiores, alegrem-se e, por meio dos exercícios do retiro, receberão uma graça fundamental, sumamente ativa.

Esta manhã eu queria dizer-lhes, melhor do que antes, o que deve ser a nossa mortificação. Pedi ao Bom Deus que lhes inspire profundamente o desejo de uma vida morificada, de uma vida religiosa exemplar; pedi que os Oblatos sejam verdadeiros religiosos. Há no ar, na maneira de ser do religioso, muito grande influência benfazeja sobre as almas. O religioso exerce, por assim dizer, uma espécie de fascínio religioso sobre as pessoas cristãs, sobre os que têm fé. Se ainda há algumas pessoas cristãs tendo fé, demos-lhes o prazer de verem um verdadeiro religioso, muito simples e humilde, com muito bom senso e juízo. Reparem às vezes nas pessoas, que não fazem barulho, que são simples, como neles tudo é profundo, sensato, agradável. Note-se que ali há 'quod decet' (Ef 5,3) (o que convém). O religioso de São Francisco de Sales deve ser algo assim.

Exercitem-se no Diretório, na fiel observância: forma facti gregis ex animo (1 Pd 5,3) (como modelo do rebanho). Todo o impulso deve vir de nós. Nossa alma, nossa maneira de ser deve dar a forma, o modelo, o exemplo para os que nos vêem. Hoje à noite, volto ao mesmo assunto, porque este é o fruto mais importante do retiro. Este retiro, como lhes dizia no início, é como o primeiro capítulo geral. Deve-se partir daí com um caminho traçado, bem indicado. Sejam atenciosos para segui-lo bem. Cabe a nós dar o impulso: o que fazemos agora, far-se-á mais tarde. Somos portadores da energia inicial que se prolongará depois; somos o grão que contém em si todo o fruto e o fruto será como for o grão. Se o grão está estragado, o fruto será ruim e muito perecível. Passem este retiro com Deus, no silêncio interior. Adorem a Deus em cada instante... Ofereçam-se totalmente à vontade dele com relação aos Senhores. Se se encontram na luz, muito bem; se estão nas trevas, está muito bem, está perfeito. Sejam fiéis aos exercícios sem satisfação, sem atração interior. Repito frequentemente as mesmas coisas: gostaria de voltar a isso continuamente, durante este retiro.

Independentemente das virtudes religiosas que eu chamo de virtudes exteriores, o perfeito religioso deve ter virtudes profundas, de obrigação absoluta, ou seja, os seus votos. A obediência é o primeiro

voto. A Regra explica perfeitamente como este voto deve ser observado. A doutrina do nosso Santo Fundador é a da Boa Madre; seus exemplos e as graças que eles nos obterão, não nos faltarão para cumprirmos com esse voto.

Uma coisa muito fácil de compreender é que todo o voto exige a realização de um ato que não se faria, se não houvesse o voto. Faz-se o voto de fazer algo que não se faria sem o voto: não obedeceria em tal circunstância sem o voto de obediência.

Os verdadeiramente obedientes são raros. Há muitas razões disso. Uma das principais, que a Boa Madre muitas vezes me alegava, é a seguinte: "Para obedecer," dizia ela, "é necessário ser capaz, é preciso ter uma inteligência pouco comum." Sem dúvida, a graça de Deus, a ajuda sobrenatural, pode levar à obediência; mas obedecer verdadeiramente, praticar a obediência supõe uma dose de inteligência suficiente. Reparem isso nas aulas, nos colégios; os que melhor obedecem são os mais inteligentes. A Boa Madre dizia que o pecado prejudicou mais a inteligência do que a vontade; e uma causa importante da imperfeição religiosa é a falta de inteligência. Para entregar-se a alguma coisa, para aderir a uma verdade que lhes é explicada, é preciso ter um grande alcance de inteligência, de faculdade de compreensão. Invoquem, pois, o Verbo de Deus, procedens a Patre luminum (procedendo do Pai das luzes). Ele os ensine a serem verdadeiramente obedientes.

Façamos também esta observação: toda a obediência custa. Na obediência sempre há uma renúncia, um sacrifício a fazer. Existe uma frase bem forte de São Paulo: "O Salvador por si mesmo não teria compreendido bem a obediência, não a teria entendido, se não tivesse sofrido: ex iis quae passus est, didicit obedientiam (Hb 5,8) (aprendeu a obediência por meio dos sofrimentos que teve). Devemos encontrar, pois, em toda a obediência, um incômodo, em toda a obediência um sofrimento. Se este for pequeno, o mérito será ligeiro; se o sofrimento for grande, o mérito será maior. Duas coisas, portanto, são necessárias para obedecer: compreender e sofrer. Fora disso, não há verdadeira obediência.

A obediência sempre deve ser prestada razoavelmente, rationabile sit obsequium (cf. Rm 12,1) (um culto espiritual) Compreendam bem, portanto, que toda a obediência requer primeiramente luz do alto: reze-mos; além disso, toda a obediência demanda um sacrifício; sejamos gene-

rosos, digamos 'sim' com nossa vontade, porque a aceitação última deve vir de nós.

Os Senhores sabem tudo o que os autores dizem a respeito da obediência. Saul oferece um sacrifício; pensa ter aplacado a Deus. Samuel chega: - "Vós sois rejeitado por Deus." - "Mas imolei muitas vítimas; nunca, após a saída do Egito, houve um sacrifício tão solene." - "Desobedecestes. Deus vos rejeitou de sua frente; sereis derrubado por um jovem. Vossa coroa vos cairá da cabeça e será tirada da sua raça." (cf. 1 Sm 15,10-23).

Reparem também Abraão: seu grande mérito é a obediência. Por ele ter compreendido a vontade de Deus e por ter consentido em sacrificar o que lhe era mais caro, Deus o fez Pai dos Crentes, e multiplica a raça dele como as estrelas do firmamento. São Paulo nos indica o que isso significa: O Antigo Testamento, diz ele, é o tipo do Novo.

Toda a pessoa que obedece a Deus, recebe uma raça, uma posteridade numerosa como as estrelas do céu e suas obras produzem frutos intermináveis.

Quando o nosso Santo Padre o Papa, Leão XIII, me encorajou, ele me disse: "Sejam religiosos, verdadeiros religiosos, usque ad effusionem sanguinis (até o derramamento do sangue). Precisamos de verdadeiros religiosos.

Sem dúvida, Abraão tivera que fazer diversos atos de obediência, tinha deixado a sua terra...; talvez também sua obediência se reduzisse só àquele ato de obediência e que por este único merecesse tudo. Talvez nós também, por um só ato de obediência, poderemos ganhar um número infinito de almas. Isso nos anime a obedecer bem.

Há uma quantidade ilimitada de considerações a fazer sobre a obediência. O que é que salva o mundo? O Salvador. A quem obedeceu? A seu Pai, durante toda a sua vida. A quem obedece ainda agora? Ao sacerdote. Obediens Deus voci hominis (Deus obedecendo à voz de um homem). A quem obedecer? A Deus, aceitando as provações, a vontade geral de sua Providência, de sua justiça, na tranqüilidade de nossa alma. A Boa Madre Maria de Sales, nas calamidades públicas, nas provações, só sabia repetir: "Senhor, Vós o quisestes." Ela obedecia a Deus na serenidade de sua alma e na tranqüilidade de suas reflexões. Ela se submetia à vontade de

Deus na doença, na provação, pela obediência, pela conformidade. Façamos como ela, e mais tarde, quando formos capazes, como também ela, submeter-nos-emos por complacência à vontade divina.

Obedecemos a Deus em todas as circunstâncias através das quais ele determina o que temos que fazer. Obedecemos à observância modo muito pontual e simples. Isso nos libera e produz contentamento; vamos ao primeiro toque do sinal aonde nos toca ir. Isso é uma fonte constante de méritos; isso acumula tesouros em nós, os tesouros mais abundantes. Santa Teresa, durante um grande jubileu, viu as graças que caíam do céu sobre algumas almas que só obedeciam e viviam na dependência de Deus.

Obedecemos à Regra, ao Superior, seja quem for. Nossa obediência deve ter um caráter particular, como diz a Sagrada Escritura: *Natio illorum obedientia et dilectio* (Eclo 3,1) (O povo... é, todo ele, obediência e amor). A característica desta nação, dos que são os filhos de Deus, é a obediência cordial, a obediência que ama e se doa. A obediência é a virtude custosa, porque o homem não gosta de submeter-se ao homem; somos todos iguais, a gente não gosta de sujeitar-se a um outro. Mas não é a um outro sem mais nada que nos submetemos, mas a Deus. Se isso nos custar, será meritório, digno de nossa inteligência e de nosso coração.

A Boa Madre era tão obediente que parecia que, no fim de sua vida, a obediência não lhe custava mais nada. Obedecia a todas as suas Superiores com tanta simplicidade, com tanta candura, que se podia acreditar que obedecia a Deus, sem pensar nas pessoas. A obediência deve ter entre nós este cunho: *Natio illa obedientia et dilectio* (Eclo 3,1) (O povo... é, todo ele, obediência e amor). Há só duas coisas: obedecer e amar. Compreendam a sua obediência bem assim, pois é esse o seu verdadeiro sentido.

O obediência passiva, como a de um cadáver, de que se fala às vezes, é bonita; é uma linda expressão. O que acho mais bonito é a obediência da alma muito boa, bem simples: a alma obediente que faz um ato de amor, que não tem nada de forçado. Mandando-lhe juntar uma palhinha, ela a recolhe; dando-lhe a ordem de ir para o deserto da África, isso não lhe faz diferença. O que faz a obediência ser grande não é algo grande, mas a adesão a Deus; o resto não é nada. Compreendam bem isso, é o âmago da obediência, da obediência nossa. A obediência no amor.

Praticamente, o que fazer? Meus Amigos, façam um grande ato de fé na obediência. Deve-se admitir que um Superior possa enganar-se? Nunca. Os Superiores, então, são infalíveis como o Bom Deus? Como se deve entender isso? Quando lhe é mandado fazer alguma coisa, isso que vai fazer tem méritos infinitos perante Deus. A obediência não está tanto 'in ordinem ad rem' (com vistas ao objeto), quanto algo que reside num nível superior, ou seja, na vontade de Deus; e daí, independente do valor da coisa mandada, sempre tem um mérito infinito. Compreendam bem isso.

Quando fui fazer retiro na Cartuxa de Bosserville, o Mestre de noviços me contou que seus noviços eram tão obedientes que a gente era obrigado, ao mandar-lhes alguma coisa, a cuidar de suas palavras para que não fossem longe demais. Um dia, assim me contou, eu passava por um mato, numa parte cerrada de espinhos muito longos e disse a um deles: "Você mereceria mesmo ser jogado nos espinhos." Passo adiante, continuando o caminho. Ouço dizer-me: "O Irmão tal se machucou." Eu me viro: o noviço tinha se jogado nos espinhos e estava todo picado da cabeça até os pés. E o Mestre acrescentou: "Nunca temos observado sinais mais seguros de vocação religiosa do que a prática da obediência." Suponham um homem muito simples: se é obediente, é um santo.

Devemos obediência, venha ela donde vier, seja do Superior da casa, seja do responsável do serviço, seja de um Superior de fora, mas Maior. Deve ser prestada integral e absolutamente. Quem manda nunca se engana. Se manda fazer uma besteira, Deus a transformará numa coisa que terminará muito bem.

O que santificou a Boa Madre é a obediência; o que santificou as casas onde ela passava e onde ela deixou tão boas Irmãs, é a obediência. Durante mais de trinta anos - estou dizendo isso, não pelo que pude ouvir no confessional, mas pelo que sabia da direção da casa - nunca vi a mínima falta contra a obediência. Isso é muito bonito, muito bom. Essa casa era realmente a porta do Paraíso: poder-se-ia ouvir os anjos cantarem e ver o Bom Deus rodeado de toda a sua corte.

Dizem que os Oblatos são piedosos, é possível; acredito e desejo que o sejam mais ainda. Se a gente reparasse daqui a algum tempo que os Oblatos são tão obedientes quanto piedosos, poder-se-ia afirmar que

estão no lugar onde devem estar, que sua vocação está cumprida. Dêem muita atenção à obediência. Os noviços sejam bem obedientes ao seu Mestre; as mínimas palavras dele sejam sagradas. A obediência seja uma coisa imutável, de grande importância que não se pode mexer, uma coisa imóvel, como o *talentum plumbi* (talento de chumbo). Exercitem-se bem a fim de preparar-se para as vitórias futuras que são prometidas a quem obedece (Pr 21,28).

Roguemos a Deus - pois, de outra forma, não o conseguiremos - que nos conceda esse dom. Peço-lhe, de todo o coração, que lhes outorgue as virtudes da vida religiosa e que lhes sejam tão abundantes e favoráveis que nada os possa desviar desse caminho.

E, dizendo-lhes essas coisas, estou obedecendo a Deus, àquilo que a Boa Madre me disse e àquilo que o próprio Jesus Cristo me fez entender, não para mim, mas em favor dos Senhores. Obedeçam: esta é a vontade explícita dele que Jesus me expressou pessoalmente e que lhes transmito por parte dele. Quando me apareceu, seu ar era um tanto severo, o que me confirma a veracidade dessa aparição, além da confirmação que nosso Santo Padre o Papa me deu. As pesquisas realizadas para encontrar a semelhança física de Nosso Senhor chegam todas à mesma conclusão. Encontraram em Roma um busto de Cristo que data dos primeiros tempos; estava quebrado infelizmente, mas o perfil está muito bem conservado e mostra algo um pouco severo. Vê-se, em Roma, na igreja das Quatro Nações, um busto de mármore, representando Cristo, uma obra-mestra da escultura dos primeiros séculos. A tradição afirma que reproduz, de maneira parecida, a figura de Nosso Senhor; também esta imagem tem uma expressão severa. É bonito, mas severo. Jesus é o Juiz dos vivos e dos mortos, *Judex vivorum et mortuorum*. Santa Maura ouve a voz de Nosso Senhor, enquanto está rezando no altar de São Pedro: é a voz severa do Juiz dos vivos e dos mortos. Não esqueçam essa figura de Nosso Senhor, boa, sem dúvida, mas que insiste forte e firmemente naquilo que quer. *Time Deum* (Temei a Deus). *Initium sapientiae timor Domini* (O início da sabedoria é o temor de Deus). *Deum time et mandata ejus observa* (Teme a Deus e observa os seus mandamentos). Pensem nisso. Formem-se idéias acertadas e exatas de Nosso Senhor. A gente pode dizer muitas coisas bonitas, rodear Nosso Senhor de rosas, mas a verdade é o que lhes disse. Nosso Senhor é severo. Preparemo-nos, portanto, os corações, como diz a

Sagrada Escritura, como os soldados se alinham na batalha, com medo, com respeito, com exatidão. Que tudo em nós seja correto, porque o rosto de Nosso Senhor é correto, sua vontade é correta e determinante.

Abençoando-os daqui a pouco, faça-lhes compreender a obediência como ele a quer e que os faça decidir, durante o retiro, a cumprir inteira e absolutamente o que a obediência lhes pedir.

## QUINTA PALESTRA

### A POBREZA

Continuemos o retiro piedosamente recolhidos, concentrando-nos totalmente e conservando-nos na presença de Deus para compreendê-lo melhor.

Esta manhã vamos ocupar-nos do voto da pobreza. Sabem em que consiste. O voto se resume em não ter nada como propriedade e em não dispor de nada. Não temos nem a propriedade nem o usufruto. Se parece que, constrangidos pelas exigências da lei, conservemos a propriedade, se dispomos dela ou do usufruto, esses atos e esta disposição estão totalmente submissos à obediência. A pobreza, pois, consiste em não ter nada, ou em não poder usar coisas que temos por ordem da lei ou de outra forma, a não ser através da permissão dos Superiores. A Regra é muito precisa e estrita nesse ponto: a Congregação dos Bispos e Regulares decidiu assim há alguns anos e obrigou a inserir isso nas Constituições dos Institutos novos. Não preciso entrar em detalhes: dado o caso, basta recorrer ao texto das Constituições.

O voto de pobreza faz o religioso morrer, no sentido de que um morto não pode mais possuir, nem dispor de nada. A lei canônica o expressa em termos formais: *tamquam mortuus* (como morto). Não tem liberdade de dispor do que possui; não pode adquirir propriedade alguma fora da obediência: o ato seria nulo e culposos. O voto de pobreza consiste em estar, relativo a coisas materiais, em condições de defunto (*tamquam mortuus*). Um outro gere, possui por nós, manda, destina, dispõe de nossos bens. Ou, se somos nós mesmos a fazer tudo isso, é de acordo com a obediência; não gozamos de um poder livre e independente.

A pobreza completa tem sido e ainda é o privilégio especial de

certas Ordens. As Ordens mendicantes praticam uma pobreza absoluta, sendo que a própria comunidade não pode possuir nada, nem suas casas. As residências da comunidade pertencem à Igreja, são da alçada do Papa. Elas fizeram a profissão de não possuir, nem uma pedra onde reclinar a cabeça... (cf Mt 8,20). É uma coisa muito bonita: é o ornamento da Igreja. Essas Ordens ultrapassaram a pobreza de Nosso Senhor e praticavam ao pé da letra esta palavra do Evangelho: "As raposas têm tocas..., mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça" (Lc 9,58). As Ordens mendicantes ainda existem hoje em dia onde lhes é possível e lá praticam sua maneira de viver. São menos numerosas agora do que antigamente, devido à dificuldade dos tempos e por motivo da Maçonaria, das Sociedades secretas e dos fanáticos de toda a espécie.

Tem-se observado uma coisa de forma geral, referente a todas as Ordens pobres: é que irradiam muita alegria e muita felicidade. É um dizer que se ouve por toda a parte que nada é mais divertido do que um Capuchinho. A pobreza, à qual se dedicam e se afeiçoam, lhes ocasiona uma vida penosa, mas Deus recompensa amplamente os sacrifícios deles, tornando-os os mais felizes de todos os religiosos. Com essa vantagem exterior, material, a pobreza proporciona também facilmente o dom da mais elevada contemplação. Reparem São Boaventura, São Francisco de Assis, ambos tão favorecidos por Deus. Deus se revela de maneira particular ao religioso pobre. Santa Teresa fez profissão da maior pobreza; queria que as suas religiosas fossem as mais pobremente vestidas. Entre as filhas de Santa Teresa, reina algo de bom, de suave, de agradável, de alegre, de feliz que se confunde com toda a existência da religiosa. Deus recompensa a pobreza com as mais elevadas bem-aventuranças: "Beati pauperes spiritu, quoniam ipsorum est regnum coelorum" (Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus) (Mt 5,3). Na privação das coisas materiais, há mais gozo do que no seu uso; e a medida das privações que a gente se impõe é a proporção da alegria interior. Deus recompensa os sacrifícios de toda a natureza, mas sobretudo o sacrifício das coisas do mundo e das alegrias profanas, por meio de um profundo júbilo espiritual.

Em consequência do nosso voto, não devemos possuir nada e não ter o uso de nada, sem a obediência. Posto isso, como praticar a pobreza? Praticá-la-emos, seguindo o que a Regra indica. Nossa roupa, nossa

alimentação, nossa habitação serão como as de todo mundo, de maneira que não haja nada a observar a respeito, enquanto evitamos exageros para os dois lados. Nossa roupa será asseada, decente; evitaremos o luxo e o rebuscamento, mas evitaremos com o mesmo cuidado a suidade, os rasgos e tudo o que seria contrário ao decoro que se exige de nós. Respeitemos aqueles que convivem conosco. Mas é necessário que, nossa roupa estando asseada e conveniente, aceitemos o que nos incomodaria em nossa maneira de vestir, que topemos as privações que nos podem ocorrer e que, se houver algo que não assenta muito bem, o aceitemos alegremente para nisso conformar-nos à santa pobreza. Tenhamos um jeitinho para nos organizar essas ocasiões de praticar a pobreza. E sejamos muito fiéis nesse sentimento. Estabelecemos que todos nós seríamos vestidos da mesma forma e pelo mesmo alfaiate. Devemos fazer isso. Todos os Jesuítas estão vestidos de modo igual; a batina deles não é muito elegante; será que um Jesuíta que se apresenta com sua batina é menos bem recebido do que um sacerdote trajado segundo o corte da última moda, com sobretudo elegante de fibra? Um religioso com hábito demasiadamente requintado, com roupa por demais bem feita, inspira aos fiéis pelo menos uma certa desconfiança - eu ia dizer uma palavra forte - um certo desgosto. Para isso é necessário fazer sacrifícios. Depois do retiro, esse assunto seja bem organizado; todo mundo será vestido da mesma forma e terá o mesmo alfaiate. É preciso que os Anjos nos possam conhecer. São Jerônimo diz que os Anjos não são todos igualmente espertos. Há uns muito bons, que não sabem muita coisa. Ele conta sobre um religioso que morava num mosteiro no Egito, em Tebaida, e que queria ir a Alexandria para vender as esteiras que tinha confeccionado. Tinha cuidado melhor de sua roupa do que o normal. E... não recebia mais graças do Bom Deus. Foi queixar-se ao Superior que mandou rezar para descobrir a causa. Assim soube, por manifestação do alto, que era porque os Anjos não reconheciam mais esse pobre religioso na sua roupa nova. Portanto, para que nos reconheçam bem, vestir-nos-emos todos de forma igual.

Há mais uma coisa a fazer. Somos pobres: é preciso conservar bem a roupa. Quero sugerir-lhes um certo meio para limpar as manchas, um recurso muito simples - mas nada é indigno do Bom Deus - isto é, pegar um pedaço de lã enrugada e esfregar a mancha com água; não tendo um pano de lã, peguem um carpim. Se se tratar de uma mancha de azeite, será preciso repetir a manobra. Procuremos conservar nossa roupa limpa e cui-

dá-la com atenção. Os pobres capricham nisso. Assim os Anjos nos conhecerão. Isso é um ponto de suma importância. São Bernardo diz que a falta de asseio entre as pessoas do mundo é falta de capricho; entre os clérigos, é um pecado, pois reina ou a negligência ou o pouco respeito pela veste que se usa.

Quanto à alimentação, nós trabalhamos, estamos nas condições como todo mundo e precisamos viver como todos os outros, como gente de condição normal que vive do seu trabalho; somos os operários da Santa Igreja. Façam, sim, a sua prática no refeitório, às vezes negativa, que é mais fácil do que a positiva. Evitemos as tentações que surgem às vezes quando a gente está cansada, em missão ou alhures, quando a gente está a uma mesa melhor servida, com pratos mais requintados. Tomem simplesmente o que lhe oferecerem, mas não se permitam o mínimo excesso. Se for possível, ponham sempre um pouco de água no vinho; é a Regra. Temendo que isso possa ofender os que os acolheram, não coloquem água, mas tomem moderadamente. Nós não precisamos observar três Quaresmas como os Franciscanos que jejuam uma boa parte do ano; no entanto, somos religiosos. Lembremo-nos disso por nossa reserva à mesa, nunca fazendo parte da banda alegre que disserta sobre os pratos: não nos metamos nessas conversas. Respondamos simples e singelamente, se nos pedirem a opinião; nossa conversação seja a de um religioso pobre que ignora essas coisas ou delas não se ocupa.

Se alguém tem precisão de fazer mortificações maiores, que as peça ao Superior ou ao Confessor. Se Deus chama, não se deve abafar sua voz, mas pedir a luz da obediência para elucidar-se. Não se deve apagar o espírito de Deus: os que ele chamar a uma mortificação maior, devem fazê-la, mas sempre dentro dos limites da observância e da Regra.

Quanto à mobília, eu acho que praticamos a pobreza suficientemente. Assim tem que ficar. E, se mais tarde tivermos conventos, residências, seja tudo pobre. Sejamos pobres, não de maneira chocante, sejamos sumamente simples. Não seja bem a arrumação do mais pobre operário, mas de um obreiro que se arrumou um pouco, não tendo bonitas poltronas, cadeiras lindas que chamam a atenção, móveis luxuosos. Um pobre tem ordem, mas nada cheira a requinte. Nada escandaliza tanto os fiéis quanto o luxo entre religiosos. Naturalmente, os colégios formam uma exceção;

entretanto, também nos colégios precisa-se um *modus existendi* (modo de existir) conveniente, próprio, mas que exclui o luxo. Tenham luxo quanto ao espaço da clausura, das salas, mas mobiliem tudo isso de maneira sumamente austera, semelhante àquilo que se faz entre os pobres. A primeira vez que entrei na Visitação de Troyes, fiquei edificado pelo espírito de pobreza que lá chama a atenção: sentia-se a presença de Deus em tudo aquilo. A igreja requer ser mais ornamentada; é para o Bom Deus. Nosso Santo Fundador diz que, se a gente tem algo mais precioso, deve-se reservá-lo para a sacristia ou para a igreja; isso ele permite. Mas fora disso - mesmo na igreja - só se admitem coisas de valor razoável. Não seriam necessários vasos sagrados como se podem ver, às vezes, de um preço exorbitante; precisa-se ficar dentro de um certo limite. Se se trata de um presente, deve-se aceitá-lo. Se a gente pode indicar o presente, deve-se evitar que haja exagero. É uma coisa muito importante: anotem isso e lembrem-se disso.

A pobreza, praticada assim integralmente, ocasiona uma grande tranqüilidade espiritual. Como a alma encontra encanto na prática dessa pobreza que a torna semelhante a Nosso Senhor e que a aproxima dele; ela não tem outro tipo de vida senão a dele, de São José e de Nossa Senhora. Observem o Salvador em Cafarnaum, na moradia que ocupava depois da morte de São José; seja essa a nossa norma, o limite que nunca ultrapassaremos.

Essa pobreza que os Oblatos devem praticar, uma vez bem compreendida, não os deixará fazer despesas inúteis para qualquer coisa. Um religioso deve gastar o menos possível em suas tarefas; deve restringir-se ao necessário, deve calcular bem para ficar nos limites certos. Lembrem-se disso mais tarde. Em matéria de horticultura, em todas as outras coisas, quando se trata de fazer despesas, deve-se escolher as coisas convenientes e necessárias, mas com aquele cuidado que aplicam os pobres, que não têm meios para fazer gastos inúteis.

Acrescento mais uma palavra ao que acabamos de dizer: pratiquemos a pobreza poupando. Há uma caixa de poupança destinada para os pobres. As casas opulentas não poupam; isso é assunto do pobre. Precisa-se poupar, no serviço, quanto a papel, tinta, e tudo o que se pode economizar. Deve-se proceder com a cautela do pobre que tem medo de gastar, porque não tem dinheiro de sobra. Se a Comunidade é rica, isso não impe-

de que cada um dos seus membros seja pobre. Doutro lado, a quem pertence o uso dos bens supérfluos de uma Comunidade? Deve-se mandar a Roma o relato da situação financeira de cada Congregação. Cabe ao Papa determinar o destino dos bens que sobram; não é permitido empregá-los sem sua autorização.

Devemos observar a santa pobreza e poupar quanto pudermos; sejamos extremamente econômicos e ordeiros. Isso faz sofrer, mas esse incômodo atrai bênçãos do Bom Deus. Assim como o pobre está em apuros e pensa duas vezes antes de fazer uma despesa, também nós devemos fazer esse exercício de pobreza com eles. Não se deve dizer: a Comunidade pode pagar. Recomendo muito a poupança: a economia do homem pobre, a poupança de Nosso Senhor em Nazaré e de Nossa Senhora, que só gastava naquilo que era absolutamente necessário. Conservemo-nos assim, e o Bom Deus estará mesmo conosco.

Importa ter um grande respeito por tudo o que tivermos para nosso uso, não fazendo uma aquisição inútil e escolher o mais conveniente e simples, para sermos bem como os pobres. A pobreza assim entendida é como a casca de uma árvore. Esta vive da seiva. Descascando a árvore, a seiva não pode mais circular e a árvore acaba morrendo. A pobreza é a casca que conserva a piedade, a fé, a união com Deus, a necessidade de ser submissos. Peçamos com insistência ao nosso Santo Fundador que sejamos pobres como ele era; apesar de ser bispo, praticava a pobreza na roupa, na moradia. Vão a Thorens: verão peças bem pobres; é verdade que antigamente ostentavam menos luxo do que agora; os móveis são muito simples.

Sejamos pobres, e Nosso Senhor, que procuramos imitar, estará conosco. Não nos deixará, caminhará conosco, sustentar-nos-á, conduzir-nos-á aonde não há mais pobres, mas onde se encontram os que ele enriquece com seu amor e sua fidelidade durante toda a eternidade.

## SEXTA PALESTRA

### A CASTIDADE

Aproveitemos bem todos os instantes do nosso retiro. Mais uma vez: o retiro produz efeitos por si mesmo. É uma sequência de exercícios que, como já lhes disse, é pelos teólogos contada entre os sacramentais que operam por si mesmos, em virtude das boas disposições e da graça. Naturalmente, são indispensáveis as disposições pessoais; mas os sacramentais operam por si mesmos e comunicam à alma a graça e a força sem mesmo percebê-lo. Muitíssimas pessoas não sentem nada durante o retiro e aí só têm experimentado provações amargas. Animemo-nos, portanto, aproveitemos todos os momentos; recebamos do Bom Deus, com toda a certeza, o que ele preparou para nós neste retiro que tem - como já lhes disse - uma importância maior para a Congregação.

Temos que abordar ainda um terceiro voto: o de castidade. Esta manhã não lhes disse muitas coisas sobre a pobreza. De fato, nossa pobreza não é rigorosa: pratiquemo-la como Nosso Senhor fazia, ao nascer, durante a sua vida, e na hora da sua morte. Se, por amor a ele, soubermos praticá-la assim, ele saberá recompensar-nos, tornando nossas obras eficazes em meio ao mundo.

A Castidade, que é um dos votos de religiosidade, é inerente à vida religiosa. O religioso é o homem espiritual, a vida religiosa é só para o espírito. Ora, o espírito, na ordem da graça, vive somente para o Céu; está ligado a seu corpo assim como o viajante se relaciona com um hotel, onde permanece para passar alguns dias. A alma tem domínio interior sobre as inclinações, sobre as sensações do seu corpo; eleva-se acima das misérias do seu corpo. O religioso, homem espiritual, só deve ser alma, por assim dizer. Sem dúvida, como os outros homens, não é mais do que um filho de Adão e sofre o mesmo constrangimento ao qual todos estão sujeitos. Deve, apesar disso, elevar-se constantemente acima das misérias do corpo, deixá-las e dirigir-se à sua querência, como diz São Bernardo, à terra das almas. Se ele for espírito, puro espírito, terá influência sobre as almas e os espíritos. Se ele for matéria, sua ação será limitada; às vezes será nula, às vezes perigosa para as almas. É necessário que o religioso viva elevado no ambiente, na atmosfera espí-

ritual, no espaço onde encontrará somente as almas, puras e desprendidas dos sentidos, da matéria, de todas as inclinações à terra. Essa é uma verdade muito simples, exata. De outro lado, o religioso que, por uma má inclinação ou por sensualidade ou por intemperança, abandona essa área, o que faz junto às almas? Nada; além disso, ele é perigoso. São Bernardo assegura que as más ações dos religiosos são muito mais influentes para perder as almas de que os vícios das pessoas que vivem no mundo. Seria como imitar o anjo, embora querendo imitar a Deus, porque Deus como o anjo se serviram de uma aparência para falar com nossos primeiros pais. O anjo, sob forma de serpente, enganou a mulher que achava estar falando com um anjo. Assim também, as pessoas que contam com outra - e encontram nela uma serpente - não desconfiam, deixando-se enrolar, enlaçar e esmagar pelo monstro.

É muito necessário, portanto, que os religiosos sejam puramente espirituais. E digo isso, não somente para os sacerdotes, mas também para os irmãos, que estão encarregados de trabalhos manuais e que também devem trabalhar, à sua maneira, para a salvação das almas. As religiosas são numerosas e não têm uma ação direta sobre as almas; entretanto, atuam entre si. Os Cartuxos, os Trapistas não têm uma ação direta sobre as almas; sua atuação não é menos verdadeira e certa. O que fará o religioso que não é puro, se não é espiritual? O religioso é o homem espiritual. Santo Agostinho diz, no 'Cidade de Deus' que Deus tem um serviço organizado, um serviço de louvor; um hino contínuo se canta na criação, de acordo com uma nota, um tom que Deus dá a cada criatura. Os seres inteligentes, o anjo e o homem, devem louvá-lo e adorá-lo inteligentemente. Santo Agostinho afirma que o homem faz tanto na terra para adorar a Deus quanto o anjo no Céu e ilustra isso, dizendo que a última hora tocará quando o último justo preencher o último lugar que ficou desocupado no Céu pelos anjos caídos. É a idéia de Santo Agostinho e de muitos Santos Doutores. Quem será chamado a ser o coirmão dos anjos, senão o religioso que está inteiramente a serviço de Deus, que faz o serviço de um anjo na terra, pela pureza e a santidade? Oh! a boa e linda figura, o belo aspecto de um santo religioso é o que mais se parece a um anjo. É muito mais bonito do que tudo o que existe, muito mais belo do que o Apolo do Belvédere (do Vaticano, um museu - tr.), porque é uma bela estátua, sem dúvida, mas sem expressão celestial, sem nada que lembre a alma.

Vi, na Cartuxa de Nancy, três irmãos que foram agraçados pela admissão no mosteiro, sob a condição de que atendessem os serviços mais humildes. E o Padre Prior sustentou sua palavra à risca. O primeiro lavava roupa, o segundo fabricava queijo e o terceiro transportava as estrumeiras e os adubos de todos os tipos... A figura desses três homens, sobretudo do mais jovem, que tinha o ofício mais sacrificante, expressava tanta paz, tanta serenidade e santidade que eu disse aos meus botões: Se eu quisesse escolher uma figura de santo, de anjo tomaria essa aí. Isso não é idéia de um orador, é o pensamento do nosso Santo Fundador, ao dizer que devemos considerar-nos felizes, fazendo aqui na terra o que os Anjos fazem no Céu; é a idéia do Santo Doutor, vejam só! Sejamos nós religiosos puros e castos, para que o ministério dos Anjos seja cumprido sobre a terra de maneira completa.

São Bernardo diz até que o nosso ministério na terra supera o ministério dos Anjos no Céu, porque é mais trabalhoso; nós temos um corpo, e os Anjos não. Os Santos Doutores nos ensinam que muitos Santos são colocados acima dos Anjos.

O religioso, portanto, deve ser casto, porque executa o ofício dos Anjos e também porque é o homem de Deus, o homem da Santíssima Eucaristia. É verdade, nem todos os religiosos rezam a Missa, mas todos participam; nem todos consagram a Eucaristia, mas todos comungam; por dever, por seu estado, portanto, o religioso é o homem da Eucaristia, do Deus de toda a pureza, de toda a castidade; deve conservar uma castidade perfeita, totalmente divina. Reparem, diz São João Crisóstomo, numa das leituras do Ofício do Santíssimo Sacramento, como deve ser pura a boca de quem consagra a Eucaristia, como santa deve ser a língua que a recebe, como imaculadas devem ser as mãos que a tocam, como ornamentado deve ser o santuário do coração onde ela descansa. É uma doutrina muito simples. No religioso, homem da Eucaristia, deve reinar a castidade. É exigência do Pão divino de que se alimenta aquele com quem o Verbo divino vem unir-se tantas vezes. Há, na castidade, algo que se combina tão perfeitamente com a Eucaristia que a Santa Igreja Romana não confere o poder de consagrar senão àqueles que observam a castidade. A Comunhão se alia tão bem com a castidade que nenhum dos ministros que tocam o Corpo e o Sangue do Salvador pode contratar aliança sobre a terra: só pode ha-

ver uma única aliança, ou seja, a com Deus pela castidade.

É digno de se notar que a Santíssima Eucaristia assim entendida, assim administrada pelos religiosos, é bem mais vantajosa para os religiosos do que para as outras pessoas. E também, quanto à Santa Missa rezada por um religioso (de méritos iguais, por sinal, em comparação com um outro sacerdote - porque muitos santos sacerdotes têm mais méritos do que certos religiosos, pois lutaram mais - portanto, de méritos iguais) há mais graças associadas à Missa de um religioso. Lembro da minha infância que um religioso, um Redentorista, veio substituir o Pároco da minha aldeia. Esse sacerdote dava a Comunhão para muitas pessoas. "Como a gente está feliz - disse-me uma criança - ao poder receber a Comunhão de um sacerdote como este; seus dedos têm fé!" Ela tinha compreendido que no religioso havia algo que atraía mais fortemente para Deus, que se sentia ao receber a Comunhão, que esses dedos, essa mão transmitiam fé e que a gente era beneficiada e ajudada por isso.

Como praticar essa virtude? Quanto a nós, nessa prática deve haver uma coisa especial. Compreende-se que a prática do voto de castidade é importante e precisa de toda a nossa atenção. É imperativo cuidar dos pensamentos, dos olhares, das palavras, das ações, para que não haja nada impuro, nada que penda o mínimo ao mal. Isso é o lado negativo da prática dessa virtude. Afastemos por completo todo o mal, vigiemos sobre os pensamentos, as leituras, os olhares, as sensações. Avancemos simples e singelamente, sem esforço violento, sem cansar a imaginação e a vontade, como se tratasse de uma luta desesperada; mas vamos com toda a firmeza, com toda a determinação, com toda a confiança em Jesus, em Maria e em José. Rezemos, então, uma breve invocação: Domine, salva nos (Mt 8,25) (Senhor, salvai-nos), uma palavra que brota do coração, uma que mais nos assenta. Não devemos espantar-nos, devemos 'cortar rente', como dizia a Boa Madre, tudo o que vem do demônio. Mostremos um pouco de firmeza e de generosidade e não nos deixemos desanimar pelo demônio. Sejam prudentes e razoavelmente cautelosos. O Bom Deus ajuda nisso; a fidelidade constante dá isso. A tentação não abala a alma verdadeiramente virtuosa, porque é fiel, porque não é como a esposa de Ló, curiosa para observar o fogo, para ver como queima, e que, atingida ela mesma, fica imobilizada no lugar. No momento da tentação, aproveitemos esses meios, procuremos lembrar nossos bons propósitos, recordando que Deus está presente. Quando a tentação tiver passado e o sol reaparecer, então volta a

paz, então é com a vitória, com a serenidade espiritual que a alma se felicita por ter ficado fiel. Façam isso, meus Amigos, como verdadeiros filhos de São Francisco de Sales.

Conservem castos os seus corações; afastem-se da aparência do mal. Nossos contatos no atendimento do ministério pastoral nos expõem, mas só cai quem quer.

Desde a primeira impressão, precisamos jogar-nos em Deus e não demorar-nos na tentativa de nos livrar. O passarinho cauteloso que se afasta do visco não fica preso. Se o tocar com a ponta de uma asa e procura desprender-se, embaraça-se por completo. É indispensável cuidar muito, sem, no entanto, fazer coisas fora do normal, com relação às pessoas do outro sexo.

Olhem-las com simplicidade; procedamos diante delas como frente a todos; evitemos a familiaridade, mas evitemos também aqueles ares que certos mestres da vida espiritual recomendam. Considero isso inevitavelmente muito perigoso. Excitando a imaginação e o medo, há muito mais perigo do que quando a gente se comporta com simplicidade e naturalidade. Não larguemos a mão do nosso Anjo da guarda. Mas não liguemos para recomendações extravagantes. Elas atrapalham mesmo e se desviam do caminho certo. Compreendam bem a parte negativa do nosso voto.

Para nós, a castidade negativa não é suficiente para cumprir o nosso voto. Nosso Santo Fundador associa ao voto de castidade uma outra idéia que constitui a parte positiva do voto. Isto é que devemos só aspirar a Deus e respirar para ele. Do exercício da castidade que para outros é só uma fuga, uma defesa, ele faz uma ligação que nos vincula. A prática dessa virtude dá à alma um impulso que a faz avançar para Deus. Assim é que se deve compreender sobretudo a castidade. Não é outra coisa do que o amor de nossa alma para com Deus, a escolha que faz de Deus. O corpo gosta dos assuntos corporais, inclina-se às coisas corporais. A alma tem outros amores, outros afetos. A castidade positiva nos leva, portanto, à caridade para com Deus, a amar Nosso Senhor.

Mas poderiam talvez fazer-me uma objeção: O amor é bom para mulheres. Eu acredito no amor dos homens, creio menos no amor das mulheres. Não quero dizer que as mulheres não possam amar a Deus, o que é o seu dever; sim, podem. Mas afianço como certo que o homem é bem mais ca-

paz do amor do que a mulher. O amor é um ato de generosidade, de força, que sobretudo o homem pode realizar. O homem, portanto, é mais suscetível ao amor; seu amor é mais firme, e, eu diria até, mais terno. Os santos amavam mais do que as santas. Não quero falar mal das santas, sobretudo da Boa Madre, porque nunca vi uma alma amar tanto a Nosso Senhor. Em geral, o homem ama mais ternamente. Não foi a Madalena, mas a São Pedro que Jesus fez esta pergunta: "Tu me amas?" (Jo 21,15). Ele queria excitar a suscetibilidade dele. Interroga-o três vezes, até que São Pedro, importunado, lhe responde: "Mas tu sabes muito bem, Senhor, que eu te amo; por que insistir tanto na pergunta?"

Eis realmente a parte positiva do voto. Esforcemo-nos para praticar essa característica do voto dos Oblatos.

No amor de Deus, não há ninharias, tudo é grande, divino, é o amor que age. Nihil sine amore (nada sem amor), diz Santo Agostinho. Fora do amor, reina o nada; é o amor que tudo produz.

A recompensa do voto de castidade é deveras bela: Beati mundo corde quoniam ipsi Deum videbunt (Mt 5,3) (Bem-aventurados os corações puros, porque verão a Deus). Os corações puros verão a Deus, no Céu? Não, sobre a terra. As bem-aventuranças são ratificadas sobre a terra. Quanto mais pura a alma é, tanto mais ela vê a Deus e mais o compreende. Quanto menos pura ela é, tanto mais se afasta de Deus.

A Sagrada Escritura está cheia de testemunhos explícitos dessa virtude: Quis ascendit in montem Domini, aut quis stabit in loco sancto ejus? Innocens manibus et mundo corde (Sl 23,3) (Quem pode subir à montanha de Jahweh? Quem pode ficar de pé no seu lugar santo? Quem tem mãos inocentes e coração puro). E, numa grande quantidade de textos nos Livros Sagrados, todos os bens, a paz, o Reino de Deus sobre a terra são prometidos àquele que é inocente e que tem as mãos puras.

Peçamos com fervor a Nosso Senhor, à Nossa Senhora, a São Francisco de Sales, à Boa Madre que nos façam compreender o nosso voto e praticá-lo; que nos dêem a idéia correta do que precisamos fazer para nos defender. Aproveitemos as vantagens que o cumprimento desse voto nos trará e ganhemos os frutos das promessas magníficas inerentes a ele.

## SÉTIMA PALESTRA

A REGRA E O DIRETÓRIO

A obrigação da vida religiosa se estende a todos os atos do religioso. Os votos são leis que se aplicam a este ou àquele ponto particular; mas a Regra se aplica a todos os pontos, a todos os momentos de sua existência. A Regra conserva o religioso, qualifica-o, é - de certa forma - a alma, a respiração, a vida do religioso. A Regra varia de acordo com as diferentes Ordens e as variadas Constituições apresentadas pela Igreja. E cada religioso, para ser verdadeiramente religioso, deve assumir a prática e o espírito de sua Regra. Esta manhã, falaremos sobre o espírito; hoje à noite, abordaremos a prática.

Não se pode ser religioso sem estar ligado, sem dar toda a sua vontade a uma observância ou outra, a uma obediência mais ou menos extensa, conforme o espírito da Congregação. O espírito das diversas Congregações é como o espírito do Bom Deus, multiformis, um espírito diversificado. O espírito dos Cartuxos não é o dos Franciscanos, e assim por diante. Esses espíritos diferentes são todos bons, provêm todos do Pai das luzes, da graça, do Coração de Nosso Senhor; mas não é que cada um seja chamado a seguir todos esses espíritos: é preciso - como diz o Apóstolo - discernir os espíritos. Esse espírito da vocação tem implicações diferentes conforme as várias Ordens, às quais se pode pertencer; desse espírito se derivam regras, observações, obrigações distintas para cada religioso. Sem observância, não pode haver mais religiosos do que casas sem material de construção; pode haver um projeto de vida religiosa, mas não há vida religiosa. Entre os Trapistas, a Regra consiste sobretudo na mortificação; e quando a mortificação é bem praticada, quando o religioso jejua de verdade, dorme em cama dura, ele apresenta em si as condições, a característica de um verdadeiro Trapista. O Cartuxo observe bem o silêncio e a solidão, que são as duas asas da alma do Cartuxo - diz o Santo Fundador deles - e é deveras um Cartuxo. Nós, se observamos, com bastante fidelidade, a nossa regra exterior, será que somos verdadeiros Oblatos? Exteriormente, é muito difícil distinguir um Oblato de um sacerdote diocesano, de um bom Pároco, de um bom Vigário, havendo só a regra exterior, coisas que se vêem. Que diferença encontramos, então? Nenhuma. Daí se percebe que não é na observância da regra exterior que

consiste o Oblato. É preciso também o Diretório: é a condição essencial da vida dos Oblatos. Sem isso, o Oblato só será um sacerdote comum, um bom seminarista, sem nada especial. Ele pertence à Igreja da mesma forma como todos os outros clérigos.

Há, portanto, duas coisas. Não basta a regra exterior. Três quartos do tempo, ela não pode ser cumprida ao pé da letra: nossas tarefas diversas, o compromisso nos colégios não permitem levarmos uma vida religiosa em comum. Precisa-se, nesse caso, pedir ao Superior uma dispensa muito bem determinada para dar aos atos realizados por fora da regra o mérito da virtude da obediência e da vida religiosa. Um exercício que não se faz, devido à dispensa recebida, acarreta a mesma graça. Os que podem façam-no com muita atenção e grande respeito; os que não podem, peçam licença para não só estar dentro da regra, mas também para receber a graça inerente à dispensa. Observem, portanto, a regra exterior com simplicidade, quando isso for possível, com muita boa vontade. Não a deixem perder-se como as pedras de Sião esparramadas por todos os cantos da praça. A meditação, a Santa Missa, o estudo, as leituras, os exames de consciência acarretam graça, quando observados conforme a regra, segundo o costume de bons religiosos. Sob muitos aspectos, temos que censurar-nos quanto à observância da regra exterior. Acostumemo-nos a uma vida regulamentada, não independente, sem rumo, desordenada, sem unidade e um pouco a esmo. Façamos um firme propósito durante o retiro. E, mais uma vez, não nos dispensemos nunca sem antes obtermos a permissão.

A regra exterior é uma obrigação rigorosa. Sem dúvida, a infração não é um pecado mortal. Nem sempre constitui um pecado venial. Mas, se a gente descuida esta ou aquela prática, pouco a pouco se vem abaixo, as forças enfraquecem e não sobra nada da vida religiosa. Resta só um ser sem nome e sem finalidade. Este retiro nos firme bem nessa prática da Regra. Reconheçam logo que isso nos cabe, que não queremos uma existência em que não tenha restrições a suportar, mas tragamos os traços da caridade do Senhor, como diz São Paulo. Examinemos atentamente, em nossa confissão, as nossas faltas culposas; depois retomemos animadamente nossa vida, com vigor e coragem, cumprindo a regra exterior.

Mas, se houvesse só a prática da regra exterior, não seria su-

ficiente. O Oblato, sem dúvida, tem uma vida exterior, mas tem uma vida mais íntima: é como sua respiração, o fundo do seu ser; sua verdadeira vida está por dentro, na prática do Diretório. A prática do Diretório é uma obrigação rigorosa, dizem as Constituições. As práticas exteriores não formam um Oblato. O molde é o Diretório; por este a alma se une a Deus. O Diretório é que dá rumo a todos os nossos atos, mesmo os exteriores, em nossos contatos com o próximo, na educação. Nele se encontra toda a força de nossa vida religiosa. Com ele somos tudo; sem ele, nada. É o grande meio de santificação das almas no caminho de São Francisco de Sales; a Boa Madre dizia que muitíssimas almas foram escolhidas para avançar por onde São Francisco de Sales caminhava.

Para praticar bem o Diretório é imprescindível sabê-lo de cor, é necessário tê-lo assimilado bem; é preciso conservá-lo constantemente diante dos olhos, para que esteja presente nos seus braços e no seu coração. A prática pode apresentar certas dificuldades. Tenho algumas recomendações a fazer, por exemplo, àqueles que iniciam. Que se dediquem à reta intenção durante algum tempo e fiquem nisso até adquirir o hábito de fazê-la bem. Depois, visem o pensamento na morte e acostumem-se a isso. E assim por diante, tomando o Diretório parte por parte, sem querer abraçá-lo todo de uma vez. O Diretório bem praticado é certamente a base de toda a vida religiosa. É o que fará com que falemos todos a mesma linguagem, nos dará as mesmas idéias, as mesmas maneiras, o mesmo coração. A fidelidade em observá-lo fará com que o compreendamos e nos incluirá a todos numa santa uniformidade. Assim praticado, o Diretório nos preservará também de uma quantidade de provações e muitas tentações.

A alma avança seguramente com o Diretório; torna-se impossível qualquer desânimo. Deus está com os Senhores, sustentando-os e protegendo-os em tudo e por toda a parte.

Recomendo-lhes, portanto, com insistência estas duas coisas: a regra exterior e o Diretório. Sem isso, não serão nada, serão menos do que nada, seres sem nomes, sem característica, sem finalidade, sem objetivo. Por que não voltar, então, para a categoria de todos os outros?

O Diretório, que era o grande meio de santificação de São Francisco de Sales e de tantas almas que andaram neste caminho, deve, pois,

inspirar o espírito da Congregação; deve ser a base e só por ele é que seremos Oblatos de São Francisco de Sales. Se encontramos dificuldades em relação ao Diretório, há um meio muito simples para superá-las. De manhã, durante a meditação, preparemo-nos referente ao ponto que nos parece difícil de observar: hoje zelarei para realizar bem este ponto, aquele artigo que tenho descuidado até agora. Pensem nisso de novo no exame ao meio-dia; à noite, durante a oração, renovem mais uma vez a sua boa vontade e logo chegarão a praticar fielmente o que lhes era difícil. Sempre tenho observado as almas que se familiarizavam com este caminho, eram sustentadas por Deus de maneira bem visível, e tenho visto que ele parecia enviar-lhes os seus Anjos para que não machucassem o pé numa pedra.

Acho que seria bom, neste retiro, que os Senhores escrevessem, na ocasião desta palestra, - e façam-no esta manhã mesmo - os pontos da Regra e do Diretório aos quais mais têm faltado. Anotem também seus bons propósitos. São detalhes, sem dúvida! Mas toda a vida é composta de por-menores. Nosso ser físico não consiste em moléculas? A vida se origina de um conjunto de ninharias, de minudências. Do total desses detalhes provém a existência, a vida, a força.

Observem em toda a parte e em tudo o cunho do religioso. É necessário estar como revestidos disso, com simplicidade, com naturalidade e sempre com perfeição, como era costume de São Francisco de Sales. Essa feição de sabedoria, de prudência, de retidão será o resultado de sua fé no Diretório. Será o que inspirará os fiéis de confiança; sentir-se-ão bem, perto dos Senhores; serão verdadeiramente homens de Deus: Tu autem, o homo Dei (1 Tm 6,11) (Tu, porém, ó homem de Deus), o homem que fala em nome de Deus e o representa verdadeiramente. E não há outro meio para os Senhores chegarem aí a não ser a prática do Diretório e a da observância exterior.

Esta manhã eu lhes disse muitas coisas, repetindo-as diversas vezes. Esta não é uma palestra muito ordenada, logicamente construída e programada. No entanto, trata-se de coisas muito boas: é uma lição prática, eu acho. Dir-lhes-ei as mesmas coisas até que os Senhores estiverem compenetrados desses assuntos e até que eles tiverem tomado conta de toda a sua pessoa, como se expressa o Espírito Santo, em algum trecho.

Examinem-se bem a respeito. Preparando-se para a Confissão, vejam quantas faltas cometeram. Acusem-se disso fielmente. Dêem-se conta da importância dos detalhes, das coisinhas na prática da vida, quando se trata de apresentar os efeitos que Deus espera dos Senhores. Vivam assim; e que esta graça de nosso Santo Fundador se espalhe sobre os Senhores.

Os que praticarem o Diretório, Deus os cobrirá com o esplendor de sua graça e do seu amor. Penetrados assim por Deus, transformar-se-ão nele, por assim dizer, através de uma série de atos constantemente realizados de acordo com a vontade divina.

Uma vez bem penetrados dessas coisas, a vida religiosa lhes será fácil; não lhes custará nada. Ubi amatur, non laboratur, vel labor amatur (Onde se ama, nada custa, ou o incômodo é amado). Seu coração tomará a dianteira, sua vontade dirá sempre 'sim' ao Bom Deus; nada mais lhes resta a desejar. É a coisa principal para nós, convençam-se disso; é a fonte segura donde manará a graça.

Quando o garimpeiro, armado de sua pá e seu carrinho de mão junta areia, ele precisa peneirar grandes quantidades antes de conseguir umas partículas de ouro. Ele trabalha sem desanimar e não deixa escapar um punhado de areia: talvez haja aí um tesouro. Façamos assim, extraíndo o ouro precioso, o ouro puro, como diz o Apóstolo São João no Apocalipse (cf. 3,18), o ouro puro, apurado no crisol, o ouro que não somente brilha, mas arde, aurum ardens, para nos enriquecer e tornar ricas também as almas das quais estamos encarregados.

Em seus contatos com as pessoas, poderão notar que são esses meios despercebidos que realizam tudo. Peçam a São Francisco de Sales e à Boa Madre que lhes façam compreender profundamente essas coisas. Examinem-se atentamente e, se for necessário, façam-no com a caneta ou o lápis na mão. Os defeitos, as faltas que encontrarem, ofereçam-nas a Nosso Senhor para que as perdoe e as supra. Sejam fiéis neste trabalho que requer energia e constância, e a bênção de Deus estará com os Senhores, formando-os bons e leais religiosos.

## OITAVA PALESTRA

O ESPÍRITO DOS OBLATOS

O retiro, em si mesmo, é custoso; a gente não tem mais as ocupações de costume, não se tem mais preocupações sérias; toda a vida interior é sofrida e fatigante.

Os problemas exteriores, inerentes ao retiro, também não ajudam a descansar a alma. O retiro é, portanto, um tempo penoso. Quando a gente recebe algumas consolações por parte de Deus, ainda vai; mas, quando não há nada disso, o assunto se torna bastante cansativo. Até o corpo sente isso: a gente não está tão bem durante o retiro. Mais uma vez, se a gente fosse encorajado, fortificado, agüentaria a provação, alcançar-se-ia vitorioso o fim do retiro. Em tudo é preciso fazermos o que o Bom Deus quer e lembrar-nos de que os sofrimentos e nossa coragem produzem méritos incomparáveis que se recompensarão pelos prêmios que Deus nos prepara. Reanimemo-nos firmemente, portanto, sobretudo nos últimos dias, quando as forças diminuem. Façamos esforço contra a dissipação, contra as distrações que sobrevêm exatamente para fazer-nos perder o resultado do retiro.

Mencionei-lhes as obrigações que os Senhores assumem pelo voto de obediência religiosa e pelos outros votos. Falta-me ainda falar-lhes sobre o espírito que os deve animar.

O espírito de cada Ordem religiosa é diversa. Qual deve ser o nosso? O que nós devemos ser? Qual deve ser o nosso pano de fundo habitual, qual é a inspiração que nos deve animar? Escutem bem o que vou lhes dizer; é de suma importância. Para ser Oblato, não é suficiente fazer tudo o que lhes disse; é necessário ter o espírito que vou lhes explicar. Poderão fazer tudo o que lhes recomendei antes e não ser um bom Oblato e não chegar a alcançar o que Deus quer do Senhor, não recebendo as graças especiais que Deus ligou à vocação de Oblato.

**Qual deve ser o seu espírito em relação a Deus?**

**Confiança, abandono, fidelidade.**

O espírito de **confiança** e **abandono**: é necessário que compreendam, que reconheçam que temos um Salvador. Se não tivéssemos um Salvador, teria-

mos que desanimar.

Mas quando tivermos feito o que nos era possível, se Deus pedir mais algo, o Salvador supre e oferece o necessário para completar. Essa doutrina é profunda, mas é eminentemente teológica. O mínimo esforço, - não importa em que ele parar - sempre tem sua realização completa. O Salvador vem acrescentar sua ação à nossa. Nunca se deve perder de vista esta consideração: Talvez eu faça mal, mas faço o que posso; estou certo, Senhor, que Vós continuareis o que eu comecei.

Isso nos conserva muito humildes, no reconhecimento de que nossas obras estão longe de ser perfeitas. Nosso amor próprio aí se acaba: Meu Deus, completai a minha construção; levantai a parede que recém comecei; eu me uno convosco em tudo.

Essa confiança não nos leva a pecar por preguiça, por negligência; pelo contrário, estimula os nossos atos e nos impele pelo caminho da perfeição.

Eu os desafio: vão aonde quiserem, mas jamais encontrarão uma verdade mais teológica, mais profunda, mais prática do que essa. A confiança em Deus é a chave da piedade, é o segredo da união da alma com Deus. Oh! que belos exemplos desse espírito eu conheci. Quantas vezes fiquei encantado, maravilhado com os efeitos que produzia. É impossível que Deus abandone a alma que tem essa disposição. Está nisso o segredo para converter o mundo. Converter-se-á o mundo não esquentando as imaginações, não proferindo belas palavras. (As belas palavras fazem barulho, como a música militar que põe a marchar, marcando o passo, ao cantar o hino nacional depois da vitória num combate.) Não estou criticando os modos e as maneiras de agir de ninguém. Mas afirmo que a confiança, o abandono ao Salvador é um dos grandes meios que temos para ajudar-nos a caminhar. A gente segue, então, os passos do Salvador; experimenta que não está sozinha, que Deus não abandona, que não se está nas trevas.

A confiança e o abandono são, portanto, nosso primeiro dever para com o Bom Deus; o segundo é **a fidelidade**.

Um dia ouvi um Pároco do interior dizer, no final de uma refeição: "Não somos por demais infelizes, evidente; mas o que estraga a nós, sacerdotes, é a obrigação de estarmos sempre no estado de graça; sem isso, acrescentou, seria bastante bonito..." Para ser um Oblato devidamente é necessário que não nos limitemos ao estado de graça. Um Oblato deve

esforçar-se para sempre ser fiel à graça. Será que isso significa que um Oblato nunca cometerá um pecado ou que deve desanimar-se, quando se encontrar em pecado, quando uma vez, ligeiramente, tiver falhado? Não, porque todo o homem é falível; mas devem, então, recordar-se da obrigação de confessar-se, de fazer quanto antes um ato de contrição do seu pecado, alimentando em sua alma o desejo ardente de evitar as mínimas faltas, os mais leves erros que impediriam a harmonia divina entre seu coração e a graça de Deus.

Suponhamos uma obediência que lhes custe: certamente, os Senhores não farão um pecado mortal, ao demorar-se voluntariamente um pouco em sua resistência. Mas, se não estiverem muito seriamente decididos a reagir contra esses sentimentos naturais, a realizar tudo corajosa e docilmente, em nome da obediência, sua consciência não fica totalmente pura; e, enquanto ficarem nessa indisposição, não são fiéis ao Bom Deus, não correspondem a todas as condições correspondentes ao nosso espírito.

A Boa Madre se confessava muito frequentemente; logo que o seu coração lhe censurava a mínima aparenciazinha de infidelidade, confessava-se quanto antes e pedia imediatamente perdão a Deus. Lembrava as boas palavras do catecismo do tio Fleury: "Deus é fiel e não pode enganar-se nem enganar-nos." Tenham sempre, portanto, a consciência pura, sejam sempre fiéis a Deus.

Não lhes estou dizendo que nunca pecarão; mas imediatamente depois de cada uma dessas faltas, sintam pesar, arrependam-se e digam ao Bom Deus: "Fazei tudo o que quiserdes de mim."

**Agora, qual deve ser o nosso espírito com relação aos nossos Superiores? Deve ser um espírito de respeito e de obediência.**

O **respeito** é tão inerente à nossa vocação que devemos continuamente exercitar-nos em reconhecer, em cada um dos que estão encarregados de nos dirigir, um enviado de Deus. Não se deve procurar neles a perfeição de Deus, mas devemos aplicar-nos a ver neles a vontade de Deus. Daí conservaremos um grande respeito para com os Superiores. Adquiriremos esse costume logo. Os jovens, os noviços comecem com isso de todo o coração; continuarão de bom grado e praticarão generosamente esse respeito todos os dias de sua vida religiosa. A flor dará logo a sua fruta. A

pessoa dos Superiores não é nada; importa respeitá-los como representantes de Deus; é mister ver neles a autoridade de Deus, a expressão da vontade de Deus em relação a nós, enquanto os rodeamos com o respeito mais profundo e total. O que lhes peço, sem dúvida, não é possível humanamente; nunca os Superiores, independente de suas qualidades, merecerão tamanho respeito que estou lhes pedindo: só o Salvador é digno disso; mas, afinal, é só a ele que se refere. Pode acontecer que se tenham, por algum tempo, Superiores que em nada se parecem ao Salvador. No entanto, é preciso relacionar-se a eles com esse respeito totalmente divino.

O conde Anatol de Ségur contou-me que, algum tempo depois da morte da sua irmã, a religiosa Sabina de Ségur, ele obteve a permissão do Senhor Arcebispo de Paris para visitar a cela da mesma na Visitação. "Uma coisa me chamou atenção," ele disse, "acima de todas as outras, nessa interessante visita (e é para mim a coisa mais edificante que já vi na minha vida), a saber: o respeito profundo que as Irmãs da Visitação testemunham para com a Superiora. Só lembro-me disso de minha visita, mas essa lembrança causa-me a mais viva impressão." De fato, na Visitação, a Superiora, mesmo que seja trocada cada três anos, é o alvo do respeito mais profundo. Os mosteiros, onde esse respeito é observado à risca, tornam-se um verdadeiro paraíso. Se isso não fosse bem observado, em alguma parte - o que não acredito - o jugo deveria ser-lhes terrivelmente duro, e o caminho pelo qual avançam deveria parecer-lhes dificultoso e semeado de carvões em brasa.

Por conseguinte, meus Amigos, se Padre Rollin lhes disser: "Façam isto ou façam aquilo", e os Senhores não ligam muito ou o realizam mais ou menos, faltam àquilo que deve ser o distintivo característico do Oblato. Os Senhores não têm, para com seu Superior, para com seu Mestre de noviços, o respeito que lhe devem, e que tem que ser um respeito tão grande, tão profundo que os leva a fazer imediata e perfeitamente o que o Superior pedir. Formem cuidadosamente, portanto, a sua consciência: É Deus que fala através da boca do Superior. Se me mandasse engolir carvões, eu os engoliria com a graça de Deus! Mas se, em vez de submeter imediatamente o seu espírito, a gente se permitir uma reflexão pouco respeitosa e se a gente a comunicar a outros, os Senhores estragarão num instante o que tiverem adquirido de juízo e virtudes religiosas em seis meses.

O respeito está intimamente ligado à obediência, como vemos. Obedeçam simples, cordial e generosamente. Compreendam o sentido de sua obediência religiosa. É a Nosso Senhor que obedecem; por meio de sua obediência não haverá mais distância entre Nosso Senhor e os Senhores. Se derem atenção ao homem ao longo do caminho, não existirá mais a obediência como a queremos, não haverá mais Nosso Senhor. Mas se nos apegarmos a ele pela obediência, o que acontecerá? Seremos os melhores amigos do Salvador; faremos coisas maravilhosas... Pois, enfim, bem posso dizê-lo perante Deus e os Senhores: O que somos? Nada. Hoje em dia, quem é que pode dizer que ele é alguma coisa?... A ninharia de nossa vontade pode realizar o quê? Importa que Deus opere. Vejam o que está acontecendo em nossas missões e o efeito que produz a palavra de nossos Padres sobre aqueles pobres povos selvagens. Padre Simon, todas as vezes que me escreve, não deixa de me dizer: "Mande-nos bons religiosos!" Nossos Padres estabelecem contatos com essa pobre gente, mostram-lhe interesse, educam-lhes os filhos e ei-los, logo, conquistados e convertidos; ei-los assumindo em sua vida a luz da fé. Os religiosos e as religiosas têm um poder extraordinário sobre os que se encontram no raio de sua ação.

Qual é o segredo desse poder? É por serem santos, por serem bons religiosos, por serem perfeitamente obedientes.

Esse é o nosso espírito, assim é a nossa vida, eis a nossa força. Tudo provém diretamente de Deus; ele é que dá vida a tudo; o mínimo ato realizado nesse espírito de obediência, de fidelidade, de união com Deus produz efeitos grandiosos.

Conservemos cuidadosamente, então, essa obediência respeitosa; é toda a nossa força e vida. Sejamos noviços, sejamos religiosos obedientes e respeitosos e seremos um espetáculo extraordinário, pois isso não acontece mais em parte alguma; isso parecerá algo heróico, maravilhoso. Façamos isso e alcançaremos graças. Sejamos sumamente delicados em matéria de fidelidade, para obter o 'bravium' (o prêmio), de que São Paulo fala (1 Cor 9,24). Os atletas do estádio, diz ele, preparam-se longamente para alcançar uma coroa perecível, exercitam-se durante muito tempo. Nossas lutas não são tão grandes como as competições do circo ou do estádio; são totalmente tranquilas, completamente interiores, no entanto, existem realmente.

Disponhamo-nos sempre, pois, ao que temos que fazer para cum-

prir a vontade de Deus em relação a nós.

**Agora, qual deverá ser o nosso espírito referente ao próximo?**

No que diz respeito ao próximo, precisa-se uma grande **discrição** e muito **amor**.

Uma grande **discrição**. Nada, no relacionamento com o próximo, deve comprometer, de forma alguma, nem a autoridade de nosso cargo nem a caridade; é preciso que nada possa prejudicar jamais nem a estima que se deve à Comunidade nem o apreço que se deve a nossa pessoa. Nossas relações para com o próximo devem ser tão sábias e prudentes que não joguemos nunca as pérolas de Nosso Senhor aos porcos (cf. Mt 7,6); importa que saibamos ver bem com quem falamos e com quem tratamos; não digamos a todos o que não devem saber; saibamos guardar bem o que deve ser o nosso segredo, o segredo de nossa família, o segredo do Noviciado, para que ninguém abuse, ninguém pense mal de qualquer um de nossos irmãos.

Saibamos bem com que respeito devemos relacionar-nos com nossos Superiores, com que simplicidade e cordialidade devemos comportar-nos para com nossos iguais, e qual a edificação que devemos dar para os nossos inferiores, para conduzi-los ao Bom Deus.

Não se vá repetir a um coirmão o que nos foi dito para a nossa direção espiritual, ou o que se trata da direção da casa, e com o que ele não tem nada a ver. Guarde-se com segredo o que é segredo. Não se precisam dessas histórias, desses comentários que correm de religioso a religioso, de casa em casa e fazem, de certas pessoas, jornais oficiais. Isso faz mal, destrói o espírito de caridade numa casa, numa comunidade.

Não se fale sobre política tampouco; não se imiscuem indiscretamente em assuntos de família, de comércio, em complicações que podem tornar-se sérias, sem consultar o Superior. Não nos metamos em empreendimentos e em negócios que não nos dizem respeito. Mantenhamo-nos sempre, pelo contrário, nos caminhos da prudência, da sabedoria, não comprometendo nunca nem a caridade, nem a justiça, nem nossos deveres perante a autoridade, nem a legítima influência que ele deve ter e exercer. 'Da mihi, Domine, sedium tuarum assistricem sapientiam' (Sb 9,4) (Dai-me, Senhor, a sabedoria que partilha o vosso trono). Sejamos discretos também relativo aos nossos alunos. Não convém, por exemplo, que

um vigilante vá contar, a torto e a direito, as faltas deste ou daquele aluno a um professor que não tem nada a ver com isso. Contem o que pode encorajar ou edificar; mas silenciem o resto e não o espalhem para quem não precisa saber. Essa sabedoria faz a satisfação e a harmonia reinarem numa comunidade. As confidências indiscretas podem ter um resultado muito negativo, levar à ruína da caridade e à perda da vocação.

A discrição acompanha a **caridade**. Deve-se partir do princípio do nosso Santo Fundador, ou seja, de que no próximo sempre há uma coisa de Deus e, conseqüentemente, algo amável. Se não vêem o próximo de bons olhos, é porque os Senhores têm os olhos fascinados da excelência própria, e isso lhes impede de ver a realidade em sua volta, isto é, Deus no próximo. É certo que no semelhante sempre há algo de bom... Fez bem a sua Primeira Comunhão..., pelo menos, é um irmão; se é um religioso, existem pelo menos alguns pontos da Regra que ele pratica; ele topa algumas renúncias... Apreciem isso, porque é o que Deus ama nele. É o ponto de contato que essa alma tem com Deus; é a emanção de luz do coração de Deus nessa alma e que pode atingir até a alma dos Senhores. Essa é a verdadeira motivação do amor para com o próximo, da bondade, da caridade em que devem basear-se todas as nossas relações para com todos aqueles que são o nosso próximo, primeiramente os nossos irmãos a respeito dos quais nossa caridade não deve sofrer a mínima restrição. Assim, pois, não é difícil ser caridosos, serviçais, prestativos, recolhendo cada dia não um feixe de espigas, mas um monte de pérolas mais preciosas do que as da rainha de Sabá. Começemos corretamente, pois, a partir deste princípio: observemos no próximo o que é de Deus. Queiramos bem a todos com este amor infalível que haurimos de Deus e que nos leva de volta a ele.

Desejo muito que as poucas palavras que estou lhes dirigindo esta noite possam levantar-lhes o ânimo e fazer-lhes compreender bem que, por meio das pequenas coisas, é que a gente consegue as maiores. Quando se lê o Evangelho - é o que devemos fazer durante o retiro, sobretudo o de São João - vemos que a Igreja é comparada com quê? A um grão de mostarda, a menor entre todas as sementes, mas que se torna um grande arbusto (Mt 13,31), dando a prova - como diz Santo Agostinho - da potência e da força divina sobre o que é pequeno e fraco. O Verbo Encarnado só aparece como um homem fraco, um verme, como o próprio Deus diz (Sl 21,7), mas ele regenera o mundo. O segredo do poder está no na-

da, naquilo que é pequeno, no que passa despercebido: aí é que Deus age e opera. Nós cultivamos, mas Deus é que faz crescer (cf. 1 Cor 3,6); Deus é que deve levar a cabo os nossos interesses.

Um santo monje passou pela cozinha do mosteiro; viu um jovem irmão que, com um pauzinho, retirava com cuidado duas lentilhas que caíam entre duas lajes. O santo se recolheu, juntou as mãos e lhe disse: "Meu filho, porque compreendeste que Deus faz caso das coisas pequenas, ele te dará a luz do alto sobre as coisas maiores."

Lembrem esta lição de um dos patriarcas da vida religiosa; recolham atentamente as pequenas lentilhas que se encontrarem ao longo do caminho. Essas pequenas coisas acumularão nos Senhores uma força imensa que os santificará como tornou santa a Boa Madre Maria de Sales. Eu a vejo ainda, durante os longos dias de sua agonia, levantar a cabeça de moribunda e dizer-me: "Eu gostaria muito confessar-me, mas não encontro nada para dizer-lhe. Sempre tenho desejado fazer o que me parecia ser a vontade de Deus; confio-me ao Salvador e espero tudo dele!"

## NONA PALESTRA

### ADAPTAR-SE AO PRÓXIMO

Não nos cansemos durante o retiro; muitas vezes lhes repito: tenhamos coragem. Precisa-se ânimo para tudo, mas sobretudo durante o retiro, onde a gente muitas vezes está sem força e fatigada; além disso, nossa maneira de agir não satisfaz nem os sentidos nem as inclinações. Vamos animadamente até o fim para encontrar aí o Salvador Jesus que acharemos, porque o procuramos sincera e generosamente.

Ontem lhes falei sobre o espírito que devemos cultivar. Esta manhã, vou dizer-lhes umas palavras sobre os contatos que devemos manter com o próximo. Nosso Santo Fundador repetia frequentemente que é forçoso adaptar-se ao próximo. Este é um ensinamento preciso: acomodar-se ao próximo e não querer dominar tudo, fazer todo mundo coincidir com as idéias da gente, tamquam dominantes in clerum (como dominadores do clero), exercendo sobre o próximo uma influênica muito pessoal. Ele diria isso não só para os fiéis e para as religiosas, mas particularmente para

os sacerdotes.

Será que, para ajustar-se ao próximo nos contatos comuns da vida, no diálogo, nos bons serviços que surgirem a prestar-lhe, precisa-se um caráter tímido, uma vontade mole e frouxa? Será que é fácil essa condescendência para com o próximo, essa adaptação àquilo que a ele pode convir, essa aproximação às idéias dele e ao que lhe agrada? É o ato mais generoso de que a nossa vontade é capaz; também é um ato de delicadeza, de tato, de gentileza suprema. Um homem bem educado - e antigamente havia destes na França - sabe adaptar-se ao próximo. O tio da Senhora Troussel, o venerado Senhor de Belot, era nesse sentido um modelo de afabilidade e de servicialidade. Quando passava por Troyes, sempre vinha visitar a Boa Madre e conversava com ela sobre as coisas do Bom Deus, coisas que a Boa Madre tanto apreciava. Quando precisava ir ao bispado, relia antes algo nos jornais católicos dos últimos dias, até no dicionário de conversação, para poder desenvolver um diálogo com o Bispo que a este interessasse. Agia assim com todos, falando com todo mundo não sobre aquilo de que ele gostava, mas sobre aquilo de que cada um em particular gostava. Quando vinha visitar a mim, falava sobre física; preparava-se tão bem que eu achava que dessa matéria ele entendia mais do que eu. Eis a polidez nos contatos de um homem do mundo; isso é condescendência para com o próximo. Não é servilismo, baixeza, longe disso. E esse também é um meio de fazer o bem.

Por sinal, era isso o que São Francisco de Sales fazia, quando era estudante, e prova disso é o Regulamento de vida que se tinha traçado durante sua estadia em Pádua. Reparem o que afirma sobre as relações que quer manter com todo o tipo de pessoas; como quer mostrar-se alegre com os que estão alegres; triste com os que estão tristes para ajudá-los a levantar-se e encorajá-los; ativo e dinâmico com aqueles que são empreendedores, arrojados e cheios de iniciativas; sereno, pelo contrário, condescendente com os que são vagarosos. Naquele tempo, tendo só 17 anos, sabia adaptar-se assim ao próximo e praticar com perfeição aquela segunda parte do mandamento que é semelhante à primeira. Era para ele uma obrigação, um compromisso que ele ordenava e pormenorizava da mesma forma como também suas orações e os seus deveres para com Deus. Essas duas obrigações eram para ele do mesmo nível. Façamos assim. Isso também deve ser algo que nos distinga, que nos diferencie dos outros que não

pretendem fazê-lo. Não devemos agir assim por amor próprio, com um toque de orgulho; isso seria impróprio e inconveniente em todos os sentidos.

É indispensável compreender bem, como amar a Deus e amar ao próximo são compromissos semelhantes, devendo basear-se no mesmo princípio. Mas também devemos cumprir essa obrigação criteriosamente. Peçam, portanto, bom senso ao Bom Deus. Em nossos tempos, o bom juízo muitas vezes está fazendo falta: Stultorum infinitus est numerus (Ec1 1,15) (o número dos tolos é ilimitado). Há muito tempo Salomão disse essas palavras, no Livro da Sabedoria (sic!); não sei se, daquele tempo para cá, o número diminuiu muito... A ausência de bom senso prático muitas vezes se faz notar. Observa-se nesta atmosfera, neste ambiente a falta de juízo e a gente acaba parecer-se com todo mundo. O ambiente nos influencia. Protejamo-nos, portanto, deste ar viciado que se infiltra pelos poros da nossa pele.

Olhem, reparem os homens de outrora, o antigo clero, vejam o Cônego Leclerc; ao falar com ele, não se sabe, realmente, qual a qualidade que lhe falta, e, ao mesmo tempo, nada é mais agradável para a gente do que estes contatos; é a condescendência mais completa - que não exclui certas ligeiras doses de malícia agradável e graciosa, que realçam a conversação e suscitam interesse nela.

Controlando a si mesmo, rezando, pode-se conseguir alguma coisa dessas belas e amáveis qualidades: fabricando fit faber (batendo ferro é que se fica ferreiro). Importa que sejamos desse tipo. Os jovens se conformem a essas maneiras de agir; que se formem nesse molde, engatem nessa engrenagem. Todo mundo, pois, se observe relativo a este primeiro ponto, ajustando-se ao próximo nos contatos costumeiros, adaptando-se à maneira de agir dele. Estabeleço isso como uma norma rigorosa e absoluta para cada um. Lembremo-nos, portanto, que é um ponto de regra, de observância. Concentremos neste particular toda a sensibilidade de nossa consciência. Controlemo-nos e, logo que tivermos faltado, retenhamo-nos, acertando o passo com o próximo. Manifestemos muito respeito para com os Superiores; saúdem-se uns aos outros ao se encontrarem e façam isso com toda a simplicidade e afeto.

Sejam condescendentes também para com o próximo, na direção espiritual: Spiritum nolite extinguere (1 Tes 5,15) (não extingais o Espí-

rito). Cuidem para não apagar o Espírito de Deus onde se encontra. Os Senhores devem ser as testemunhas da ação de Deus nas almas, não os autores. Não cabe a nós manipular as almas, fazendo-as entrar por bem ou por mal em nossos parâmetros ou nossas idéias. Seria um empreendimento repreensível, que não serviria às almas e prejudicaria a nossa, o querer prendê-las a nossas idéias e a nossa maneira de ver e julgar. O Bom Deus não estaria conosco. Pelo contrário, é necessário que nos adaptemos às almas. Estamos para acompanhar o sopro do Espírito Santo e não para dirigi-lo.

Devemos adaptar-nos ao próximo no sentido de ajudá-lo a sentir-se feliz na sua situação; neste sentido, guerreio muitos confessores e me oponho a eles, porque abusam do poder que Deus lhes confiou.

Uma mulher vai confessar-se: evidentemente, seu marido é que erra; e o confessor lhe dá razão contra o seu marido. Uma criança se queixa do pai e da mãe, e a gente dá corda.

Um religioso se queixa do seu Superior; uma religiosa, de sua Superiora; e a gente estimula a resistência. Isso é abominável!... Compreendam bem os mandamentos de Deus e da Igreja e não ataquem a autoridade que Deus colocou na família temporal ou espiritual. Não levam a criança, a jovem, a mulher a desprezar aqueles cuja autoridade devem respeitar. Essa maneira de agir, esse encorajamento dado à resistência, esse óleo jogado no fogo termina necessariamente no menosprezo. Pelo contrário, acalmem e amenizem, desculpem as faltas da autoridade, se houver; curem os corações magoados, reconduzam-nos à observância do quarto mandamento do Deus. Ele ordenou respeitar; não convém, portanto, que os Senhores mandem desprezar!

Da mesma forma numa comunidade religiosa: a autoridade, o Superior tenha sempre razão!

Retomo o que disse sobre a família: sim, o marido tenha sempre razão. Claro, não quero dizer que ele tenha realmente razão e que se deva dar razão a ele, em meio às suas injustiças; mas cabe a ele a autoridade e é por ordem de Deus que ele exerce essa autoridade. É preciso, pois, respeitá-la; claro, acautelem a alma de sua penitente contra o que é mau; mas que haja sempre respeito, muita obediência em tudo o que não é mau. Não destruam nunca a ordem estabelecida por Deus. A gente se tor-

naria sumamente culpável ao aproveitar uma situação má, um equilíbrio mal acertado para imiscuir-se e tomar partido contra a autoridade legítima.

Imaginem um confessor das Visitandinas que diz à pessoa dirigida: "A Senhora precisa de fazer penitência! Tem inclinação para isso, deve seguir essa tendência!..." Mas, olhem, a Superiora diz o contrário; e quando ela pergunta à freira, esta lhe responde: "Madre, não devo dizer-lhe isso!" A freira pode ser uma santa, mas quem a dirigia não agiu como santo!

Suponham que o Senhor confesse uma Irmã de Caridade; não vá dar-lhe o Diretório! Sem dúvida, poderá recomendar-lhe que aproveite algumas idéias dele, mas não vai fazer disso uma obrigação para ela. A Irmã de Caridade acompanha os exércitos; recolhe os feridos nos campos de batalha e gosta de Padre Vicente. Quando os Senhores falarem às Irmãs de Caridade, falem como São Vicente de Paulo; identifiquem-se com ele, ponham-se na situação de poderem fazer o bem para as almas e realizar a obra de Deus. Aproveitem suas qualidades para irradiar um pouco ao redor de si, quando o bem do próximo o exigir, mas ficando sempre sob a inspiração do Espírito de Deus.

Compreendamos bem que o nosso dever, nosso espírito, nossa norma é adaptar-nos ao próximo. Todas as vezes que nos afastamos dessa regra de conduta, fazemos um serviço mal acertado, tratando de um assunto pessoal, relacionando as nossas obras a nós mesmos e não a Deus. Não julgemos os outros a partir de nós, mas considerando a eles mesmos. Suponham carneiros morrendo de fome. Que os Senhores vão dar-lhes de comer? O que agrada aos Senhores? Não, mas o que eles precisam. Dêem-lhes pasto do campo, mesmo que uma fatia de bolo poderia parecer preferível aos Senhores.

Adaptem-se bem ao próximo nas suas pregações, nas suas palestras. Devem observar a quem se dirigem, ver o que as pessoas que os escutam podem compreender, suas necessidades, o que pode instruí-las e encorajá-las. Antigamente, o jeito do pregador, mesmo no púlpito, era bater com os pés, ralhar. Muito bem, às vezes é mesmo necessário fazer isso; lembrem São Crisóstimo nas suas práticas contra a Imperatriz; mas

abstenham-se de resmungar e censurar por um detalhe de menor importância. Pelo contrário, encorajem, ergam. Os Senhores, que pregam, queiram bem o seu povo, amem o seu auditório e esse amor que tiverem pelos ouvintes inspirará aos Senhores o que deverão dizer.

Adaptem-se ao modo de julgar do seu próximo: Da mihi, Domine, sedium tuarum assistricem sapientiem (Sb 9,4) ( Dai-me, Senhor, a sabedoria que partilha o vosso trono)... Peçam ao Bom Deus palavras e critérios convenientes para adaptar-se ao próximo em tudo o que fizerem e disserem.

Uma palavrinha ainda para os professores e os diretores de colégio. Adaptem-se aos seus alunos, naturalmente não deixando-se arrastar por eles; adaptem-se a seus caracteres, atingindo-os pelo lado mais sensível, o humor, o gosto, a educação deles; partam dali para conseguir algo deles. Um aluno sempre tem algo de bom; baseiem-se nisto e aproximem-se do aluno por ali. Se os Senhores não conseguirem atingi-lo ao pé do altar, supondo que não seja piedoso, alcançá-lo-ão, talvez, nos seus jogos, ou então, através das idéias dele; ou também, num dia de sofrimento, de contrariedade. Experimentem, procurem o ponto sensível e toquem nisso delicadamente. Não dêem a impressão de atacar a liberdade e de obrigar a qualquer coisa.

Precisa-se amar também os maus? O nosso Santo Fundador os queria muito; e está se tornando necessário fazer assim agora mais do que nunca.

Será que eles não têm também uma alma resgatada pelo Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo? Será que Nosso Senhor, para salvar, para alimentar essa alma, não desce até o lugar onde ela está? Não lhe jogue a Eucaristia no rosto, dizendo-lhe: Toma e come!, mas desce onde ela se encontrar. A palavra 'condescendência' quer dizer isto mesmo: ir ao encontro das almas para levantá-las do chão e levá-las a Nosso Senhor, aniquilando nossa vontade própria, descendo até onde pudermos para tomar a vontade dos outros e levá-la a Deus.

Dois discípulos iam a Emaús, na manhã da Páscoa; estavam tristes e decepcionados, murmuravam. Jesus morreu; tinha avisado; eles sabiam.

Mas ele tinha dito também que ressuscitaria: e agora o terceiro dia, nada de ressurreição. Juntos os dois criavam um mau espírito. Nosso Senhor se aproxima e entra no assunto: "De que estão falando, de aparência tão triste? O que é que aconteceu?" - "O Senhor, então, deve ser completamente estranho aqui, não sabendo do que ocorreu." - "Que, então?" - "Jesus de Nazaré, que era um grande profeta, morreu; ele tinha dito que ressuscitaria no terceiro dia; umas mulheres vieram dizer-nos que viram Anjos no seu túmulo; mas se pode crer em mulheres?... (cf. Lc 24,13-24).

O que faz Nosso Senhor? Vejam, meus Amigos. "Ó insensatos e lentos de coração para crer!" (Lc 24,25) (O stulti et tardi corde ad credendum). E, sem censurá-los, explica-lhes como era necessário que o Cristo sofresse e morresse para entrar na glória... Eles o escutam, em silêncio. Não dizem: "O Senhor tem razão!" Fazem como os alunos que se deixam convencer e tocar, mas não o querem reconhecer. E, quando quer seguir o caminho, insistem em segurá-lo. Ele não quer atendê-los. Seguraram-no pela manga de sua roupa: Et coegerunt eum (Lc 24,29) (e forçaram-no). Obrigam-no a ficar. A paz é total.

Não há mais distância entre nós e nossos alunos do que entre Nosso Senhor e seus discípulos de Emaús.

Peçam ao Bom Deus a compreensão, a sabedoria e o juízo necessário para os Senhores também realizarem essas aproximações, sendo assim verdadeiros filhos de São Francisco de Sales, sabendo adaptarem-se ao próximo.

## **DÉCIMA PALESTRA**

### **REIMPRIMIR O EVANGELHO: A ORAÇÃO E O TRABALHO**

Não se desanimem durante o retiro; dêem-se corajosamente a cada um dos exercícios. Não se esqueçam tampouco que o estão fazendo com todo o universo, com a Santa Igreja, com seus Irmãos que hão de ser admitidos ao Noviciado ou hão de fazer a santa Profissão.

A Boa Madre dizia muitas vezes que era necessário reimprimir o

Evangelho. A essa expressão, meus Amigos, tem que se dar um sentido muito amplo. É preciso reimprimir o Evangelho em nosso coração e no mundo.

Para reimprimir o Evangelho é imprescindível conhecê-lo. Não se pode imprimir o que não se conhece. Se estivesse perdido o Evangelho de São João e os Senhores fossem encarregados de reimprimi-lo, o início não ofereceria problema algum, porque o sabem de cor (- pois fazia parte da Missa diária - tr.). Mas o resto? Saibam-no, então, para reimprimi-lo. Na época dos nossos estudos, a gente aprendia todos os dias alguns versículos. Assim podíamos memorizar alguma coisa do Evangelho. É forçoso que os Senhores saibam o Evangelho. Nossa Regra nos obriga a ler o Novo Testamento todos os dias, um capítulo; sejam fiéis a isso e leiam atentamente, de maneira que compreendem e guardam na memória.

Perguntavam a Bossuet qual era o melhor comentário do Evangelho. Não respondeu. Insistiu-se: "Qual é o comentário que o Senhor utiliza?" - "Uma segunda leitura," respondeu, "uma terceira, uma quarta." E vejam com que habilidade ele se serve, em seus sermões, daquilo que sabe do Evangelho.

É necessário, portanto, para reimprimir o Evangelho, lê-lo antes, e lê-lo bem; não seja uma leitura distraída ou simplesmente piedosa, mas uma leitura feita com grande atenção, com muita unção, como se a gente o ouvisse da boca de Nosso Senhor. E, depois, procurem penetrar profundamente no sentido do texto.

Recomendo-lhes, no entanto, que se sirvam um pouco dos comentaristas mais conhecidos. Um bom comentarista alcança a chave da maneira como se deve compreender e interpretar a Escritura.

Em nossos cursos de Sagrada Escritura, apresentam o modo de interpretar a Bíblia em seu sentido óbvio, sobrenatural, aplicado. Devem-se saber essas coisas. Será mister termos, depois de algum tempo, um curso sobre a Sagrada Escritura. Os Protestantes estudam a Escritura com muita atenção. Os Judeus estudam a Escritura com o seu Talmud. Precisam-se conhecimentos aprofundados, meditações, estudos para se dar conta, com perfeição, do sentido da Sagrada Escritura. Tomem um comentário breve, claro, preciso, pelo menos piedoso, se não é de um Santo. A santidade dá acesso ao verdadeiro sentido da Escritura. Um doutor garante não errar quanto ao dogma; seu conhecimento elucida, mas não sendo um

Santo, ele não inflama. De outro lado, para os Senhores, na qualidade de Oblatos, não basta a parte afetuosa, piedosa; precisa-se de ciência.

Leiam o Evangelho no seu sentido natural, judicioso, como Nosso Senhor o inspirou, como o Espírito Santo o induziu.

Nosso Senhor afirma que se deve perdoar setenta vezes sete (Mt 18,22); façam-no; ele diz que se deve confiar na Providência como os passarinhos do campo (Mt 6,26): imitem-lhes, portanto, essa confiança; se uma objeção surgir, reparem que aquilo que a ocasiona é exatamente a falta de estar nas condições que Nosso Senhor requer, porque não se começou fazendo tudo o que o Bom Deus de nós queria. Procuremos desde já o Reino de Deus e sua justiça e todo o resto nos será dado por acréscimo (cf. Mt 6,33) e na medida de nossas necessidades.

Todos os grandes comentaristas, em primeiro lugar Bossuet, dizem que a única maneira para explicar bem a Escritura é tomar as palavras assim como saíram da boca de Nosso Senhor e entendê-las como ele o queria, dos seus ouvintes.

Alimentem-se disso; leiam vagarosamente, três ou quatro, quatro ou cinco versículos por vez; depois, parem, penetrem-se disso. Peçam a Deus a compreensão disso. Leram-no tantas vezes e parece que não surtiu efeito algum, rezem e ficarão maravilhados de tudo o que encontrarem nas palavras da Sagrada Escritura. Os que procuram prata e ouro são obrigados a levantar com dificuldades crostas formadas por outros metais menos preciosos; dinamitam as rochas, lavam a areia dos riachos; só assim é que encontram a veia da prata, as pepitas de ouro que valem cem, mil vezes mais do que o esforço que fazem. Muitas outras pessoas, muitos pastores passavam por lá com seus rebanhos sem suspeitar de nada. Se não tivessem aberto, a duras penas, a crosta superior, nunca se teria encontrado nada. O dia em que puderem compreender e saborear alguns versículos da Sagrada Escritura, terão aí uma mina aberta, encontrarão uma mina enorme de luzes, de consolações, de material para suas palestras. Não seriam capazes de dizer realmente nada às almas, sem a Sagrada Escritura.

A Boa Madre gostava do Evangelho. Durante os retiros, relia o Evangelho de São João. Ela encontrava ali o Bom Deus, a luz; refletia

demoradamente sobre isso e tinha intuições profundas. Padre Chevalier dizia-me às vezes: "O que ela diz nós não podemos afirmar; nós não conseguimos desvendar esses assuntos!"

Não basta ler o Evangelho para compreendê-lo; é necessário também praticá-lo.

O Evangelho é a história explícita do Verbo de Deus presente na terra entre os homens. Do Evangelho assim entendido é que devemos fazer uma edição nova entre os homens, pela **oração**, por meio do **trabalho**, através da **evangelização** das nações e pelo **sacrifício**: ao todo, quatro pontos.

A **oração**: Erat pernoctans in oratione Dei (Lc 6,12) (passou a noite inteira em oração com Deus). Reparem a expressão. O que vem a ser essa "oração de Deus" (de: nesta interpretação - tr.) que dura toda a noite?

É o Verbo feito homem. No seu ser infinito, é igual a Deus Pai, mas como homem está muito abaixo do Pai e pela oração é que se eleva acima da terra e se comunica com Ele. Deus feito homem reza como homem; ele nos mostra como se deve elevar a nossa humanidade acima da terra para uni-la a Deus. A humanidade não pode sem a oração. Não é nada sem ela, mas pela oração a humanidade se eleva até o infinito. O Verbo de Deus em oração deve ser o nosso modelo; nossa vida, nossa vontade de agir em sintonia com a dele; a oração dele deve ser o exemplo e o compasso da nossa. Era assim a oração da Boa Madre e deve ser a do Oblato. Essa oração faz com que o coração, que o homem todo se eleve para Deus, se dê a Deus, em sua totalidade, sem reservas, como em Nosso Senhor a natureza humana era intimamente ligada à natureza divina. A vontade e a ação humanas formavam uma unidade com a vontade e a ação divinas. Tudo o que está em nós, tudo o que é nosso passe à nossa oração, funda-se na união com Deus e no abandono ao seu amor; então poderão dizer também de nós: Erat pernoctans in oratione Dei (id.) (passou a noite inteira em oração com (de) Deus. Realmente, não será mais a oração de um homem, mas a oração de Deus; não ficará limitada à natureza humana: in oratione Dei (em oração 'de' Deus). Mas o próprio Deus e sua graça operarão em nós e esta oração será eficaz, pois teremos oferecido e dado a Deus tudo o que é nosso.

Essa oração seja bem confiante, muito unida a Deus. Se sua oração permanece isolada, solitária, nada leva a nada. Com quem Jesus rezava? *Erat pernoctans in oratione Dei* (passou a noite inteira em oração com Deus) (id.). Com Deus com o qual estava intimamente unido, com o qual era um só. A quem se dirigia? A Deus, seu Pai. Dirijamo-nos também a ele em nossa oração, recorramos também a Jesus Cristo, nosso Salvador. Nunca façam sua meditação sem dizer-lhe: "Senhor, ofereço-vos minhas misérias do passado, eis o meu nada. Revesti-me de vossa graça, de vosso amor para que comuniquem um pouco de unção e algum valor à minha oração. Convosco é que quero rezar." Quando rezarem o Pai-nosso, recitem-no muito unidos com ele. Os Senhores iniciam, ele o continua com os Senhores e dirá o Amém. Olhem a ele quando rezam, digam palavra por palavra com ele, como a criancinha procura repetir e balbucia as palavras que lhe ensinam e que querem pôr-lhe nos lábios. Não fiquem nunca sozinhos, portanto, na sua oração, passando este tempo abençoado na noite do esquecimento e da miséria, mas chamem o Salvador em seu auxílio.

Assim é que reimprimiremos o Evangelho da oração; e eis também como a oração se tornará a função mais importante e mais santa que posamos desempenhar na terra. Por própria iniciativa, não podemos elevar-nos acima da terra, em nossa oração; mas dirijamo-nos a Nosso Senhor; aproveitemos os pensamentos do Diretório que nos unem intimamente com ele. E quando experimentamos alguma provação ou tentação, olhemos para o Salvador em sua oração noturna e seremos encorajados e ajudados. Apeguemo-nos a segui-lo passo por passo. Isso não é muito elevado nem muito difícil. A criancinha que não sabe caminhar dá a mão à mãe; quem não sabe falar olha para a mãe e esta adivinha e interpreta o pensamento dele. Será que Nosso Senhor não é para nós um pai ou como uma mãe? "O amor materno, eis a medida do meu amor."

Ao rezarmos assim, de forma simples e prática, não ficaremos a sós. Faremos como Nosso Senhor no Evangelho, chamaremos Deus a nós; chamaremos o próprio Nosso Senhor ao qual nos apegaremos e quem imitaremos; '*per Dominum nostrum Jesus Christum*' (por Nosso Senhor Jesus Cristo). Quando a Boa Madre terminava sua ação de graças depois da Comunhão, apresentava no seu rosto raios celestes; tinha rezado sozinha? Rezara com o Salvador, tinha-o contemplado e lhe dissera: "Fazei a ação de graças

por mim; sozinha não saberia fazê-lo, não seria capaz. Minha vontade lhe pertence sem limites; que acompanhe a vós aonde a levardes!"

Reparem esta bela oração que Nosso Senhor fez após a Ceia, no Horto das Oliveiras. Como continua sendo o modelo de nossa oração. Rezou para iluminar-nos a nós e não rezou por si mesmo; para ensinar-nos como se deve rezar: "Meu Pai," disse ele, "peço-te essas coisas, não para mim, mas para eles (cf. Jo 17,9)!"

Com a oração, o **trabalho**.

É preciso reimprimir o Evangelho, editando-o página por página, sem omitir nenhuma. Ora, Nosso Senhor, depois de vir ao mundo, passou trinta anos fazendo trabalhos manuais; não eram esforços intelectuais, no entanto, era a luz que ilumina todo o homem vindo neste mundo. Nonne hic est fabri filius (cf. Mc 6,3; Mt 13, 55s) (ele não é o carpinteiro e filho do carpinteiro)? E os Judeus se perguntavam: "Como conhece as Escrituras, ele que não estudou, que não sabe das ciências nem da literatura, pois é um operário?" Exatamente por ser trabalhador, porque trabalhava manualmente é que fala esta linguagem de sabedoria divina tão elevada acima dos conceitos humanos, a linguagem da união com a vontade de Deus. Começou pelo trabalho manual. Claro, não todos podemos trabalhar manualmente, é verdade, mas em nossa vida sempre há um pouco de trabalho manual. Seja uma biblioteca a ordenar, uma mão a dar no jardim, numa limpeza ou numa arrumação qualquer. O Senhor tem o cuidado de uma sala de aula; muitas vezes se apresenta algum serviço material. Recomendo encarecidamente a devoção pelo trabalho manual. Deus ligou uma grande graça ao trabalho material. Todas as comunidades religiosas que honram o trabalho manual - isto deve ser dito - formaram grandes santos. Ou então passaram muitas necessidades por não ter correspondido às grandes graças que seu trabalho lhes tinha proporcionado. Vejam, na vida da Boa Madre, as luzes que Deus dá à Irmã Maria Donat que lavava roupa, à Irmã Maria Genoveva que debulhava verduras.

Eu estava de visita na Cartuxa Mor e fui encontrar-me com o Padre Retournat: - Não tenho tempo para atendê-lo - ele me disse. - Mas eu gostaria que me contasse coisas interessantes dos seus noviços. - Não quero dizer-lhe nada, mas fazer-lhe uma pergunta. Já passou na frente da cozinha? - Sim. - Isso não lhe disse nada? - Não é muito boa sua cozi-

nha! Mas, olhando pelo vão da porta, vi um religioso tão modesto, tão piedoso que me impressionou. Passei umas quatro ou cinco vezes para vê-lo. - De fato, é um grande santo. O Bom Deus dá ao nosso cozinheiro graças sem igual; e a nós, os iluminados, o Bom Deus parece dizer: "Não tenho nada para dar-lhes; arranjem-se por conta!"

Ao trabalho, portanto, estão associadas graças imensas. A Boa Madre disse que fazia mais para a comunidade - e eu o confirmo - trabalhando com todo mundo do que pelo que dizia no Capítulo. A comunidade dizia: "A gente está feliz, recebe-se tanto ao trabalhar com ela."

Trabalhem muito, portanto. Muitas vezes digo isso para as Oblatas. O Bom Deus não é sempre aquele da meditação; não é freqüentemente aquele do retiro; aquele do trabalho se tem sempre à mão, e a gente o toca como o próprio serviço da gente.

Eu gostaria muito que um pouco de trabalho manual se misturasse com os nossos exercícios. Sobretudo os que estão encarregados de serviço manual aproveitem disso, portanto; os outros se associem a isso, unindo-se espiritualmente, quando não podem fazê-lo na realidade. Reimprimem esta página do Evangelho onde se vê Cristo trabalhar com as mãos, ocupando-se com madeira, ao ganhar penosamente o pão que deve sustentar a Sagrada Família, enquanto tem as contemplações mais elevadas, muito acima das dos Anjos e dos Querubins do Céu. Lembremos que ele é o nosso modelo, nosso exemplo, a garantia de graças e de luzes que receberemos do alto. Não se trata de um Anjo, é Deus. Reimprimamos em nós estas maravilhosas páginas dos trinta anos de vida de Nosso Senhor, durante os quais consagrava todo o seu ser divino a trabalhar com a matéria.

Quando gente miserável vem revoltar os operários contra Nosso Senhor, quando exaltam a cabeça do povo com teorias abomináveis, não pregam com tudo isso uma odiosa mentira? Vejam quantos tesouros de felicidade eles roubam da terra, a felicidade que o trabalho, feito conforme Deus e de acordo com o Evangelho, originaria. Esses miseráveis estancam as fontes da fortuna, da verdadeira riqueza e da felicidade.

Eu me alegro de que o bom Bispo do Cabo tenha escrito ao Santo Padre, dizendo-lhe: "Os Oblatos são homens de que precisamos para trazer a fé a nossas regiões: agem como os antigos missionários; trabalham manualmente, enquanto ensinam..."

Nosso Senhor não tinha necessidade de trabalhar intelectualmente; possuía toda a ciência e todos os conhecimentos sem esforço. Nós é

que somos espíritos limitados e ignorantes, devido ao pecado original. Sem o pecado, o nosso espírito, como o dos Anjos, teria despertado para a luz da verdade e teria conhecido e compreendido, desde o início, a vontade de Deus. Mas o pecado veio suscitar problemas. Eva desobedeceu, comendo o fruto proibido; foi castigada por isso, com a ignorância e a concupiscência. No lugar da sabedoria divina, ela recebeu como sua parte o desejo imoderado da felicidade material; também, depois deste dia, o homem quis elevar-se, tendo um desejo imoderado de ser honrado, glorificado, de reagir contra o trabalho material, trabalhando exageradamente para adquirir os dons da inteligência. Um Oblato nunca deveria trabalhar sem dizer: "Verbo divino, esclarecei-me!" Façam como São Tomás que nunca trabalhava sem tomar seu crucifixo nos braços, sem apoiá-lo no coração e sem contemplar seu Deus antes de meditar e de escrever; e quando lhe perguntavam como conseguia que a doutrina lhe corria tão facilmente da boca e do coração, ele podia responder: 'Mea doctrina non est mea, sed ejus qui misit me (Jo 7,16) (minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou). Experimentem isto: rezem antes de estudar e de ensinar, mesmo tratando-se de Matemática, de Literatura ou de Ciências Naturais.

É o que fazia São Crisóstomo, quando tinha que falar ao povo de Constantinopla: "Estendo," ele dizia, "meus braços para o Céu e aspiro à vinda da compreensão; depois, confiante na fé que tenho no coração, transmito a palavra que recebi." Sabe-se como falava São Crisóstomo. Tinha tudo o que se precisa para falar com simplicidade; mas a unção, a graça prática que tocava os corações, ele a obtinha diretamente do Céu, fecundando o trabalho intelectual pela oração.

Rezemos nós também ao trabalhar, conforme a fé da Igreja: *Erat lux vera quae illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum* (Jo 1,9). É a luz divina que ilumina todo o homem. Os filósofos compreenderam isso. Vejam o que afirma Malbranche sobre isso; ele desenvolveu muito essa doutrina. Não irei tão longe como ele, mas se deve reconhecer também que a inteligência até dos malvados vem de Deus. Eles abusam dela, profanam o sopro de Deus; mas, afinal, é o sopro de Deus. Se quiserem saber, dirijam-se a Deus. Esse é o sentido do Evangelho; é o Evangelho completo. Não se trata de uma devoção, de uma perfeição, de um exagero; é simplesmente a verdade. O homem só é homem com a oração; sem a ajuda de Deus, sua inteligência é pouca coisa. Só Deus é o dono e o distribuidor da ca-

paciade intelectual.

O nosso Santo Fundador, enquanto elaborava o seu Tratado do Amor de Deus, procurava colocar-se em contato com a fonte de toda a grandeza, de toda a santidade, de toda a luz. Quando recebera alguma grande inspiração, punha-se a escrever, e ouvia-se, às vezes, em volta dele, um barulho espantoso: o inferno procurava despistá-lo do empreendimento dele. Eu também, após a morte da Boa Madre, acredito no demônio; já experimentei tudo o que ele pode fazer para desviar de uma iniciativa que não lhe agrada. E, pelas dificuldades que tive ao escrever a vida da Boa Madre, fiquei plenamente convertido para a fé na santidade dela. Mais de uma circunstância parecida àquelas que se lêem na história de São Francisco de Sales me provaram a mim também que o diabo queria impedir-me de escrever.

Trabalhem, portanto, e rezemos; a oração nos dará a luz, e o que tivermos aprendido assim, o saberemos bem. Será para nós a nascente do poço de Jacó. A água é pouca e o poço, profundo. Mas, como para a Samaritana, Jesus - se lhe pedirmos isto - fará as fontes de vida eterna jorrarem para nós. Jesus é mais poderoso do que o patriarca Jacó. O patriarca só tinha aquela água para matar sua sede e dar de beber a toda a sua tropa, a água da cisterna. E eis que desta cisterna meio seca, Jesus fará brotar uma água viva, límpida que não se esgotará. Observem-no: está lá sentado à beira do poço; peçam-lhe a água que brota para a vida eterna. Não se contentem com esta água barrenta que tomam os viandantes, homens e animais, que bebem os ímpios e a ciência moderna, os que estudam e trabalham para combater a Igreja. Peçam água do Salvador; dar-lhes-á a verdadeira água, a água viva que sacia eternamente.

Os Senhores não terão somente o conhecimento e a luz, mas terão também a santificação da alma. O que souberam por seu trabalho intelectual, lhes fará subir a alma para o Céu, aproximando-a de Deus: *In perpetuas aeternitates sicut stellae coeli* (cf. Dn 12,3) (como as estrelas, com um perpétuo resplendor).

## DÉCIMA PRIMEIRA PALESTRA

REIMPRIMIR O EVANGELHO: A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS

Continuem o retiro no recolhimento para não perderem os frutos destes dias de santificação, mas para receberem plenamente todas as graças do retiro. Não se deve somente receber os dons, mas é necessário também conservá-los para que nos sejam úteis no tempo para o qual a Providência no-los destinou.

Para reimprimir verdadeiramente o Evangelho, devemos reimprimi-lo do início até o fim. Se os Oblatos não tiverem um caráter especial na Igreja de Deus, se não tiverem virtudes mais específicas e mais práticas, se o seu ministério for parecido ao de todo mundo, se não forem homens de doutrina, de oração, de uma formação especial, como aplicarão o program traçado pela Boa Madre? Como vão reimprimir o Evangelho? Como o reimprimirão por completo? Não deve ser, pois, que o resultado de seus esforços só apresente uma reimpressão parcial. Importa reimprimirmos todo o Evangelho. Não devemos, por exemplo, apegar-nos a um determinado ponto do Evangelho exclusivamente, como ao zelo pastoral, à mortificação dos sentidos, mas é preciso estender o nosso trabalho a todos os aspectos do Evangelho.

A terceira obra evangélica da qual tenho que falar-lhes é a **evangelização das nações**, é a pregação de Nosso Senhor que veio à terra para dar-nos o exemplo, instruir-nos e resgatar-nos por meio dos seus sofrimentos. A pregação do Evangelho foi uma das grandes finalidades de sua vinda. Nós também, portanto, devemos reimprimir o Evangelho através da nossa pregação. Todos nós temos que pregar. Os que trabalham manualmente, como também os que se dedicam às Obras, os que dão aula ou que ensinam pela palavra, os que dirigem as almas ou que se dedicam ao ministério no púlpito, todos temos que pregar. Devemos pregar de forma prática, é necessário ensinarmos o nosso próximo, se não por palavras, pelo menos por meio dos nossos atos. A nossa modéstia religiosa, as nossas maneiras simples e dignas sejam já uma primeira pregação. O espírito de caridade e de cordialidade una-nos mutuamente. Todos tenhamos uma maneira de agir uniforme e simples, igualmente quanto ao vestir-nos, falar e comportar-nos. E os Senhores acham que não impressionarão nem terão

efeito algum sobre quem os vir? O religioso assuma sempre uma atitude conveniente; quando se ajoelha, não se curve, mas se mantenha reto, sem apoiar-se nos cotovelos, a menos que esteja cansado. Sobretudo na igreja, cuide de uma atitude digna e respeitosa; isso custa, naturalmente, isso cansa; mas é esse o nosso cilício, é a nossa mortificação prescrita. Já que não podemos observar grandes austeridades, façamos essa. Assim pregaremos por nossa conduta simples e modesta e sempre muito correta. Lembrar-nos-emos, em todo o nosso procedimento, da modéstia de Nosso Senhor: Adjuro vos per modestiam Christi (2 Cor 10,1) (Conjuro-vos pela compostura de Cristo), dizia São Paulo aos primeiros cristãos de Corinto.

Quando a gente está a sós, estando um tanto cansado, claro que é permitido pôr-se um pouco à vontade. Bem sei que São Francisco de Sales fazia de forma diferente e que, em todas as circunstâncias, ele se controlava muitíssimo. A Boa Madre, que era uma mulher simples, muito fraca, sempre adoentada, nunca tinha, em sua atitude exterior, algo que pudesse dar a impressão de não ter uma constituição muito forte e robusta.

Nada conduz mais a Deus, a si próprio e aos outros, do que essa maneira de evangelizar. Vejam os Padres da Igreja, como gostam de falar sobre a maneira de ser, a atitude de Nosso Senhor, como se estendiam sobre a serenidade de vida e a sabedoria das palavras dele. Nosso Senhor deve ter impressionado muito os povos por sua modéstia, pois São Paulo ainda estava totalmente impregnado disso: Adjuro vos per modestiam Christi (id.) (Conjuro-vos pela compostura de Cristo). Preguemos nós também, portanto, o Evangelho através de nossa atitude exterior.

Sobre esse assunto, São Paulo diz ainda uma palavra muito forte: Sanctificans Evangelium Dei. O Evangelho deve santificar-nos. Mas nós também, de certa forma, devemos santificar o Evangelho. O que o Evangelho diz é a Regra, a lei, o fato; deve-se vivificá-lo, pô-lo em ação e reproduzi-lo em nós. O que Nosso Senhor fez, disse, pensou, como consta no Evangelho, nós o pensemos, digamos e executemos. Que sua maneira de ser humilde, simples e amável seja a nossa. Reproduzamos a vida de Nosso Senhor na sua forma exterior, não através de uma seriedade austera e pesada, mas por uma atitude sempre correta, com toda a simplicidade e conveniência. Seja a vida do próprio Nosso Senhor.

Se tivermos um turno de vigilância a atender, devemos fazê-lo na presença de Deus, com espírito verdadeiramente religioso; animemo-nos, nesse serviço tão humilde, a santificar e dar expressão ao Evangelho de Deus, a sermos santos pregadores do Evangelho. Para fazer o bem, não é necessário ser um homem extraordinário. Os que disso tirarem vantagens e forem assim edificados, talvez não o digam, mas o sentirão. Lembro-me de um capelão da marinha, um homem baixinho, que tinha passado toda a sua vida a bordo, com os oficiais. Teria sido um bom capelão de Visitação ou de pensionato de moças. Encontrei, um dia, o tio de uma pensionista da Visitação, que tinha sido capitão de um navio sobre o qual o capelãozinho tinha navegado muito tempo. Era um oficial que não era muito religioso, que gostava do seu divertimento e de sua comodidade. Falou-me com o máximo respeito, com verdadeira veneração sobre seu capelão. Disse-me que a bordo todo mundo gostava dele e que ele exercia uma verdadeira e imensa influência sobre todos os oficiais e homens da tripulação. Como conseguiu adquirir tamanha influência? "Todos dizem que é um santo," disse-me o capitão. Essa palavra foi uma revelação para mim. Para fazer o bem aos soldados, é necessário assumir os modos dos soldados? Não. É preciso falar-lhes sobre o dom de Deus. Sobretudo e antes de mais nada, é necessário mostrar-lhes Deus e o Evangelho em ação. "O nosso capelão não tem muito de militar," disse o bom capitão, "mas," continuava, "todo mundo diz que é um santo."

Agora, meus Amigos, vamos falar sobre a outra pregação. Na pregação do púlpito, é forçoso ensinar a doutrina, a doutrina tal qual é e sem desfalecimento. Mas essa doutrina deve ser apresentada na forma de uma tese teológica? Há cem, duzentos anos, poderiam fazê-lo talvez. Mas agora a gente deve se cuidar disso. Uma das causas do enfraquecimento da fé em nossa sociedade - Dom Mermillod me disse isto antes do Concílio (Vaticano I - tr.) - é exatamente este modo de pregar, erudito, intelectual, árido, que não diz nada à imaginação e ao coração do povo, o qual, conseqüentemente, não escuta nem compreende. O Concílio Vaticano (I) devia ocupar-se disso e um trabalho fora preparado para traçar uma direção bem diferente na pregação.

Vejam como os malvados têm sucesso através da palavra, como eles atraem melhor os ouvintes do que nós! Um pregador sobe ao púlpito e desenvolve um texto: muito bem; é um curso de Sagrada Escritura, é uma

lição de teologia. Vê-se que se trata de um homem bem preparado. No entanto,, todas as pessoas do auditório estão longe de compreendê-lo; muitos, a maior parte, não escutam. Para que serve isso? E passaram cem anos que temos feito isso na França; enquanto isso outros têm falado...

Vamos pregar como Nosso Senhor fazia. Assim deve ser a pregação dos Oblatos. Como ele fazia? Primeiramente se dirigia ao seu público. Quando se encontrava frente à multidão, era a ela e para ela que falava. Quando censurava e amaldiçoava os Fariseus, é que eles estavam lá: "Façam o que eles dizem, mas não façam o que eles fazem" (cf. Mt 23,3). Quando fala com Nicodemos, emprega uma linguagem à altura de um doutor da Lei. Fala de acordo com os ouvintes diante de si, e as palavras que lhes dirige combinam com a condição, o alcance deles e com todo o tipo de vida que levam. Quando está na planície da Galiléia, no meio de uma população agrícola, prega a parábola do sementeiro, a do joio e do bom grão, e sobre os operários da vinha. Ele fala conforme a região onde está e para a gente dali. Poder-se-ia reconstituir a vida de Nosso Senhor, suas viagens, suas diversas paradas, unicamente a partir de suas palavras, das imagens e da sequência das idéias de sua pregação. Tanto dizia com as pessoas com quem se encontrava. Na beira do Lago de Tiberíades, ele está no meio de pescadores e lhes diz: "O Reino dos Céus é semelhante a uma rede lançada ao mar (13,47). Em Cafarnaum, há negociantes: "O Reino dos Céus é semelhante a um negociante que anda em busca de pérolas finas" (Mt 13,45).

Não esqueçamos nunca, então, em primeiro lugar, este princípio essencial da pregação, a saber, falar para as pessoas que temos diante de nós, falar de acordo com a condição e a educação deles, falando-lhes de coisas que sabem, que compreendem, de que gostam. Assim é que falavam os Santos Padres. São João Crisóstomo, em Constantinopla, encontrava lá os recursos para sua grande eloquência. Tinha à sua frente um povo de marinheiros; uma grande parte de suas comparações são tiradas de assuntos do mar. Quando falava a mulheres do mundo, às senhoras da corte imperial, falava de anéis, de jóias, de coisas que elas conheciam e apreciavam, no meio das quais se desenrolava a vida delas. Isso é o verdadeiro método. Não precisa arranjar outro método para ter sucesso. Reparem como os Senhores reimprimirão o Evangelho tal qual é, vivo, o Evangelho para seus ouvintes. Falem-lhes de acordo com as ocupações, confor-

me a compreensão e a capacidade deles, segundo as idéias da atualidade.

Um dia, um pregador com certa fama veio pregar um sermão solene na 'Santa Madalena'. Estive presente com o Padre Boulage, o Pároco de São Pantaleão. O pregador era um jovem sacerdote inteligente e talentoso. Depois do sermão, ele estava na sacristia, esperando naturalmente algumas palavras de elogio: - Fez um belo sermão - disse-lhe o Padre Boulage - mas deveria alterar a primeira parte. Omitiu um ponto essencial. - Qual? - Deveria ter iniciado assim: 'Meus caros irmãos, vão embora todos e fechem as portas da igreja! E vós, mortos, que há trezentos ou quatrocentos anos jazeis sob as lajes desta igreja, levantai-vos, vinde ouvir o meu sermão; é só a vós que dirijo a palavra; os outros não compreenderiam nada.' A lição foi dura, mas verdadeira. E o Padre Boulage continuou: - O Senhor falou para quem? Para as senhoras da paróquia de Santa Madalena; eram as únicas ouvintes. Acrescente a elas uma pessoa instruída, a esposa do juiz instrutor, algumas costureiras, o sacristão, o vigilante, os meninos cantores, o Pároco, o Vigário, Padre Brisson e eu: eis todo o seu auditório. O Senhor não falou a ninguém de nós; entendendo que tenha deixado a nós de lado, nós, o clero, o sacristão e o vigilante, mas, por favor, dirija-se aos outros, aos viventes e não aos mortos.

Nosso Senhor, em suas pregações, falava a quem o rodeava. Se tivesse se dirigido às pessoas da corte de Herodes, ao Senado romano, sua linguagem não teria sido a mesma. Observem São Paulo, falando no Areópago; que bonito e esplêndido discurso! (Como seria necessário que os Oblatos, às vezes, fizessem algo assim.) Ele apresenta a esses sábios as provas da Divindade de Jesus Cristo através da história e termina, afirmando o dogma da ressurreição dos mortos. Todo mundo está admirado. Uns acreditam; outros dizem: - Voltaremos a escutá-lo numa outra oportunidade! (cf. At 17,22-32).

Preguemos aos nossos ouvintes. Procuremos instruí-los. Ofereçamos-lhes, claro, um conteúdo teológico. Reparem como é substancioso e teológico o que dizia Nosso Senhor, o que diziam os Santos Padres. Mas deem-se conta também como isso está ao nível dos ouvintes.

Convém abster-se de formular teses teológicas; Nosso Senhor e os Santos não pregavam assim. Ninguém compreenderia e nem ficaria escu-

tando. Importa assimilar a teologia para entregá-la viva e cativante aos que escutam. Evitem, sim, a forma escolástica dos tratados de teologia. Olhem como Nosso Senhor falava de forma viva e interessante em suas parábolas, em todo o Evangelho.

Nosso Senhor fala a linguagem dos que o escutam, fala das coisas que conhecem e compreendem. Quando os Senhores pregarem uma missão, um retiro a aldeões, evitarão cuidadosamente pregar-lhes sermões aparatosos que fariam numa cidade ou numa comunidade religiosa. O pessoal lê o jornal, não se escutam sermões; os Senhores não se façam ilusões... O jornal, pois, é interessante, apresenta fatos, enquanto sermões enjoam. Padre Rolland, na sua infância, dos dez anos que era menino cantor na catedral de Langres, só se lembra de um sermão - enquanto ouvia centenas -; é o sermão de um Capuchinho muito original, que contava histórias. Pregava um retiro a jovens e todos o escutavam; o que dizia não era fora do assunto, pelo contrário! Talvez tivesse sido inconveniente, pouco relevante diante de um outro público.

Suponham que os Senhores pregam um retiro na Visitação; seja, de fato, um retiro para a Visitação. Não vão procurar inspiração em Rodríguez ou nos sermões de um bom Padre Jesuíta qualquer; iriam errar completamente o alvo. Inspirem-se no espírito e nas regras da Visitação. Falem sobre os assuntos que quiserem, mas tratem esses temas de acordo com os moldes da Visitação. Pregando às Irmãs da Caridade, leiam os Senhores São Vicente de Paulo e preguem São Vicente de Paulo.

No caso de estar diante de um auditório de jovens, digam o que pode interessar a jovens e o que lhes fará bem. Ao falar a moças, tratem das obrigações da jovem; abordando a oração, não façam uma palestra escolástica, copiada de um manual de pregação, mas expliquem como uma moça deve rezar. O que disser ao auditório esteja ao alcance, seja prático. De outra forma, essas moças não escutarão o sermão do Senhor e não aproveitarão nada, a não ser a consciência de que durou demais. Mas, se abordarem o seu auditório à queima-roupa, se tocarem as suas ouvintes em carne viva, prestarão atenção, porque os Senhores cativam o interesse delas. Digam a essas moças o que deveriam fazer para rezar bem, falem sobre os defeitos de suas orações apressadas, distraídas, inconstantes; tratem das diferentes orações que devem rezar durante o dia; ensi-

nem-lhes a fazer a meditação da manhã, preparando piedosamente o dia com Nosso Senhor; assim terá feito um lindo e bom sermão.

Com o sermão sobre a oração, retirado do seu manual de pregação, não teria alcançado mais sucesso do que se tivessem inventado pregar sobre o sol ou a lua, ou certamente menos êxito ainda! Tem que ter dó do próximo, meus Amigos. Não deixem a gente sentada ao pé do púlpito perder tempo: uma hora já é alguma coisa. Uma hora equivale a 8 tostões e meio para um operário, que o Senhor faz cada um dos seus ouvintes perder.

O mundo é o que é; nós não vamos mudá-lo, certamente, neste sentido. É preciso ir ao encontro dele; tem que se aceitá-lo com os defeitos que tem e procurar fazer o melhor possível.

Preparem bem, então, as suas palestras, em vista dos ouvintes que tiverem; falem-lhes na linguagem que compreendem e que lhes interessa; procurem tocar-lhes o coração para inspirar-lhes um bom impulso e convertê-los.

Mais uma vez, tomo Nosso Senhor como modelo. Vejam como ele fala com a Samaritana; reparem o que diz a seus Apóstolos; escutem o sermão da montanha; não falem da mesmíssima maneira com esses tipos diferentes de ouvintes. Na montanha, ele tem uma grande multidão diante de si. Teria sido difícil para ele prender a atenção de todos, tratando um assunto particular; apresenta, então, um conjunto de ensinamentos; fundamenta sua instrução com palavras incisivas, ilustrativas, impressionantes. Dirige-se ao coração dos infelizes, dos sofredores, dos que estão cansados; e essa pobre gente esgotada pelo calor do céu ardente, pelas fadigas da caminhada, o escuta e acolhe as palavras dele.

'Beati' (felizes), começa dizendo-lhes: a felicidade! Isto lhes interessa: a felicidade. E Jesus lhes mostra como alcançarão essa bem-aventurança, na pobreza, na amabilidade, na fome e na sede...

- Mas, Padre, é preciso ser muito capaz, necessita-se muito critério para pregar assim... - Sim, é verdade. Mais do que se pode ter de forma natural. Daí é sempre imprescindível rezar com fervor antes de pregar; não se preparem nunca sem rezar. "Senhor, o que devo fazer? Colcai-me no coração e nos lábios as palavras que iluminarão as almas e

tocarão os corações. Não seja eu quem fala, mas vós. Não seja a linguagem dos homens, mas a palavra divina: o Evangelho!"

Na catequese, procurem sobretudo ser muito práticos. Expliquem cuidadosamente o sentido do texto; façam aplicações úteis e digam também algo que toque a alma da criança, que a incite à piedade. A catequese, graças a Deus, se faz atualmente menos mal do que a pregação propriamente dita. Mais facilmente a gente se esforça para pôr-se ao nível das crianças.

Peçam a Nosso Senhor a graça de pregarem como ele pregava e o dom de falar às almas e proporcionar-lhes a palavra do Evangelho. Nunca talvez o mundo tivesse tanta necessidade do Evangelho como atualmente. É a luz de que os espíritos precisam; ela é que dará o ardor às vontades. As trevas estão invadindo tudo. Um concerto espantoso de clamores blasfemos sobe diariamente ao céu para sufocar a voz consoladora e redentora de Nosso Senhor; são os gritos de tantos jornais, de revistas, as dissertações de professores ateus, os discursos de Deputados e de Senadores, as expressões injuriosas das reuniões populares, das bodegas, dos pais-de-família descrentes e ímpios, os decretos das sociedades secretas. Tudo isso aumenta, se alastra e absorve a vida das almas. E o Sangue de Nosso Senhor, seus sofrimentos, seus divinos ensinamentos vão perder-se, portanto! Vozes fiéis surjam como uma suave e eficiente harmonia no meio desse caos. *Sermo Dei vivus et efficax, penetrabilior gladio ancipiti, pertingens usque ad divisionem animae ac spiritus.* (Hb 4,12) (A Palavra de Deus é viva e eficaz e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes; penetra até dividir alma e espírito). A palavra divina e viva, que nos sairá do coração e dos lábios, separará o que é de Deus daquilo que é do homem.

*Verbum Dei creans coelos et formans terram* (A palavra de Deus que cria os céus e forma a terra). Na Palavra de Deus é que consiste a alegria e a segurança da alma; nós é que disso devemos ser os instrumentos e os transmissores. Essa missão de escol é a nossa. A Boa Madre, no Caderno de Friburgo, afirma que Nosso Senhor lhe faz entender que ela deve ser uma apóstola que deve formar apóstolos... A essência do apostolado é tomar o Evangelho em toda a sua pureza, em sua integridade e alcançá-lo às almas.

Peçamos à Boa Madre Maria de Sales essa grande sabedoria, essa grande descrição que, como afirma Santo Agostinho, faz com que compreendamos quem fala e a quem nós falamos. Ela nos ajude para que surja a vida do Salvador em nós, a fim de que possamos tornar-nos semelhantes a ele e salvar as almas.

## DÉCIMA SEGUNDA PALESTRA

### REIMPRIMIR O EVANGELHO: O SACRIFÍCIO

Continuaremos o retiro até amanhã depois da Missa, a fim de completar os dez dias regulamentares para os que estão se preparando a ser admitidos como noviços e professores. Não deixem a graça do retiro evaporar-se antes do fim; mantenham-se no recolhimento e na presença de Deus. Este é o âmago do nosso estado, de nossa maneira de ser; este é o essencial do religioso. Pois ele é o homem da cogitação, da reflexão; é o homem da vida interior o qual não se dissipa, que não perambula nas praças públicas. Ele reúne, entre os tesouros do seu coração, o que Deus lhe concede. A cada instante pode dizer a Deus: Ecce adsum, quoniam vocasti me. (cf. 1 Sm 3,5) (Eis-me aqui, porque me chamaste).

No Evangelho há um quarto aspecto: **o sacrifício**. O Verbo feito Carne **rezava** para ensinar-nos a rezar. **Trabalhava, pregava e sofria**. São essas as quatro condições necessárias para reimprimirmos o Evangelho. A quarta página, e a última, é a Paixão de Nosso Senhor. Ele deve resgatar o mundo e para fazer isso oferece seus sofrimentos. São padecimentos voluntários, é verdade, mas ele os aceitava em virtude de uma vontade anterior de seu Pai: "Não como eu quero," dizia. "Non sicut ego volo, sed sicut tu (mas como tu)" (Mt 26,39).

A condição essencial da Redenção era obedecer à vontade de Deus. E Nosso Senhor teve que sofrer, não somente durante a Semana Santa, mas durante toda a sua vida: tamquam ovis ad occisionem ductus (Is 53,7) (como um cordeiro conduzido ao matadouro). Eis a sua feição permanente.

É essa característica muito especial da vida de Nosso Senhor que precisamos estabelecer e realizar em nós. O profeta das dores, Jeremias, diz que Deus pede três coisas: uma vítima, um sacrifício e o in-

censo: *victima*, *sacrificium* et thus. É isso mesmo o que também a Boa Mãre nos ensina. Devemos considerar-nos como vítimas, como pertencentes a Deus, não mais a nós mesmos, isto é, como as vítimas da vontade de Deus.

A reta intenção é exatamente essa imolação de nosso ser a Deus. As disposições interiores sejam muito humildes em relação a tudo o que nos acontecer. A Regra que o Oblato deve praticar, o próximo com quem deve viver, as ocupações, as fadigas que preenchem as suas jornadas, tudo isso é querido ou permitido por Deus e o devemos aceitar. Isso comunica, em toda a parte, a qualidade de vítima. Vítima! O Salvador o era por essência; era a sua situação em todas as circunstâncias da vida. Foi vítima ao nascer, vítima em sua vida oculta e em sua vida pública, vítima nas mãos dos seus algozes e vítima nas mãos de Deus. Eli, Eli, lamma sabacthani (Mt 27,46). Este carácter de vítima deve ser também o nosso. Nós também somos as vítimas de Deus. Devemos aceitar, com toda a humildade, tudo o que nos acontecer, como uma vítima. Um Oblato de São Francisco de Sales não deve ser outra coisa senão um que se oferece, que é 'ferecido', 'Oblatus' (cf. Is 53,7).

Essa disposição para o sacrifício, portanto, reine em nós como a nota dominante de nossa existência. Não seremos os mais miseráveis dos homens, porque - por mais amargo que o nosso cálice for - tomá-lo-emos com Nosso Senhor. Essa disposição de vítima fará com que as coisas difíceis que nos sobrevierem sejam admitidas e corajosamente aceitas.

O profeta acrescenta o sacrifício. A vítima está aí. Mas, se ficar sempre aguardando, não terá muito mérito. O que consagra a vítima, tornando-a verdadeiramente vítima, é o sacrifício. Estejamos, portanto, sempre prontos para o sacrifício, dando generosamente o que Deus nos pedir.

A Boa Mãre indica um sacrifício costumeiro: o "cortar rente". Quando se apresentar uma contrariedade, a gente deve "talhar logo" toda a reflexão, qualquer resmungo e dizer: aceito. Quando surgir uma tentação de orgulho, de sensualidade, também é forçoso cortar logo. Causam-lhe um desgosto, manifestam-lhe desprezo. Por que deter-se nisso? Por que ocupar-se com isso nos seus pensamentos, como diz São Francisco de Sales? "Cortar de vez"!

O sacrifício assim entendido e praticado é sumamente agradável a Deus. Aplicar o "cortar rente" naquilo que nos prende à nossa vontade própria, àquilo que nos faz olhar para trás, àquilo que nos amarra e nos segura. Caso não se retirem por um impulso generoso, aí atolam; saiam logo! Nem deixem aí as sandálias dos seus pés; saiam por completo do lugar onde o retêm.

Praticando generosamente esse "talhar logo", adquire-se um acúmulo de forças e energias consideráveis. O ímã é fraco quando sozinho; solicitando-lhe uma atração gradualmente progressiva, sua força se duplica, se triplica. Um dia, o Senhor suporta uma pequena contrariedade; o dia seguinte, agüentará uma um pouco maior, e assim por diante; sua capacidade de paciência e de sacrifício tornar-se-á considerável. Dia após dia, hora por hora, formará o hábito do sacrifício, e quando uma ordem de Deus lhe pedir formalmente uma coisa difícil, que parecerá impossível à natureza, o Senhor a executará completa e corajosamente.

Compreendam que esse é o meio e que é fácil. Não é através de longas meditações que chegarão a isso; é pela ação, é pelos sacrifícios cotidianos e repetidos. Os mártires não mandaram estabelecer a data de sua coragem e seu heroísmo, de seu martírio. Tinham se preparado durante muito tempo antes. No dia marcado, no momento da consumação do sacrifício, só restava um pequeno ato a realizar para completar e consumir o seu sacrifício.

Este meio que lhes proponho é sumamente bom e útil. Olhem a Boa Madre como ficava sempre calma e superava as misérias da natureza, do caráter, da saúde. Era pelo "cortar rente" e pelo espírito de sacrifício que conseguia isso. Um dia, três freiras morrem; a respeito delas, a comunidade alimentava grandes expectativas. A Boa Madre passou um breve momento surpreendida. Mas logo reconsidera: "Como eu não ia gostar, meu Deus, pois Vós o amais e o quereis."

Nas numerosas circunstâncias em que temos a oferecer algo ao Bom Deus, procuremos apresentar um espírito bem preparado. É uma escada a subir; empenhemo-nos para ter já superado três quartos, cinco sextos; sem isso, corremos o risco de nunca chegar. Eis um aborrecimento, um problema; não discutam; confiem no Bom Deus. "Cortem logo" esta ou aque-

la circunstância que os estorvaria, que os atrapalharia.

E incenso, "thus", diz o profeta. O incenso é uma substância que aromatiza; é o símbolo da gratidão, da ação de graças, do amor agradecido. Depois de alcançarmos uma vitória, quando tivermos sofrido e triunfado, demos graças a Deus, colocando incenso no turíbulo, isto é, sejamos gratos, agradeçamos.

Também quando sofrermos provações, quando formos vítimas, mesmo assim agradeçamos, queiramos bem a provação em que Deus nos situou. No livro do Profeta consta: "Recusei o sacrifício, porque não tinham trazido o turíbulo." Recebamos tudo generosamente das mãos de Deus. Se não gostarmos daquilo que nos acontece, pelo menos queiramos bem a vontade de Deus, para que nosso sacrifício seja inteiro, completo e agradável a Deus.

Não há nada mais lindo nem mais eficaz do que essa união com a vontade de Deus, essa complacência com a vontade de Deus em meio às provações. O Bom Deus quer bem e abençoa essas disposições. Nós aceitamos a vontade de Deus e ele aceita a nós mesmos.

Peçam à Boa Madre que realize nos Senhores essa quarta página de Evangelho. Queiramos bem esse estado de vítima; ele nos tornará religiosos em todo o nosso procedimento e "cortará rente" tudo o que nos segura no amor próprio. Olhemos a Deus com amor, dizendo-lhe: Já que Vós o quisestes, fiat (faça-se)! Vossa vontade, que se faz no Céu, seja feita também na pobre terra do meu coração!

Se soubermos reimprimir bem o Evangelho em nós, imprimi-lo-emos também na alma do próximo. Comunicaremos à alma do próximo esse calado, esse cunho sério relativo às coisas de Deus que lhe falta por demais.

Um Padre Beneditino, secretário de Dom Mermillod, disse-me um dia o seguinte: Na época da guerra, muitos senhores e senhoras se refugiaram na Suíça: - O que os Senhores têm de confessores na França? - perguntou-me o Padre. - Quem é que confessa lá na sua terra? - Os Padres, evidentemente! - Como é que seus Padres conseguem fazer cristãos que têm uma dose tão reduzida de Cristianismo? Nunca, em nenhuma parte, vi cristãos tão de meia tigela, tão pouco cristãos quanto os da França.

- Acho - respondi - que isso depende do país. - Não, isso se deve aos confessores mesmos que não são suficientemente cristãos; não entendem mais do Evangelho do que os que eles confessam. Procurem atentamente; não encontrarão neles traços do espírito de sacrifício.

Será que o Padre Beneditino tinha razão? Talvez um pouco? E nós, se quisermos reimprimir o Evangelho, devemos lembrar essa grande lei do sacrifício. Um pecador receberá os Sacramentos, mas não se tornará santo, se seu confessor não lhe ensina isso, se o confessor não for santo ele próprio - a não ser através de uma graça extraordinária. Ele será talvez uma pedra dos alicerces; mas nunca será uma pedra de escol, se os Senhores não souberem talhá-la. A experiência prova isso. Só o homem de sacrifício inspirará ao sacrifício; somente o homem de renúncias inspirará a renúncias; unicamente o homem agradecido incitará à ação de graças. Sem isso, a alma ficará fria, gelada; não sobrá mais nada do sopro do Espírito Santo cujo ardor os Senhores tinham que conservar aceso.

Essencialmente temos necessidade, portanto, do espírito de sacrifício, tanto para nós quanto para os outros.

Não adianta dedicar a esse tema todos os seus sermões, todas as suas palestras; será vento, barulho, cymbalum tinniens (1 Cor 13,1) (címbalo que retine); não ficará nada.

O que ficou do Evangelho nas almas atualmente? Não nos contentemos com falar, com gritar... Não ficará nada. Não haverá verdadeiro cristianismo em nenhuma parte. É o que o Papa Leão XIII disse no passado a um sacerdote alemão que veio visitá-lo, o príncipe Hohenlohe, acho: - A Alemanha está muito doente - ele disse. - O Senhor é sacerdote? - Sim, Santo Padre. - O Senhor é um bom sacerdote? - Esforço-me para sê-lo, Santo Padre. - Digo-lhe que, se for um bom sacerdote, moldará as almas conforme o seu modelo, mas, se não for, também as almas se moldarão segundo a imagem do Senhor; diga isso a todos os seus sacerdotes!...

Comecemos, portanto, nós, Oblatos. Comecemos por nós mesmos e, depois, levaremos os outros a fazê-lo. Será muito difícil? Será um fardo que lhes pesa nos ombros? Careguem-no animadamente, ajeitem-no bem e levem-no generosamente; senão ele os esmagará!

Peçamos a Nosso Senhor que compreendamos bem o espírito de sacrifício e lembremos a necessidade desse espírito em nossos trabalhos, em nossos estudos, em nosso relacionamento com o próximo, em todas as coisas da vida, trazendo conosco os traços da morte de Nosso Senhor (cf. 2 Cor 4,10); só assim poderemos fazer os outros o compreenderem e amarem. As pessoas que nos escutarem e nos virem dirão, batendo-se no peito: sim, quero fazer assim.

O Bom Deus, o nosso Santo Fundador, a Boa Madre Maria de Sales nos façam compreender em profundidade esta quarta página do Evangelho. E a mesma seja a conclusão, o selo, o testamento de nossa vida inteira, de nossa existência como religiosos: victima, sacrificator et thus (vítima, sacrificador e incenso).